

LINHA DIRETA DO ALÉM

Transcomunicação instrumental:
realidade ou utopia?



François Brune
Rémy Chauvin

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

LINHA DIRETA DO ALÉM

Transcomunicação instrumental:
realidade ou utopia?

FRANÇOIS BRUNE / RÉMY CHAUVIN

LINHA DIRETA DO ALÉM

**Transcomunicação instrumental:
realidade ou utopia?**

**Tradução
Arlete Galvão de Queiroz**

1ª Edição

EDITORA CULTURAL ESPÍRITA EDICEL LTDA.

Quadra 05 - CL 23 - Loja 03

Cx. Postal 7551 - CEP 73.001-970

Fone: (061) 591.9592 - Sobradinho - DF

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brune, François

Linha direta do além: transcomunicação instrumental: realidade ou utopia? / François Brune, Remy Chauvin; tradutora Arlete Galvão de Queiroz - 1º Ed. - Sobradinho, DF - EDICEL -1994.

1. Espiritismo 2. Mortos 3. Vida futura
4. Comunicação I. Chauvin, Remy I. Título.

94-3450

CDD-133.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Espíritos: Comunicações psíquicas: Espiritismo
133.8
1. TCI: Comunicação mediúnica: Uso de instrumentos: Espiritismo 133.8

Composição, Diagramação e Impressão: EDICEL

Tradução: Arlete Galvão

Revisão: Roberto W. S. Ferreira

Capa: Alexandre Rangel

Título Original: EN DIRECT DE L'AU-
DELÀ

La transcommunication instrumentale:
réalité ou utopie?

Coleção LA VIE ET AU-
DELÀ

Dirigida por François Brune

Direitos desta edição reservados à
EDITORA CULTURAL ESPÍRITA EDICEL
LTDA.

DOS MESMOS AUTORES

*Obras recentes de Rémy Chauvin,
relacionadas ao mesmo tema:*

La Biologie de l'esprit, Le Rocher, 1985 (em coleção de bolso)

Dieu des fourmis, Dieu des étoiles, Le Pré aux Clercs, 1988

Des animaux et des hommes, Seghers, 1989

Une étrange passion, Le Pré aux Clercs, 1990

La Fonction psy, Robert Laffont, 1991

Les Conquérants aveugles, Robert Laffont, 1992

Le Nouveau Golem (ficção), Le Rocher, 1993

Obras de François Brune:

Pour que l'homme devienne Dieu, Ymca-Press, 1982, nova edição, Dangles, 1992

Les morts nous parlent, Editions Du Félin, 1988, 1993, 3ª edição. Publicado em língua portuguesa, *Os mortos nos falam*, Edicel, Sobradinho, DF, 1991 Segunda edição, 1994.

Aviso ao leitor

Esta obra é um livro realizado a duas vozes.

As contribuições dos dois autores são tipograficamente diferenciadas:

-a de *Rémy Chauvin*, no presente tipo *itálico*;

- a de François Brune, em tipo romano.

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

EM BUSCA DO SENTIDO DE NOSSAS VIDAS

Lembro-me que alguns companheiros espíritas, presentes no Congresso Internacional de Transcomunicação (CIT), realizado em maio de 1992, no Anhembi, em São Paulo, quase “massacraram” o padre François Brune com as mesmas perguntas, que ele respondeu, com serenidade, à exaustão: "Aceita a reencarnação? Não aceita? Por que?, etc, etc." Nessa ocasião, tive oportunidade de afirmar que a tarefa do padre Brune é das mais amplas e respeitáveis na divulgação da realidade da vida após a morte e por tudo quanto realiza e por ser nosso irmão em humanidade deve ser respeitado em suas convicções íntimas. Destaquei a importância da união de todos que têm convicção da vida além-túmulo, pesquisadores e religiosos, em torno do ideal comum, no sentido de vencer as fortes barreiras do paradigma materialista de consequências tão funestas para a existência humana. Prossigo pensando do mesmo modo e respeitando, cada vez mais, a missão sacrificial deste sacerdote amável que se exprime com tanta bondade e tolerância, virtudes tão raras de serem encontradas, mesmo nos meios religiosos.

Entrevistei padre Brune para a *Folha Espírita* (F.E. nº 213), quando do seu primeiro périplo pelo Brasil, em 1991. "Esses mortos me matam", falou sorrindo à reportagem, ao término de um dia estafante em S. Paulo, sobrecarregado de entrevistas e conferências, em tomo de seu tema preferido, a vida além-túmulo.

Sacerdote católico, da ordem de São Sulpício, nascido em Vemon, na França, padre François Brune é bacharel em latim, grego e filosofia, tendo complementado seus estudos nessas línguas, em curso superior, na Sorbone. É licenciado em teologia pelo Instituto Católico, desde 1960, e em Escritura Sagrada, pelo Instituto Bíblico de Roma, desde 64.

Antes deste *Linha Direta do Além*, publicou dois livros, tendo a Edicel lançado também um deles, *Os mortos nos falam*. A novidade da presente obra é a sua parceria com o biólogo e pesquisador em Parapsicologia, Remy Chauvin, também autor de várias obras.

Padre Brune domina o inglês, o alemão, o espanhol, o italiano e o português, participando, com sua versatilidade em línguas, de inúmeros programas de rádio e televisão, tanto na França como em outros países, além de conferências e artigos publicados em revistas especializadas. Cumpre, assim, uma tarefa que os espíritos responsáveis pela Transcomunicação Instrumental (TCI) já haviam advertido ser de responsabilidade de representantes da Igreja Católica.

Neste livro ele detalha um fato pioneiro da TCI, envolvendo diretamente a Igreja. Conta que o primeiro caso de voz gravada foi obtido em Milão, no laboratório de física experimental da Universidade Católica, quando o padre Agostino Gemelli, físico de renome e fundador da Universidade, então presidente da Academia Pontifícia, realizava experimentos juntamente com o padre Pellegrino Ernetti. Padre Gemelli ouviu a voz de seu próprio pai gravada em fita cassete. Ambos levaram ao conhecimento do Papa Pio XII, que os teria tranqüilizado, ao considerar que esse fenômeno é do domínio da ciência, estimulando-os a prosseguir porque esse fato "poderá, talvez, marcar o início de um novo estudo científico que virá a confirmar a fé no além."

Mas, não é fácil acordar os vivos para a realidade da vida espiritual. "O fenômeno da TCI é pouquíssimo conhecido na França, onde continua a provocar escândalos", constata padre Brune.

Remy Chauvin lembra que a própria Igreja mantém a respeito de fenômenos insólitos ocorridos em seu seio, um silêncio sepulcral. Mas, acredita que os fenômenos que entram em jogo na TCI são muito mais evidentes, bem mais macroscópicos e mais difíceis de serem negados. Ressalta entre os interessantes ensi-

namentos recolhidos, via TCI, o de Henri Sainte Claire Deville, famoso físico do século passado e transmitido em Transcontato para Luxemburgo, nos experimentos do dedicado casal Jules-Maggy Harschfischbach. Afirmou o espírito: "O Universo é o fruto de um sonho do vazio e constituído de fibras de existência virtual." Chauvin lembra que esta comunicação faz pensar nas "cordas", a mais recente hipótese dos cosmologistas e no "vazio cheio de energias"¹, no qual os campos energéticos que se chocam ao nível dos quanta são o mais importante.

Há pontos abordados por Chauvin que merecem reparos. Ele cita **O Livro de Seth** e a concepção esdrúxula sobre reencarnação: nosso eu seria uma parte de um eu mais amplo, fora do espaço e do tempo. A reencarnação obrigaria este eu múltiplo a viver numerosas experiências, ao mesmo tempo, em diversos locais. Para nós, espíritas, fica bem claro que a alma é indivisível e realiza sua extraordinária epopéia reencarnatória em busca do aprimoramento espiritual, através de esforços individualizados.

Quanto às suas explicações para os fenômenos, tomando como base as egrégoras - emanções do mental humano, que têm vida concreta, concordamos com o padre Brune quando afirma: "Eu seria mais reticente que meu amigo Remy Chauvin ao ver egrégoras por trás de todos esses fatos." Os conceitos e hipóteses de trabalho de Hemani Guimarães Andrade no livro **Poltergeist**, e de resto em todas as suas obras, oferecem interessantes subsídios para o entendimento desses fenômenos.

Creemos que **Linha Direta do Além** é um convite à nossa ampliação de horizontes quanto à finalidade da vida terrena.

"Parece haver, verdadeiramente, muitas moradas no Reino do Pai. Talvez cada um possa construir para si o mundo que lhe convém", afirma François Brune, completando: "dispomos de novos meios, fantásticos que nos garantem nossa sobrevivência após a morte, além da técnica ela diz respeito diretamente ao sentido de nossa vida."

Enós sabemos o quanto isso é importante para vencer o

cruel paradigma materialista que tantos males causa à humanidade.

Por tudo isso, só podemos aplaudir o lançamento de ***Linha Direta do Além***, esforço conjugado de François Brune e Remy Chauvin.

Marlene Nobre
S. Paulo, Primavera de 1994.

Introdução geral

Há alguns anos, quase um século, o mundo viu-se sacudido por fatos curiosos, inexplicáveis, ou mesmo, para alguns, escandalosos: os mortos eram consultados por intermédio de curiosos personagens chamados “médiuns”. Ou simplesmente usava-se a tábua ouija, prancheta em equilíbrio instável, dotada de um lápis que traçava sobre o papel arabescos variados e, por vezes, longas mensagens. Alguns dispensavam até mesmo a tábua ouija e colocavam a mão, com um lápis, sobre o papel: e eis que a mão, como que separada do corpo, escrevia páginas e mais páginas com uma letra que, geralmente, não era aquela de quem escrevia... Por fim, um instrumento mais curioso, a mesa giratória, tinha também a pretensão de colocar-nos em comunicação com os mortos. Um de nós (RC.) fez uma experiência com este último método de comunicação. Não é certo que as mensagens recebidas sejam sempre obra dos mortos, mas o fenômeno em si, ou seja, os deslocamentos violentos da mesa que parece dotada de vida independente, é deveras curioso.

O que se tirou daí, em termos científicos ou filosóficos? Não muito, pensamos. Havia ali uma enxurrada de piedosas exortações, por vezes entremeadas de mensagens inquietantes. Dos fatos, alguns extraíram uma religião, como no Brasil, por exemplo, espécie de conglomerado de noções cristãs, budistas ou animistas que não satisfazem ao espírito. Em outros casos, entretanto, quando defuntos, ou supostos defuntos, forneciam

informações sobre coisas que apenas eles, e nenhuma outra pessoa viva, poderiam conhecer, a hipótese de uma comunicação com os mortos merecia ser estudada (apesar dos a priori filosóficos que discutiremos mais à frente). E depois tudo caiu, de certa forma, no esquecimento. Os médiuns eram freqüentemente mentirosos ou realizavam truques (mas nem sempre, ao contrário do que pensam alguns). As Universidades, pelo menos na França, continuavam opondo-se ferrenhamente a tais práticas. Ainda nos dias atuais, um jovem do meio acadêmico que queira interessar-se pelo assunto compromete irremediavelmente sua carreira, mesmo que seus demais trabalhos sejam dos mais sérios... Tal proibição, que assume com freqüência a violência de um anátema, bloqueou toda a pesquisa na França durante quase todo o século XX.

E depois, no último terço deste século, ocorreu uma inesperada mudança. Vinda provavelmente da América onde proliferaram todas as utopias, todas as loucuras, o que constitui, talvez, a compensação de uma grande juventude de espírito que deveria servir, às vezes, de inspiração para a nossa velha Europa... Assistiu-se ali, inicialmente, à enorme moda da psicanálise (que alguns consideram em declínio): durante muito tempo ia-se ao psicanalista como quem ia ao dentista, porém com maior freqüência. Literatura e arte cobriam de flores o corpo de nosso pai Freud.

Em seguida a admiração pública voltou-se, em parte, para os canais (channels). Estes “canais ” nada mais são que nossos bons e velhos conhecidos médiuns, tão prolixos, e, por vezes, tão incoerentes, quanto eles. Alguns forneceram matéria para milhares de páginas impressas, muitas vezes impressas em centenas de milhares de exemplares.

Outros adeptos estavam mais interessados pelas “viagens para fora do corpo ”, ou ainda pelas experiências paramortais (Near Death Experiments, ou NDE), fenômenos sem dúvida dos mais curiosos. Já perdeu-se a conta do número

de publicações e de livros, sérios ou não, dedicados a tudo isso.

A Europa, entretanto, não permanecia inativa: ela havia-se lançado em uma estrada bastante original, a transcomunicação instrumental (TCI), ou seja, a comunicação com os mortos por meio de instrumentos: telefone, gravador, rádio, televisão, e, mais recentemente, por fax... Ou seja, longas mensagens surgem, de repente, nestes instrumentos - e até em computadores - sem que ninguém os tenha ligado. Os alemães, os italianos -e os espanhóis destacam-se, em particular, nesse tipo de exercício.

O grande interesse dessa prática reside no fato de subsistir um sinal material da comunicação, e de as fraudes serem mais fáceis de se detectar que nos casos dos médiuns. E preciso que se compreenda a extensão do fenômeno: provavelmente, hoje, milhares de pessoas interessam-se pela TCI...

Como no caso dos canais, a base das mensagens é sempre de um espiritualismo bastante vago. Raramente uma informação técnica surge em meio a todo esse conjunto confuso. Em compensação, como veremos a seguir, um bom número de experiências sugerem claramente uma comunicação com os mortos. Ao menos tal conclusão parece a mais provável, e por vezes inevitável.

AS TÉCNICAS:

SEUS INCONVENIENTES, SEUS PERIGOS

A metodologia a ser seguida durante as experiências não é muito complicada, mas uma grave fonte de perplexidade reside no fato de não sabermos, de forma alguma, como ocorre a TCI: ou seja, como o gravador, por exemplo, é afetado, pelo quê, e em que momento: admitindo-se que tudo possa se expressar na linguagem corrente dos físicos e

técnicos em eletrônica! Estamos visivelmente em estágio idêntico àquele dos primeiros gregos que esfregavam um pedaço de âmbar com um pedaço de lã para constatar, em seguida, que o âmbar atraía as plumas. Um número imenso de observações foi realizado, e daí François Brune destacou algumas particularmente significativas.

O LUGAR DA TCI NAS TÉCNICAS VIZINHAS OU ANÁLOGAS

Imagina-se que a TCI surge em uma paisagem desértica onde ninguém jamais ouviu falar de algo análogo. Como vimos, a verdade é justamente inversa. Pareceu-nos, pois, indispensável, na terceira parte desta obra, consagrar um amplo espaço à antiga metapsíquica e aventurar-nos por zonas onde o quase-todo-poder do espírito sobre a matéria parece manifestar-se de forma clara... Mas, ao final deste trabalho comparativo, veremos que a TCI tem características próprias: quando ela entra em jogo, os fenômenos são bem mais evidentes, bem mais macroscópicos que na parapsicologia, por exemplo. A TCI ocupa um espaço a parte no mundo do bizarro e do insólito que nos cerca, tão denso e tão multiforme.

O PROBLEMA METAFÍSICO

Nós percebemos bastante bem o mal-estar que se apossa de certos leitores quando, durante esta introdução, nos vêem falar da sobrevida e da comunicação com os mortos como se fossem coisas naturais, quando a ciência, ou pelo menos alguns sábios, rejeitam tal hipótese com furor ou com desprezo. Vale, portanto, uma explicação, já no início da obra, a respeito de tal ponto.

QUESTÃO PRÉVIA

Vocês lerão uma seleção de fatos extraordinários, surpreendentes, mas insensatos para um grande número de leitores, pois parecem demonstrar a sobrevida.

Vocês querem que falemos a respeito, sem paixão, durante algumas páginas ? Espero provar que a questão não é simples, nem para os partidários nem para os adversários da vida após a morte.

As raízes da oposição. Não consideremos o problema com frieza: seria impossível. Sinto que rapidamente vamos nos inflamar, pois trata-se de uma guerra religiosa. Quando queremos tratar do destino do homem, é muito difícil permanecer calmo - a menos, entretanto, que possamos examiná-lo evitando os enfoques habituais, o que considero possível.

O espírito e a matéria, a consciência e o corpo. Vejamos, o antiquíssimo problema que remonta aos gregos, e ainda mais longe: o homem é composto de um corpo e de uma alma (eu preferiria dizer: de um corpo e de uma consciência)? Podemos, então, considerar que o corpo é formado de matéria e que a consciência é o outro nome com o qual designa-se o espírito, a coisa pensante de Spinoza (res cogitans) por oposição à coisa extensa (res extensa) que é o corpo ?

Se assim for, somos forçados a atribuir à consciência propriedades particulares, dentre as quais a mais importante é a de não tê-las, ao menos se quisermos defini-las em termos de matéria. Como falar de largura, de altura ou de profundidade da consciência? Mas, se abandonarmos a idéia de reduzi-la à matéria, diremos que ela é, inicialmente, auto-reflexiva: é a consciência de si, da qual Leibniz destacava a radical separação da matéria evocando a célebre metáfora do relógio cujas engrenagens podem ser ampliadas à vontade até que um homem possa deslocar-se entre elas. Mas este homem não verá nunca nada além dos dentes que empurram uns aos

outros na periferia das rodas, e nunca nada que corresponda ao pensamento pensando em si mesmo. E muito menos ao livre-arbítrio, outra propriedade da consciência sobre a qual devemos tratar.

Admitimos, assim, a existência de duas entidades, a matéria e o espírito-consciência, incompatíveis, pelo menos à primeira vista. Elas têm, com efeito, propriedades em muito diversas. Principalmente, se consideramos que a consciência age sobre a matéria mais que o inverso, não compreendemos como ocorre a interação em um ou outro sentido. Deparamo-nos com uma real dificuldade: de nada serve negá-la ou escamoteá-la por meio de artifícios de linguagem, como fizeram muitos filósofos.

Uma primeira teoria, a dualista, muito claramente definida por Descartes, admite, por meio de artifícios puramente verbais, que matéria e espírito coexistem, mas que o segundo age sobre a primeira, pela harmonia pré-estabelecida (tendo Deus decidido, inicialmente, que a cada ato de vontade, por exemplo, corresponderia a modificação material correspondente). Assim, deixaríamos a cargo de Deus o cuidado de conciliar os inconciliáveis.

A segunda teoria, dita monista: admite uma única entidade, a matéria, da qual o espírito é apenas um reflexo acessório, sem muita importância. Escapa-se assim do problema, suprimindo um de seus termos, o que não é nada sério. A este respeito, não resisto ao prazer de citar Compton, o célebre físico: “Parece-me bem triste (unfortunate) pensar que nenhum filósofo moderno tenha chamado a atenção para o fato de que a capacidade de erguer a mão por vontade própria seja mais direta e certamente conhecida que qualquer uma das leis mais bem elaboradas da física de Newton. E se tais leis negam a cada um a possibilidade de erguer a mão por vontade própria, a conclusão que devemos escolher é a de que as leis de Newton necessitam de algumas modificações. ”

É verdade que Compton falava assim do determinismo e do livre- arbítrio, este último ligado, naturalmente, à consciência.

O determinismo, que não se pode separar do monismo, brotou do sonho matemático dos filósofos gregos, substituídos pelo Renascimento e pelo século das Luzes, e em seguida pelo gigantesco desenvolvimento científico do século XIX. O modelo da natureza só é e só pode ser matemático: tudo existe por mérito da medida e das equações; tudo tem uma causa, e, como dizia Laplace, um espírito que poderia submeter ao cálculo os movimentos dos átomos de todo o universo poderia também compreender o passado, o presente e até mesmo o futuro. Nada mais estaria escondido a seus olhos... Poder-se-ia objetar que um espírito tão vasto, capaz de realizar coisas tão belas, assemelha-se singularmente a Deus... mas, pouco importa.

Tal teoria teve um sucesso estrondoso, e, devido a seu sucesso, poder-se-ia duvidar de um sistema que funcionava tão bem, e da ciência do qual procedia, quando se via recuar por toda parte, graças a ele, a miséria, a doença e a morte ? Os cientistas eram levados por este mesmo entusiasmo, que de certa forma os fazia esquecer os inumeráveis problemas que eram deixados de lado, sobretudo aquele da consciência. Era melhor não pensar a respeito pois tudo seria questionado.

Mas a ciência muda, e o mundo também. Surgem guerras pavorosas, com seus massacres, filhos da técnica; ela, por sua vez, filha da ciência, é preciso que se diga. A bomba atômica explode inicialmente na cabeça dos sábios: a ciência podia fazer mal. E se ela não o tinha feito até então, seria por não ser poderosa?

A ciência tem uma qualidade particular, que é a de poder questionar-se. Mas, com atrasos, polêmicas - que por vezes se transformam em injúrias - e discussões, onde a boa-fé nem sempre ocupa o lugar de honra. Mas ela se modifica. Sobretudo quando, após Einstein, chega-se aos quanta e ao seu questionamento radical da matéria e do cosmos...

Vemos, então, cientistas formarem comitês de ética para gerenciar os usos indevidos da ciência e, em particular, das armas atômicas... Mas a palavra ética pressupõe que se saiba distinguir o bem do mal? Segundo quais critérios, por favor? Eles deverão ser, forçosamente, extra-científicos... Há, portanto, questões importantes que podem nada ter em comum com a ciência? quando, implicitamente, há tantos anos, tantos cientistas pensavam o contrário ?

Mais recentemente, outras reflexões, já feitas por físicos da teoria do quantum, adquiriram força maior: e se, quando um homem olhasse pelo microscópio, o homem fosse, afinal de contas, tão importante quanto o microscópio? Pois é o homem que constrói a ciência, e não o microscópio. Isto pode parecer ingênuo, mas nós construímos, no templo da ciência, idéias bem curiosas em relação ao profano: víamos a ciência como algo tão elevado, tão desencarnado, tão desligado do homem! tanto que esquecemos das evidências mais elementares... O homem seria, pois, importante, ao invés de ser, como dizia Monod, uma fantasia passageira da natureza que desapareceria assim como havia surgido, na indiferença do universo ?

Aí intervém os biogeneticistas que estudam experimentalmente a origem da vida. Para eles, o aparecimento da vida não era improvável sobre a terra, mas, ao contrário, inevitável. Considerando a composição química do ar e do solo, seu surgimento era inelutável. Buvet vai ainda mais longe perguntando-se se o objetivo do universo não seria o de construir-se como seu próprio observador! E certos astrônomos apoiam-no ao afirmar que as constantes do universo são tais, e tão minuciosamente reguladas, que a menor modificação teria tornado a vida impossível. E que, com efeito, o universo tem o ar construído para o homem. Este seria o princípio antrópico, que deve fazer com que os velhos racionalistas se remexam em seus túmulos.

E eis então o homem em lugar de destaque, com todos os seus problemas. Eternos. Não resolvidos e, entretanto, tão importantes como sempre. Negar a importância de sua consciência, seria racional? Dizer que a única coisa que temos à nossa disposição é a matéria, seria assim tão evidente? Não valeria mais dizer que a única coisa que conhecemos é, não a matéria, mas a consciência da matéria, o que coloca a consciência do homem em primeiro lugar, como outrora, quando despertava a filosofia?

Afinal de contas, por que não podemos considerar novamente o dualismo, admitindo que a mais simples reflexão distingue no homem, com efeito, o corpo e o espírito? E que foram considerações apriorísticas que fizeram com que ele fosse esquecido? Mas permanece ainda a antinomia: como corpo e espírito se unem?

Talvez a antinomia não seja assim tão grave. E se ela decorrer de maus hábitos do passado, e não de necessidades da razão? Para os Antigos, a matéria era dura como a pedra, e a consciência, inconsistente como a fumaça.. Mas nós mudamos. Os físicos dos quanta permitem-se realizar audácias de pensamento que são de tirar o fôlego: a última novidade é o vazio(1), no qual as partículas, se bem entendi, não são necessariamente o que há de mais interessante. O importante são os campos energéticos que se chocam ao nível dos quanta. Quando tentamos captar a matéria, ela cada vez menos se assemelha a um cascalho... No final das contas, trata-se de energia. E a consciência, enquanto vontade, também, em certo sentido... Eccles propõe que a ação voluntária aja ao nível dos quanta, alterando apenas as probabilidades, tudo sem consumo de energia. Considero-me totalmente incapaz de discutir a respeito, mas vários físicos me repetiram a mesma coisa

(1) Atenção: quando falo de “vazio quântico” não quero dizer “o nada”, mas falo de um vazio cheio de energias.

Haveria, pois, urna passagem através da qual seria elaborada a ação voluntária. Ora, admite-se airida o dogma da conservação da energia.. Se a consciência fosse uma forma superior de energia, por que ela não se conservaria? Se você agora franziu as sobrancelhas, não será porque você tem uma idéia muito desencarnada a respeito da consciência?

Meu propósito não é o de discutir a consciência Mas, o de mostrar que a idéia de uma permanência da consciência não é, afinal, assim tão absurda. Que pode ser, em todo caso, encarada.

A respeito desta permanência, que chamamos de sobrevivida, poderíamos discutir durante mil anos...

Mas, e se fizéssemos dela não um problema filosófico, mas um problema experimental?

É aí que eu queria chegar.

PLANO DA OBRA

Os fenômenos de transecomunicação são variados, e François Brune falará a respeito dos mesmos com mais pertinência que eu. Meu objetivo não é o de retomar toda a história em detalhes, pois talvez o biólogo lance sobre tais fenômenos um olhar um tanto diferente daquele do teólogo (no caso em questão, e no que me diz respeito, ele não é assim tão diferente...), mas creio que é preciso recolocar os fenômenos de transcomunicação em um contexto mais amplo.

Somos vítimas, sim, no momento atual, de um efeito de perspectiva... Muitos livros já foram publicados sobre a transcomunicação, tal o interesse do público por u/m transcendência que daria um sentido à vida Este apelo foi cruelmente decepcionado pelos sábios (pelo menos por alguns deles, e não pela ciência, como veremos mais à frente). O valor de tais livros é bastante variável, sendo alguns muito medíocres; mas

François Brune fez uma triagem dos mesmos e exporá, adiante, suas razões.

Houve também em outras áreas, como a parapsicologia, uma enorme massa de documentação produzida, inicialmente, nos últimos quarenta anos, e que tratavam sobretudo da parapsicologia de laboratório. Isto fez com que nos esquecêssemos dos cinqüenta anos precedentes, a idade de ouro do que se chamava a “metapsíquica”, que também deu origem a uma literatura superabundante. Mas essa última sofreu um injusto descrédito, sobretudo devido aos falsos médiuns, denunciados, na maioria das vezes, pelos próprios metapsíquicos. Ora, estudos mais recentes, dentre os quais devemos citar a obra monumental de Dingwall, mostram muito bem que é errado concluir que todas essas experiências de nada valeram e que os médiuns sempre mentiam. Nossos avós se mostraram freqüentemente engenhosos e cuidadosos experimentadores: muitos de seus resultados, por mais assustadores que sejam, são bastante sólidos. E tempo de voltar a eles. Até mesmos os americanos, tão adeptos das técnicas modernas, concordam atualmente com isto.

Há uma outra fonte de informação largamente ignorada: quero falar da literatura hagiográfica que trata dos fenômenos físicos do misticismo, para utilizar o título do célebre livro de Thurston... Aqui atravessamos um universo feérico onde os fenômenos mais extravagantes (por exemplo, os vôos de São José de Cupertino) são dos mais atestados por centenas de testemunhas, incluindo aí a elite científica da época. Alguns argumentarão, evidentemente, que são fatos muito antigos, ocorridos há vários séculos. Mas muitos sabem que fenômenos deste tipo ocorrem ainda hoje: a Igreja mantém a respeito um silêncio sepulcral, mas as informações vazam mesmo assim (ver, em particular, a monumental obra de Bouflet).

Enfim, não se pode esquecer os OVNI's, outra fonte de

abundante literatura. É verdade que, à primeira vista, não se vê a relação que têm com osfenômenos precedentes. Entretanto, nas inumeráveis histórias de “contatados ” pelas “entidades ” que se encontrariam nos discos, deparamo-nos, com freqüência, com o mesmo tipo de narrativa existente em hagiografia ou em transcomunicação, o que é surpreendente.

Mas vamos mais longe: mesmo em biologia geral, ares bizarros não estão sempre presentes? Eu mesmo já dediquei um livro, no passado, a esse assunto. Limitar-me-ei, aqui, a breves referências, escolhidas entre osfenômenos mais enigmáticos.

Não posso tentar fazer um inventário completo defatos tão diferentes: três ou quatro volumes como este não seriam suficientes! Contentar-me-ei em relembrar os mais destacáveis, ou os mais “exemplares ”, e tentarei esboçar os primeiros traços de uma teoria geral, por mais provisória e frágil que seja. Excetuando Vellée e Méheust, pouquíssimos pesquisadores preocuparam-se com este tema, a meu conhecimento.

Parece-me um assunto importante, e, se conseguíssemos integrar todos estes fatos aparentemente díspares, teríamos uma visão bem particular do universo, bem diferente daquela da ciência atual. Não que ela contradiga esta última. Não devemos jamais nos fechar no dilema: “se A é verdadeiro, então B deve ser necessariamente falso. ” Tantos erros científicos e teimosias irracionais nasceram assim! Aprendemos, no entanto, que a luz podia ser uma onda, e também ser corpúsculos: dependia do tipo de medida que se efetuava. Problema de ponto de vista. E nossas ciências habituais, muitíssimo interessantes, e das quais pratiquei algumas ao longo de minha vida, não contradizem, de forma alguma, um outro ponto de vista que se refira a outras condições, a fatos diferentes e a observadores que olham em outras direções.

Porém há mais e melhor: fiz referência ao enorme apetite de transcendência que devora nossos contemporâneos sem que eles o compreendam bem. É o que os leva a se entregarem a todos os tipos de seitas, como ocorria há milhares de anos, quando se fazia a iniciação a Eleusis para se ganhar a garantia da vida eterna. Ora, além das seitas, o que podem encontrar tais pessoas ? Grandes religiões, que não têm mais tanta confiança em si mesmas, traídas em seu interior por clérigos orgulhosos ou ignorantes? Ou as escolas filosóficas, cada vez mais obscuras, que se fecham, pouco a pouco, em capelas de onde o vulgar está excluído?

Religiões que hesitam, filosofias faladoras... Quem nos dirá se a vida tem sentido ?

No plano filosófico, podemos discutir por mais mil anos sem chegarmos a um resultado. Então resta a ciência, da qual todos têm medo. Com efeito, pela orgulhosa intransigência de alguns, ela quis matar “a velha canção que embala a miséria humana. ” Em muitos casos, conseguiu. E percebemos que, nas grandes questões que constituem a grandeza e a miséria do homem, ela nada tinha a dizer, salvo taxá-las de ilusões.

Mas há uma outra ciência, como já disse meu amigo Beloff. Quiseram nos fazer crer que ela se resumia ao materialismo, mais o determinismo. Trata-se de uma caricatura, e as coisas não são assim tão simples. A ciência é, inicialmente, a abertura para o imenso mundo que nos cerca e do qual captamos apenas aspectos bem limitados. É também a faculdade de se questionar incessantemente, exercício insuportável para alguns (Beloff). As feridas que uma certa ciência causou podem ser curadas pela nova ciência assim compreendida. Por exemplo, aplicando seus métodos, desta vez sem preconceitos, àquilo de que fugiu como quem foge da peste: o diálogo com os mortos. Ela fez bem em excluí-lo no passado, pois não era forte o bastante para abordá-lo...

Ela pode retomá-lo agora sem medo. Há talvez um outro mundo, afinal. Por que não explorá-lo, sem renunciar, de forma alguma, à razão? Eis uma nova América a ser descoberta, uma metafísica experimental que agora a ciência vai criar.

TAMBÉM PODE ACONTECER COM VOCÊ

Francisco Padron conta:

“Uma noite estava assistindo televisão, na sala de visita, com minha família. De repente, a projeção do filme foi interrompida de forma brusca. A tela escureceu, depois voltou a iluminar-se e surgiu a imagem de um homem adulto, de cabelos brancos, alto, que olhou primeiro para minha mulher. Em seguida, voltou seus olhos para mim, e olhou-me fixamente com ar extasiado. Era real, vivo, e, naturalmente, sem relação com o programa de televisão. (No dia seguinte, verifiquei junto à emissora que sua programação havia transcorrido normalmente). Aquilo estava acontecendo para mim. A visão durou alguns segundos. Em seguida, a transmissão normal recomeçou (1).”

Jamais encontrei-me pessoalmente com o Sr. Francisco Padron, mas sei que histórias assim não são impossíveis, pois conheço outras semelhantes.

Eis o que aconteceu a Adolf Homes, em Rivenich, próximo a Trèves, em 13 de outubro de 1992:

“Enquanto eu lavava a louça, na cozinha, escutando rádio, ouvi claramente, em meio ao programa musical, vindo do alto-falante, as seguintes palavras: “Homes, gravar”. As mesmas palavras foram repetidas três vezes. Deixei, então, a louça de lado e fui buscar meu gravador e o microfone. Instalei-o

(1) *Tiempo de hoy*, n² especial, 18 junho 1990, p. 14.

em uma poltrona, em frente ao aparelho de rádio que estava colocado no peitoril da janela. Não havia mais música, só palavras. Eu estava calado. De repente, ouvi as seguintes palavras: “Aqui Doc Mueller”. Eu não sabia como deveria reagir, e isto explica as perguntas improvisadas que formulei. Eu também não sabia com quem estava lidando.”

Houve então, por meio do gravador, durante 4 minutos e 25 segundos, um diálogo com este desconhecido(1).

Voltaremos, depois, a tratar deste extraordinário incidente. Por enquanto, gostaria apenas de destacar que conheço suficientemente Adolf Homes para garantir sua total honestidade e seu equilíbrio mental. Encontrei-o durante vários congressos, na Alemanha, em Luxemburgo, e durante vários dias em importante congresso realizado no Brasil. Visitei sua pequena cozinha. O professor Chauvin também participou desta viagem e concede-lhe a mesma confiança que eu. O fato narrado por Adolf aconteceu-lhe de fato. E as palavras captadas não foram fruto de interrupção da programação, nem de uma interferência. Veremos depois, ao retomarmos o estudo deste caso específico, que as palavras eram dirigidas a ele, e apenas a ele, por meio da emissão normal de um aparelho de rádio.

E verdade que, de ambas as histórias aqui mencionadas, participaram pessoas que possuíam uma particularidade que talvez você ainda não possua. Todas elas tinham a mania de interessar-se pela “Transcomunicação instrumental”, ou TCI, ou seja, pelas comunicações com o além, com os “mortos”, por meio de diversos aparelhos técnicos.

E possível que você ainda esteja, talvez, protegido de tal aventura. Mas nem isto é totalmente certo, pois, pensando bem, lembro-me de um programa de rádio que eu fazia, em Madri, por volta de 3 horas da madrugada, dirigido à América Latina, com um dos pioneiros espanhóis neste novo

(1) *Trwiskommunikation*, vol. II, n- 1, 1992, p.36.

tipo de pesquisa, don German de Argumosa y Valdes. Nós havíamos recebido um telefonema de um dos nossos ouvintes, de Sevilha. Não se tratava de alguém que sofresse de insônia, mas era alguém apaixonado por tudo que dissesse respeito ao paranormal, e que ouvia nosso programa regularmente, apesar de seu horário tardio. E sua paixão pelo assunto advinha exatamente de um incidente semelhante.

Veremos, aliás, que isto pode ocorrer com você também pelo telefone, sem que você jamais tenha tentado antes qualquer tipo de comunicação paranormal com o além, quer fazendo girar mesas, quer utilizando um copo emborcado, quer com a tábua ouija ou com escrita automática.

Tais fenômenos espontâneos parecem, hoje, multiplicar-se. Aliás foi assim que tudo começou. Histórias fantásticas desabaram sobre a cabeça de pessoas que jamais haviam buscado experiências do gênero.

SE FOSSE VERDADE?

O autor de *Aventures du Professeur Cosinus* já mencionara que as comunicações dos sábios, feitas na Academia de Ciências, começavam geralmente assim: “Permitam a um modesto sábio...”, para terminar da seguinte forma: “Esta é, ousou dizê-lo, a maior descoberta dos tempos passados, presentes e futuros.” Pois bem, já que não estamos na Academia de Ciências, permitam-me adotar o caminho contrário.

Creio que se trata, de fato, de uma descoberta fantástica, por ser de natureza totalmente nova. Todas as descobertas feitas até aqui pelos nossos cientistas atingiam apenas o que era de nosso conhecimento. Elas satisfaziam, pouco a pouco, e em certo grau, nossa legítima curiosidade. Ampliavam, pouco a pouco, nosso poder sobre o mundo que nos cerca. Permitiam que, progressivamente, melhorássemos o fun-

cionamento de nosso corpo e prolongássemos nossa vida. Mas eram incapazes de dar um sentido a nossa existência. Todos os sábios, quando filosofavam um pouco, viam-se obrigados a reconhecer tal fato.

A descoberta que estamos anunciando é de outra natureza. Além da técnica, ela diz respeito diretamente ao sentido de nossa vida. Se de fato podemos nos comunicar, dialogar com os “mortos”, é porque eles estão vivos. Em um outro mundo, em outra dimensão, mas vivos. Eles apenas passaram de uma forma de existência para outra. Eles apenas “passaram através” do véu da morte. São, de fato, os *trépassés*, como diziam os franceses de antigamente, sem a conotação de aniquilamento, de destruição, que permanece, muitas vezes, ligada à idéia da “morte”.

Mas se há, de fato, uma outra vida após esta que conhecemos, é o próprio sentido desta última que mudou, ou que, enfim, aparece.

MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM O FENÔMENO

Há vários anos estava interessado pelas Experiências nas Fronteiras da Morte, pelos casos daquelas pessoas que haviam sido julgadas mortas e que, na realidade, tinham ido apenas dar uma volta pelo além. Já havia examinado, também, uma boa parte da extensa literatura contendo mensagens transmitidas pela escrita chamada “automática” ou “intuitiva”. Estes últimos tinham ido um pouco mais longe. Estavam verdadeiramente mortos. Viviam já neste além que espera por todos nós, e falavam de lá, em linha direta.

Mas, em um livro de Jean Prieur, eu descobrira algo ainda mais fantástico: a possibilidade de ouvi-los, e até mesmo de vê-los. Faltava-me fazer a experiência. Por

ocasião de uma de minhas viagens à Alemanha, deparei-me com o primeiro livro de Hildegard Schãfer sobre o tema. Após atenta leitura, decidi tentar. Mas foi apenas mais tarde que tive a oportunidade de entrar em contato com a autora. Nossas agendas não coincidiam. Ela pôs-me, então, em contato com uma outra equipe de pesquisa, garantindo-me que eu não sairia perdendo, pois todos falavam minha língua, o que é sempre bem mais agradável, e também porque o referido grupo vinha obtendo resultados extraordinários. Eu não tardaria a constatar tudo isto pessoalmente.

Em 22 de junho de 1987 estava em Luxemburgo, e conheci Jules e Maggy Harsch-Fischbach. Após uma longa conversa, durante a qual me contaram um pouco de sua aventura, o casal conduziu-me a um laboratório. Era um cômodo pequeno, repleto de aparelhos e estantes cheias de livros e fitas cassete. Ali aconteceria nosso encontro com o além. Antes de me receberem, meus anfitriões haviam solicitado, a seus interlocutores do além, o sinal verde para mim. Eu havia sido aceito, e eles haviam até mesmo recomendado que me fosse entregue uma cópia da gravação que seria obtida.

Éramos apenas quatro pessoas dentro daquele cômodo: Jules, Maggy, um engenheiro amigo do casal, e eu. Maggy estava no console de um aparelho gravador. Jules estava de pé, próximo a um aparelho de rádio, instalado em uma estante, a meio-volume; e o engenheiro cuidava da posição de diversas lâmpadas e aparelhos sonoros. Tratava-se, segundo explicaram, de fornecer aos mortos ondas de diferentes frequências. Para eles é mais fácil modificar as ondas já existentes que criá-las completamente. Os especialistas em tal tipo de pesquisa denominam este processo de “suporte”.

Havia tal barulho que eu pensava ser impossível ouvir algo que, por acaso, viesse efetivamente a ocorrer. Meus temores eram infundados, pois, como viria a constatar mais tarde, cada vez que um som do além chegava até nós, os demais ruídos da

sala desapareciam quase que completamente.

Jules havia sintonizado o rádio entre duas emissoras, de forma que ouvíamos apenas um chiado. Maggy chamava, alternadamente, em francês e em alemão, uma série de interlocutores que me eram totalmente desconhecidos. “Caro técnico, caro Constantin Raudive, pedimos que nos falem, se for possível. *Lieber Techniker...*”

Pouco a pouco, sobre o ruído que servia de fundo, outros sons começaram a se fazer ouvir, inicialmente pouco distintos. A frase que vinha já havia começado. O início era incompreensível. Mas, repentinamente, soou de forma clara. Aqui está o texto, publicado pela primeira vez em sua íntegra, pelo menos na sua parte em francês:

“... um substrato imaterial, ou qualquer que seja o nome que lhe dêem, “princípio, alma, espírito”, uma parcela de eternidade escapa da destruição. A infelicidade, hoje, é (que) as pessoas têm medo da morte. Ora, não se deve temer a morte, mas, sim, a doença e o que precede a morte.

“Os Antigos estavam livres deste pânico relativo à morte. Ela correspondia, para eles, ao ordenamento lógico de um ciclo que se repetia, imutavelmente, entre dois extremos: o nascimento e a passagem.

“A morte, caros amigos, dá origem a uma eternidade radiosa, a uma liberação que põe fim às tragédias. A morte é uma outra vida.”

As últimas palavras foram mais espaçadas. Sentia-se um grande esforço. A energia começava a faltar. Explicaram-me, depois, que aquelas palavras haviam sido ditas por Constantin Raudive, morto em 1974, portanto treze anos antes.

Veio depois uma vozinha um pouco estridente, muito metálica. Era o Técnico, disseram-me. Inicialmente ele fez um discurso em alemão para explicar que cada religião contivera sua parte de verdade, mas que era chegado o tempo de superar todas as oposições para se atingir uma religião universal. Em

seguida, bruscamente, começou a dizer em francês:

“São Paulo, primeira epístola aos Coríntios, capítulo quinze, versículos 35-45: Mas dirá alguém: como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam? Insensato! O que semeias não readquire vida a não ser que morra. O que semeias não é o corpo, não é... mas um simples grão de trigo talvez, ou talvez uma outra semente. Mas Deus lhe dá o corpo que lhe quer dar, a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio. Nenhuma carne é igual às outras, mas uma é a carne dos homens, outra a carne dos pássaros, outra a carne dos peixes. Há corpos celestes e corpos terrestres. São, porém, diversos o brilho dos celestes e o brilho dos terrestres. Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos: semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível. Semeado no desprezo, ressuscita na glória. Semeado na enfermidade, ressuscita na força. Semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo animal, há também um corpo espiritual.”

O ruído de fundo tomou-se mais forte. Jules começava a agradecer: “Nós o ouvimos...”, quando o Técnico o interrompeu: “Eu acrescentaria São Tiago 1,12: “Bem-aventurado o homem que recebe com paciência a tentação! Porque, uma vez provado, alcançará a coroa da vida que Deus prometeu aos que o amam””.

A voz mais grave e mais lenta de Constantin Raudive retomou:

“Caros amigos, que prova poderíamos dar-lhes de que não tentamos enganá-los? Nenhuma, a não ser a certeza íntima, absoluta, de uma aproximação, de uma troca, de um toque da alma.

“Caros amigos, eu mesmo precisei de longas, e até de árduas lutas para me deixar estar em uníssono com essa presença que eu sentia nas fronteiras de mim mesmo, para estar à escuta

dessa voz que tentava chegar até a minha consciência. Então eu chamei, e foi-me respondido. Caros amigos, vocês ouvem vozes, cabe a vocês... fazer... o que julgarem... necessário.” As palavras voltaram a se tomar espaçadas. Parecia faltar energia. Eu não percebera a mesma coisa, entretanto, quando falara o “técnico”.

Ele próprio retomou a palavra, mas apenas para anunciar o fim da comunicação: “*Kontakt Ende, ” Fim de contato!*”

As vozes eram claras, as palavras bem pronunciadas. Não precisávamos discutir para constatar que todos havíamos entendido a mesma coisa. Mas veremos que nem sempre é assim. Segundo meus amigos, por serem eles de língua alemã ou luxemburguesa, os contatos feitos do além chegam sempre nestas línguas. Uma longa parte do discurso fora pronunciada em francês em minha honra.

Eu acabava de assistir, pois, a minha primeira experiência em linha direta. Desde então pude participar de várias outras. Na Alemanha, em Aschaffenburg, em Darmstadt, em Mayence, em Goldberg, em Aix-la-Chapelle, em Rivenich; na Suíça, em Bále, em Luxemburgo, várias vezes, na Espanha (em Madri e em Barcelona), no Brasil, na Itália... e na França, com a Sra. Simonet. Experiências, congressos, encontros, trocas de documentos...

O número de pesquisadores também aumentou consideravelmente. Apenas na região de Munique calculava-se, há alguns anos, mais de mil pessoas. Hoje o número deve ser, em todo o mundo, de aproximadamente dez mil.

E também já aconteceram acidentes. Pois é perigoso envolver-se neste tipo de aventura quando não se tem um sólido equilíbrio, ou quando se está fragilizado por um luto muito recente. Duas obras relatam o calvário de pessoas que foram parar em hospitais psiquiátricos, e que só puderam escapar dos “espíritos” e dos psiquiatras (sem dizer quais eram os piores) após uma luta que durou vários anos. Tais experiên-

cias não são como jogos de salão. As pessoas pouco sérias e pouco resistentes não devem se arriscar. E nem todos são chamados a praticá-las. Para a maioria de nós bastaria saber que tudo isto é possível, que tudo isto existe.

Felizmente, entretanto, para compensar alguns acidentes, quantas pessoas reencontraram, graças a estas comunicações, forças para suportar uma separação que lhes havia destruído a vida. O importante, no entanto, não é a comunicação com aqueles que amamos, mas a verdade que se desprende desta descoberta: a morte não é a morte, a vida continua através da morte.

Mas, apesar dos esforços, por toda parte o fenômeno continua bastante limitado. Ainda está longe, muito longe, de ser conhecido, e sobretudo reconhecido, para poder realizar a mudança que normalmente deveria provocar. Andar, pular na Lua, é bom. Mas em que isto altera nossa vida? A perspectiva de poder, um dia, salvar nossa espécie evacuando-se a Terra, em caso de catástrofe cósmica? De encontrar novas fontes de energia para prolongar a vida de nossa espécie, caso elas venham a faltar na Terra? Tudo isto é muito bonito, sem dúvida, mas de que me serve se há muito tempo nada mais restar de mim e de todos aqueles que amei? Para que tantos esforços e tantas pesquisas? Para que tantos sofrimentos nesta Terra, para tantas pessoas que nada pediram?

Senti que ali se tratava, ao contrário, de uma descoberta fantástica, que mudava tudo para o homem. É bem verdade que, em princípio, a maioria das religiões abriam algumas perspectivas a respeito da vida eterna. Mas o cristianismo do Ocidente parecia, há alguns anos, tomar-se hesitante neste terreno. E certas religiões vindas do Extremo-Oriente pareciam tentar nos fazer renunciar, o mais tranqüilamente possível, a uma verdadeira sobrevida pessoal.

Com tal descoberta, tudo mudava. E verdade, entretanto, que o fenômeno da sobrevida, que o diálogo com os mortos,

não começava verdadeiramente com nossos aparelhos técnicos. Há milênios, como o Professor Chauvin lembrou há pouco, esta comunicação já ocorria. Mas permanecia marginal, contestada, duvidosa. Pois não havia meios de verificá-la, de controlá-la. Com estes novos caminhos, abertos por nossa técnica, tal verificação começava a ser possível. Mas para isto era necessário atrair um maior número de cientistas, no exterior e também na França.

Pela primeira vez, na França, um cientista interessa-se pelo tema, e por este motivo fazemos juntos esta caminhada.

EXCURSÃO AO PAÍS DA TRANSCOMUNICAÇÃO

A viagem a Mayence (28 de abril de 1992)

Vamos tentar nós mesmos, portanto, obter testemunhos, ou, se preferirem, suscitar experiências vividas... Falo por mim, pois Brune já obteve numerosas delas. Mas, enfim, em matérias tão controversas é preciso confiar apenas em experiências pessoais. Foi assim que me convenci, há muitos anos, da existência de fenômenos parapsicológicos... Há mais de quarenta anos encontrei-me com Rhine, que acabara de fundar a parapsicologia estatística. Com o auxílio de testes bem simples (adivinhar símbolos geométricosfechados em envelopes de espesso papel preto), ele podia estabelecer facilmente se/e até que ponto as pessoas se distanciavam do acaso. Passei três meses na Duque University, com a equipe de Rhine. Voltando à França, refiz durante três anos os mesmos testes com meus dezessete sobrinhos ou sobrinhas com idades que variavam de quatro a treze anos. Eles não davam a menor importância à parapsicologia, mas o mesmo não acontecia com o saco de bombons que o querido tio reservava para aqueles que se saíam

bem nos testes. Obtive os mesmos resultados que Rhine. Por este motivo, quando me dizem que este tipo de fenômeno não existe, e que estou errado em insistir em uma quimera, respondo:

- Ouça, eu fui o único estagiário francês a acompanhar o trabalho de Rhine, e também o único francês a refazer metodicamente os testes durante vários anos. Realizei, portanto, um esforço de informação que nenhum de meus contraditores realizou. Tenho, pois, mais direito que eles a expressar-me de forma categórica...

Vou, então, tentar obter uma transcomunicação. No enorme avião que dentro em pouco nos deixará em Frankfurt, começo a divagar. E se, afinal de contas, tudo for verdade? Centenas de pessoas estão envolvidas nisso, atualmente, incluindo cientistas. Por mais absurdos (em relação a nossos atuais critérios) que sejam os fenômenos, estou quase convencido de que a fraude é rara, ou, pelo menos, de que a ampla maioria das experiências é honesta... Só há um meio de sair desta perplexidade, repito: ver com meus próprios olhos como se apresenta o fenômeno.

Do enorme aeroporto de Frankfurt passamos para o trem que nos leva a Mayence, saboreando o suave prazer, para um francês, de viajar sem passagem, fugindo a todos os regulamentos, em uma estrada de ferro alemã: havia uma greve, por incrível que pareça! Mas apesar disto os trens circulam, por falta de técnica no trato com as greves. Neste campo poderíamos ensinar-lhes muita coisa...

Em Mayence, somos recebidos por um personagem extraordinário: o Doutor Senkowski. Pela sua loqüacidade, poderia ser um italiano. Mas trata-se de um legítimo alemão. Em seu laboratório, a parafernália habitual dos técnicos em eletrônica. Nada de especial a destacar. A experiência consiste em escutar as “vozes de Jürgenson”, às vezes chamada de “voz de Raudive”, apesar de ser

Jürgenson seu verdadeiro iniciador. A partir deste momento, amigos leitores, é preciso que vocês apertem seus cintos...

Jürgenson observou, há cerca de vinte anos, que gravadores, fechados em um cômodo silencioso, com uma fita virgem, fazem com que se ouçam palavras, e até frases inteiras, quando não há, comprovadamente, nada a ser ouvido. Em numerosos casos seriam pessoas falecidas que emitem mensagens compreensíveis... Em resumo, eis-nos de volta aos fenômenos do início do século, quando mesas giratórias e escrita automática transmitiam mensagens de pessoas mortas, ou consideradas como tal. Mas, desta vez, as mensagens empregariam técnicas modernas, tais como o gravador (e veremos, a seguir, que podem se servir de quaisquer outros meios). Jürgenson, Raudive e vários outros tentaram aperfeiçoar este processo: eles observaram que um ruído ao fundo, tal como uma transmissão radiofônica gravada e depois reproduzida ao contrário, parece facilitar o fenômeno; outros consideram que o barulho da água corrente também funciona a contento. Acho que outros ainda utilizam um “ruído branco” eletrônico, ou seja, o ruído de um televisor ligado, porém não sintonizado em um canal.

E preciso, parece, fazer um pergunta e, em seguida, escutar a fita. Penso em meu amigo Konrad Lorenz, morto há alguns anos, e que já teria se manifestado desta forma.

- Konrad, sou eu, Rémy Chauvin, você está me ouvindo ? Você se lembra de minhas visitas a Altenberg ?

Estamos debruçados sobre o microfone. Ouço claramente uma série de palavras distantes. Impossível não perceber nada. Quando repito a pergunta pela terceira vez, François Brune e Senkowski pensam ter ouvido a palavra “Altenberg

Não ouço nada de muito distinto, mas é verdade que meu ouvido é muito ruim. A tal ponto que, quando ouço uma fita com minha voz pronunciando alguma coisa em inglês... não compreendo o que digo! Meus amigos e conhecidos dizem que

isto seria matéria para um psicanalista! Reconheço que Brune me fez ouvir gravações bem melhores que aquela, onde não havia lugar para dúvidas. A verdade é que a experiência feita ali não me convence: eles prometem apresentar-me um material melhor, e continuamos a conversar.

Enquanto isto, Senkowski é chamado ao telefone. Ele pede que nos calemos. Ele está pálido. Cobrindo o fone com uma mão, diz-nos num sussurro: “É Jürgenson.”

É de empalidecer! Mas para compreender o que ocorreu, vamos nos referir a um caso bem estudado (e poderíamos citar tantos outros, Rogo e Bayless, 1979).

A história dos Mac Connell. Estas pessoas de Tucson (Arizona) forneceram, lavrado por um tabelião, o relato que se segue:

Eles eram muito ligados a uma romancista que chamaremos de Enid Johnson. Muito generosa, ela havia dilapidado toda sua fortuna em doações a diversas obras filantrópicas. De tal forma que se encontrou na pobreza em seus últimos dias. As pessoas, às quais havia ajudado, abandonaram-na, como é comum acontecer. Com problemas de saúde, acabou sendo obrigada a deixar o hospital, indo parar em um asilo. Os Mac Connell perderam-na de vista. Para reequilibrar suas finanças, ela deveria escrever um novo romance, mas faltou-lhe ânimo... Todos os anos, no Natal, os Mac Connell mandavam-lhe uma garrafa de vinho, e lamentaram muito ter perdido seu endereço. Um domingo à noite, em maio de 1971, eles receberam um telefonema que lhes deu grande prazer. Era Enid quem falava, mas com uma voz clara, de pessoa saudável, o que não era seu caso há muitos anos. A Sra. Mac Connell e Enid conversaram por mais de meia hora.

“Eu lamentei, disse a Sra. Mac Connell, não termos podido ir vê-la no hospital de Tucson para onde ela dizia ter sido transferida. Lembrei-me que no domingo seguinte seria

seu aniversário, e disse-lhe:

- Enid, eu estou lhe devendo uma garrafa de licor. Vou levá-la, no domingo.

- Oh, agora eu não preciso...

Disse-lhe que levaria mesmo assim. Ela acrescentou:

- Nunca fui tão bem tratada.

Meu marido, que escutava a conversa pela extensão do quarto, observou: Parece a Enid de vinte anos atrás... Eu perguntei:

- Você tem telefone perto de sua cama?

- Não!

- Você quer dizer que se levantou e foi ao telefone?

- Oh, eu passeio facilmente.

E quando disse-lhe que ela parecia feliz:

- Eu nunca fui tão feliz.

E assim conversamos por meia hora...

Na mesma semana, na sexta-feira à noite, a Sra. Mac Connell ligou para o hospital que Enid havia mencionado, e pediu à telefonista que chamasse sua amiga.

- Mas, respondeu ela, estupefata, a Sra. Johnson morreu no domingo de manhã!

Ela havia morrido, com efeito, por volta das 10h30, várias horas antes do telefonema, e aquele fora o único domingo que passara naquele hospital... ”

Eis porque estávamos assombrados, e Senkowski, ainda mais. Mas todos nós sabíamos que fatos semelhantes haviam já sido observados, numerosas vezes. Ah, sim! estava esquecendo de dizer: Jürgenson havia morrido há vários anos... O que ele disse, naquela oportunidade, foi algo bem banal. A frase começa em francês e continua em alemão: “Je remercie les amis français und wir werden... Sie werden... ” Traduzindo: “Eu agradeço aos amigos franceses e nós vamos... vocês vão receber maior informação através dos colegas Homes e Harsch... ”, tudo bem claramente.

Percebo que ninguém acreditará em nós... Uma fraude ? Arquetada por Senkowski? Seria possível, sempre possível, mas improvável, pois os casos desta natureza são numerosos, repito... Trata-se de um lindo fenômeno... Não sei o que fazer...

Viagem a Rivenich e a Reims (junho de 1992)

Aqui estou de volta à Alemanha, com François Brune e nossa equipe de cinematografistas. Nossa última viagem havia sido marcada pelo telefonema póstumo de Jürgen, que fora gravado... Uma hipótese possível seria a de uma brincadeira de mau gosto que alguns engraçadinhos teriam feito com Senkowski. Mas o misterioso interlocutor referia-se a visitantes franceses, e quem poderia saber que estaríamos naquele lugar, exatamente àquela hora?... Veríamos agora se os fatos se reproduziriam na casa de Homes, para onde estávamos indo, ou na casa da Sra. Simonet, em Reims, por onde passaríamos na volta.

Passamos perto de Porta Nigra, em Trêves, a mais antiga cidade da Alemanha, ao que consta Não há nada nuiis encantador que estas velhas cidades alemãs. Quando penso que tudo, ou quase tudo, precisou ser reconstruído após a guerra (talvez por isso as velhas casas estejam em tão bom estado...)!

Rivenich é uma cidadezinha no Reno, impecavelmente limpa, como tudo naquele país. Penso nas numerosas pequenas cidades francesas, às vezes lindíssimas, magnificamente situadas... e imundas. Homes é altíssimo e imensamente gordo. Seus braços de gorila quase sufocam François Brune em um abraço... Pater Franz parece conhecer quase todo mundo aqui. Queremos começar logo a trabalhar, mas a hospitalidade alemã tem suas próprias leis. É preciso que nos sentemos à mesa: um único prato de comida, aliás absolutamente delicioso, mas temos pressa e queremos ir logo para a sala de experiências...

Droga! Um segundo telefonema do reino dos mortos. Primeira surpresa, um tanto desagradável. Homes acaba de ser avisado que, em Luxemburgo, receberam uma comunicação do Jenseits (o além), mandada pelo "Techniker", um técnico do Outro Lado, que parece ter uma elevada competência. Parece que ele sabia a respeito de nossa visita: não dará certo, "não há energia suficiente", dissera ele.

Não estou gostando muito disto. Tenho a impressão de ser uma desculpa, uma escapatória. Mas François, que conhece bem Homes, garante que este imprevisto não é culpa sua... De qualquer forma, instalamo-nos frente ao gravador, para a cerimônia à qual começo aficar habituado. Fazemos algumas perguntas ao Jenseits, e damos início à escuta para ver se há alguma resposta.

Normalmente não é muito claro: a resposta surge logo após a pergunta, em volume muito baixo, quase sussurrada, e bem curta. Tento entrar no jogo, chamando meu amigo Konrad Lorenz, morto há três anos.

Nada. Absolutamente nada... Homes anexou a seu aparelho uma tela de televisão, montada especialmente de maneira a formar um anel de Larsen (ver mais adiante). Em princípio, devem surgir nuvens sobre a tela, que se deformam e deixam, por vezes, aparecer uma figura humana perfeitamente reconhecível. Olho fixamente para a tela: a "névoa" que se vê tem um ligeiro efeito hipnótico. Mas não vejo as nuvens, e muito menos qualquer figura humana.

Este tal Techniker estaria mesmo nos aprontando uma brincadeira de mau gosto? Estamos francamente decepcionados. Sabíamos que tais fenômenos não ocorrem simplesmente por querermos, mas afinal... Decidimos ir dormir. Amanhã sairemos bem cedo para Reims, onde nos espera a Sra. Simonet.

Viagem a Reims

A Sra. Simonet é muito conhecida no círculo da transcomunicação, pois obteve muito sucesso ao contatar pessoas falecidas que nem sempre identifica... Seus amigos por vezes conseguem reconhecer a origem das mensagens, identificando as pessoas através de expressões por elas utilizadas. Sua capacidade tornou-se conhecida, e Monique Simonet tem uma vasta clientela de pessoas que querem contatar seus mortos...Ela tenta satisfazê-las, e percebo, à primeira vista, que se trata de uma pessoa muito boa. Céus, como fico contente: a bondade não é assim tão comum!

Unui pequena casa em Reims. Na sala de jantar, após a tradicional taça de champanhe, inclinamo-nos sobre o inevitável gravador. E desta vez...

Torno a fazer minha pergunta: “ Konrad, você está me ouvindo? Onde está você? Você está feliz? Responda, aqui é seu amigo, Rémy Chauvin... ”

Alguma coisa acontece... Primeiro, uma palavra sussurrada : “Rémy ”, e logo depois: “Rémy du bist mein Freund ” (você é meu amigo). A resposta surge ainda muito fraca, mas os técnicos se encarregariam, depois, de separá-la dos ruídos de fundo... Mas eles não confirmariam o que eu pensara ter ouvido.

Interessante... mas o fenômeno ainda é bastante fraco. É verdade, diz François, que já foram obtidos resultados muito melhores.

Uma observação essencial

Mas não é isto que me espanta no momento: mas, sim, uma observação de nosso cinematografista que, não sei bem por qual motivo, fala a respeito dos “anéis de Larsen

- Repita o que você disse a respeito dos anéis de Larsen !

- Mas eu já lhe falei disto: você não prestou atenção.

Aí está! Alguma coisa agitava-se em meu subconsciente ainda durante a viagem. Eu havia enviado a um de meus amigos e ex-aluno uma cópia dos esquemas de numerosos aparelhos utilizados pelos transcomunicadores com o objetivo de melhorar, pelo menos é o que pensam, a comunicação com os mortos. E recebera a resposta do especialista em eletrônica:

- Veja, parece que o autor, ou os autores, destes esquemas pensou assim: por que simplificar, se podemos complicar? Mas mesmo assim, em todos os esquemas há uma profusão de anéis de Larsen...

Na hora, ficara surpreso... mas não dera muita importância ao fato. Sei vagamente o que são tais anéis: trata-se, em linhas gerais, de dois televisores colocados face a face, um gravando as imagens do outro. No dizer dos técnicos em eletrônica, "alimentam-se" um ao outro. Surgem, então, imagens bizarras, nuvens que se deformam, etc. E, às vezes, dizem os transcomunicadores, percebe-se um rosto humano identificável.

Em resumo, trata-se de um aparelho bastante conhecido dos parapsicólogos, um gerador aleatório. Ou, se quisermos, uma espécie de teste com manchas de tinta, o teste de Rorschach, com manchas infinitamente deformáveis.

Efoi após a observação do cinematografista, que recolocava a questão em discussão, que, de repente, tudo tornou-se mais claro para mim.

O que eles vêm na tela é, provavelmente, uma projeção de seus subconscientes, uma espécie de psicocinese... O que não significa, naturalmente, que projeções do Jenseits não estejam ali misturadas. Ou, melhor ainda, não seria por intermédio da psicocinese dos observadores que os mortos conseguiriam formar imagens na tela?

Embora eu não seja o primeiro a evocar uma influência dos experimentadores sobre a transcomunicação, não me

parece que o problema tenha sido, até agora, encarado sob este plano. Talvez pelo fato de os transcomunicadores não estarem, ao que me pareceu, muito informados a respeito da parapsicologia.

O único meio de testar minha hipótese seria o de realizar experiências de psicocinese em uma tela, com uso dos anéis de Larsen: quer dizer, tentar, conscientemente, formar imagens sobre a tela. Uma bela experiência... Parece que a teríamos tentado...

A viagem ao Luxemburgo (setembro de 1992)

*Eisnos de volta ao Luxemburgo: o padre Brune, cinemato-
grafistas e eu. Vamos assistir a um congresso da Associação
para o estudo da transcomunicação... Ambiente agradável, no
magnífico hotel Pullman que, apesar de seu nome americano,
é tão luxemburguês quanto possível. Como prova, o nome das
suítes: não apenas Thérèse, Monique ou Jeanne, mas tam-
bém Sigefroi, Jean l'Aveugle! Um doce cheiro de Idade
Média luxemburguesa em um hotel ultramoderno... coisa
pouco comum.*

*A numerosa platéia, de aproximadamente duzentas pes-
soas, surpreende-me: pela calma, e pela seriedade dos debates.
Quatulo se trata de um tema assim, pode-se esperar a presença
de figuras estranhas. Mas não era o caso: nenhuma de-
claração sensacionalista, nenhum profeta ou pretensos pro-
fetas que nos encham de idéias insípidas. Ali, uns ouviam os
outros, e ouvíamos sobretudo os pioneiros da transcomuni-
cação: Maggy e Jules Harsch-Fischbach, que merecem uma
pequena descrição. Eles não são ricos, e não são grandes
sábios. Colocaram todas as suas forças e todos os seus recursos
financeiros, que não são muitos, a serviço da transcomuni-
cação. Adquiriram os aparelhos necessários, e trabalham
com eles dia e noite, há vários anos. Naturalmente, não são*

reconhecidos no mundo científico, e numerosas vezes foram injuriados por concorrentes, ou por cientistas que, evidentemente, não podem suportar que tais idéias sejam defendidas. Se insisto neste aspecto é porque, nestes campos, há sempre suspeita de fraude. No caso em questão, sabemos que todo este movimento nada acrescentou aos Harsch-Fischbach, a não ser as maiores preocupações. E, no entanto, eles perseveram há muitos anos. Devemos acrescentar que não são os únicos, e que centenas de pessoas trabalham hoje na mesma direção.

Os debates continuam, sem sobressaltos... algumas exposições são tão fastidiosas quanto intermináveis, como em todos os congressos... Mas pelo menos dois acontecimentos virão me surpreender: o congresso acaba de receber uma mensagem do Jenseits (do outro mundo) na qual, após as felicitações habituais em língua alemã (as pessoas do Jenseits são muito educadas), eu ouço, de repente, em francês, as seguintes palavras: "Nós conhecemos as perguntas de Rémy Chauvin. Elas são interessantes. Mas a resposta só poderá ser dada ao final do congresso."

Fico verdadeiramente pasmo: é muito bom para ser verdade, me sussurra minha alma de normando... Verdadeiramente difícil pensar que queiram me agradar a este ponto... Mas, veremos.

Primeira parte

FENÔMENOS
QUE DESAFIAM
TODOS OS NOSSOS CONHECIMENTOS

Pequena história de uma imensa descoberta

Toda esta aventura, pois trata-se de uma verdadeira aventura cheia de imprevistos e de novidades, começou com pessoas que não eram pesquisadores, ou que buscavam outras coisas. Sei que agora, quando o fenômeno começa a tomar-se conhecido, se não reconhecido, há uma tendência a encontrar-se precursores por toda parte. Hoje é difícil dizer quando e com quem o fenômeno começou de fato.

Parece que, na realidade, nossos queridos falecidos sempre tiveram uma grande vontade de se manifestar para nós. Sempre o fizeram, em cada diferente época, segundo os recursos que podíamos ter em comum: através da voz dos médiuns, pela escrita automática, por mesas giratórias ou pela tábua ouija. Na medida em que nós, nesta terra, desenvolvemos meios técnicos, parece que eles têm tentado utilizá-los.

Aí estaria, provavelmente, a origem de certas mensagens recebidas em código morse, cuja origem sempre permaneceu inexplicada. Nos anos trinta, relatórios militares na Escandinávia referem-se a mensagens até hoje não identificadas. Em 1947, Attila von Szalay, ao realizar gravações em discos, observou murmúrios de origem incompreendida. Em 1950, John Otto, engenheiro, trabalhava com radioamadores quando captou sinais em várias línguas, sem saber de onde vinham. Sabe-se que Guglielmo Marconi, quando de suas primeiras transmissões por rádio, também observou interferências inexplicáveis.

INCIDENTE BIZARRO NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MILÃO

Parece, de fato, que o primeiro caso de voz gravada, e identificada como proveniente do além, tenha acontecido em Milão, no laboratório de física experimental da Universidade Católica. Ali, dois bons padres estavam realizando experiências: o padre Agostino Gemelli, físico de renome, fundador daquela universidade, e então presidente da Academia Pontifícia, e o padre Pellegrino Emetti, beneditino, físico também, especialista em música pré-polifônica. Eles tentavam filtrar cantos gregorianos para eliminar os harmônicos. Ainda não havia gravadores com fitas, mas apenas com fio. Este fio se rompia com frequência, e então era necessário dar-lhe um nó, tão fino quanto possível, para não prejudicar a escuta, mas suficientemente sólido.

Naquele dia, 17 de setembro de 1952, o fio acabara de se romper, mais uma vez, e o padre Gemelli havia exclamado: “Oh, papai, me ajude!”, como tinha o hábito de dizer há muitos anos, desde a morte de seu pai. Uma vez feito o conserto, os dois padres começaram a escutar novamente a fita, ou melhor, o fio. Mas, ao invés do canto gregoriano esperado, ouviram, estupefatos, a voz do papai: “Claro que o ajudo, estou sempre com você!”

Padre Emetti, que me contou a história, disse-me que, naquele exato momento, padre Gemelli teve um enorme choque. Mas padre Emetti estimulou-o a prosseguir e fazer uma nova tentativa. Obtiveram, então, a mesma voz, perfeitamente reconhecível, que dizia em tom levemente irônico: “Mas claro, bobão (*zuccone*), você não está vendo que sou eu mesmo?” *Zuccone* é um tipo de abóbora grande, e era o termo afetoso que seu pai, enquanto estava vivo, empregava sempre que se dirigia a ele.

O acontecimento pareceu-lhes bastante importante, e logo

decidiram levá-lo ao conhecimento do papa Pio XII. O bom padre Gemelli estava tão confuso por ter que narrar semelhante história que, ao entrar no gabinete do papa, pediu ao padre Emetti que fizesse ele mesmo o relato. Pio XII tranquilizou padre Gemelli:

- Meu caro Padre, fique tranqüilo. Trata-se de um fato estritamente científico e nada tem a ver com o espiritismo. O gravador é um aparelho objetivo que não pode ser sugestionado: ele capta e registra as vibrações sonoras de onde quer que venham. Esta experiência poderá, talvez, marcar o início de um novo estudo científico que virá a confirmar a fé no além.

Estou convencido da autenticidade do texto que acabo de citar, pois foi o próprio padre Emetti que, após contar-me em detalhes a história, fez chegar a mim o número da revista *Astra*, onde o mesmo aparece(1).

O GRANDE PIONEIRO: FRIEDRICH JÜRGENSON

Mas estes dois religiosos foram levados rumo a outras pesquisas, e não deram continuidade ao ocorrido. Com efeito, foi apenas um pouco mais tarde que a descoberta estourou. Mais uma vez aconteceu com alguém que não o esperava, que não buscava nada do gênero. Friedrich Jürgenson não tinha sequer formação científica. Havia sido cantor de ópera no tempo do bel canto, no *Scala* de Milão. Mas resfriados crônicos e problemas com sua vesícula biliar não lhe permitiram continuar sua carreira. Ele iniciou um outro percurso artístico, na pintura e na direção de filmes. Foi assim que, em 1949, começou a reproduzir nas telas as imagens dos trabalhos realizados sob a Basílica

(1) *Astra*, n^o de junho 1990, p. 90-91.

de São Pedro em busca do túmulo do apóstolo. Mais tarde, participou de trabalhos de escavação em Pompéia, de 1967 a 1969. Realizou, ainda, diversos documentários sobre Pompéia e sobre o Vaticano, destacando-se um, especialmente famoso, dedicado a Paulo VI, que o fez Comendador da Ordem de São Gregório, o Grande.

Precedentemente, em 12 de junho de 1959, encontrando-se nas cercanias de Estocolmo, onde fazia gravações dos cantos dos pássaros para um novo filme, ficou surpreso ao encontrar, na fita de seu gravador, em meio ao trinar das aves, um solo de trompete que terminava em fanfarra.

Ele pensou, inicialmente, que lhe houvessem vendido, como nova, uma fita mal apagada. Ou que seu aparelho podia, excepcionalmente, captar ondas de rádio. Nova tentativa, nova surpresa: uma voz, em norueguês, aconselhava-o a gravar o som dos pássaros noturnos na Noruega. Ele acredita ter ouvido

até o som de um alcaravão.

Um mês mais tarde, quando preparava um programa de rádio sobre a grande Anastásia, as vozes falaram-lhe da Rússia, e chamaram-no por seu nome. As vozes manifestaram-se em alemão, em italiano, e, no meio delas, acreditou ter reconhecido a voz de sua mãe, falecida quatro anos antes.

Pouco a pouco, para ele, a evidência impunha-se, por mais incrível que parecesse:

“O que acontecia aqui reproduzia-se diariamente, e tornava-se sempre mais claro, tinha a força explosiva da pura verdade que se apoia em fatos. Era a verdade, a realidade que viria, talvez, a rasgar em mil pedaços a cortina do além, e, ao mesmo tempo, reconciliar o nosso mundo com aquele outro, lançando uma ponte por sobre o abismo. Não era sensacionalismo. Eu estava apenas encarregado desta tarefa, grande e difícil, da construção desta ponte entre o aqui-embaixo e o além. Caso eu me mostrasse à altura, quem sabe o enigma da morte fosse resolvido, pela técnica e pela física.

“Por este motivo eu não podia mais retroceder, a despeito de todos os quadros que não mais seriam pintados, ou das escavações em Pompéia que não mais seriam realizadas.”

Em 1967 foi publicada a primeira obra no mundo sobre tais fenômenos: *Sprechfunk mit Verstorbenen* (“Radiotele-
fonia com os mortos”).

CONSTANTIN RAUDIVE

No final de 1964, a mesma história voltou a acontecer com alguém que também não a havia buscado: Constantin Raudive. Quando estava fazendo uma gravação, foi chamado fora do aposento. Saiu precipitadamente, deixando o gravador ligado. Ao voltar, precisou recolocar a fita em seu início para ver em que ponto havia parado. Foi então que, após a gravação de suas últimas palavras, teve a imensa surpresa de escutar uma outra voz, a de sua falecida mãe, que o chamava por seu apelido: “Kosti, Kosti !”

O aparecimento das vozes multiplicou-se rapidamente, e deu origem a uma nova obra: *Unhörbares wird hörbar* (“O Inaudível torna-se audível”).

Outros pesquisadores juntaram-se a eles, organizaram-se equipes, realizaram-se congressos, fundaram-se associações, surgiram revistas especializadas. A imensa aventura estava lançada. Mas é interessante observar que os pioneiros desta descoberta tenham sido homens que não a procuravam e que não tinham qualquer competência científica em especial.

Hoje as coisas adquirem outra dimensão. Pode-se estimar em dez mil o número de pessoas no mundo que, com maior ou menor regularidade, recebem vozes do além. Aquelas que receberam imagens em tela de televisão são bem menos numerosas. As chamadas telefônicas regulares são ainda mais raras. As comunicações por computador são excepcionais, e o

primeiro fax só foi recebido recentemente.

Ao lermos ou escutarmos tais narrativas, não podemos evitar a sensação de estarmos tratando com algo totalmente louco. Naturalmente relacionamos estes fatos com uma série de comunicações mediúnicas que deram a volta ao mundo no século passado. Mas o que resultou de tudo isto? No final das contas, muito pouca coisa! Não se foi muito longe. Não que eu duvide da autenticidade destas últimas. Afinal, tive muitas oportunidades de constatar sua existência. Mas trata-se, sem dúvida, de um fenômeno muito complexo, de um terreno onde pululam os charlatões! Os meios de controle são geralmente inexistentes. Algumas raras equipes de cientistas ousam romper as barreiras do silêncio, sempre pondo em risco suas carreiras de pesquisadores.

A transcomunicação instrumental (TCI) oferece certamente, por si só, maiores possibilidades de controle. Mas é preciso ainda despertar o interesse daqueles que dispõem, ao mesmo tempo, de instrumentos e de competências necessários. Por isto pareceu-me indispensável, antes de ir mais longe, fornecer ao leitor uma visão das pesquisas que já foram realizadas nesta área. Elas são, certamente, insuficientes. Mas representam um conjunto já considerável que deveria bastar para provar que se trata de alguma coisa séria. Os fatos estão aí, incontáveis, muitas vezes incontestáveis. E, na imensa maioria dos casos, a hipótese de uma verdadeira comunicação com os “mórtos” é a única que resiste.

Orientado pelas incontáveis perguntas que me são feitas, desde que comecei a fazer conferências sobre o assunto, começaremos pelas objeções mais grosseiras, mais evidentes, aquelas que logo de início me lançam - como se ninguém ainda houvesse pensado nisto, ao longo de quase trinta anos de estudo do fenômeno! Mas, na realidade, foi por aí que as pesquisas começaram. Assim sendo, adotaremos a cronologia seguida pelos pesquisadores. Chegaremos, em seguida, às

hipóteses mais sutis, mais inesperadas talvez, mas que também devam ser encaradas. Veremos, aliás, que a maioria destas hipóteses podem ser, alternadamente, a melhor explicação atualmente possível em um ou outro caso excepcional. Cada uma delas desemboca, inclusive, por si mesma, em apaixonantes perspectivas.

Finalmente chegaremos à maior “hipótese”, aquela que, para mim, corresponde a uma verdadeira certeza. E tentarei mostrar o motivo.

As outras hipóteses possíveis
sobre a origem das vozes,
textos e imagens paranormais

É, de fato, impossível separar completamente os problemas relativos às diferentes manifestações daquilo que se chama hoje de “transcomunicação instrumental” (TCI): intervenções ou chamadas telefônicas que parecem vir do além, vozes registradas em gravadores ou recebidas pelo alto-falante de rádios, imagens que surgem em telas de televisão ou em monitores de computador, ou diretamente em disquetes. Algumas das hipóteses que iremos encarar aplicam-se melhor a um ou outro fenômeno, pois parece evidente que não se trata de um único fenômeno, mas de um feixe deles com manifestações idênticas ou semelhantes. Vem daí a dificuldade de qualquer abordagem mais séria, e a impossibilidade de se concentrar, a priori, naqueles que só diriam respeito à comunicação com os mortos. E forçoso, ao menos por enquanto, abordarmos um conjunto mais amplo.

Hipótese n- 1: A fraude.

Hipótese n-2: A ilusão.

Hipótese n- 3: As interferências.

Hipótese n- 4: A hipótese “animista”.

Hipótese n^s 5: As ondas remanescentes.

Hipótese n- 6: Os extraterrestres.

Hipótese n- 7: Os “cascos”, as “egrégoras”, etc.

HIPÓTESE N²1: A FRAUDE

É evidente que não posso garantir nada, pessoalmente, no tocante a todas as experiências às quais não assisti e feitas por pesquisadores que não conheço. O leitor deverá, portanto, estar sempre atento quando alguém lhe apresentar resultados que disser ter obtido.

Nunca tive condições de verificar, pessoalmente, o desenrolar de uma experiência, pelo simples fato de não ter eu qualquer competência científica. Trazer eu mesmo uma fita cassete virgem, colocá-la eu mesmo no gravador, não são garantias cientificamente suficientes, bem sei. Um técnico competente, sem sequer recorrer a um ilusionista profissional, seria completamente capaz de manipular um aparelho sem que eu me desse conta. Eu sei disto desde o início de minhas modestas investigações pelo mundo, tão variado, dos pesquisadores em transcomunicação(TCI). Fica entendido, desde já, que eu bem posso ter sido, em um ou outro momento, vítima de um mistificador. Nada de concreto me faz pensar assim, até o presente momento, mas não tenho o direito de excluir, a priori, tal possibilidade.

Minha confiança na autenticidade do fenômeno baseia-se, pois, em outras considerações.

A extensão do fenômeno

Inicialmente, o número de pesquisadores nesta área. São, atualmente, milhares em todo o mundo. Talvez dez mil, talvez mais. Bem sei que, por si só, o número nada significaria. Existem, em outras áreas consideradas, também elas, “paranormais”, milhares, e mesmo dezenas de milhares de charlatões. O número aqui só tem importância, então, na medida em que está ligado a outros elementos de apreciação.

Entre todos esses pesquisadores já há, pelo menos fora

da França, um bom número de cientistas e de técnicos de alto nível que estudam de perto o fenômeno, passando por todas as hipóteses possíveis, começando pelas mais banais. E isto, há quase trinta anos. Sei que na França o tema é relativamente novo, e que poucas pessoas ouviram falar dele, sobretudo nos meios científicos “sérios”. As poucas obras a respeito são logo catalogadas no gênero “esotérico”, “paranormal”, sem chance, portanto, de serem levadas em consideração. Mas no exterior, professores universitários, escolas técnicas superiores e pesquisadores de importantes centros colaboram em tais experiências. Muitas vezes trabalham em equipes que reúnem especialistas de diferentes disciplinas. Foram realizadas análises destas vozes, em vários lugares, como veremos mais à frente. Estas pesquisas estão sendo feitas há anos. Vários destes pesquisadores acabaram dedicando a elas todo o seu tempo, e não apenas seu horário de lazer. São pessoas que nunca “comercializaram” suas pesquisas. Aliás, não precisariam disto. Também não buscaram a glória. Dado o estágio de conhecimentos, sobretudo no início, eles correriam bem mais o risco de perder suas reputações.

É verdade que nem todos os experimentadores eram cientistas. Muitas vezes foram pessoas bem simples que obtiveram os melhores resultados. Mas nenhuma daquelas que conheço pessoalmente, ou através de testemunhos, se recusou a passar pelo controle dos cientistas. Ao contrário. Até por que, muitas vezes, estavam tendo dificuldades ao tentar a melhoria de suas instalações técnicas.

Meu conhecimento dos pesquisadores

Enfim, se não duvido da autenticidade de tais fenômenos é porque conheço pessoalmente um grande número de pesquisadores, porque os acompanho há vários anos, porque vi como reagem aos problemas de todas as espécies que eventualmente

surgem, porque pude constatar seu total despreendimento financeiro, admirar o devotamento com o qual procuram auxiliar uns aos outros, às vezes até no limite de suas forças, e, geralmente, sem mesmo receber grande reconhecimento por parte dos beneficiários de seus serviços. São, de fato, pessoas movidas unicamente pela paixão da descoberta e da caridade.

Sei que empregar aqui a palavra “paixão” é uma faca de dois gumes. E verdade que a paixão pode, às vezes, gerar algumas conseqüências desagradáveis. Esta é a grande tentação, sobretudo de alguns pesquisadores aos quais se pede uma demonstração com dia e hora marcados, como se fosse uma simples experiência de laboratório. Todos aqueles que conhecem um pouco os fenômenos ditos “paranonnais” sabem que os mesmos dependem, em boa parte, de condições que não dominamos. Vários estudos recentes tendem, por exemplo, a provar que estes fenômenos dependeriam do campo magnético terrestre. Não caberia dar aqui maiores detalhes sobre este assunto específico: contento-me em indicar ao leitor um artigo, bem documentado, do Dr. Vladimir Delavre(1).

Mas outros estudos revelariam, talvez, a importância de outros fatores.

E bem verdade, portanto, que quando um experimentador marca um encontro com um jornalista, ou com algum cientista, a priori um tanto cético, e a quem verá apenas uma vez, este pesquisador perde tempo ao dizer que não pode prometer nada, que o fenômeno pode não ocorrer. Então, é grande a tentação de exagerar a importância de alguns murmúrios captados, o que não poderia ser considerado totalmente uma farsa.

(1) Dr. Vladimir Delavre: “Paraphánomene und GcomagneLismus”, em *Transkommunikation*, vol. II, n^o 1, 1992, p. 4-9.

O caso de Marcello Bacci

Entre os grandes pioneiros, aos quais tanto devemos, há pelo menos um que fraudou a experiência, mas em circunstâncias e com um estado de espírito particulares. O caso merece ser contado. Trata-se de Marcello Bacci, de Grosseto, e seu caso nos foi relatado em detalhes por Luciano Capitani e Silvana Pagnotta(1).

Inicialmente, é preciso que se diga que o grupo de Grosseto foi um dos primeiros centros de pesquisa em TCI, e situa-se entre os mais importantes. Os resultados obtidos ali são extraordinários, e muitas vezes acompanhados de fenômenos complementares. Este pequeno grupo era formado por um núcleo de fiéis, dentre eles o advogado L.Capitani. Mas recebia sempre numerosos visitantes que ali vinham procurar reconforto ou conselhos.

Em 1989, já fazia vinte anos que Marcello Bacci realizava registros com gravadores, alto-falantes de rádio, e até recorrendo à boa e velha mesa giratória. Em algum tempo os fenômenos paranormais periféricos multiplicaram-se. O Sr. Bacci esperava poder, em breve, atingir uma nova etapa em seus experimentos. E assim tomava-se um tanto impaciente. As mensagens não evoluíam, e ele ameaçava, às vezes, deixar tudo de lado para passar suas noites, como tantos outros, tranqüilamente jogando baralho.

Na terça-feira, 7 de fevereiro de 1989, uma forte energia manifestou-se durante a sessão. Os membros do grupo, que formavam a corrente em torno da mesa, sentiram carícias em seus rostos, e Bacci sentiu alguém abraçá-lo pelas costas. Ele se virou rapidamente, percebeu uma forma que pairava sobre si, e imediatamente disparou, à distância, um aparelho fo-

(1) Luciano Capitani e Silvana Pagnotta: *Terre tuttora inviolate*, Edizioni Medilerrancc, p. 158-169.

tográfico preparado para este fim. A mesa passou então a exigir, com movimentos enérgicos, que ele retirasse o filme do aparelho e o expusesse à luz para destruí-lo. O Sr. Bacci fez o que lhe era pedido, não sem argumentar que não estava entendendo mais nada. Tantos fenômenos haviam acontecido anteriormente que tudo lhe parecia pronto para obter uma documentação fotográfica.

Foi então que ele concebeu um plano infeliz, na tentativa de forçar a barra (se assim posso dizer) junto a seus interlocutores invisíveis. Uma noite, com a ajuda de um amigo, recompôs, por truques, alguns dos fenômenos paranormais realmente ocorridos em diversas sessões. O objetivo era o de fotografá-los. Dias depois, apresentou as fotografias aos membros do grupo, fazendo-lhes pensar que os fenômenos haviam ocorrido em sua casa, na ausência do grupo, mas que ele conseguira registrá-los. Ele admitia que a documentação fotográfica não possuía valor comprobatório, pois o material havia sido obtido sem a presença de testemunha.

Esta atitude desencadeou uma inacreditável reação por parte das vozes e da mesa giratória durante um bom período. O pobre Bacci tentou, desajeitadamente, justificar-se citando uma passagem do Evangelho de São Lucas que, ao que parece, faz um elogio à astúcia. Nada conseguiu. Foi chamado de “hipócrita”, de “fariseu”, de “falso, como as fotos”. Isto durou alguns meses, até que ele, além de arrependido, confessou publicamente sua atitude a seus companheiros de pesquisa.

Preciso dizer, antes de relatar o ocorrido, que L. Capitani perguntou ao Sr. Bacci se ele julgava conveniente comentar a respeito de seu caso. Sua resposta foi categórica : “Claro! Esta é a verdade, e, portanto, deve ser dita.”

Entretanto, se a paixão pode, às vezes, levar o pesquisador a manobras infelizes, ela também pode confundir o espírito do crítico desmistificador. Pode haver fraude nas acusações de fraude. O leitor me perdoará se falo tanto a este

respeito. Mas preciso fazê-lo, pois as calúnias correm mais rápido que os desmentidos, pondo em jogo a honra das vítimas e o futuro da TCI.

O caso Kõberle

É necessário, sem dúvida, citar aqui um caso lamentável, mesmo que este tipo de denúncia não seja nunca agradável para ninguém. Faço-o, ainda assim, porque, a longo prazo, os danos causados por tal tipo de atitude acabam sempre assumindo grandes proporções e podem vir a retardar as pesquisas

em andamento. O caso envolve um dos pioneiros de menor renome da TCI: Fidelio Kõberle, presidente, desde 1975, da VTF (*Verein für Tonbandstimmforschung*), em Düsseldorf.

Obtendo apenas, ao menos aparentemente, pequenos resultados em suas pesquisas, esforçou-se, de todas as formas, para provar que os resultados obtidos por outros eram apenas truques. Assim, processou Klaus Schreiber, o primeiro dos pesquisadores a ter conseguido imagens paranormais. Durante o processo, Klaus Schreiber admitiu ter feito alguns retoques em algumas fotografias com o intuito de acentuar algumas sombras ou destacar algum contorno. Mas o tribunal considerou ser tal processo de uso normal em fotografia, e que, por si só, não era o bastante para caracterizar uma falsificação. O Sr. Kõberle perdeu, assim, o processo e foi condenado em 17 de novembro de 1986. Tenho, em meu poder, fotocópia da sentença de sua condenação(1).

(1) Este exemplo faz com que pensemos a que ponto tais práticas, por si só totalmente inocentes e para uso pessoal, podem se tornar perigosas, visto que a existência do fenômeno não está ainda cientificamente estabelecida e reconhecida por todos. Mas é preciso destacar, ainda, que k. Schreiber, no caso, não pretendia - de forma alguma - fazer-se passar por um grande cientista.

Tempos antes, já em 29 de agosto de 1985, ele havia sido condenado em outro processo movido pelo Sr. Hans Otto König, desta vez por difamação.

A título de curiosidade, mas também de informação, eis algumas amostras das acusações que haviam sido feitas pelo Sr. Köberle ao Sr. König. Assim, o leitor poderá julgar melhor o nível dos debates. O Sr. Köberle dizia, então:

- que o Sr. König estaria fazendo trabalho “porta a porta” para vender um *generator* falsificado;
- que a falsificação deste *generator* teria sido provada de modo indiscutível;
- que ele vendia tais aparelhos a preços “extorsivos”;
- que o Sr. König estaria extremamente endividado, e que buscava arrumar dinheiro, etc.

Na condenação, ficou estabelecido que se o Sr. Köberle voltasse a repetir suas acusações seria automaticamente sujeito ao pagamento de uma multa que poderia chegar até 500 mil marcos alemães.

E o Sr. Köberle foi novamente condenado, em 30 de maio de 1986, em um processo contra o Sr. König, movido pela associação que preside.

Este senhor dirigiu sua raiva também contra meus amigos de Luxemburgo. Em uma revista alemã, o Sr. Köberle tentava fazer crer que Jules Harsch havia abusado de seus títulos e de sua função no Ministério da Justiça de Luxemburgo, e que, em função de sua denúncia, o referido ministério, indignado, o havia demitido, sem salário, etc. O Sr. Harsch contentou-se em remeter a todas as pessoas interessadas um atestado do Ministério confirmando que o mesmo havia exercido ali as funções de “secretário de direção” e que havia sido transferido, a seu próprio pedido, para outro cargo, em outro ministério.

Eu não teria insistido em contar, com tantos detalhes,

essas lamentáveis histórias se não tivesse constatado que certos espirites “críticos” continuam a referir-se a essas acusações para desmerecer descobertas nas quais têm dificuldade em crer.

Assim sendo, tendo tido a oportunidade de encontrar, no Quebec, o Sr. Bélanger, professor da Universidade de Montreal, e conhecendo as dúvidas que tinha em relação a esses pesquisadores, enviei-lhe, em 6 de julho de 1990, todas as fotocópias de todas as sentenças de condenação do Sr. Kõberle, e demais documentos. Mas descobri, naquela oportunidade, que os Correios canadenses funcionam pessimamente. Pois, em um programa da Rádio Canadá, *Émergences*, em fevereiro de 1992, para minha surpresa ouvi o Sr. Bélanger referir-se novamente a todas aquelas acusações mentirosas, para provar que os referidos pesquisadores não eram dignos de crédito.

Mas as coisas não param por aí. As mesmas tagarelices continuam a se arrastar indefinidamente, e por isto vejo-me obrigado a falar tão longamente sobre o assunto. Ainda mais recentemente, o *Journal of the Society for Psychical Research*, de Londres, em seu número 826, de janeiro de 1992, retomava todas aquelas velhas calúnias, ainda dando crédito às pretensas acusações de fraude feitas pelo Sr. Kõberle.

E verdade que, quando se trata de fenômenos tão extraordinários, é sempre mais fácil acreditar em fraude que na demonstração do próprio fenômeno. Esta é uma atitude psicologicamente bastante compreensível. Mas, com todo o rigor científico, seria necessário dedicar tanto tempo à verificação dos argumentos da acusação de fraude quanto à verificação do fenômeno.

E neste ponto que a paixão do desmistificador pode falsear tudo. Referindo-se precisamente a este artigo da célebre revista de Londres, o professor Yves Lignon, da Universidade de Toulouse-Le Mirail cumprimentou os autores “que esvaziam

definitivamente a bola dos mortos que aparecem nas telas de televisão(1)."

Confesso que este tipo de tom me surpreende um pouco. Eu pensava que um cientista continuava sendo, antes de mais nada, um homem, e, como tal, teria esperado dele algo do gênero: "Estávamos ainda bem céticos a respeito desta história de mortos que aparecem nas telas. Seria bom demais! Infelizmente, como já tínhamos, nossa esperança desapareceu, mais uma vez!..."

Aparentemente, o professor Lignon entendeu as coisas de outra forma. Os termos por ele empregados, *baudruche*(2) e "definitivamente", são muito reveladores.

Mas o termo "definitivamente" é científico?

HIPÓTESE N² 2: A ILUSÃO

Dentre todos os apaixonados pelas gravações que pude encontrar, pouquíssimos parecem viver em um mundo de ilusão. Parece-me que a paixão os cega em sentido inverso: quero dizer que freqüentemente ela impede que alguém se interesse pelo fenômeno, ou faz com que se dê preferência a hipóteses mais complicadas e mais improváveis. Ela impede que se admita existir uma verdadeira comunicação com os mortos.

O desejo que distorce a experiência

Conheço, entretanto, alguns casos de pessoas que me pare-

(1) *Lire*, n^o 19, Carta informativa rápida e essencial da ORP, julho 1992. A ORP é a "Organização para a Pesquisa em Psicotrônica".

(2) N.T.: Em francês, o termo "*baudruche*" significa "tripa" e, em sentido figurado, "homem sem consistência".

cem sinceras, que acreditam realmente ter captado vozes, quando, na minha opinião, nada há gravado em suas fitas, nada além do barulho do próprio aparelho acrescido de ruídos ambientes, ou nada mais que o suporte por elas utilizado.

Conheço o caso de uma pessoa, e permito-me não revelar seu nome, que acredita receber maravilhosas mensagens de amor vindas de alguém que ela jamais conheceu quando vivo neste mundo. Esta pessoa fez questão de me mostrar as mensagens. Evidentemente ela esperava de mim uma confirmação, mas o queria apenas para seu uso pessoal. Pensava estar

vivendo uma história de amor maravilhosa, e isto era muito importante para ela. Com medo de desmerecer o fenômeno perante outras pessoas, às quais ela poderia fazer ouvir a fita, preferi dizer-lhe claramente aquilo que eu pensava.

Conheço um caso ainda mais delicado. Trata-se de uma mulher que deseja ardentemente estabelecer contato com um ser querido, e que, ao que parece, já captou de fato algumas palavras. Estas “comunicações” assumiram, para ela, uma importância considerável. A ponto de tê-la feito publicar vários livros, pronunciar conferências, falar em rádios e na televisão, sempre com uma alegria e um entusiasmo bastante “comunicativos” (vale dizer). Infelizmente, em várias oportunidades, quando desejamos ouvir as famosas mensagens, ouvimos apenas o suporte: textos lidos em alemão ou em francês, gravados de trás para a frente. E nada mais, absolutamente nada! Não pelo

fato de a voz do além ser muito fraca ou por ser a pronúncia das

palavras do além muito confusa. Não! Só há mesmo o suporte! Basta ouvir a fita ao contrário e encontramos o texto original do

suporte. Acontra-prova não perdoa. O texto do suporte toma-se

foram experiências feitas ao vivo, ou perante testemunhas, é evidente que lhes teria sido fácil pré-fabricar uma gravação com vozes do além-túmulo. Quando já se ouviu um certo número destas gravações, quando já se conseguiu identificar um pouco suas características, nada é mais fácil que imitá-las. Não é necessário qualquer conhecimento técnico em particular. Portanto, na minha opinião, não há dúvidas de que ambas sejam pessoas honestas e sinceras.

Isto nos leva a examinar de mais perto os riscos da ilusão. É preciso ter sempre em mente os conselhos dados pelos experimentadores categorizados.

Precauções indispensáveis

Inicialmente, estar atento para que ninguém fale ou murmure durante as gravações. Após um certo tempo de tensão, pode ocorrer que alguém presente se relaxe um pouco, que alguém deixe escapar uma breve exclamação a meia-voz. Na hora, ninguém perceberá. Mas, depois, isto poderá ser tomado como uma autêntica voz do além. Eu assisti, pessoalmente, a uma situação desta espécie, que nenhum experimentador ou observador jamais teria detectado... se, por sorte, toda a cena não estivesse sendo filmada por uma pequena equipe de televisão. Foi apenas no momento da projeção que nossas ilusões se desvaneceram. O mesmo engano poderia provir da gravação de um barulho externo que ninguém houvesse percebido.

E preciso, em seguida, fazer uma cuidadosa distinção entre as vozes perfeitamente claras, que qualquer um pode ouvir diretamente, sem qualquer problema de interpretação (que são, infelizmente, as mais raras; mas, em alguns centros, elas são freqüentes, como, por exemplo, em Luxemburgo) e as vozes fracas ou mal pronunciadas, confusas. Em muitos centros estas últimas são as mais comuns. É preciso, então,

ter a coragem de adotar um sistema de escuta rigoroso: escutar a fita quando se está sozinho, anotando progressivamente o que se pensa ouvir; fazer com que várias outras pessoas escutem a mesma gravação, nas mesmas condições, sem dizer-lhes, antecipadamente, aquilo que pensamos ter escutado. Caso a identificação das palavras seja a mesma, há grandes possibilidades de a “decodificação” ter sido correta.

Os perigos do suporte

O processo torna-se mais complicado quando, para efetuar a gravação, recorremos a um suporte. Se o fundo sonoro for um rádio, com a emissão de vozes, o único procedimento seguro é o de pedir a alguém para gravar, no mesmo momento, em outro cômodo, a mesma transmissão radiofônica. Desta forma é possível comparar, depois, o resultado das duas gravações. Assim, pode-se verificar se as palavras presumidamente vindas do além não faziam parte da própria transmissão. Esta precaução é muito necessária pois certas palavras ou certas sonoridades são encontradas em várias línguas, algumas vezes com o mesmo sentido, mas também muitas vezes com sentidos diferentes. *Krug*, em alemão, significa uma espécie de “moringa”; mas a mesma palavra em russo significa “círculo”. *Sad*, em inglês, significa “triste”; mas em russo designa “jardim”. *Agora*, em português, não tem o mesmo significado que em grego, que significa uma “praça pública”, etc.

Para evitar um procedimento muito complicado, é melhor adotar como suporte uma fita cassete pré-gravada, com uma mistura de vozes em diferentes línguas, ricas em consoantes, se possível. As vozes eventualmente recebidas do além poderão ser, ao que parece, de dois tipos muito diferentes entre si. Pode tratar-se de uma outra voz, muito diferente da voz que serve de suporte, com um outro timbre. Eu mesmo tenho cópias de vários exemplos deste tipo, e

posso garantir que a diferença pode ser extremamente nítida. Estas são, claro, as mais confiáveis. Mas a voz paranormal também pode se formar pela simples alteração das palavras pronunciadas no suporte, e, portanto, manter o mesmo timbre. A distinção toma-se, então, bem mais delicada. Quando da experiência de gravação, a fita virgem grava necessariamente o suporte, com, eventualmente, algumas alterações paranormais. Apenas a comparação das duas fitas permite estabelecer se alguma coisa aconteceu. Entretanto, constata a Sra. Simonet, quando o suporte é gravado na fita virgem, a modificação eventual pode também alterar o suporte. Como se pode ver, tudo é bem complicado(1)!

E preciso reconhecer que todas estas formalidades são bastante complicadas. Mas são, no entanto, absolutamente necessárias para que se tente estabelecer “cientificamente” a autenticidade do fenômeno. Mas, rapidamente, para a maioria dos experimentadores esta fase, com ou sem razão, deixa de interessar. Uma vez convencidos da realidade da comunicação com o além, eles abandonam todas estas precauções para se preocuparem apenas com o conteúdo das mensagens.

Saber abrir mão das vozes muito fracas

Seria necessário, entretanto, respeitar um mínimo de regras.

No tocante às vozes muito fracas: mesmo havendo unanimidade

nas interpretações, mais vale renunciar a elas que levá-las em consideração. Desde nossa infância, desde o período em que estávamos no ventre de nossas mães, nossos ouvidos e nosso

(1) Extraio a maioria destes conselhos do primeiro livro de Hildegard Scháfer: *Stimmen aus einer anderer Welt*, Hermann Bauer Verlag, 1983, p. 191-202.

outros. Daí decorre, muitas vezes, que mais tarde tenhamos dificuldade para imitar os sons de uma outra língua muito diferente da nossa. Nessas misturas de vozes, nosso cérebro privilegia automaticamente tudo que se parece, em maior ou menor grau, aos sons que lhe são familiares. Da mesma forma, quando tentamos entrar em comunicação com o além, e sobretudo quando temos em mente alguém em especial, estamos sempre esperando certos esquemas de resposta que teremos tendência, embora involuntariamente, a reconhecer. Mesmo quando os sons realmente gravados não correspondem exatamente à nossa expectativa.

O problema não diz respeito unicamente aos sons, mas também ao sotaque das palavras e ao ritmo eventual das frases.

Há, enfim, um estado psicológico especial presente no experimentador habitual que não se encontra naquele experimentador apenas curioso, geralmente ainda um tanto cético. Nos casos em que o experimentador experiente detectará palavras, de forma clara, o simples iniciante nada perceberá: o primeiro, instintivamente, atribuirá sua percepção a seu forte hábito e ao treino de seus ouvidos; já o iniciante verá apenas o desejo excessivo de se obter algum resultado, e auto-sugestão(1).

(1) Neste ponto, muito devo ao admirável estudo de Alessandro Papo, apresentado ao final de sua narrativa de um caso estranhíssimo de comunicação com os etruscos: *Il mistero deU'anfora parlartie*, Edizioni Mediterranee, 1992, p. 83-101. Lamento apenas que o autor, aparentemente, só tenha tido conhecimento de vozes muito fracas, tendendo, conseqüentemente, a generalizar um pouco os problemas que enfrentou. Aliás, a respeito desta extraordinária história, podemos nos referir, nesta nossa obra, á 7^a hipótese, relativa aos “cascos” e às “egrégoras”.

Percepção mediúnica e verdadeira transcomunicação

As coisas ficam ainda mais complicadas se levarmos em conta o fato, freqüentemente constatado, de que as pessoas que realizam gravações de vozes do além com certa regularidade acabam tomando-se um tanto mediúnicas. Várias delas, com o passar do tempo, podem ouvir vozes no exato momento em que efetuam as gravações, quer estejam usando, ou não, fones de ouvido. Em certos casos, acabam ouvindo vozes a qualquer momento, mesmo quando não estão lidando com os gravadores.

Conheço de perto várias destas pessoas, e posso assegurar que não apresentam qualquer distúrbio psicológico.

Ao menos, em parte, foi o que aconteceu com uma das pessoas que mencionei anteriormente. Pode ser que, em alguns casos, haja a comunicação, mas de ordem telepática, e não TCI. A telepatia entre vivos é, hoje, um fato bem explicado. O mesmo fenômeno pode ser vislumbrado entre os vivos deste mundo e os vivos do além. Mas no caso ao qual me refiro, o próprio conteúdo das mensagens faz com que eu acredite, pelo menos em boa parte, na pura e simples auto-sugestão.

O professor Filippo Liverziani assinala um caso semelhante em sua publicação(1). Trata-se de uma mãe, que conheço bem: Sra. Laura Paradiso. Mais uma vez posso dizer não ter dúvidas quanto a sua honestidade. Seu suporte é a tampa de uma caneta esferográfica, que ela esfrega em uma superfície rugosa. Ela grava, então, o ruído assim produzido, e, ao reescutá-lo, percebe palavras de seu filho dirigidas a ela. Habitualmente, diz-nos o professor Liverziani, outras pessoas escutam a gravação e identificam as mesmas palavras. Mas, às vezes, apenas ela consegue percebê-las.

(1) / *quaderni della speranza*: “Un messaggio di speranza dall'altra dimensione”, p. 10.

Entretanto, mesmo nestes casos, ela recebe, com freqüência, através de gravações recém-realizadas, informações que transmite oralmente a outras pessoas: são informações que nem os interessados conhecem, e que a Sra. Paradiso também não poderia conhecer. E tais informações, em seguida, acabam sendo confirmadas. Paola Giovetti, que conhece a Sra. Paradiso há anos, recentemente confirmou-me tais fatos. A explicação geralmente não deve ser buscada, em seu caso, no terreno da telepatia que poderia ocorrer entre a Sra. Paradiso e as pessoas necessitadas que ela gostaria de ajudar; nem no terreno de fenômenos de criptomnésia. Tratar-se-ia, sim, de uma autêntica comunicação com o além, mais exatamente uma comunicação tnediúnica, sob a forma de clariaudiência. E não uma verdadeira transcomunicação instrumental. Os dois fenômenos não apresentam, de forma alguma, o mesmo caráter de objetividade, é preciso que se diga. Mas, na realidade, deve-se reconhecer que a transição de um para o outro pode ser feita de forma suave, tomando difícil uma distinção.

Chamadas telefônicas do além

O mesmo problema ocorre, evidentemente, quando se trata do fenômeno, mais raro, de comunicações por telefone com o além. Estas apresentam-se de duas formas diversas. Pode tratar-se de uma intervenção do além que ocorre durante uma conversa, já iniciada, de dois interlocutores. Mas pode haver, também, uma chamada vinda diretamente do além. Em casos assim, a campanha do telefone será acionada por um de nossos amigos invisíveis. A grande dificuldade que se tem para comprovar a autenticidade destas comunicações é devida ao fato das mesmas não deixarem, em geral, marcas objetivas. Sua credibilidade repousa, assim, inteiramente na

credibilidade das testemunhas(1). Há, entretanto, um certo número de exceções. O fenômeno tem-se multiplicado nos últimos anos, e, mais particularmente, junto a experimentadores em TCI. Vários deles tomaram as precauções necessárias para poder, eventualmente, gravar tais comunicações. Desta forma, o professor Rémy Chauvin e eu pudemos testemunhar uma chamada de Friedrich Jürgenson para o professor Senkowski, em Mayence, em 28 de abril de 1992.

As imagens paranormais

Encontramos o mesmo risco de ilusão no caso de imagens que podem ser recebidas em telas de televisão. Observamos, entretanto, que se nos limitamos a ligar um televisor, sintonizando-o em um canal sem emissão, com uma tela branca, sem qualquer recurso a outros aparelhos, as imagens, mesmo desfocadas, que poderiam surgir já representam certo interesse. Nada poderia provar, até este momento, que fossem imagens do além,

claro. Mas surgem outras hipóteses. O que queremos, aqui, é saber se pode haver ilusão quando pensamos reconhecer uma determinada imagem surgida na tela. Minha primeira observação seria: se a tela perde sua cor branca, com o simples efeito “chamuscado” que normalmente ocorre quando não há transmissão de sinais, se surgem manchas escuras que formam desenhos, mesmo confusos, já estamos diante de um fenômeno interessante. Se, além disto, como ocorreu com Klaus Schreiber em Aix-la-Chapelle, como ocorre com freqüência em Luxemburgo ou em Rivenich, as imagens forem precedidas ou acompanhadas de comentários recebidos, de forma clara, por intermédio do gravador ou do rádio, então as chances de termos

(1) Ver, a respeito, o único estudo feito sobre o assunto. D. Scott Rogo e Raymond Bayless: *Phone calls from the dead*, Prentice Hall, Englewood Cliffs, New Jersey, 1979.

uma autêntica emissão vinda do além multiplicam-se seriamente.

Uma pesquisa superficial

A pequena pesquisa feita pelos senhores Arthur Berger, Gerd Hõvelmann e Walter von Lucadou, patrocinada pela famosa *Society for Psychical Research* de Londres, não é muito convincente. Estes senhores limitaram sua pesquisa às imagens recebidas habitualmente pelo Sr. Martin Wenzel, engenheiro eletrônico em Aix-la-Chapelle. E concluíram, não sem razão, que as referidas imagens não se diferenciavam daquelas utilizadas nos testes de Rorschach. Ou seja, que eram apenas manchas confusas nas quais cada um pode, segundo sua própria imaginação, identificar o que quiser, como ocorre nas formas mutantes das nuvens, ou nas ranhuras de um mármore(1).

Mas neste caso, as vítimas de uma ilusão foram os próprios pesquisadores. Eles imaginaram que o Sr. Wenzel não conhecia o problema. Imaginaram que nenhum pesquisador da área jamais havia pensado nisto.

Conheço pessoalmente Martin Wenzel. Tive a oportunidade de encontrá-lo durante vários congressos, ou em programas de televisão na Alemanha, dos quais participamos. Fui encontrá-lo em seu pequeno laboratório de Aix-la-Chapelle, antes da passagem dos visitantes ingleses, e ele fez, em minha presença, algumas demonstrações do simples sistema que havia adotado, do qual é praticamente o único utilizador. Podemos, aliás, confirmar a natureza de seu trabalho ao lermos o segundo livro da Sra. Schãfer dedicado à TCI, no qual ele ocupa um capítulo

(1) Cf. *Journal of the Society for Psychical Research*, vol. 58, n² 826, janeiro 1992, p.153-163.

especial(1).

Ele me explicou o processo criado por Klaus Schreiber, necessita, infelizmente, de muito tempo para ser utilizado. Klaus estava aposentado, e podia dedicar noites inteiras a suas pesquisas. O Sr. Wenzel ainda trabalha. Deve ganhar sua vida e a de sua família, e não se pode dar ao luxo de dedicar tanto tempo assim a suas pesquisas. Mas é o primeiro a reconhecer as fraquezas de seu sistema. Parece ter havido um quiproquó entre ele e a referida equipe inglesa que esperava presenciar uma demonstração pelo processo de K. Schreiber. Normalmente os especialistas em fenômenos paranormais sabem que, nesta área, cada um só pode apresentar aquilo que sabe fazer. Uma das grandes características de todos estes fenômenos é, precisamente, que o sucesso dos procedimentos utilizados parece estar ligado à personalidade do experimentador. Donde decorre um dos principais motivos do ceticismo dos meios científicos, habituados, quase sempre, ao fato de que um mesmo processo possa ocorrer com qualquer observador, desde que aplicado da forma devida.

O processo de Felice Masi

Estes pesquisadores ingleses teriam podido, ao que parece, apresentar as mesmas objeções a respeito das imagens recebidas por um outro pesquisador, italiano desta feita, e que trabalha com um processo também diverso. Trata-se de Felice Masi, de Roma. Um dia, para melhor receber as imagens do além, teve a idéia de utilizar filmes como suporte, da mesma forma que se pode recorrer a fitas cassete pré-gravadas (ou a transmissões radiofônicas) como suportes para

(1) Hildegard Schâfer, *Théorie et pratique de la transcommunication*, Robert Laffont, 1992.

a obtenção de vozes. O primeiro filme que lhe “caiu nas mãos”, diz ele, foi *Chroniques martiennes*, transmitido pela televisão no momento em que ele se preparava para suas primeiras tentativas. Ele pensou ver aí um belo exemplo de sincronicidade!

Ele gravou, pois, o filme, com um aparelho de videocassete, e reproduziu-o, imagem por imagem, em sua tela de televisão, “congelando” cada imagem. Então, percebeu que certas imagens apresentavam “suplementos” que não havia notado ao assistir ao filme pela primeira vez: rostos, silhuetas, corpos, que não pertenciam ao filme. O mais fantástico: estas imagens, projetadas novamente na tela, uma vez “congeladas”, continuavam a sofrer alterações. Elas não se formavam, pois, apenas no momento da gravação, mas também no momento da projeção. Entretanto, segundo depoimento de quem as viu, as imagens, provavelmente de origem paranormal, são desfocadas. E os pesquisadores britânicos teriam dificuldade em compará-las aos testes de Rorschach... Mas as coisas não são assim tão simples. E nesta área, como em muitas outras, não devemos ter pressa ao tirar nossas conclusões(1).

Não cabe entrar, aqui, nos detalhes deste caso específico, mas posso garantir que todos estes problemas são perfeitamente conhecidos, e levados em conta, por todos aqueles que se interessam por tais tipos de fenômeno. Gostaria de mencionar, a respeito, o excelente estudo de Paolo Presi sobre os perigos de ilusão na interpretação destas imagens(2). Esclarecemos que, se o autor mencionado não cita os testes de Rorschach, é por colocar o essencial de sua

(1) Felice Masi: "La psicovisione", em *Ualtra realtà*, Edizioni Mediterranee, 1990, p. 89-101.

(2) Paolo Presi: "Percezioni illusorie in psicovisione", na obra coletiva *Verso la scienza dello spirito*, Edizioni Mediterranee, 1991, p. 222-232.

conferência em um nível já posterior a esta questão. Mas, na versão oral que ouvi dele, no congresso de Riccione, do qual tomei parte em 1991, os referidos testes foram lembrados.

Acrescentemos, ainda, que a maioria dos problemas citados neste capítulo, e em sua conferência sobre as imagens recebidas pela Sra. Rafaela Gremese, em Udine, são bem conhecidos por todos os pesquisadores. Certos rostos, pequenos, surgem no centro de outros, maiores. Alguns podem ser vistos de frente ou de perfil. A mancha que parece formar a boca de um rosto pode, também, servir de olho para um outro rosto. Mas então o problema passa a ser o da identificação dos personagens, e não mais o da existência do fenômeno. Pois a presença, por si só, destas manchas - em uma tela que deveria ser normalmente branca - já é um fenômeno.

Parece, aliás, haver um meio de escapar da subjetividade das apreciações humanas. O professor Sinesio Damell, de Barcelona, submeteu um certo número de imagens paranormais a um processo de análise, com a ajuda de um *scanner* (modelo *Hewlett-Packard Scanjet IIc*). Infelizmente, são necessárias várias horas de trabalho para cada imagem. O processo permite ao aparelho, após sua análise, aceitar ou recusar a imagem recebida. Se forem apenas manchas sem significado, na tela aparecem as palavras: “São apenas manchas”. Se, ao contrário, tratar-se de um rosto, o aparelho sabe detectá-lo e começa a processá-lo(1). As imagens são, então, melhoradas graças a diferentes filtros. Os pontos e as manchas que não fazem parte do rosto são eliminados. E o rosto surge, então, bem mais claramente. Pode-se dar a ele, ainda, um surpreendente efeito de relevo. Após a captação feita pelo *scanner*, as imagens são introduzidas na memória do computador. O programa de visualização empregado

(1) Os programas de informática utilizados são: “PhotoFinish” e “PaintBrush”, da empresa americana Zsoft Corporation.

permite submetê-las a uma série de observações. Citemos, por exemplo, a inversão de negativo para positivo, ou o inverso, as 256 cores, os 16 milhões de tonalidades, o controle de reflexos, o destaque de contornos, o equilíbrio de intensidade, etc.

Pude constatar o interesse deste trabalho vendo o que acontecera com a imagem de um rosto, recebida em negativo, uma vez transformada em positivo e liberada das manchas que a poluíam. Acrescentamos que, no momento em que o professor Sinesio recebia esta imagem, um gravador, posto ao lado do televisor, permitia a realização de um curto diálogo com, possivelmente, a mulher que suigia na tela com seu rosto um tanto atormentado:

Sinesio: “Posso fazer alguma coisa por você?”

A voz: “Reze, reze!”

Não acredito que as imagens dos testes de Rorschach possam falar.

Imagens paranormais de excelente qualidade

E preciso, enfim, destacar, como no caso das vozes, que há um grande número de casos em que a imagem é suficientemente clara para não haver qualquer problema de identificação. Klaus Schreiber pôde reconhecer, pouco a pouco, todos aqueles de sua família que o precederam no além. A imagem que recebeu de Romy Schneider, mesmo que apresente outros problemas que examinaremos no momento oportuno, não apresenta qualquer dúvida quanto a sua identificação. Aquela onde se acredita reconhecer Albert Einstein é, pelo menos, muito semelhante, mesmo que nenhuma mensagem áudio tenha vindo confirmar sua identificação, nem antes nem após a recepção da imagem. A de Heli Schâfer, que Klaus nunca conhecera, é especialmente clara, sobretudo se compararmos - como fiz - a imagem do vídeo,

não impressa, com aquelas que podem ser vistas com o Sr. e a Sra. Schãfer. Dentre as imagens recebidas em Luxemburgo, devemos mencionar a de Hanna Buschbeck, que Ralf Detenneyer afinou poder reconhecer sem qualquer hesitação, por tê-la conhecido bem. A imagem de Henri Sainte-Claire Deville corresponde, exceto pela barba, à sua fotografia que ainda pode ser vista no apartamento de Louis Pasteur, no Instituto que leva seu nome. As imagens recebidas por Adolf Homes, em Rivenich, ou por Hans Otto König, em Mönchengladbach, são de uma clareza surpreendente. Por fim, várias imagens recebidas pela Sra. Simonet, embora de menor qualidade, são perfeitamente reconhecíveis. Penso, em particular, naquelas de sua tia Mary, de Madeleine, na da mamãe de Thérèse, na de Frank, e na de seu neto, Axel, mesmo que a parte inferior do rosto esteja escondida. Não podemos, aliás, esquecer que as imagens de Klaus Schreiber

havam sido trabalhadas (sem qualquer trucagem), refotografadas

para acentuar os contrastes, para diminuir ou aumentar a luminosidade, etc. As imagens recebidas pela Sra. Simonet não sofreram qualquer trabalho do gênero. Foram publicadas tal como foram recebidas. E devo acrescentar que os originais são bem melhores que as reproduções. As imagens recebidas em Luxemburgo e em Rivenich foram reproduzidas sem serem trabalhadas.

HIPÓTESE N² 3: AS INTERFERÊNCIAS

Esta foi, evidentemente, uma das primeiras hipóteses vislumbradas. Ela nunca deve ser excluída a priori. Hoje há tantas fontes de emissão: rádios governamentais ou particulares, comunicações da polícia, da alfândega, de hospitais, de organizações de controle, organizações, mensagens de ra-

pies coincidência, e considerar, como sendo resposta a uma pergunta formulada, o que estiver sendo transmitido por uma destas fontes. Uma pesquisa, nestas condições, não tem mais nenhum sentido. Antes do congestionamento destas ondas, a situação era diferente, e, em casos específicos, algumas pesquisas puderam ser feitas. Nos anos trinta, vozes não identificadas perturbaram os serviços militares dos países escandinavos. A imprensa da época relatou tais acontecimentos. Pensou-se, inclusive, que fossem comunicações feitas pelos serviços secretos nazistas. Após a guerra, foram efetuadas pesquisas nos arquivos alemães, mas tudo em vão(1)! Devo dizer, no entanto, que habitualmente as vozes paranormais são de tal forma particulares que não há qualquer possibilidade de confusão. Nós participamos, o professor Chauvin e eu, na Alemanha, em casa do Sr. Homes, de uma experiência durante a qual ocorreu uma interferência. Tratava-se, curiosamente, de uma conversação da polícia, feita em francês. Mas é verdade que a fronteira com a França não era distante. Foi-nos fácil estabelecer a diferença, devido ao assunto tratado. Para nós este fato serviu para percebermos a enorme diferença existente entre a qualidade dos sons produzidos por uma emissão normal e aquela produzida por vozes do além. O mecanismo de interferência só pode ocorrer, na maioria das vezes, quando se utiliza, como “suporte”, uma emissão de rádio. E mesmo então seria preciso uma coincidência extraordinária para que tal interferência parecesse responder às perguntas feitas. E muito mais para que chamasse os experimentadores por seus verdadeiros nomes.

(1) Extraio estas informações da obra de Harold Sherman, *The Deceased are Alive*, Ballantine Books Edition, 1987, p. 270. O referido autor cita duas obras de John Keel: *Our Haunted Planet* e *Operation Trojan Horse*, porém sem referências precisas.

A hipótese do mistificador

A diferença de timbres de voz, paranormais ou normalmente transmitidas pelo rádio, parece tão sensível que apenas uma interferência proposital poderia gerar um engano, ou seja, aquela interferência provocada por algum mistificador que conseguisse modificar sua voz e, assim, chamá-lo por seu próprio nome e sobrenome. Mas nem esta hipótese deve ser descartada a priori. Seria necessário que o mistificador estivesse informado da frequência a ser utilizada pelo experimentador. Mas normalmente este último, durante uma única experiência, altera várias vezes os suportes utilizados. Há casos em que, ao receber vozes do além por meio do alto-falante do rádio, o experimentador “brinca” com o botão de sintonia, ou com o cursor, passando alternadamente, em velocidade, de uma estação para outra, sem que a voz paranormal que está sendo recebida sofra qualquer alteração(1). Quando da recepção de vozes do além, sempre pelo mesmo processo do rádio, pode acontecer que, ao se reduzir totalmente o volume de recepção, o volume da voz recebida continue com sua mesma intensidade(2). Outras experiências foram feitas, onde dois receptores de rádio estavam ajustados na mesma estação emissora, na mesma frequência. As vozes do além utilizavam apenas um dos receptores, sem que se pudesse prever qual, sem que se pudesse saber o motivo(3).

Além disto, seria preciso que o mistificador dispusesse, igualmente, de um potente meio de escuta, para poder responder de forma pertinente às perguntas feitas. É preciso, ainda, acrescentar que a resposta chega na fita do gravador

(1) Marcello Baci: *Il mistero delle voci daWaldilà*, Edizioni Mcdi-
terranee, 1987, p. 40 e 142.

(2) *Ibid.*, p. 40, 61 e 142.

(3) *Ibid.*, p. 142-143.

mesmo que o experimentador tenha tido tempo de formular a pergunta (como ocorre, por exemplo, com Cordula, que mantém contato freqüente com o grupo de Grosseto(1)). Desta forma, seria preciso que o mistificador também fosse dotado de um forte dom de telepatia! O que seria demais!

Seria necessária, então, uma instalação muito complexa e cara, equipada com pessoal numeroso, para que se realizasse tal mistificação. Isto se justificaria, talvez, no caso de serviços de inteligência que estivessem em busca de segredos de Estado. Nunca pelo simples prazer de brincar com um vizinho. Aliás, quando o experimentador recebe vozes tanto em sua casa quanto por ocasião de viagens que realiza, a hipótese do mistificador toma-se mais difícil ainda de ser sustentada. Além disto, embora a maioria dos pesquisadores prefira entrar em contato com seus interlocutores do além em horários pré-estabelecidos, esta não é uma regra absoluta. Todos eles, segundo as circunstâncias, já tentaram, com sucesso, receber comunicações nos horários mais variados, e até mesmo ao ar livre.

Nada disto elimina, entretanto, a possibilidade de uma interferência, provocada por um aparelho de rádio ou por um gravador, uma interferência suficientemente curta e de suficiente má qualidade. Pode acontecer, pelo menos em princípio, que as palavras assim recebidas pareçam responder à pergunta formulada. Mas devemos reconhecer que tal tipo de coincidência não pode ocorrer com muita freqüência.

A TCI posta à prova, gaiola de Faraday; etc.

Já se pôde provar, aliás, que há vozes gravadas que não podem ser explicadas como sendo fruto de uma interferência.

(1) Mareilo Baeci, *Il mistero delle voci dalValdilá*, Edizioni Mediterranee, 1987, p. 41.

Evidentemente, não podemos, a cada vez, encontrar condições necessárias a esta comprovação. Uma das dificuldades da pesquisa em transcomunicação consiste na impossibilidade de se montar uma experiência que elimine, ao mesmo tempo, todas as hipóteses outras que não a da transcomunicação real com os mortos. De qualquer forma, é interessante saber que, pelo menos em alguns casos, tentou-se colocar o gravador (a pilha) em uma gaiola de Faraday. Sabe-se que as ondas hertzianas não podem penetrar aí. Todos nós já pudemos constatar, com alguma freqüência, que, ao passarmos de carro por um túnel, o rádio sofre uma alteração, deixando de receber a transmissão logo na entrada do túnel, e só voltando a recebê-la na saída. Devo ainda esclarecer que a gaiola de Faraday que me foi mostrada em Madri, e que servira em uma destas experiências, era totalmente fechada. Não se pode, pois, imaginar um aparelho que, dentro da gaiola, pudesse captar normalmente as ondas. Por ocasião destas experiências, as vozes do além foram gravadas normalmente. Pelo menos nestes casos pode-se afirmar que não se tratava de ondas de rádio(1).

Outras experiências foram feitas, inclusive, com um material mais elaborado que tomasse impossível qualquer interferência. Peter Bander relata uma coleta memorável de gravações feitas com C. Raudive, e que durou toda uma noite. Dois engenheiros da empresa *Pye Records Ltda*, enviados pelo jornal *The Sunday Mirror*, chegaram a sua casa com uma série de aparelhos destinados a impedir qualquer interferência possível, mesmo de ondas de baixa ou alta freqüência. Nada, em princípio, poderia passar, nem mesmo pelo microfone do aparelho gravador. Para maior garantia, todos conversaram normalmente durante dez minutos, e puderam verificar que,

(1) Sinesio Damell, *El misterio de la psicofonia*, Ediciones Fausi, Barcelona, 1987, p. 51.

de fato, nada da conversa havia sido gravada.

Havia, sobretudo, dois aparelhos de controle, sincronizados em perfeita harmonia. E eis que um deles, e apenas um, revelou que, apesar de todas as precauções, alguma coisa estava sendo gravada na fita. Eles identificaram logo, em uma primeira

escuta, mais de duzentos pontos nos quais surgiam algumas vozes. O sucesso desta demonstração fez com que Sir Robert Mayer publicasse a tradução inglesa da obra de Constantin Raudive(1). Um outro fenômeno também, sem tomar as interferências teoricamente impossíveis, tomam estas últimas estatisticamente pouco prováveis: o fato de que podemos encontrar gravadas, no mesmo lugar, vozes de timbres diferentes, falando textos diferentes, de acordo com a velocidade com que se ouve a fita (constatação feita, entre outros, por Fidelio Köberle, segundo relato de Hildegard Schäfer(2)). Vários experimentadores já constataram, também, que ao se ouvir a fita ao contrário obtém-se um outro texto, pronunciado por uma outra voz. Foi Friedrich Jitçenson quem primeiro descobriu este fenômeno, totalmente por acaso. Mas fato idêntico já voltou a ser observado, inclusive por Fidelio Köberle(3). Sarah Wilson Estep também faz referência ao mesmo fenômeno. Ela cita o nome de uma outra experimentadora que fez a mesma descoberta (Clara Laughlin), e precisa que as vozes gravadas “ao

(1) Peter Bander, *Carry on Talking*, Colin Smyllie Ltd., Gerrards Cross, Bucks, Grã-Bretanha, 1972, capítulo 5.

(2) Hildegard Schäfer, *Stimmen aus einer anderen Welt*, Hermann Bauer Verlag, 1983, p. 182-183. O leitor ficará, talvez, espantado por fazermos ainda referência aos trabalhos do Sr. Köberle, após tudo que já foi dito. Mas o fato dele denunciar fraudadores por lodo lado não invalida seus trabalhos.

(3) H. Schäfer, *Stimmen ans einer anderen Welt*, op. cit., p. 181-182.

também foi constatado pelo grupo de Dannstadt que observou, ainda, que as vozes apresentam, com freqüência, entonações bem mais naturais(1). Ouvindo-se, pois, a fita ao contrário, pode-se encontrar todos os ruídos ambientes e a pergunta formulada, porém deformados e incompreensíveis. No entanto, a voz paranortnal é perfeita. Segundo as perguntas feitas a estas vozes, não parece que elas ajam de forma deliberada, ou que tenham consciência daquilo que produzem[^]). Eu mesmo ouvi um certo número destas vozes recebidas por S. W. Estep, durante o 1- Congresso internacional de transcomunicação, realizado em Bâle, em 1989, e devo dizer que eram de excelente qualidade. Fernando Magdalena, pesquisador espanhol que encontrei em uma emissão televisiva em Santiago de Cotnpostela, narrou-me uma outra variante do fenômeno. Uma mensagem de duas palavras, a primeira no lugar ceito, a segunda, ao inverso: “SOMOS SOTREUM (= MUERTOS)”, “somos mortos”. Anão ser que as duas palavras devam ser lidas ao contrário, com a inversão da ordem normal: “mortos somos”.

Mas existem muitas outras variantes do fenômeno. Seria impossível para mim citá-las todas. Neste ponto, a experiência direta e pessoal toma-se insubstituível. Ler alguns livros sobre o tema, mesmo bem feitos (como esse!), jamais poderá gerar a mesma convicção.

Casos de interferências completamente aberrantes

Sabe-se, entretanto, que fenômenos de interferência absolutamente aberrantes podem ocorrer. Assim, por exemplo, uma emissão de televisão americana foi captada três anos

(1) Cf. cassete editada pelo grupo de Darmstadt.

(2) Sarah Wilson Eslep, *Voices of Eternity*, Ballantine Books, 1988, p. 201-202.

mais tarde, em Londres, em 4 de setembro de 1953. Mas a emissora já havia sido fechada há muito tempo... Sabemos, também, que a emissão norueguesa recebida por F. Jürge-son em um gravador, em 12 de junho de 1959, havia sido transmitida, na realidade, uma semana antes, não tendo mais sido retransmitida após aquela primeira vez(1).

O problema das interferências parece muito mais complicado, de fato, no que diz respeito a imagens recebidas em televisão. Mas nestes casos, felizmente, as pesquisas são relativamente mais fáceis, pelo menos por enquanto, pois os emissores particulares de imagens são bem menos numerosos que os de som. As pesquisas são, entretanto, parcialmente facilitadas, pois sempre há interferências inesperadas, que não parecem vir de nenhum emissor.

Por exemplo, um dia, segundo me foi contado por Martin Wenzel, ele estava fazendo uma demonstração de seu processo para um visitante interessado, quando ocorreu um fenômeno estranho. Sabemos que o sistema utilizado pelo Sr. Wenzel é bastante particular. Pelo que sei, ele é o único a utilizar este processo que permite obter rapidamente, e quase que seguramente, imagens paranormais, porém de má qualidade, segundo ele mesmo sabe(2). Mas, naquele dia, o visitante teve uma enorme surpresa ao ver surgir na tela de Martin Wenzel, em Aix-la-Chapelle, sua esposa que estava trabalhando a várias centenas de quilômetros dali, na antiga Alemanha Oriental.

Klaus Schreiber, na mesma cidade, mas com outro processo, recebeu, um dia, em meio a uma série de rostos desconheci-

(1) Extraio estes dois exemplos, dentre vários outros, da obra do professor Emst Senkowski, *Instrumentelle Trankommunikation*, R.G. FLscher Verlag, 1989, p. 200-201.

(2) Para maiores informações sobre o processo, ver a obra de Hildegard Schiifer, *Théorie et pratique de la transcomniunication*, Robert Laffont, 1992, p. 270-272.

dos, o de unia jovem mulher. Ele pensou, naturalmente, tratar-se de uma pessoa que se encontrava no além. Algum tempo depois, alguém pôde identificar a jovem. Era alguém do nosso mundo, que pôde ser localizada pois seu rosto aparecia em grandes cartazes espalhados por Berlim. A imagem recebida por K. Schreiber era muito nítida para que persistissem dúvidas. Era a mesma mulher, mas não era a mesma imagem. Seu rosto só aparecera no cartaz, e nunca fora divulgado na televisão.

Da mesma forma, um outro dia, K. Schreiber recebeu, em sua tela, a emocionante imagem de uma jovem com seu filho no colo. Mais uma vez pensou-se em uma imagem enviada do além. Não tendo tido oportunidade de adquirir uma cultura artística, Schreiber não foi capaz de reconhecer ali a famosa tela

de Rafael: *A Virgem na cadeira*. A investigação realizada por diferentes pesquisadores fez com que se determinasse que nenhum canal de televisão, captado normalmente na região, havia transmitido, naquele momento, a imagem da mencionada pintura. O professor Senkowski contou-me, recentemente, que pesquisas mais apuradas deixavam pensar que não se tratava sequer do quadro em seu estado atual, mas de um esboço preparatório. Devemos dizer que o sistema utilizado por Klaus Schreiber funciona em circuito fechado, excluindo, pois, qualquer possibilidade de interferência de uma emissão externa.

Pode-se, portanto, perguntar, legitimamente, em alguns destes casos, se não se trata de transmissões verdadeiramente paranormais.

HIPÓTESE N- 4: A HIPÓTESE “ANIMISTA”

As três primeiras hipóteses levantadas eram todas

encaixavam-se no âmbito dos conhecimentos comumente aceitos. Bastava apenas aperfeiçoá-las um pouco para que nelas pudessem ser incluídos os fenômenos observados. Mas, uma vez eliminadas, quando os fatos resistem a estas três primeiras hipóteses, somos forçados a elaborar outras. Então o "cientista" mais limitado (não o verdadeiro cientista) começa a sofrer, pois todas as hipóteses que poderão surgir ultrapassarão, necessariamente, a área do conhecido. Entra-se, neste momento, no terreno do fantástico. Entretanto, mesmo no fantástico ainda há vários degraus. O pior, para aquele racionalista inveterado, é admitir que se pode realmente estabelecer comunicação com os mortos, o que implica que estes últimos estejam vivos em algum outro lugar. E ele tenderá a aceitar qualquer outra hipótese, mesmo que inexplicável: mais vale admitir a existência, em nosso mundo, de leis totalmente desconhecidas até hoje a admitir a existência de um outro mundo.

A hipótese que logo se apresenta, quando predomina este estado de espírito, é aquela dita "animista". A palavra é muito mal escolhida. Faz pensar nas religiões africanas que atribuem uma alma, uma *anima* aos animais, às plantas, aos rios, às montanhas, etc. O emprego que aqui se faz da palavra é diferente. Trata-se de explicar todas as mensagens recebidas por via paranormal como projeções do subconsciente, da alma do operador, quer se trate de mediunidade oral, de escrita automática, de mesa giratória, de gravações de vozes, ou de aparições de imagens. Esta "projeção" seria, em resumo, uma variante dentre os fenômenos de "psicocinese". Eu prefiro, no entanto, apesar dos inconvenientes, o termo "animismo", pois sugere melhor em que sentido é feita a psicocinese, entendendo-se que, se os mortos se manifestam a nós por meio dos instrumentos, é igualmente por um fenômeno de psicocinese, mas do qual eles são a fonte. O mesmo problema de terminologia aparece no caso dos

fenômenos de *Paltvrgeist*. Dizer que se trata de um fenômeno de psicocinese, nada explica. Provar que estes fenômenos estão ligados à presença de uma pessoa com problemas psicológicos, também não prova que a psicocinese venha dela mesma, e apenas dela.

Inútil dizer que, de qualquer forma, esta hipótese “animista”

já ultrapassa o campo das leis conhecidas. A existência de tal fenômeno já é, por si só, um verdadeiro desafio para a ciência em seu estado atual.

Ora, este fenômeno existe.

Murmúrios imperceptíveis

Talvez seja necessário começar evocando uma variante particularmente grosseira desta hipótese, suficiente para que muitos espíritos “críticos” se desvencilhem, um tanto rapidamente, do conjunto de todos os fenômenos: no estado de tensão próprio a este gênero de experiência, o operador, sem dar-se conta, emitiria sons, inaudíveis para si mesmo, mas que poderiam ser captados por um aparelho sensível. Esta hipótese é, efetivamente, encontrada em quase todas as obras que tratam do tema. A emissão inconsciente deveria, então, situar-se no setor dos infra-sons, ou seja, com menos de 16 vibrações por segundo; ou, mais exatamente ainda, até 40, considerando que os ultra-sons, com mais de 18000 vibrações por segundo, são sentidos de forma dolorosa. Mas a hipótese, em si, nada tem de absurda.

Tais ondas, chamadas “de pressão”, só podem se propagar pelo ar. Mas experiências foram feitas colocando-se, não apenas o microfone, mas todo o gravador, em câmaras a vácuo. E, ainda assim, as vozes foram gravadas, sem qualquer problema. E surgiram inclusive com uma limpidez

impressionante, sem a presença de qualquer ruído ambiente(1). Mas o aparelho não estava, ao mesmo tempo, na câmara especial e na gaiola de Faraday.

Foi mencionada, também, a possibilidade de o operador emitir sons vocais ectoplásmicos. Entretanto, como observa o professor S. Damell, os médiuns capazes de emitir ectoplasmas são relativamente raros, e os experimentadores em transcomunicação são milhares, hoje, espalhados por todo o mundo. E jamais nenhum de seus colaboradores assinalou a existência do fenômeno(2).

Experiências bem sucedidas de projeção por psicocinese?

Entretanto, a hipótese “animista” é mais séria do que acabamos de ver. Aliás, aqueles que estão convencidos de que é possível a verdadeira comunicação com os mortos já puseram-na à prova.

Assim, Cario Trajna afirma ter obtido o registro, em fita magnética, de “palavras pensadas”, em um espécie de projeção ou psicocinese, confirmando a possibilidade da explicação "animista", ao menos em certos casos(3). Seria bom dispor de maiores detalhes, mas posso apenas repetir esta pequena afirmação, na falta de documentos mais precisos. Sabemos, igualmente, por intermédio da Sra. Scháfer, que Franz Seidl, em Viena, conseguiu a mesma proeza. Ela observa, entretanto, que o resultado está longe de ser perfeito, e que, sobretudo, ele necessita de uma grande concentração de intenso esforço

(1) Sinesio Damell, *El misterio de la psicofonia*, Ediciones Fausi, Barcelona, 1987, p. 51-52.

(2) *Ibid.*, p. 52-53.

(3) Introdução do livro de Marcello Baeci, *Il misterio delle voci dalTaldilà*, Ed. Mediterranec, 1987, p. 15.

se recebe por meio de gravadores ou por rádio(1).

O fenômeno parece, no entanto, produzir-se também de forma espontânea. Os pensamentos de pessoas presentes, ou mesmos ausentes, às vezes em pleno sono, podem se encontrar gravados em fita magnética(2).

Sarah Wilson Estep relata um detalhe que confirmaria que esta hipótese não deve ser destacada com muita rapidez. Trata-se de uma observação de Da, um dos melhores pesquisadores americanos, diz ela. Ele gravava vozes há doze anos, no momento em que a autora escrevia seu livro. É interessante saber que, durante algum tempo, ele trabalhara para a *Federal Communications Intelligence Division*. Uma pessoa que, profissionalmente, conhece alguns tipos de truagem possíveis. E ele conta que as vozes obtidas respondiam, às vezes, a suas perguntas, davam-lhe conselhos para melhorar o recebimento das vozes, como ocorre com outros tantos experimentadores. Mas ele também observa que, por vezes, as vozes imitavam a sua própria voz(3). E isto, evidentemente, interessa-nos deveras.

Correspondentes privilegiados

Um outro elemento que poderia favorecer a hipótese “animista” é a preeminência, junto a muitos experimentadores, de um correspondente privilegiado não além: Styhe, no caso de S.W. Estep; Hippolyte Baraduc, com o Dr. V. Delavre; ABX-JUNO, para Peter Hárting; o “Técnico” e Swejen Salter, em Luxemburgo; Cordula, com o Sr. Bacci.

(1) Hildegard Schafer, *Stimmen aus einer anderen Welt*, Hermann Bauer Verlag, 1983, p.271.

(2) Emst Senkowski, *histrumentelle Transkommunikation*, op. cit., p. 327, nota 85.

(3) Sarah Wilson Estep, *Voices of Eternity*, Ballantine Books, 1988, p. 160.

O professor S. Damell não nos forneceu o nome de seu correspondente, mas sabemos que existe. Ele até insiste na importância de se ter o que chama de “uma voz acompanhante”. Com o tempo, diz ele, cada pesquisador acaba reconhecendo, pouco a pouco, uma voz especial, sempre a mesma, na qual saberá, pela experiência, que pode confiar. Esta voz terá sempre o mesmo timbre, a mesma intensidade, o mesmo tom, e ele poderá captá-la em qualquer lugar.

Ele conta, por exemplo, que um dia estava realizando uma experiência em pleno mar, a cinco milhas da costa, e que havia instalado um microfone em um sino lastrado para fazê-lo afundar alguns metros na água. Sua “voz acompanhante” manifestou-se para adverti-lo de que seria melhor voltar ao porto, pois o tempo iria mudar. E tal fato, efetivamente, veio a ocorrer(1).

Infelizmente somos obrigados, ao contrário, a desconfiar das vozes ocasionais, que podem nos mentir. O professor S. Damell dá, a respeito, alguns exemplos, dentre os quais um, particularmente divertido, pois que sua “voz acompanhante” interveio para restabelecer a verdade :

“Voz paranorina: O doutor X. está morrendo.

Experimentado: Com certeza?

Voz paranonnal: Ele não passa de domingo.

Voz acompanhante: Não o leve em conta. Ele é um mentiroso^).”

O problema com as vozes acompanhantes ou com os correspondentes privilegiados é que, mesmo que não imitem a voz do experimentador, como no caso de Dan, citado anteriormente, é forte a tentação de se ver, no fenômeno, uma “simples” projeção do subconsciente do operador. Os próprios pesquisa-

(1) Sinesio Damell, *El misterio de la psicofonia*, Ediciones Fausi, 1987, p. 143-144.

(2) Ibid., p. 164.

dores pensaram no problema, naturalmente. A questão apresentou-se sobretudo, ao que parece, no grupo de Grosseto, devido a um simples detalhe de linguagem. Cordula dirigia-se aos diferentes membros do grupo, ou às centenas de visitantes que passaram pela cidade, chamando-os por seus nomes. Mas Marcello Bacci, em quilômetros de fitas gravadas, quase nunca era chamado por seu nome, mas quase sempre por seu sobrenome: “Bacci”. Ora, quando ele se dedicava a tentativas de gravações, ou a outras experiências paranormais, como hipnose ou auto-hipnose, ele falava geralmente de si mesmo chamando-se de “Bacci”.

Cordula, entretanto, é poliglota, o que não ocorre com Bacci. Ela passa de uma língua para outra no decorrer de uma mesma frase. Diz ter nascido em Hilversum, mas não fornece maiores detalhes que permitiriam verificar sua afirmação. Podemos constatar que ela tem tendência a utilizar, com mais frequência, a língua alemã. Nada disto corresponde à hipótese de uma projeção do subconsciente(1).

A harmonização necessária ao estabelecimento do contato

Uma observação feita por diversos pesquisadores poderia, talvez, colocar-nos em outra pista. Várias vezes já se notou, no tocante a estes correspondentes regulares, que os mesmos pareciam ligados à presença de alguém do grupo em especial. Se esta pessoa desaparece (do nosso mundo), a comunicação com aquela entidade é interrompida. Nenhuma outra pessoa do grupo parece ser capaz de manter o contato. Assim, quando da morte de Peter Hárting, o contato com ABX-JUNO foi perdido, por muito tempo, pelo grupo de Luxemburgo.

Do mesmo modo, George Jeffries Mueller, físico e ele-

(1) Marcello Bacci, *Il misterio delle voice dalTaldilà*, Edizioni Mediterranee, 1987, p. 42-44 e 53-54.

trônico americano, podia comunicar-se, do além, com um outro técnico ainda vivo neste mundo: William O'Neil. Foram os dias de glória da *Metascience Foundation*, de George Meek, nos Estados Unidos. Graças ao *Spiricom Mark IV*, os dois homens estabeleceram, 110 período 1980-1981, um diálogo que totalizou aproximadamente 20 horas. Mas, após a morte de O'Neil, nunca mais se teve notícias de G.J. Mueller. Porém, bem recentemente, Mueller voltou a manifestar-se, desta feita na casa de Adolf Homes, em Rivenich, e de modo totalmente extraordinário (em relação a nossos atuais limites). Devo repetir ao leitor: sei que tudo isto pode parecer completamente louco para quem não está familiarizado com tais fenômenos. Entretanto, Adolf Homes é bastante conhecido pelos pesquisadores desta área, e fica evidente para todos que seria absolutamente impensável uma fraude de sua parte.

Na primeira vez, houve apenas a aparição de sua imagem, muda e sem movimento, na tela do televisor de Homes, sintonizado em 1111 canal sem transmissão, em 22 de abril de 1991. Depois, em outubro de 1992, houve três diálogos recebidos por rádio, com uma voz que se apresentava como sendo Doc Mueller, ou o Doutor Mueller. Por fim, um telefonema com a voz, agora bem conhecida, de Constantin Raudive, morto em 1974, e que se referia às comunicações, via rádio, recebidas anteriormente de G.J. Mueller.

Por ocasião de sua segunda comunicação por rádio, Mueller deu alguns esclarecimentos que nos interessam aqui. Foi em 15 de outubro de 1992. Adolf Homes escutava um programa musical pelo rádio. De repente, a música foi interrompida, e Homes ouviu claramente:

“Aqui *Doktor* Mueller.”

“Alô, *Herr Doktor* Mueller. *Herr Doktor*, o senhor tem algo a me dizer?”, respondeu Homes.

“Todos os sistemas de comunicação são fundamentalmente transmitidos pelo espírito-telepatia. Então, somente você pode

me ouvir pelo rádio.”

“Sim, eu entendo”, respondeu Homes.

“Por isto o diálogo pára, com o falecimento do experimenter, pois a necessária vibração deixa de existir ali(1).”

Seria, então, por falta da harmonização necessária entre ele e os membros atuais da equipe de George Meek, ou do próprio G. Meek, que Mueller passaria, agora, por intermédio de Adolf Homes, encarregando-o, inclusive, de cumprimentar, em seu nome, todo o grupo de *Metascience*.

***Onde a hipótese “animista ”
e a hipótese “espiritualista ” talvez coincidam***

Esta idéia de harmonização necessária entre as vibrações dos mortos e aquelas dos vivos da terra, para que possa ocorrer a comunicação, faz-me lembrar todos os testemunhos que temos, aliás, sobre estas associações, mais ou menos estreitas, entre os vivos deste mundo e os vivos do outro mundo(2). Na medida em que esta associação pode chegar a uma espécie de simbiose, o problema da hipótese “animista” passa a se apresentar de outra fonna. Se a comunicação se faz por uma espécie de “telepatia” entre os dois mundos, para retomarmos o termo de G.J. Mueller, então a hipótese “animista”, de uma projeção do subconsciente do operador terrestre com o além, e a hipótese espiritualista, de uma autêntica comunicação com o além, não mais se opõem. E podem até mesmo coincidir. Principalmente porque muitas mensagens recebidas em transcomunicação nos afinnam que, para se estabelecer o contato, nossos queridos desaparecidos devem recorrer às energias do operador terrestre. Com efeito, muitos experimenter sentiram, após cada gravação, um grande cansaço que

(1) *Trankommunikation*, vol II, n^o 1, 1992, p. 36-37.

(2) François Brune, *Os mortos nos falam*, EDICEL, 1993.

não parecia decorrer apenas da atenção necessária. Temos, inclusive, uma confirmação indireta deste processo de “sucção” da energia necessária à comunicação, na observação feita pelo professor S. Damell a respeito das plantas. Durante as gravações

realizadas próximas a elas, observa-se que as plantas murcham rapidamente(1).

Mas, de qualquer forma, estes problemas não se colocam para todas as vozes, e a hipótese “animista”, em sua forma dura, exclusiva, cai praticamente por si mesma no tocante àquelas vozes que se manifestam em diferentes lugares, para diferentes experimentadores, continuando a ser sempre perfeitamente reconhecíveis. Como, por exemplo, a voz de Constantin Raudive, que se manifesta tanto em Rivenich quanto em Luxemburgo, na casa de Jules e Maggy Harsch-Fischbach, sem a presença de Homes, quanto na casa de Homes, na ausência de Jules e Maggy.

Mas é bem possível, nestes casos, que a harmonia das vibrações se estabeleça tanto entre Jules e Maggy, e Raudive, quanto entre Raudive e Homes.

Imagens paranormais obtidas por projeção de pensamento

Curiosamente, este fenômeno de psicocinese, de projeção direta de nosso pensamento, é mais bem atestado pelas imagens que pelas vozes. Um caso é particularmente conhecido hoje: o de Ted Serios, originário de Chicago, estudado durante vários anos pela Universidade de Denver, no Colorado. Foi realizado um filme onde podemos ver como ele consegue, pouco a pouco, em estado de transe leve, após doze copos de cerveja (tamanho grande), projetar diretamente, em um filme *Polaroid*, a imagem de um homem da pré-história. Não há qualquer trucagem possível: tudo ocorre em condições de rigoroso controle. É

(1) S. Damell, *El misterio de la psicofonia*, op. cit., p.

desenho que o ajuda, em seguida, a projetar sua imagem. A imagem obtida é um tanto diferente, mas, em compensação, coincide quase que exatamente com o desenho de um quadro existente em um museu de Chicago. Ted Serios trabalha com a objetiva totalmente aberta, e, desta forma, todas as suas fotos deveriam ficar totalmente “brancas”.

Mas outros casos já são, hoje, conhecidos. Mazuaki Kiyota, em Tóquio, trabalha, ao contrário, com a objetiva totalmente fechada. Suas fotos deveriam ser, pois, totalmente escuras. Ele não precisa entrar em estado de transe, mas seu esforço de concentração é evidente, e até violento.

RÉMY CHAUVIN: *Segundo Fukurai, o médium pode até impressionar uma única placa entre seis outras. Ou imprimir uma parte de uma imagem em uma placa, e a outra parte na placa seguinte, de modo que, uma vez reveladas, as figuras se encaixem, como peças de um quebra-cabeça. Mas, sobretudo, estes “extras”, como são chamados, são, muitas vezes, a cópia de uma foto, ou de uma pintura, já existente. Por outro lado, no caso de produções ectoplásmicas, observa-se a formação progressiva de uma figura identificável, que imita uma foto publicada em jornais, simplificando-as claramente: assim, surgem, do ar, figuras do rei da Bulgária, do presidente Poincaré, e de uma atriz, durante uma famosa celebração com Martlie Béraud...*

O caso de Sir Victor Goddard. Em uma foto oficial tirada após a guerra, aparecia toda a equipe do vice-marechal da Aeronáutica, Sir Victor Goddard. Via-se, de forma distinta, o rosto do mecânico Freddy Jackson. Todos estavam de uniforme de gala, salvo ele: acontece que Jackson já falecera, por ter-se aproximado demais de uma hélice, e sua equipe estava vindo de seu funeral quando a foto foi tirada...

FRANÇOIS BRUNE: O Dr. Delavre cita outros nomes de médiuns capazes de realizar imagens por projeção de

pensamento. Ele destaca, então, em breve estudo, um aspecto particular, freqüente em todos estes fenômenos, e que nos diz respeito diretamente. As imagens que surgem pela projeção podem ser de objetos distantes, de rostos de pessoas conhecidas ou não. Em vários casos, as imagens que, em um primeiro momento, não se pode identificar, foram encontradas, mais tarde, em outros locais. Eram fotos já publicadas. Por vezes, a imagem paranormal projetada era absolutamente idêntica à anterior; em outras, ao contrário, ela apresentava algumas variantes. Muitas destas fotos, destaca Vladimir Delavre, foram obtidas em perfeitas condições de controle, e devem ser consideradas como verdadeiros “fenômenos Psi”.

Mas ocorre o mesmo fenômeno quando recebemos imagens paranormais em nossas telas? ou vozes? Ou seja, onde está a fonte destas imagens e destas vozes? Vêm elas do subconsciente do operador? Mas, então, como devemos definir nosso subconsciente, para levar em conta tal riqueza? Imagens e vozes estão vagando em algum lugar do espaço? Pertencem a algum reservatório de informações? A própria estrutura dos objetos que fabricamos pode atrair estas imagens e vozes? Tais são as perguntas que o autor deste estudo apresenta a si mesmo, e a todos nós(1).

As diferenças em relação d TCI

E preciso observar, entretanto, que as condições nas quais vozes e imagens são recebidas pelos experimentadores de transcomunicação são muito diferentes. E verdade que, para as vozes, o operador muitas vezes se concentra, pensa na pessoa que quer alcançar, se esforça para enviar-lhe pensamentos de amor, se faz ajudar, às vezes, por uma fotografia, para melhor

(1) Dr. Vladimir Delavre, "Paranormale Transferphanomene", em *Transkommunikation*, vol. I, n° 4, 1992, p. 21-24.

atrair sua presença. Mas não há esforço de projeção, não há palavras escolhidas para a resposta, pelo menos a nível consciente. Muitas vezes, inclusive, a tentativa de comunicação é feita sem que se escolha um determinado interlocutor do além, o que torna muito mais improvável a formação de uma resposta involuntária no subconsciente. Além disto, se considerarmos que as vozes já recebidas em todas as partes do mundo são da ordem de centenas de milhares, recebidas por milhares de experimentadores, seria necessário admitir que as psicocineses involuntárias são muito mais numerosas que as voluntárias.

No tocante às imagens, devo dizer que, com meus amigos de Luxemburgo, conversávamos tranqüilamente, a meia-voz, enquanto esperávamos que elas surgissem. Não havia, por parte de nenhum de nós, qualquer esforço de concentração. A hora do aparecimento da emissão do além havia sido indicada com alguns dias de antecedência, pelo alto-falante do rádio, ou pelo telefone, e estávamos simplesmente prontos, à espera, sem desejos intensos, sem chamamentos interiores, sem qualquer tensão psicológica.

A resposta também não corresponde sempre ao que se espera. Ela pode desorientar completamente o experimentador, chocá-lo em suas convicções, ou parecer-lhe absurda. As vozes recebidas podem, às vezes, se manifestar em línguas desconhecidas pelo operador. S.W. Estep menciona o caso de um amigo que, uma noite, recebeu uma voz com forte ceceo. E ela garante que seu amigo não apresentava este problema de pronúncia (1). No mesmo terreno, o professor S. Damell relata

o caso de uma pessoa que reconheceu, perfeitamente, a voz

(1) Sarali Wilson Estep, *Voices of Eternity*, Ballantine Books, 1988, p. 44.

chiados, que, pela falta de um dente, alteravam a sua dicção(1).

TCI na ausência de qualquer operador

Melhor ainda: não parece que a presença de um operador seja sempre indispensável. A Sra. Hildegard Schãfer conta, por exemplo, que fez uma certa experiência. Ela estava interessada, evidentemente, em pôr à prova, mais uma vez, esta famosa hipótese “animista”. Após ter posto o gravador em funcionamento, sentou-se em seu escritório, a aproximadamente cinco metros de distância do aparelho, e começou a ler, a escrever, a revirar papéis, ocupando sua mente com outros assuntos que não as eventuais gravações. Algumas vezes chegou a sair do escritório, indo buscar documentos em outro lugar. Mais tarde, ao ouvir a fita, localizou os ruídos que havia feito, em volume reduzido pela distância, e, em um determinado momento, uma voz que dizia: “Agora ela está indo embora(2).”

Ela mesma conta, um pouco mais adiante, na mesma obra, que um experimentador de Berlim, Sr. Alfred Kroll, fizera já, algumas vezes, a mesma experiência, deixando o gravador em um cômodo enquanto ia trabalhar em outra parte da casa, durante longas horas, sem preocupar-se com o aparelho. A Sra. Schãfer chegou a tomar parte, um dia, de uma destas experiências. Ela tomava café, tranqüilamente, com toda a família, enquanto, em outro cômodo, a fita do gravador girava à espera das vozes. A ausência, ou a distância, não impede, de forma alguma, o aparecimento

(1) Sinesio Damell, *El mistero de la psicofonia*, Ediciones Fausi, Barcelona, 1987, p. 184-185.

(2) Hildegard Schãfer, *Stimmen aus ene ir anderen Welt*, Hermann Bauer Verlag, 1983, p. 184-185.

de numerosas vozes gravadas(1).

Estes testemunhos permitem relativizar, seriamente, aquilo que um pesquisador espanhol acreditou ter constatado em favor da tese "animista". José Maria Pérez Latorre é psiquiatra e neurofisiologista. Foi assim, de forma natural, em função de seus conhecimentos e de suas preocupações, que estudou os fenômenos de transcomunicação. Seus pareceres são muitas vezes, aliás, bastante preciosos. Mas ele parece ter generalizado abusivamente o que pôde constatar por si mesmo, ao afirmar que, se o operador se afasta mais de cem metros do gravador, mesmo com controle remoto, nada mais é gravado(2).

Tal afinnação é diretamente contrariada por uma experiência relatada pelo professor S. Damell. Trata-se de alguém que, em grutas abandonadas, colocou gravadores com um sistema de minuteria programando a ligação dos aparelhos para algumas horas após sua instalação. Os autores desta curiosa experiência foram, em seguida, jantar tranqüilamente, a vários quilômetros de distância das gnitas. Ao voltarem para recuperar os aparelhos, escutaram as fitas. Numa delas, ouviram uma voz de mulher, bem nítida, comentando as dúvidas dos pesquisadores(3).

Em geral, o suposto elo existente entre os fenômenos de transcomunicação e a consciência, ou o subconsciente dos operadores, não é, pois, evidente. E parece até mesmo impossível, em muitos casos específicos, como veremos através de outros exemplos.

Sem dúvida, é preciso ainda lembrar que, de qualquer

(1) Hildegard Schãfer, *Stimmen aus einer anderen Welt*, Hermann Baucr Verlag, 1983, p. 279.

(2) Sincio Damell, *El mistério de la psicofonia*, Ediciones Fausi, Barcelona, 1987, p. 99.

(3) Ibfc1., p. 155.

fonna, o mecanismo destas projeções de pensamento não está a nosso alcance. O mais provável é que este fenômeno, bastante constatado, não possa ter uma explicação no estado atual de nossos conhecimentos.

HIPÓTESE N- 5: AS ONDAS REMANESCENTES

Emprego aqui um termo bastante simples, mas que abrange uma outra hipótese, também ela bem fantástica. Corresponde ao que, nas tradições do Extremo-Oriente, se chama *Arquivos Akáshicos*, ou *Crônicas de Akasha*.

Digamos que existam certas ondas que podemos captar com nossos sentidos. E que existam outras (que certamente sempre existiram) que só viemos a conhecer há pouco tempo, pois estavam fora do alcance de nossos sentidos. Estamos, entretanto, seguros de sua existência, pois agora temos aparelhos que podem emití-las e captá-las. O cômodo, no qual você está lendo este livro, está sendo atravessado continuamente por ondas que transportam sons e imagens que, felizmente, você não ouve e não vê. Você precisa de um rádio, ou de uma televisão, para poder percebê-las.

A hipótese seria, pois: haveria ainda outras ondas, que não as eletromagnéticas, visto que podem ser recebidas até em uma gaiola de Faraday, mas para as quais ainda não criamos aparelhos adequados. Elas poderiam, entretanto, em algumas circunstâncias, ser captadas por nossos aparelhos, embora os mesmos não tenham sido projetados para este fim. Isto explicaria, então, a má qualidade geral da recepção.

O conceito de “onda”, empregado por falta de outro melhor

Há, dentre todas estas ondas, aquelas que emitimos volun-

tariamente, mantendo sobre elas um certo controle. Assim são nossas palavras, ou os gestos que fazemos, lançando no espaço ondas sonoras e ondas visuais. Mas haveria outras, que emitimos permanentemente, e quase que à nossa revelia, através de nossos pensamentos, e provavelmente através de nossos sentimentos. Estas "ondas", de um gênero ainda desconhecido pela ciência, pela falta de aparelhos adequados, estariam situadas em um nível da realidade onde não há mais espaço ou tempo, provavelmente no nível quântico. Vemos, pois, quanto o termo "ondas" - que utilizo por falta de expressão mais adequada - é impróprio, em virtude, exatamente, de suas novas propriedades. Seriam estas "ondas" que os médiuns, quando sérios e dotados de verdadeiros poderes, seriam capazes de captar. Por esta mesma razão eles podem perceber lugares, objetos, pessoas ou acontecimentos que nos parecem "distantes", no tempo e no espaço, segundo nosso modo normal de percepção. Para mim, que fui várias vezes testemunha destes fatos, a existência do fenômeno é incontestável.

Seriam ondas que nós poderíamos até, às vezes, captar diretamente com nossos sentidos, sem sermos particularmente médiuns. Como no célebre caso dos *drosulitas*(1), em Creta, onde, segundo diversos testemunhos dignos de fé, em determinada época do ano, na madrugada, pode-se ver passar um exército inteiro de fantasmas, vestidos com couraças, portando lanças e escudos. Este caso, aliás, não é único. Outros fenômenos do gênero, embora menos constantes, já foram várias vezes observados(2).

E preciso destacar, inclusive, que se a base física destes fenômenos encontra-se, de fato, em nível quântico, ela escapa ao tempo e ao espaço, e, portanto, na realidade, estas

(1) N.T.: ~os homens do orvalho."

(2) François Brune, *Os mortos nos falam*, EDICEL, 1991, p. 144-145.

“ondas” só são remanescentes em relação a nós, que escorregamos inexoravelmente no tempo.

Os lugares assombrados

Alguns casos, de fato, dentre os de numerosas vozes ou de numerosas imagens recebidas, parecem corresponder melhor a esta hipótese. Por exemplo, o professor S. Damell assinala que, no principado de Andorra, há um eremitério, praticamente em ruínas, onde os experimentadores gravaram o recitar de um rosário. Vários meses mais tarde, um outro grupo gravou, no mesmo local, a mesma reza, tendo ao fundo um canto gregoriano. Ora, segundo informações recebidas cerca de dois anos após o fato, as vozes e os cantos obtidos são sempre os mesmos.

Nos Pireneus, nas ruínas de uma casa abandonada, foram gravadas as lamentações de uma mulher que pedia perdão repetidamente. Tentou-se perguntar a ela o motivo de seus remorsos, mas não foi obtida resposta. Afastando-se cerca de seiscentos metros, as queixas não mais foram gravadas; voltando-se ao mesmo lugar, as mesmas lamentações reapareciam no gravador(1).

O mesmo pesquisador conta que, em 23 de julho de 1978, por volta das 19 h 30, ele foi a Gallecs, perto de Mollet, onde um de seus amigos, técnico em telecomunicações, passava as férias. Após o jantar, quando a noite já estava avançada, decidiram tentar fazer uma gravação. Para tanto, buscaram um local tranquilo, o que não foi fácil, devido ao tráfego do domingo à noite. Terminaram encontrando uma construção que havia sido abandonada. As primeiras tentativas não foram bem sucedidas. Quando estavam prestes a desistir, houve a surpresa. Gravaram, com uma limpidez

(1) Sinesio Damell, *El misterio de la psicofonia*, o. cit., p. 144-145.

portão que se fechava; depois, o barulho de duas voltas de uma chave na fechadura; e, por fim, seis passos apressados. Trata-se de uma das mais claras gravações já obtidas. Todas as pessoas convidadas a ouvir esta fita interpretaram os sons da mesma forma, de maneira espontânea. Pesquisas feitas na região fazem com que não se possa considerar esta gravação como resultado de um fenômeno normal(1).

Destes diversos e diferentes exemplos, podemos dizer que o mais convincente talvez seja o do eremitério de Andorra. Não podemos imaginar, contudo, que cada vez que alguém chega ao local, com seu pequeno gravador a tiracolo, antigos monges, ou antigas religiosas, venham do além, em desabalada carreira, para recomençar seus cantos e suas orações. Quero crer, inclusive, que tanto estes monges quanto aquelas religiosas estejam incessantemente rezando por nós, que tanto precisamos. Essa seria, com efeito, uma outra explicação possível. Mas não vejo por que esta oração estaria particularmente ligada àquele local. Parece, segundo mensagens recebidas do além por meio de diversas vozes, que os mortos que ficam ligados a certos locais seriam os menos evoluídos. Isto explica certos fenômenos de lugares assombrados. Portanto, normalmente, os monges que ali rezam por nossa salvação não deveriam sentir a necessidade de permanecer em seu antigo eremitério. Neste caso, a explicação

das ondas remanescentes parece ser a melhor. Mas estamos longe

de uma certeza, pois normalmente tais ondas escapam ao espaço

e ao tempo. Em princípio, então, um bom aparelho capaz de captar tais ondas deveria ser capaz, uma vez devidamente sintonizado, de captá-las em qualquer ponto. No caso que analisamos, não nos parece que esta tentativa tenha sido feita.

(1) Sinesio Damell, *El mistero de la psicofonia*, o.cit.,p. 174-175.

nossos aparelhos ainda são incapazes de realizar, salvo, parece, o “cronovisor” do Padre Emetti, é perfeitamente realizada pelos médiuns.

No segundo exemplo citado, o da mulher que intempestivamente pedia perdão, não sabemos de que terrível ação por ela cometida, a explicação do fato através da teoria das ondas remanescentes parece-me não apenas possível, evidentemente, mas, de longe, a mais provável. Temos, é verdade, muitos testemunhos, de diferentes fontes paranormais, que garantem firmemente que os mortos podem permanecer, por muito tempo, prisioneiros de um traumatismo sofrido, ou causado a outros. Assim, por exemplo, George Ritchie, por ocasião de uma

fantástica experiência de morte provisória, ou experiência nas fronteiras da morte, viu-se levado em uma viagem de iniciação, na qual seu guia parece ter sido o próprio Cristo. Durante esta viagem, foram-lhe mostrados mortos suicidas, que seguem indefinidamente o parente próximo ao qual mais causaram sofrimento, às vezes a mãe, às vezes o cônjuge, pedindo-lhes perdão sem cessar. Um pedido de perdão que ninguém ouve, evidentemente, mas que repetem exaustivamente, como se o tempo houvesse parado para eles, como se fossem incapazes de se libertar de seus remorsos(1). Entretanto, em todos estes casos,

parece que os mortos se dirigem a pessoas atualmente vivas neste mundo, e que as seguem, de cômodo em cômodo, pedindo-lhes perdão. Mas, no caso relatado pelo professor S. Damell, trata-se de uma casa abandonada , “em ruínas”, o que supõe estar abandonada há muito tempo. O fato das lamentações da mulher não serem captadas a uma distância de seiscentos metros, nada significa. Mais uma vez a explicação

(1) George Ritchie, *Retour cie Vau-delà*, Robert Lafont, 1986, p. 78-79.

bastante convincente no tocante à alta probabilidade da existência deste fenômeno de ondas remanescentes. Trata-se do caso dos ruídos de portão que se fecha e de passos apressados. Eles poderiam vir das proximidades da construção onde foram feitas as gravações. O professor de Barcelona e seu amigo fizeram as averiguações necessárias. Supor que o barulho viesse de bem mais longe, para que a pesquisa pudesse detectar uma causa, também não é possível. O gravador, naquela noite, captou barulhos bem distantes, como o latir de cachorros. Mas, segundo me foi dito pessoalmente pelo professor Damell, durante investigações feitas na vizinhança foram encontradas pessoas que afirmaram ter conhecido bem aquela construção, antes da mesma ser abandonada: ali havia, segundo disseram, uma adega subterrânea, com um portão que se fechava com duas voltas de chave, e à qual se tinha acesso por uma escada de seis degraus.

A projeção do subconsciente só é sustentável se estivermos decididos, a todo preço, a recusar todas as outras hipóteses. A gravação de um barulho que teria sido produzido no além, no exato momento da gravação, também não tem, neste caso, qualquer sentido. Já a hipótese das ondas remanescentes, ao contrário, parece explicar tudo.

***A imagem cie Romy Schneider
seria fruto de uma onda remanescente?***

As ondas remanescentes poderiam estar, também, na origem de certas imagens paranormais. Seria esta, talvez, a explicação mais satisfatória, por exemplo, para a famosa imagem de Romy Schneider recebida por Klaus Schreiber em Aix-la-Chapelle.

Não há dúvida quanto à origem paranormal da referida imagem. Primeiro, porque ela própria já havia-se manifestado a Klaus Schreiber, através da voz, e mais de uma vez,

antes de surgir na tela. Eis as últimas frases recebidas antes do aparecimento das imagens:

"Klaus, aqui é Romy. Como é bonito!"

"Eu gostaria de vir depois de amanhã!"

"Vou fazer com que você me veja pelo vídeo."

Com efeito, dois dias depois, sua imagem formou-se, pouco a pouco, na tela do televisor de Klaus Schreiber(1)! Os detalhes desta imagem só surgiram progressivamente. Um outro experimentador alemão, que só obteve poucos resultados pessoais, dedica-se, em boa parte do tempo que consagra às pesquisas de TCI, a demonstrar que todos os outros pesquisadores são falsários. Para refutarmos suas acusações, é preciso levar os estudos mais adiante. Ele descobriu, assim, que a imagem de Romy Schneider correspondia a uma passagem do filme *Das Mädchen uncl der Kommissar*. Uma comparação minuciosa das duas imagens foi feita em Viena. E concluiu-se que a imagem recebida por Klaus Schreiber não pode ter tido o filme como origem, e nem mesmo fragmentos não utilizados do mesmo. No filme, Romy está em pleno movimento, e um certo ângulo branco existente por trás de seu perfil encontra-se apenas em uma das fotos. Em Aix-la-Chapelle, Romy não se movimenta, mas este ângulo desliza ligeiramente por trás de seus cabelos. A largura do rosto também não é a mesma. O enquadramento feito nas filmagens, ao que parece, também é um pouco diferente. Mas o importante é que, na tela de Klaus Schreiber, a imagem se forma lentamente, a partir de uma massa branca disforme; o perfil de Romy toma-se reconhecível bem depois do início do processo. Nenhum operador de imagem seria mantido em seu emprego se focalizasse tão mal uma determinada imagem. Por fim, repetimos, Klaus Schreiber

(1) Cf. Rainer Holber, *Bilder aus dem Reich der Toten*, Knauer, Munique, 1987, p. 139.

estava trabalhando em circuito fechado, o que, convenhamos, exclui, em princípio, qualquer possibilidade de interferência. Repetimos também que todos os que conheceram Klaus Schreiber são formais ao afirmar: K. Schreiber estava acima de qualquer suspeita. Martin Wenzel, engenheiro eletrônico, que o conheceu durante anos, e que pôde controlar seu trabalho, deu-me, várias vezes, este mesmo depoimento. Ele diz não ter, quanto a isto, a menor sombra de dúvida.

Mas então, de onde vem esta imagem de Romy, onde ela aparece ainda bem jovem, em todo o seu esplendor? Provavelmente da própria Romy, mas do além, pois ela havia anunciado seu aparecimento a Klaus Schreiber. Mas como explicar, ao mesmo tempo, esta extraordinária semelhança com a imagem do filme, inclusive no tocante ao detalhe do ângulo branco por trás de seus cabelos, e a diferença que tomaria possível admitir uma transmissão direta de sua imagem? Pois bem, é possível que Romy tenha ido buscar, ela mesma, naqueles famosos arquivos akáshicos, nas ondas remanescentes do tempo em que ela fazia o referido filme, uma imagem sua que agradava-lhe particularmente. Talvez quisesse, assim, fazer-nos compreender que havia reencontrado sua juventude, aquela mesma juventude do tempo em que fez o filme.

Ondas remanescentes de um quadro ?

Também outras imagens poderiam ser explicadas da mesma forma. Por exemplo, no caso que mencionamos a respeito das interferências, quando K. Schreiber recebeu, em sua tela de televisão, a imagem de uma jovem mulher, cabeça envolta em um turbante, tendo uma linda criança em seu colo. Trata-se, na realidade, como vimos, de um famoso quadro de Rafael, *A Virgem na cadeira*, e que hoje

encontra-se em um museu de Florença. Lembramos ao leitor que todas as pesquisas feitas junto a emissoras que poderiam ser captadas na região de Aix-la-Chapelle comprovaram que nenhuma delas havia transmitido a imagem daquele quadro, naquele momento.

Restaria, pois, a hipótese das famosas ondas remanescentes. Mas, ao que parece, os historiadores da arte são categóricos: Rafael não utilizou nenhum modelo para fazer aquela pintura. Portanto, não poderiam ser ondas remanescentes vindas diretamente de uma jovem mulher e de seu filho. Ondas remanescentes do próprio quadro? Impossível. Em todos estes anos de sua existência, ele emite, incessantemente, um certo tipo de ondas. Entretanto, há algum tempo, o professor Senkowski, a quem devo a maioria destas informações, dizia-me que os estudos mais recentes pareciam sugerir não se tratar de uma imagem do quadro propriamente dito, mas de um estudo preparatório. Vemos, através de tais exemplos, a complexidade do problema, e o tempo necessário para que se avance nas pesquisas. Acrescentamos que, neste caso em particular, nada permite estabelecer quem pôde enviar a imagem até a tela de Klaus Schreiber, nem com qual objetivo.

Ondas remanescentes de Konrad Lorenz, de Thomas Edison?

A utilização dessas ondas remanescentes, por parte de nossos correspondentes do além, poderiam, talvez, explicar as várias e recentes imagens obtidas em Luxemburgo, em monitores de computador, que apresentam grande semelhança com fotos antigas conhecidas, ou que parecem ser a simples reprodução de fotos antigas com inversão de direita-esquerda.

Assim, as imagens de Konrad Lorenz e de Thomas

Edison, enviadas do aléin, são praticamente idênticas às de velhos documentos, tnas apenas no que se refere aos rostos. Quanto ao resto, vestimentas, e, sobretudo, cenários, são profundamente diferentes, e impossíveis de existirem na época em que estavam vivos: em ambos os casos, trata-se de uma série de aparelhos que ainda não existiam(1).

Pode-se, inclusive, comparar a imagem recebida de Heli Scháfer, em Luxemburgo, com uma foto tirada antes de sua morte. Trata-se da mesma imagem, porém com inversão direita-esquerda(2).

HIPÓTESE N^c 6: OS EXTRATERRESTRES

É preciso reconhecer que, uma vez eliminadas todas as hipóteses precedentes, as coisas ainda não se tomam claras. Alguns experimentadores têm a impressão de receber mensagens que não chegam de pessoas falecidas. Mas, sim, de extraterrestres, ou de outras entidades.

Neste ponto, sinto que começo a colocar à prova a boa vontade do leitor. Geralmente, peço que me acompanhem um pouco nas considerações a respeito das Experiências nas Fronteiras da Morte, pois o tema já foi tratado em muitos livros, além de ter sido objeto de estudo por parte de um certo número de médicos, pessoas sérias e respeitáveis. Mas, ainda assim, muitas vezes só sou ouvido quando me limito a respeitar as normas vigentes, ou seja, quando não procuro ver, no fenômeno, uma “prova” da sobrevida. Mui-

(1) Eslas imagens paranormais e as fotografias antigas correspondentes foram publicadas em *INFOnews*, bolei im do Centro de transcomunicação de Luxemburgo, n^o 2 de 1991. As de Konrad Lorenz, p. 7; as de Thomas Edson, p. 28.

(2) *INFOnews*, n^o 2 de 1990, p. 28.

tos só aceitam que se fale de “indícios”.

O fenômeno da transcomunicação instrumental é pouquíssimo conhecido na França, onde continuo a provocar escândalos. Mas ainda há coisas piores. Há uma área decididamente maldita: a dos extraterrestres. Não que o tema seja novo, ao contrário. Não que falte literatura a respeito, ao contrário! Mas, devido ao fato de suas implicações serem enormes. E, ao mesmo tempo, por não se compreender absolutamente nada sobre o assunto, pelo menos por enquanto.

Não vou me lançar, portanto, em uma exposição sobre todas as teorias a respeito, nem sobre os fatos misteriosos que estão, talvez, ou provavelmente, relacionados a este problema. Limitar-me-ei a mencionar os pontos comuns que parecem ter sido constatados entre as manifestações de extraterrestres e os fenômenos de transcomunicação.

Vários pesquisadores dizem ter estabelecido contatos que poderiam ser mais bem explicados pela comunicação com extraterrestres que com mortos.

O testemunho de S. W. Estep

S.W. Estep explica, por exemplo, que perguntou várias vezes, a seus interlocutores do além, se havia mundos paralelos ou extraterrestres. E obteve a confirmação de sua existência. Depois, perguntou se os OVNI's vinham de nosso sistema solar, ou de outros pontos. Recebeu mais uma resposta positiva. Finalmente, um belo dia, ela gravou: “Espaço falará esta noite.” Quando alguém do além se manifestava, ela sempre repetia seu nome no momento de fazer-lhe a pergunta. Não sabendo muito bem como interpretar a mensagem recebida, pensando que, talvez, alguém do além houvesse escolhido este nome, ela perguntou se “Espaço” queria, de fato, dirigir-se a ela na noite seguinte. A resposta foi: “Nós queremos que você saiba que voltaremos

para saudá-la.”

Na noite marcada, ela estava junto a seu gravador. Tentou, inicialmente, saber quem lhe havia falado de “espaço”. E recebeu as seguintes palavras: “Todos nós des-cemos.” Eram vozes muito diferentes, diz ela, daquelas dos mortos. Porém, todas de excelente qualidade. Apenas pareciam mais agudas, mais metálicas. Seu cachorro, que normalmente não se manifestava durante as gravações, começou, desta vez, a rosnar e a latir. “Eles” explicaram que, para chegar até ela, precisavam achar um fio, ou uma linha. S.W. Estep diz não ter certeza do significado desta expressão. Mas acredita que, quando pensa neles, “eles” talvez possam sentir uma espécie de “chamada”. Ela tem a impressão de poder distinguir claramente as vozes vindas dos mortos daquelas vindas dos extraterrestres. Mas no entanto, tanto uns quanto os outros, invisíveis para ela, parecem poder se ver e se comunicar entre si. Aliás, eles vêm quase sempre juntos. Os extraterrestres falam de sua nave espacial, dizem que vêm de Vênus, de Marte, de Alfa Centauro, anunciam que vão aparecer junto a sua janela, na cor amarela. E ela consegue ver, então, pela janela, uma bola amarela. E logo surgem, em sua pele, algumas erupções. Ela tirou fotografias de si mesma durante as gravações, com um disparador automático. E obteve, ao revelar o filme, imagens de bolas luminosas. E ela diz já ter visto estas bolas, etc(1)...

O testemunho de Monique Simonet

Dez anos antes de suas primeiras gravações de vozes do além, Monique Simonet teve uma experiência semelhante.

(1) Sarali W. Estep, *Voices of Eternity*, Ballanline Books, 1988, p. 133-153.

Foi na noite de 27 para 28 de julho de 1969, em Montpellier, por volta de uma hora da manhã. Ela já havia lido muito a respeito dos OVNI's, e acabara de discutir o assunto com alguém, durante uma pequena reunião de família. Tinha, então, trinta anos, e vivia sozinha. Segundo ela mesma me disse, naquela noite estava se sentindo particularmente triste. Foi então que teve a idéia de pedir apoio e consolo àqueles seres desconhecidos. Sentada junto à janela aberta, viu passarem três discos, cor violeta claro, a alguns centímetros de seus olhos. Sem saber o motivo, sentiu uma sensação de felicidade, como se seu pedido houvesse sido entendido e respondido. Pouco depois disto, foi dormir. Ao pegar no sono, sentiu-se dentro de uma esfera cercada de janelas. E deixou a terra, assim, em grande velocidade, levada para o espaço.

Porém não vi u qualquer entidade, qualquer ser estranho, e despertou, depois, em sua própria cama.

O que acontecera, de verdade? Teria havido uma espécie de chamamento, de preparação para uma futura missão, para a missão que, talvez, hoje ela esteja desempenhando? Talvez nunca tenhamos estas respostas, pelo menos enquanto o mistério dos extraterrestres não for elucidado.

Não tendo podido, ainda, fazer uma contra-prova junto a nossos eventuais visitantes, só posso “registrar” o testemunho. Não daria a ele muita importância, se fosse apenas um caso isolado. Mas esta não é a realidade, como veremos adiante.

Confirmação na Alemanha

Fico sabendo, por exemplo, através da revista *Transkommunikation*, do caso ocorrido na Alemanha, em Bottrop, com Ilse Schmitz: ela recebia em seu gravador, há anos, comunicações bem “normais” (!) de pessoas falecidas.

E teve a surpresa, na primavera de 1991, de ouvir a seguinte mensagem:—"No céu de Bottrop, quinta-feira à noite, surgirão dois OVNI's." Tendo buscado maiores detalhes a respeito do momento exato, recebeu, em meados do mês de março, as seguintes palavras: "Dse, viremos na quinta-feira, dia 18." Na quinta-feira, 18 de abril, nada ocorreu. Nos dois meses seguintes, o dia 18 não correspondia a uma quinta-feira. Mas no dia 18 de julho, uma quinta-feira, entre a meia-noite e 1 h 45 (com uma interrupção), duas luzes, em forma de disco, de contornos imprecisos, surgiram e deslocaram-se no céu escuro de Bottrop, perante os olhos de numerosas testemunhas. Durante este tempo, um aparelho de vídeo começou a funcionar sozinho na casa da Sra. Schmitz; e na casa de sua filha, durante a aparição, o telefone deixou de funcionar. Por fim, em 6 de agosto de 1991, a Sra. Schmitz recebeu em seu gravador: "Hurra, conseguimos chegar até Hse(1)!"

O leitor terá observado que há, nesta narrativa, as mesmas bolas luminosas mencionadas por S.W.Estep. As mesmas, aliás, que aparecem, com freqüência, nas narrativas de formação de desenhos misteriosos em campos de trigo.

A misteriosa personalidade de A BX JUNO

Em Dannstadt, durante a vida de Peter Hårting, o círculo de TCI recebeu mensagens de uma entidade, um tanto misteriosa, chamada ABX JUNO.

A pergunta: "Quem é você?", a resposta foi: "Vocês só poderão compreender com o desenrolar do tempo da Terra."

À pergunta: "Que significa ABX JUNO?", a entidade

(1) *Transkommunikation*, vol. I, n^o 3, 1991, p. 43-44. Narrativa mais detalhada em *Der INFO*, n^o 26, setembro 1991, p. 16-18. *Der INFO* é o boletim do centro de pesquisa de TCI de Darmstadt

explicou: “Entendam o A como sendo *aussen*, ou *ausserhalb* (fora, ou fora de); o B, como sendo “biológico”; o X, como sendo “experiência”. Compreendam-no como sendo uma experiência vinda do exterior, que se insere na forma de vida biológica de vocês. JUNO é meu nome: podem me chamar assim” (mensagem recebida em 13/07/87).

Sei que, neste assunto, meus amigos alemães não têm a mesma opinião que eu. Eles vêm em ABX JUNO apenas uma entidade, sem maiores especificidades. Sua voz era recebida por meio do alto-falante de um rádio, e era possível manter um verdadeiro diálogo com ele. Eu fui testemunha deste fato, em Darmstadt, em setembro de 1987. Parecia, inclusive, que ABX JUNO servia de intermediário entre pessoas falecidas e os membros do grupo de pesquisadores. Ele chegava a anunciar a chegada de alguns mortos: “Agora, “fulano” gostaria de falar...” Sei da existência de uma mensagem, recebida em 19/11/87, segundo a qual poderíamos pensar que ABX JUNO seria apenas um homem, morto há muito tempo, e que se encontraria, então, em um plano muito evoluído: “ABX JUNO pode compreendê-los, pois já esteve, uma vez, no meio de vocês.”

No entanto, examinando de perto a questão, ter estado “no meio de nós” não significa, necessariamente, que tenha sido um dos nossos. Sobretudo, não consigo imaginar muito bem uma pessoa falecida que descreva suas comunicações conosco como sendo uma “experiência” que se insere em nossa forma de vida. Os “mortos” que se comunicam conosco não costumam adotar este tom científico, impessoal e distante.

Uma outra mensagem, de 27/07/87, reforça minhas suspeitas. E a seguinte: “ABX auxilia na comunicação entre duas formas de vida diferentes, e não busca os pontos fracos do homem. E, muito menos, tenta explorá-los. Conhecemos perfeitamente as qualidades de vocês. Também não

interferiremos no curso da vida terrestre. Isto deve ficar bem claro para todos.”

O caso de ABX JUNO é diferente daquele do “Técnico” que entra em contato com meus amigos de Luxemburgo. Ele diz não ter jamais encarnado, nem nesta terra, nem em outra parte. Não fala de “estada” entre nós. Swejen Salter, também de Luxemburgo, diz-nos já ter encarnado, assim como nós, mas em um mundo paralelo. ABX JUNO, além disto, parece fazer parte de um grupo envolvido nesta “experiência”, pois sempre diz “nós(1)\

Confirmação na Espanha

Francisco Manez, pesquisador espanhol, recebeu, em Valência, em sua tela de televisão, a imagem clara de um OVNI, com sua fonna mais clássica de disco voador. Mais curioso, ainda, foi ter recebido uma outra imagem que faz lembrar o rosto de um dos extraterrestres descobertos quando do *crash*(2) de Roswell, nos Estados Unidos, em 1947.

Objções do professor Sinesio Damell

O professor Sinesio Damell, entretanto, apresenta um certo número de objções a esta hipótese que, na minha opinião, sem excluir absolutamente esta possibilidade, reduz sensivelmente os casos em que ela seria válida. Ele observa que, sobretudo, qualquer que seja o mecanismo de sua

(1) Ver citações na obra do professor Emst Senkowski, Instrumentelle Transkommunikation, Dialog mit dem Unbekannte, R.G. Fisher, Francoforte-sobre-o-Maine, 1989, p. 256-259.

(2) N.T. Em inglês no original. O autor refere-se à queda de uma nave, ocorrida nos EUA.

aparição, os OVNI's vêm, por definição, de mundos distantes, ou de outras dimensões. Eles precisam, pois, com certeza, de intensos meios energéticos. Em comparação, a energia necessária para realizar uma TCI deveria parecer-lhes irrisória. Ora, incontestavelmente, muitas vezes temos a impressão de que, após algumas palavras, nas mensagens recebidas em gravadores, ou após algumas frases, nas mensagens recebidas por alto-falantes de rádio, a energia de nossos interlocutores do além acaba esgotando-se. Foi o que ocorreu, por exemplo, de forma clara, quando da mensagem de Raudive, recebida em minha presença em Luxemburgo.

Além disto, é verdade, como observa o professor S. Darnell, que as mensagens, supostamente vindas de extraterrestres, transmitidas por todos os “contatados”, quase sempre sob hipnose, têm um caráter pseudo-messiânico, particularmente delirante. O mesmo não ocorre nas mensagens recebidas pela TCI, pelo menos até agora, independentemente dos problemas que possam causar(1).

HIPÓTESE N² 7: OS “CASCO”, AS “EGRÉGORAS”, ETC.

Entre as hipóteses evocadas pelos próprios pesquisadores, há uma que pode parecer um tanto estranha, à primeira vista, para numerosos leitores não iniciados nas doutrinas esotéricas: a dos “cascos”.

Há toda uma corrente de pensamento, muito rica, na qual se misturam águas de diferentes espécies: espíritas,

(1) Sinesio Damell, op. cit., p. 217-219.

constituído de dois elementos apenas, o corpo e a alma, mas de toda uma série de elementos. Haveria, no mínimo, três deles: o corpo, a alma e o espírito. A alma subdividir-se-ia, por sua vez, em toda uma nova série de sub-elementos. Mas podemos falar, também, de vários corpos, encaixados uns nos outros, ou representar o ser humano como se o mesmo fosse uma cebola.

A idéia comum a todos estes esquemas de representação é a seguinte: por ocasião de nossa morte, não ocorre apenas a separação da alma e do corpo, mas uma série de desmembramentos sucessivos. Então, os elementos que abandonamos, pouco a pouco, como se fossem envelopes, velhas roupas, carapaças, ou “cascos”, não seriam aniquilados no momento exato de seu abandono. Eles manteriam ainda, durante um certo tempo, um resto de energia vital fornecida por nós, que só se apagaria lentamente, muito lentamente. Estes restos abandonados ainda estariam marcados por nossos pensamentos, por nossos sentimentos, por nossos desejos, e por outros elementos de nossa personalidade, que iríamos abandonando, progressivamente, durante nossa progressão espiritual rumo a Deus.

Haveria uma diferença entre este esquema e as ondas remanescentes, sobre as quais já falamos. Aqui, os restos de nossa alma manteriam uma certa autonomia, uma certa vida própria. Não seriam apenas o simples registro de nosso passado, mas teriam a capacidade de tomar iniciativas. Seria possível manter, com eles, um verdadeiro diálogo.

O professor Sinesio Damell reconhece algum mérito nesta hipótese. Ela lhe parece, em particular, harmonizar-se com as experiências de Van Amsynch e Delpasse, relativas à perda de energia no momento da morte. Esta energia que abandona o corpo é constituída de partículas elementares, de

quanta, que conteriam, cada uma, uma informação completa sobre a personalidade da qual provêm(1).

Em outra passagem de sua obra, o professor S. Damell encontra uma espécie de confirmação desta hipótese em algumas narrativas feitas por pessoas que “escaparam” da morte, relatadas por Raynond Moody em seu segundo livro sobre o assunto(2). Ele se refere aos encontros ocorridos no além, com seres desamparados, que parecem não saber sequer de onde vêm, nem para onde vão, incapazes de abandonar de fato este nosso mundo, que procuram cuidar dos que ainda estão na terra. Seria este, exatamente, o local das “almas penadas” da tradição cristã, diz-nos ele, ou ainda, segundo a terminologia esotérica, o “baixo astral(3)”.

Entretanto, o professor S. Damell vê aí apenas uma hipótese. O que não excluiria a possibilidade de haver, em um mesmo local, mortos pouco evoluídos, mas ainda completos (ousou expressar-me assim), e simples “cascos” vazios de outros mortos, mais evoluídos, que já partiram para zonas mais espiritualizadas. Nossas comunicações, vozes e imagens, poderiam, segundo o caso, provir de uns ou de outros.

Imagens para normais adormecidas

Em certos casos, esta hipótese parece confirmada. Ela explicaria bastante bem, por exemplo, as primeiras imagens do além recebidas por Silvia Gessi na tela de seu televisor. Eis o que ela mesma diz:

“Em um primeiro momento, eu recebia apenas intermináveis seqüências de rostos, de aspecto pouco tranqüili-

(1) S. Damell, *El mistero de la psicofonia*, op. cit., p. 57-64.

(2) Dr. Raynond Moody, *Lumières nouvelles sur la vie après la vie*, Robert Laffont, 1978, p. 54-59.

(3) Sinesio Damell, op. cit., p. 188-191.

zadores, com olhos fechados, mais semelhantes a cadáveres que a seres vivos. Eu não estava longe da verdade. As “vozes” logo me disseram para eu não perder tempo, queimando meus miolos a respeito daquelas imagens, pois eram apenas “*sépias*”. Pouco tempo depois recebi a explicação do que seria o termo “*sépia*”: seriam jogos de luz e “cascos do astral”. Eram apenas despojos daqueles que estavam mortos pela segunda vez, que já haviam passado para o terceiro nível: o nível “mental” e além(1)."

Isto corresponderia ainda às imagens recebidas em Puerto de la Cruz, na ilha de Tenerife, nas Canárias, pelo grupo *Mas Alia*; sobretudo a uma detenninada imagem, levemente inclinada, e com os olhos fechados(2).

Vale a pena assinalar que certos pesquisadores, ao estudar os fenômenos que poderiam sugerir uma reencarnação, também chegaram à hipótese dos “cascos”. Como, por exemplo, o professor Filippo Liverziani, ex-professor da Universidade pontifícia gregoriana, em Roma, e autor de numerosos estudos de parapsicologia.

Ele observa, sobretudo, que os fenômenos que atribuímos a um mecanismo de reencarnação são, em geral, menos marcantes que os fenômenos de possessão, ou de obsessão, de um vivo por um morto Estes se produzem quando aquele que é invadido encontra-se particularmente vulnerável: durante sua primeira infância, quando sua personalidade ainda não está formada. As manifestações desta invasão suavizam-se, pouco a pouco, por si mesmas, o que sugere a ação de resíduos, que se enfraquecem progressivamente, mais que a presença de uma personali-

(1) Silvia Gessi, *Voices e peisieridall'aldilà*, Hennes Edizioni, 1989, p. 13.

(2) Cf. com o artigo de Francisco Padron, no n^o especial de *Tiempo*, de 18 de junho de 1990, sobre fenômenos paranormais, p. 14-18.

dade totalmente viva, cuja ação não teria motivo para desaparecer(1).

Confirmações do além: Arnaud Gourvennec

Ainda recentemente foi confirmada a existência destes “cascos”, ou “conchas” astrais, por meio das mensagens recebidas por escrita automática. Naturalmente, não obrigo ninguém a dar crédito a este tipo de comunicação, mas conheço pessoalmente o Sr. Gourvennec. Ele recebe mensagens de seu filho, morto aos treze anos, e, pessoalmente, acredito em sua autenticidade(2). Trata-se, no caso, de uma mensagem de 7 de janeiro de 1993. Indagado por seu pai a respeito dos “cascos”, Arnaud responde: “São frangalhos! provenientes de remanescências de prazeres terrestres e que assombram a lembrança de desencarnados (o termo lhes convém, pois ainda não estão vestidos de luz) no limbo ou nos espaços dolorosos, nos limites entre a Terra e o Céu, entre a morte e a ressurreição. É o caso, por exemplo, de uma alma errante, tomada pelo amor a seu corpo que foi belo, e que ela tenta recuperar.”

Observamos, aqui, que a distinção entre as ondas remanescentes e os “cascos” é bastante fraca. São lembranças que ainda assombram o morto. Mas é preciso dar à palavra “lembrança” um sentido mais intenso. Em toda a literatura que nos vem do além, nos é dito, incessantemente, que nossos pensamentos, nossos sentimentos, ganham forma no mundo invisível. Ali, adquirem verdadeira consistência. É o famoso mundo “imaginai”, destacado por Henry Corbim em

(1)Filippo Liversiani, *La reincarnazionee isuoifenomeni*, Edizioni Mediterranee, 1988, sobretudo p. 102-105 e 113-116.

(2) Ver o primeiro volume publicado: Arnaud Gourvennec, *Vers le sokil de Dieu*, F. Lanore el F. Sorlot, 1992.

seus estudos sobre os místicos sufis.

Eis, agora, uma outra variante que vai nos levar rumo a outras perspectivas, não menos interessantes, porém não menos hipotéticas, é preciso que se diga.

Diálogos com um etrusco ?

Há um caso de vozes gravadas que também corresponderia, talvez, a este mesmo esquema. Trata-se de uma história fantástica, relatada por Alessandro Papo. Um de seus amigos, Aurélio, residente em território dos antigos etruscos, teve a idéia de tentar entrar em comunicação com um deles, por meio de um gravador. Ele havia encontrado um vaso autêntico, certamente proveniente daquela antiga civilização, e, segurando-o nas mãos, em posição de oferenda, pôs-se, em certo estado de fervor e de concentração, a chamar o espírito de um etrusco. E pedia que a resposta fosse dada no gravador.

E obteve respostas. Em língua etrusca. Em alguns momentos, as palavras pareciam sair diretamente da ânfora. Isto corresponderia exatamente a um hábito, para nós bastante curioso, mas bastante poético, constatado em várias inscrições feitas em objetos etruscos: “Eu sou um vaso de óleo. Mamarce Velchanas me ofereceu”, ou “Sou uma urna de Larthal Sepus...”

Entretanto, pouco a pouco, surge uma personagem, diz seu nome, o nome de sua cidade, pede a libação que Aurélio parecia ter a intenção de fazer (pois o vê com o vaso nas mãos), reafirma sua fé em seus deuses. Uma outra entidade, provavelmente cristã, tenta interpor-se e impedi-la de se manifestar. Mas a primeira consegue, antes de desaparecer, transmitir uma mensagem de amizade para a família de Aurélio, insistindo, mais uma vez, para que ele concluísse a libação que parecia prestes a iniciar.

A impressão de Papo é a de que se trataria de uma manifestação das *manes* dos etruscos. Não, verdadeiramente, a manifestação de um etrusco em particular, como pensou seu amigo Aurélio, mas a de uma espécie de herança nemônica, de formas psíquicas necessariamente desaparecidas, mas ainda disponíveis, e que pôde ser reanimada por alguns instantes devido a um pensamento intenso(1).

Como vemos, não se trata exatamente da hipótese dos “cascos”. O aspecto individual suaviza-se para dar lugar a uma hipótese mais coletiva. Porém, fundamentalmente, permanecemos na mesma linha.

***As “egrégoras ” confirmadas pelo além:
Pierre Monnier***

Ainda aqui, testemunhos do além, recebidos por escrita automática, confirmam fenômenos deste gênero. Falam-nos de “egrégoras”, semelhantes às “larvas” mencionadas pelos pagãos da Antigüidade. Falam-nos mesmo que é Satanás, que “não pode ser uma pessoa, mas uma egrégora do mal dotada de consciência... São as emanções do mental humano que conseguem condensar tal força! Os homens a criam, ela não tem vida concreta(2).”

O mesmo fenômeno pode, evidentemente, produzir-se também a partir de bons pensamentos que geram, então, forças de amor. “Deus concede o sopro de vida (quero dizer, uma alma) a esta “energia” saída da humanidade. Ela toma-se, na verdade, uma força independente, que tem por perso-

(1) Alessandro Papo, *Il mistero delVanfora parlante*, Edizioni Mediterranee, 1992.

(2) Mensagens de Pierre Monnier, recebida pessoalmente por Jean Prieur, *Les Témoins de l'invisible*, Livre de Poche, 1972, p. 304 e 307.

nalidade daquelas de seus inumeráveis pais. Ela é encarregada de cuidar do lugar que foi seu berço e sua pátria(1)...

Egrégoras ao telefone

Tudo isto corresponderia bastante bem às estranhas comunicações telefônicas recebidas por Manfred Boden(2). O Sr. Boden foi chamado, na realidade, por “energias”. Pelo menos foi o que afirmaram as vozes misteriosas que diziam não ter nome, viver sem tempo (o que também diz a maioria dos mortos), e estar na *I*- dimensão. A pergunta de Manfred: “Onde fica a *I*- dimensão?”, responderam: “A 7- dimensão fica na *I*- dimensão. Não existe “onde”. A pergunta está mal formulada.” Estas “energias” parecem precisar fugir quando se deparam com um poderoso campo de energias. O que aconteceria, então? Quanto a isto, o mistério ainda é total.

Não acredito, entretanto, que se possa generalizar esta hipótese, como sendo a explicação para as comunicações obtidas por TCI. Inicialmente, porque parece que podemos, em alguns casos, receber vozes ou imagens de pessoas mortas há muitíssimo tempo.

Meus amigos de Luxemburgo publicaram, assim, o rosto de Henri Sainte-Claire Deville, falecido em 1881. Eu pude comparar esta imagem com uma foto sua, localizada no antigo apartamento de Pasteur. A semelhança me parece muito grande. Existe, inclusive, um discurso completo que ele mesmo teria ditado em gravador.

(1) *Lettres de Pierre*, F. Lanore e F. Sorlot, tomo II, p. 427. Ver outras citações em meu livro, *Os mortos nos falam*, EDICEL, 1991.

(2) Ver Hildegard Schãfer, *Théorie et pratique de la transcommunication*, Robert Laffont, 1992, p. 238-242. Completar com Emst Senkowski, *Instrumentelle Transkommunikatum*, op. ciL, p. 275-276.

É preciso, evidentemente, aproximar este exemplo de muitos outros, como os das famosas partituras musicais, ditadas por “espíritos” a Rose-Mary Brown. O mais antigo dos compositores a se manifestar a ela foi Monteverdi, morto em 1642(1). Em tais casos, seria necessário admitir a existência de “cascos” verdadeiramente inquebráveis, cheios de vitalidade e de autonomia.

(1) Rose-Mary-Brown, *En communication avec l’au-delà*, coleção "J’ai lu", n^o A. 293.

Segunda parte

A COMUNICAÇÃO
COM OS MORTOS

Situação das pesquisas atuais

Após tantas hipóteses, o leitor está no direito de sentir-se inquieto. Ainda pode-se crer na possibilidade de uma verdadeira comunicação com os mortos? O que ainda poderia vir provar esta possibilidade?

A TRANSCOMUNICAÇÃO É UMA “PROVA” DA SOBREVIDA?

Pois bem, embora correndo o risco de parecer muito temerário, e de desagradar abertamente todos aqueles que receberam alguma formação científica, eu diria, sem problemas, que temos, de fato, estas “provas”. Mas, é preciso que entendamos bem o valor deste termo. Quer se queira, ou não, nós o empregamos sempre que estamos convencidos de alguma coisa. Nada mais. Sempre que fatos, documentos e testemunhos constróem nossa convicção, passamos a considerá-los, retrospectivamente, como provas.

Lembro-me de um programa de televisão, realizado por ocasião do aniversário de conclusão de um famoso processo jurídico, no qual um repórter entrevistou um dos juizes participantes do caso, além de Frédéric Pottecher, que o havia acompanhado em todas as suas fases. Tratava-se do conhecido processo Dotnini. Frédéric Pottecher, se bem me lembro, acabou falando de “provas”. Já o juiz, entrevis-

tado em outro momento, acreditava que tinham sido encontradas fortes presunções, sem se ter chegado, entretanto, a verdadeiras “provas”. Portanto, a partir dos mesmos fatos, dos mesmos documentos, dos mesmos testemunhos, uns podem ficar totalmente convencidos, enquanto outros permanecerão com dúvidas.

Muitos argumentam que tal raciocínio não se aplica à prova científica. Esta seria comumente aceita por todos os cientistas, independentemente do estado de espírito de cada um deles. Mas a diferença entre o emprego jurídico e o emprego científico do termo não é assim tão grande quanto se quer fazer crer. A história das ciências tem mostrado que um determinado argumento, reconhecido unanimemente como “prova” em determinada época, pode deixar de sê-lo dez ou vinte anos mais tarde.

Com efeito, quer se queira, ou não, as famosas provas ditas “objetivas” não existem. E por um motivo bem simples: apenas uma consciência humana pode reconhecer o valor das “provas” em fatos, documentos e testemunhos. O emprego desta palavra é, pois, sempre subjetivo. Constato simplesmente que todos aqueles que praticaram este gênero de pesquisa consideram seus resultados como “provas”. Provas essas que não deixam dúvidas quanto ao fato da sobrevivência após a morte. Mas, em nome dessas “provas”, não existe, absolutamente, a intenção de se obrigar outras pessoas a partilharem da mesma certeza. Os cétricos podem ficar tranquilos! Ninguém está pensando em exigir que reconheçam o seu valor. Mas não vejo, também, com que direito eles podem proibir que outros reconheçam o valor da “prova” que os convence. O ceticismo dos cétricos não é, por si só, mais “objetivo” que a convicção dos que se sentem convencidos. Chega um momento em que a evidência da autenticidade do fenômeno é de tal ordem que as perspectivas se invertem... e cabe ao cético provar que estamos enganados.

Neste sentido, empregarei aqui a palavra “prova” despojada de sua aura mágica. Mas se o tenno for muito chocante, podemos também encarar a questão de uma outra forma, e falar, como há pouco, de “evidência”. Esta idéia é de um pesquisador de TCI brasileiro, Clóvis Nunes. E acho que ele tem razão.

Por enquanto, estamos diante de um fenômeno semelhante ao das Experiências nas Fronteiras da Morte. Aqueles que não passaram por tal experiência pretendem saber mais a seu respeito que aqueles que a fizeram. Expõem idéias, indefinidamente, a partir de hipóteses, deixando de lado um fato capital: os inúmeros testemunhos dos que saíram do próprio corpo, indo para longe da sala de cirurgia, com descrições precisas que nenhuma sensação subliminar ou nenhuma telepatia poderia explicar. Mas haverá um tempo em que os testemunhos de tais experiências serão tão numerosos que as interpretações reducionistas cairão por terra.

Do mesmo modo, quando o número daqueles que se comunicaram com os mortos tiver atingido uma determinada porcentagem, os outros admitirão, por sua vez, a existência do fenômeno. Não mais como uma hipótese, mas como uma evidência, como algo bem conhecido.

Aliás, quando você telefona para um amigo, você não tem nenhuma “prova científica” de que este amigo não tenha um irmão gêmeo, sobre o qual nunca lhe falou, que estaria perfeitamente informado a respeito de suas relações com seu irmão - o que é seu amigo - e que teriam, os dois, exatamente a mesma voz! A “prova” de que esta hipótese não é absurda está nas histórias que, periodicamente, são noticiadas em um contexto policial ou de espionagem. Fatos desta nature-za acontecem, pois, algumas vezes. E, por definição, nada lhe garante que não aconteça no exato momento em que você telefona para seu amigo! Mas, na

imensa maioria dos casos, economizamos os controles que seriam necessários, e não precisamos nos arrepender depois.

O mesmo ocorre, na realidade, com a maioria de nossas ações cotidianas. Somos forçados a reconhecer, se prestarmos atenção, que a grande maioria de nossas ações está baseada em evidências, que não são confirmadas por nenhuma “prova científica”.

Nenhuma destas considerações, entretanto, impede que, na medida do possível, tenham sido realizados rigorosos estudos a respeito. Infelizmente, a maioria deles é inacessível. Nenhuma revista científica ousaria publicá-los. E nos boletins das associações de TCI, existentes em diversos países, as explicações científicas detalhadas só poderiam ser acompanhadas por um número muito reduzido de leitores. Aqui estão algumas indicações a respeito, que estão longe de englobar todos os trabalhos realizados.

A ANÁLISE DAS VOZES GRAVADAS

Análise lingüística

Alexander MacRae, em Portree, na ilha de Skye, Escócia, é engenheiro e um dos dirigentes da *Skyetech*, empresa fabricante de aparelhos de reconhecimento e síntese de vozes. Ele construiu, assim, um aparelho de comando vocal, o *Alpha System*, destinado a deficientes físicos e paralíticos. Antes de retomar a Escócia, MacRae viveu algum tempo nos Estados Unidos, onde trabalhou para a Nasa, no estabelecimento das primeiras comunicações através do espaço com os cosmonautas do *Skylah* e da primeira nave espacial. Sara W. Estep nos garante que ele é considerado

um dos cinco maiores especialistas do mundo ocidental na área de análise de vozes(1).

Dentre outras coisas, MacRae dedicou-se, pois, a uma análise lingüística das mensagens geralmente gravadas em TCI. Foi uma primeira abordagem do fenômeno onde os resultados coincidiram com os de outros pesquisadores. Reproduzir, em detalhes, os quadros e os gráficos por ele obtidos seria muito extenso e muito técnico para um livro como este. Limitar-me-ei, assim, a citar alguns pontos de seu estudo, para que o leitor possa ter uma idéia geral a respeito.

Uma elevada porcentagem de palavras que raramente surgem em emissões nonnais de rádio.

Uma elevada porcentagem de nomes próprios.

O número de respostas recebidas parece bastante proporcional ao número de perguntas formuladas pelos experimentadores.

Diversos experimentadores recebem, em momentos diferentes, as mesmas frases, incluindo as mesmas palavras.

Modos de falar totalmente particulares.

Alongamento incomum das vogais.

Linguagem sintética.

Formação não laríngea da voz. Fato confirmado pelas pesquisas feitas no Instituto eletrotécnico de Turim, a pedido de Orso.

Características acústicas: ausência de eco, deslocamento temporal.

Presença evidente de uma inteligência.

Estrutura global.

Presença evidente de uma intencionalidade(desejo de

(1) Este é um pequeno resumo das informações fornecidas a respeito de MacRae por Sarali Wilson em *Voices of Eternity*, op. cit., p.45, e John G. Fuller, em *The Ghost of 29 megacycles*, op. cit., p. 202-205.

comunicação). Pelo menos 90 % das mensagens, advertências, conselhos, etc., têm um objetivo. Não se detecta, entretanto, qualquer objetivo global(1).

Análise eletroacústica

O professor Senkowski tem razão ao mencionar a dificuldade de se encontrar aparelhos adequados para a realização desta análise. São todos muito caros para que possam ser adquiridos por particulares. Quanto aos órgãos oficiais que os possuem, está fora de questão uma permissão para seu uso em tal tipo de pesquisa. Trata-se, portanto, reconhece o professor, de uma área ainda insuficientemente explorada. Mas o trabalho já começou.

Os primeiros estudos foram realizados no verão de 1964, em um instituto privado, o *Deutsches Institut für Feldphysik* (Instituto alemão de física dos campos), em Northeim. Faziam parte da pesquisa, o físico Burckhart Heim, diretor do Instituto, e o engenheiro de som, W. Schott, além do professor Hans Bender, do Instituto de Parapsicologia de Friburgo-em-Brisgau. Como observador, Freidebert Karger, físico do Instituto Max-Planck de Munique. É preciso que se diga ao leitor que B. Heim é hoje reconhecido como um dos grandes físicos de nossa época. Ele construiu, sobretudo, modelos do universo em seis, e até em doze, dimensões(2).

(1) Extraio destes elementos do resumo do trabalho de MacRae apresentado pelo professor Ernst Senkowski em *Instrumentelle Traivikonimunikation*, R.G. Fischer, Frankfurt, 1989, p. 103-104.

(2) Dentre os aparelhos empregados para as análises, havia naturalmente um sonógrafo que permitia visualizar as vozes. Um resumo desses trabalhos e seus resultados podem ser encontrados na obra de H. Bender, *Verbogene Wirklichkeit*, Serie Piper, Band 177, 1985, p. 79-80.

Novas experiências, ao final de outubro de 1965, em Nysund, na Suécia, com B. Heim e W. Schott. Outras, em maio de 1970, com melhoria de equipamentos, no mesmo local. Outros pesquisadores unem-se ao grupo: o engenheiro N. Lemke, Jochen Sotschek, membro do grupo de pesquisa acústica da Administração central de telecomunicações de Berlim(1).

O resultado mais interessante, para nós, surge quando o professor H. Bender admite, cada vez mais claramente, “a origem paranatural altamente provável” das vozes, terminando por declarar que sua descoberta “era provavelmente tão importante, e talvez até mais, que a da física nuclear(2)”\

Como vimos, outras análises do mesmo tipo foram realizadas no Instituto eletrotécnico de Turim, a pedido de Orso.

Um laboratório militar americano, na Alemanha, submeteu igualmente as vozes gravadas por Cass, experimentador inglês, aos mais modernos métodos de análise. Quanto aos resultados, pôde-se apenas obter que não eram vozes normais, nem fragmentos de emissões de rádio. Apesar dos pedidos, o material não foi devolvido pelo laboratório.

Há ainda outras pesquisas realizadas em caráter particular. O engenheiro italiano Corradini, com o uso de um sonógrafo, concluiu que a voz do papa Albino Luciani

(1) H. Bender, *Verbo gene Wirklichkeit, Serie Piper, Band 177, 1985, p. 81-89. Para estudos mais detalhados, ver Jochen Sotschek, em "Üfyer Tciuschungsmôglichkeiten und andere Fehlerquellen bei der Beurteilung von Hórerergebnissen uas Abhòrversuchen von Sprachaufnahmen auf To n band "(Riscos de ilusões e outras fontes de erro na avaliação das transcrições de escutas de gravações de voz.es em fitas), em Zeitschriji für Parapsychologie und Grenzgebiete der Psychologie, 1979. Ver ainda, na mesma revista 1970, p. 239-254, e 1979, p. 201-208.*

(2) Hans Bender, *op. cit.*, capítulo 6.

(João Paulo I), gravada durante sua vida, correspondia àquela de uma gravação paranormal.

O próprio professor Senkowski teve a oportunidade de comparar a voz de Constantin Raudive pronunciando seu nome em um disco, antes de sua morte, com uma gravação de seu nome feita pelo aparelho *Generator* de Hans Otto König. Passando as vozes a uma mesma velocidade, ele pôde constatar que a identidade de pronúncia, inclusive o sotaque báltico, era evidente(1).

O professor Alfredo Bonavida, físico da Universidade de Barcelona, também realizou análises de vozes paranormais gravadas. E chegou à conclusão de que elas não são formadas como as vozes humanas normais, embora sejam perfeitamente compreensíveis. Infelizmente, ainda aí, temos pesquisas preciosas, mas não publicadas.

Certas pesquisas desta área começam, enfim, a ser divulgadas, graças ao Instituto de criminologia de Berlim. E a revista francesa *Parasciences* já começou a publicar suas traduções(2).

A FORMAÇÃO DAS VOZES GRAVADAS

Infelizmente não temos, até agora, qualquer idéia a respeito de como são formadas estas vozes.

Não sabemos sequer quando são formadas. Vimos, como destacava Felice Masi a respeito das imagens gravadas a partir de um filme e projetadas novamente com “congelamento”, que as deformações paranormais formavam novas imagens, e continuavam a transformá-las. E

(1) Emsl Senkowski, *Ifinstrumentelle Trankommunikation*, op. cit., p. 108-109.

(2) A partir do n^a 14.

ele concluía que, provavelmente, tais imagens se formavam tanto no momento da projeção quanto no momento da gravação. E acrescentava que o mesmo fenômeno poderia ocorrer com as vozes.

Esta hipótese parece ser sustentada por outras constatações. Inicialmente, pelo fato, muitas vezes observado, de que se pode obter uma nova voz em uma gravação antiga. Esta nova voz surgiria sem passar pela operação de gravação.

Pode-se ter, também, o efeito inverso. Ao se duplicar uma fita com a gravação de uma voz paranormal, pode-se constatar, ao escutar a cópia e a fita original, que uma palavra não foi copiada. Isto aconteceu com o professor Senkowski que tem certeza absoluta de não haver cometido nenhum erro na manipulação do gravador(1).

É preciso, sem dúvida, relacionar este incidente ao que ocorreu com Manfred Boden. Frases pronunciadas por ele haviam sido transformadas, apagadas, enquanto que novas informações surgiam repentinamente gravadas na fita(2).

E o fato de escutarmos vozes que nos chamam por nosso nome ao ouvirmos uma fita virgem recém comprada, e que ouvimos apenas para verificar se é de fato virgem, antes de realizarmos experiências de gravação de vozes paranormais? Marcello Bacci relata, resumidamente, o primeiro caso de “pré-gravação” que lhe aconteceu, em presença de sua esposa. O tenno “primeiro caso” que ele emprega demonstra que deve tê-lo constatado várias vezes(3).

E o fato de várias gravações feitas sem uso do

(1) Carta citada por Marcello Bacci em seu livro *Il misteroop*. cit., p. 94.

(2) Hildgard Schäfer, *Théorie et pratique de la transcommunication*, Rohert Laflont, 1992, p. 214.

(3) Marcello Bacci, *Il mistero...*, op. cit., p. 32.

(4) S. Damell, *op. cit.*, p. 78.

José María Pérez I.atorre diz que, setn microfone, as vozes gravadas tornam-se mais raras, mas que são de melhor qualidade. Ele assinala que aparelhos e osciloscópios inseridos frente ao cabeçote do gravador não conseguem detectar o momento exato da gravação(1).

Um outro caso interessante bem mostra a profundidade do mistério que cerca a formação destas vozes. Trata-se de uma sessão ocorrida na casa de Marcello Bacci, em que um amigo havia trazido um gravador muito sofisticado, enquanto que os demais participantes dispunham apenas de aparelhos bem comuns. Todos os gravadores registraram o início da sessão, com os ruídos ambiente, a apresentação feita por cada um dos presentes, os chamados ao além que foram feitos, etc. Mas, no momento da chegada das mensagens do além, apenas um gravador nada registrou: exatamente o gravador mais sofisticado. E este mesmo aparelho voltou a funcionar quando do encerramento da sessão, gravando as palavras de Marcello Bacci. Um exame rigoroso, tanto do aparelho quanto da fita magnética utilizada, excluiu a possibilidade de falha do equipamento(2).

Não devemos esquecer que em um mesmo lugar da fita magnética podemos ouvir vozes e mensagens diferentes, de acordo com a velocidade de escuta da fita. Ou, ainda, dependendo da mesma ser ouvida em seu sentido normal, ou em sentido inverso.

A hipótese de ectoplasmas

Dentre as inúmeras hipóteses apresentadas a respeito da formação destas vozes, destacamos uma daquelas apresentadas por Sarah W. Estep, após uma resposta recebida

(1) S. Damell, op. cit, p. 100.

(2) M. Bacci, *H mistero...*, op. cit., p. 108-109.

do além. Os mortos utilizariam uma espécie de ectoplasma(1).

A hipótese não é nova. Ela já havia sido levantada, sobretudo a respeito das vozes “diretas”, ou seja, a respeito das vozes que ressoam graças à presença de um médium, sem que para isto sejam usados seus órgãos vocais(2).

Mas, de qualquer forma, esta hipótese só se aplicaria a uma minoria de casos. Ela não poderia explicar as diferentes mensagens gravadas em um mesmo lugar, e que surgem em função da velocidade em que se ouve a fita. Nem as mensagens que só podem ser ouvidas em “marcha a ré”. Nem as vozes pré-gravadas. Nem a quantidade de outros fenômenos desconcertantes.

As vozes são, inclusive, de tipos muito diferentes. Se freqüentemente são bem rápidas, mecânicas e cadenciadas, há vezes em que são extremamente lentas. A voz de ABX JUNO apresenta-se cavernosa, sepulcral, ideal para um filme de terror. As vozes recebidas em Grosseto são um pouco lentas, mas um tanto pastosas, o que torna difícil sua compreensão. Outras são pronunciadas como um sussurro; outras, quase nonnais...

Os aparelhos do além

Parece que a recepção das vozes do além pode depender, ao menos em parte, não apenas dos aparelhos que utilizamos na terra, mas também de aparelhos que “eles” constroem no além, correlacionados aos nossos. Ao menos é o que se pode depreender das afirmações que nos são feitas. Em Darmstadt, ABX JUNO fornecia, em 20 de agosto de 1987, as seguintes instruções:

(1) S.W. Estep, *op. cit.*, p. 198-200.

(2) Ver Arthur Findlay.

“Nós queríamos dizer, mais uma vez, que temos necessidade destes contatos para construir o nosso XENOX. Por *xenox*, entendam a comunicação com vocês. Esta é feita graças ao TRANSKANTOR. Entendam o *transkantor* como um aparelho técnico.” Em 7 de setembro, outra mensagem com o mesmo teor: “Gostaríamos de informar-lhes a respeito dos seguintes desenvolvimentos. O *transkantor* foi novamente regulado por nossos técnicos(1)...”

Uma outra pista interessante seria fornecida pelo grupo do além que se comunica com o grupo de Dannstadt. Nicola Tesla fazia parte do primeiro grupo. E Jochen Fornoff recebeu, um dia, a seguinte indicação: “A fonte de energia vem dos *táquions*(2).”

Sei que a existência dos *táquions*, partículas que só existiriam em velocidades superiores à da luz, ainda não foi provada. Mas alguns cientistas que acompanham de perto os trabalhos realizados na Universidade de Louvain-la-Neuve acreditam que já se está chegando a uma conclusão. De qualquer forma, a hipótese não é, em si, absurda.

QUE VALOR ATRIBUIR A TODAS ESTAS MENSAGENS?

Não pretendo voltar ao problema da decodificação das gravações, nem aos problemas de identificação dos rostos recebidos em telas de televisão ou de computadores.

Gostaria, aqui, de apresentar algumas visões sobre os problemas que nos impõem tais mensagens ou tais rostos, uma vez identificados, em razão de seu conteúdo. Não se trata absolutamente, é preciso repetir, de criar dificuldade

(1) E. Senkowski, *Instrumentelle... op. cit.*, p. 257.

(2) *Der INFO*, n^o 28, p. 6, Dannstadt.

para todos os amigos que, de forma tão gentil, nos puseram a par de suas pesquisas. Não se trata de raciocinar contra eles, mas com eles. As dificuldades que vou destacar aqui são conhecidas, e reconhecidas, por todos eles. Já foram discutidas por todos. E, por vezes, já provocaram tensões, como é normal acontecer perante fenômenos tão importantes e, ao mesmo tempo, tão desconcertantes.

Dois tipos de mensagens

Acredito, inicialmente, ser necessário distinguir dois tipos de comunicações com o além: as mensagens pessoais, que são como simples cartões postais enviados à família ou a amigos. Na maioria das vezes, não têm conteúdo metafísico. São apenas uma oportunidade que o morto tem para reafirmar sua identidade, de forma a ser reconhecido, para tranquilizar seus parentes quanto a seu destino, para dizer-lhes que continua a amá-los, que continua junto deles, mesmo que não o possam ver...

Pode acontecer, de vez em quando, que se encontre nessas mensagens, em geral bem curtas, um conteúdo bastante rico. Penso, em específico, na admirável mensagem de um homem da minha idade, transmitida para sua velha mãe ainda viva: “Mãe, a luz de Deus está em todos os lugares. É maravilhoso.” E, já que lhe pediam que transmitisse alguma mensagem para sua filha, que lhe desse um conselho, ele continuou assim: “Minha querida, o amor, nada existe além do amor.” Nada há de novo nestas palavras. Todas as religiões ensinam mais ou menos a mesma coisa, desde sempre. Mas, de qualquer forma, ouvi-lo dito do além em linha direta, por alguém que lá se encontra, é algo de fantástico(1)! Tais mensagens, em geral, não representam

(1) Mensagem recebida por Monique Simonet em fevereiro de 1989.

qualquer problema. E constituem a imensa maioria.

As mensagens problemáticas

As mensagens que representam problema são aquelas que pretendem nos informar a respeito do que se passa após a morte, sobre a reencarnação, sobre o destino da humanidade ou do planeta, sobre o valor das religiões, sobre a organização do cosmos, sobre Deus... Neste ponto, os problemas são numerosos. E assemelham-se àqueles que encontramos em outros tipos de mensagens do além, quer seja pela tábua ouija ou pela escrita automática.

Muitas vezes há interferência, e até contradição, entre as mensagens recebidas e as crenças anteriores dos experimentadores, ou dos leitores dessas mensagens. Entre essas e aquelas chegadas por outros meios, sobretudo por escrita automática. Entre as mensagens recebidas de um antepassado, ou de uma entidade, e aquelas de uma outra entidade do além que se comunica por outros meios. Muitas vezes há até contradição entre as mensagens de uma mesma entidade, em um mesmo centro de pesquisa, em um pequeno intervalo.

Eis alguns exemplos:

A respeito do pecado original

Meus amigos de Luxemburgo receberam, a respeito da doutrina do pecado original, três textos dos quais me parece impossível extrair uma síntese.

Em 24 de janeiro de 1987, foi solicitado ao Técnico um posicionamento sobre a questão do “pecado original”. Eis sua resposta: “A maior parte do que se conta sobre este tema não corresponde à verdade. Não é verdade que o homem deva recuperar algo que perdeu. Os homens nada

perderam: eles estão no caminho da evolução. Não houve queda para longe de “Deus”. Os homens estão, ao contrário, tomando-se o que eles próprios chamam de “deuses”, ou seja, o ideal que atingirão um dia(1).” Devo dizer que, enquanto teólogo, este texto em nada me choca. Já no século IV, São Gregório de Nissa acreditava que o Paraíso terrestre nunca existira, e que se tratava apenas de uma imagem criada para um estado de felicidade que o homem teria conseguido atingir caso não houvesse se afastado de Deus. Mas o Técnico vai mais longe em um caminho “teilhardiano”(2) pelo qual eu não o seguiria.

Entretanto, em maio de 1987, respondendo a uma pergunta escrita de Ralph Determeyer a respeito da reencarnação, o Técnico foi levado a dizer, em certo ponto: “Em si, o homem não é mau. Antes do último período glacial, ele vivia em paz com seu semelhante e com o animal(3).” O que já é muito diferente! Se houve uma época na qual os homens viviam em paz entre si, temos uma importante perda, e uma importante queda. Além disto, a idéia de paz entre o homem e o animal tem, incontestavelmente, um tom paradisíaco.

Em 9 de novembro de 1989, novas alusões do Técnico: “Os homens do planeta Terra vieram de um outro mundo chamado “Éden”. Quando o homem na terra morre, sua alma retoma ao Eden (ou *Marduk*)(4).” Desta vez, ocorre uma completa recuperação, sobretudo porque, na seqüência, ele

(1) Não sendo o Boletim de Luxemburgo acessível a todos, refiro-me à citação feita na obra da Sra. Scháfer, *Théorie et pratique de la transeommunication*, Robert Lafont, 1992, p. 142.

(2) N. T. O autor refere-se à linha de pensamento do teólogo Theilhard de Chardin.

(3) *Ibid.*, p. 153.

(4) Boletim do CETL, dezembro 1989.

fala de serpente, criatura má, que nós, da terra, chamamos de “diabo”, que veio à terra para destruir os planos de Deus. Há até mesmo uma alusão ao papel da mulher, tanto no bem quanto no mal, em virtude de sua grande sensibilidade.

Não apenas parece impossível unificar estas três afirmações em uma única síntese coerente, como também há nelas, a impressão, um tanto desagradável, de uma reformulação de conceitos. Como se o Técnico houvesse adquirido maiores informações, no espaço de tempo decorrido entre a primeira e a última afirmação. Ou como se tivesse se dado conta, neste íterim, de um efeito negativo que suas primeiras palavras poderiam causar em certo número de leitores.

A respeito dos extraterrestres

Desta vez, a contradição encontra-se entre mensagens de fontes diferentes.

O Técnico afirma, em Luxemburgo, que “não há, na proximidade do planeta Terra, extraterrestres materialmente existentes com os quais se possa entrar em contato(1).”

Hans Otto Kõnig recebe, ao contrário, a seguinte mensagem: “Numerosos homens de uma outra esfera de existência encontram-se entre vocês(2).”

Wemer von Braun, em 6 de março de 1989, teria transmitido a Adolf Homes, em Rivenich, esta outra mensagem: “Aqui fala Wemer von Braun, o cientista. Diriço-me a Homes pela rádio dos mortos.

“Há muitos seres extraterrestres que não devem ser confundidos com os espíritos dos mortos. Estes extraterrestres estão ligados ao governo americano! Eles têm contatos por rádio com a terra. Os extraterrestres vêm de Caama,

Q (1) H. Schãfer, *op. cit.*, p. 153.

(2) *Ibid.*, p. 128.

e são mais evoluídos que os humanos.

“Os primeiros contatos dos extraterrestres com a terra aconteceram em 1954.

“Desde então, os contatos entre eles e os homens são regulares. Isto permanece sendo extremamente secreto(1).”

Por fim, não devemos esquecer a narrativa da Srta. Ilse Schmitz, em Bottrop, que mencionamos anteriormente.

A respeito da língua falada no além

Mesmo problema. A pequena equipe do “Rio do tempo”, do além, em relação com meus amigos de Luxemburgo, afirma que logo após a morte, ao se chegar no além, cada um toma-se possuidor de uma nova língua que comporta 27.000 signos. Todos os outros testemunhos, recebidos por escrita automática ou por TCI, afirmam que não há mais necessidade de uma linguagem no além, pois que todas as comunicações se fazem por telepatia.

Poderíamos citar vários outros pontos de desacordo entre todas estas mensagens.

A descrição do planeta Marduk

Seria necessário sublinhar, também semelhanças estranhas entre certas descrições do mundo do além, recebidas em Luxemburgo por meus amigos Jules e Maggy, e certos romances de ficção científica, sobretudo os de Philip José Farmer. A explicação do Técnico, segundo a qual ele próprio teria sido a fonte de inspiração de P.J. Fanner, parece-nos muito fácil(2)! Neste ponto, passo a palavra ao

(1) Informationschrift der Transkoinunikationsforschung, n^o 2, fevereiro-março 1990, p. 21, Francoforte-sobre-o-Mainc.

(2) E. Senkowski, *Instrunientelle...*, *op. cit.*, p. 336, nota 179.

professor Rémy Chauvin.

RÉMY CHAUVIN: *Jules e Maggy Harsch-Fischbach. Estes dois personagens merecem uma cuidadosa atenção... Quando os encontrei pela primeira vez, em Luxemburgo, em 1992, fiquei surpreso com a falta de semelhança do Ehepaar(1) Harsch-Fischbach, como dizem os alemães: ele, muito alto, corpulento; ela, miúda, com um rosto particular, muito jovem, que parece consumido por uma chama interna... Que vida a deles! gastaram todas as suas forças e toda sua fortuna para reunir aparelhos úteis à transcomunicação. Obtiveram uma massa enorme de mensagens de grande coerência interna, porém não menos inquietantes, e logo direi o motivo. Inicialmente, eles conheceram um personagem do além-túmulo: der Techniker, o “ Técnico ”, que parece ser dotado tanto em matemática quando em biologia, e que declara não ser um homem, mas um ser responsável pelo planeta Terra. Os Harsch mantêm com ele verdadeiras relações de amizade. O Técnico não é o único a transmitir-lhes longos discursos. Raudive também se manifesta, e não é menos prolixo... Quanto ao teor das mensagens, perfeitamente coerentes e bem construídas: trata-se sempre de longas exposições sobre o homem e suas possibilidades, sobre o mal que deve combater, sobre a forçado Amor, etc. Conceitos louváveis, é verdade, mas não muito originais. Outras personalidades surgem na casa dos Harsch-Fischbach: por exemplo, Nelson Rockefeller, que nada diz de importante; Henri Sainte-Claire Deville, o famoso físico do século passado, que transmite algumas mensagens de caráter singular: o universo é o fruto de um sonho do vazio, por exemplo (o que é decididamente moderno), e constituído de fibras de existência virtual (o*

(1) N.T. Em alemão no original: o casal.

que faz pensar nas “cordas ”, mais recente hipótese dos cosmologistas).

De vez em quando, uma nota divertida: quando se perguntou ao Técnico onde estaria o papa João XXIII, ele respondeu que o mesmo “está encarregado, aqui, de uma missão extremamente simples, pois administra uma plantação de oliveiras. É um bom homem (!). ”

Mais tarde (1987), pela primeira vez, o Técnico fez referência aos homens que chegam ao outro mundo pelo Rio da Eternidade (Flus der Ewigkeit)... Veremos, depois, do que se trata. Mas antes é preciso que tomemos conhecimento de Swejen Salter, entidade do outro mundo que apareceu em 1988 de maneira bastante estranha: o computador dos Harsch-Fischbach começou a funcionar sozinho, um belo dia, e Swejen Salter declarou ter um laboratório, às margens do Rio da Eternidade, no planeta Marduk, onde ela mora com seu companheiro, Richard Francis Burton (1821-1880), o descobridor do lago Tanganika. No Rio da Eternidade desembarcam sessenta bilhões de mortos que chegam do planeta Terra, ou de outras partes, e que “estacionam ” na idade de trinta anos, independente da idade com que ali chegam. O Rio da Eternidade, com extensão de milhões de quilômetros (o planeta Marduk é grande como Saturno) , e com profundidade, em alguns pontos, de 17 quilômetros(!), assemelha-se ao rio Okeanos que, segundo os gregos antigos, circundava a Terra. Ele é o único existente no planeta Marduk, mas não se comenta nem a respeito de sua nascente, nem de sua foz.. Eis algo de maravilhoso, é verdade!

É um pouco demais ... Pois todos estes detalhes encontram-se no romance de Philip José Farmer, publicado em 1970! Tudo está contido no romance: Burton (mas não Salter), o Rio da Eternidade, os bilhões de

homens em suas margens, etc. Ora, conhecendo a integridade do casal Harsch-Fischhach, estou convencido de que eles não mentem quando garantem ter encontrado tais informações em seu computador.

Mas ainda há coisas mais incríveis. Eis o que narra Hildegard Schãfer:

“Em outubro de 1988, Senkowski descobre um livro intitulado Diálogo com o além, de K.H. Jäckel (Neugra Verlag, Munique, 1984)...Às páginas 82-83, encontra-se um texto que corresponde, em sua essência, a uma mensagem do Técnico... Certas partes são obra de Jäckel; outras, seriam atribuídas a um ser do além, chamado Rabbi Elysée, transmitidas por intermédio de um médium de nome Peter von Eglojstein. Aqui estão os dois textos:

Técnico: “O medo da morte é uma das idéias mais opressoras da história da humanidade. Ele repousa na especulação da consciência humana que só concebe a vida, e a certeza de existir (que gostaria de nunca perder), fora da forma corpórea. O medo da morte é, pois, a prova de um espírito privado de raízes, de um ser espiritual que se afastou enormemente da fonte de sua existência, de seu eu superior. ”

Jäckel oferece-nos as mesmas palavras: “O medo da morte é uma das idéias mais opressoras de nossa cultura. Ela repousa na secularização de nossa consciência, que só concebe a vida, e a certeza de existir (que gostaria de nunca perder), fora da forma corpórea. O medo da morte é, pois, a prova de um espírito privado de raízes, de um ser espiritual que se afastou enormemente da fonte de sua existência, de seu Eu superior... ”

Não citarei outros exemplos de transmissão quase literal de textos de Jäckel. Todos são igualmente surpreendentes.

Outras “cópias ” são um pouco diferentes, mas todas são igualmente perturbadoras. Cito-as aqui, segundo narrativas da Sra. Schãfer, resumindo-as, contudo.

Em 23/09/88, Kõberle afirmava que uma das imagens recebidas em tela de televisão por Schreiber advinha de um filme de Romy Schneider, A jovem e o comissário, e que se trataria, portanto, de uma retransmissão de uma de suas seqüências pela televisão. Entretanto, o estudo comparativo realizado em Viena mostrou que a imagem recebida por Klaus Schreiber não era idêntica. Além do mais, Schreiber a vira formar-se lentamente em sua tela.

Em 24/7/87, urna seqüência recebida pelos Harsch-Fischbach apresentava vários personagens. Porém dois motivos, u 'a máscara e duas mãos, correspondem a detalhes de estátuas que se encontram na Praça do Teatro, em Luxemburgo... A pergunta foi feita ao Técnico: “de onde vem esta semelhança ? ” Vejam a resposta: estas estátuas existem em um mundo paralelo, e facilitam, aos homens que vivem naquele universo, urna adaptação ao mundo terrestre (!).

Devo dizer que há, de qualquer forma, um embrião de explicação dessas coincidências, que representam para nós, devemos confessar, um sério problema. Este embrião nos é proposto pela própria Swejen Salter, a cientista do planeta Marduk. Senkowski relata, no livro da Sra. Schãfer, que pediu, por intermédio do casal Harsch-Fischbach, explicações sobre as múltiplas coincidências, seja de textos, seja de imagens, que corres-

(1) Imagem de uma jovem mulher, com água ate a altura dos quadris, e que coloca a mão na frente da boca. A mesma imagem foi localizada no filme “Bikini Story”. Imagem reconhecível de Romy Schneider, também correspondente à de um filme. Imagem reconhecível de meu amigo Konrad Lorenz, aos trinta anos, correspondente a uma antiga fotografia, etc.

ponderiam visivelmente a certos filmes 1).

Eis, segundo Schãfer, o que Swejen Salter respondeu:

“Nosso universo é diferente do seu; e só podemos mostrar-lhe uma cópia do que existe no seu inundo para fazê-lo entender o que você veria se estivesse aqui do nosso lado... Apenas as coisas que existem em seu universo real podem-lhe ser mostradas, pois que, no caso contrário, você não poderia reconhecê-las, nem sequer ver cada um dos elementos que queremos mostrar-lhe. Nós escolhemos, portanto, um pedaço de texto particularmente importante, e que nos pareça típico, e o propomos repetidas vezes. Da mesma forma que se mostra uma bola a uma criança, repetindo-lhe sempre a palavra “bola”, para que passe a identificar o vocábulo com o objeto. Em um primeiro estágio, não interessa saber se a bola é grande ou pequena, vermelha ou azul. Basta saber que se trata de uma bola. As diferenças de tamanho, de cor, etc., serão introduzidas posteriormente.”

Eu mentiria se dissesse que essa explicação me satisfaz completamente. Pois as pessoas do além dominam perfeitamente todas as nossas línguas, como já mostraram nas transcomunicações. Então, por qual motivo não expressar claramente tudo aquilo que desejam, já que, aliás, nos dizem repetidas vezes que vivem em um mundo vizinho ao nosso? Principalmente porque há outras explicações. Determeyer inquieta-se, por sua vez, com estas repetições de textos, algumas

vezes idênticos em todas as palavras. E o que respondem? Que são panes provocadas por impulsos de morte que perturbam tudo, ou por ondas de choque vindas de dimensões superiores, e que intervêm no campo energético da terra(?).

Tudo isto é verdadeiramente espantoso. Porém, gostaria de destacar, mais uma vez, que a integridade dos Harsch-Fischbach não está em questão. Eles nunca poderiam imaginar que teriam tamanha complicação nas mãos... Haveria, então, uma outra hipótese que nos permitiria sair desta

estado de perplexidade no qual nos encontramos?

Acredito haver unia outra: Swejen Salter, provavelmente, não sabe com clareza onde ela se encontra, mas encontrou um “laboratório ” no planeta Marduk, e parece admitir que todos os habitantes são objeto de uma experiência realizada não se sabe por quem (?). O mesmo ocorre durante outras transcomunicações, o que explicaria a irritação provocada quando de pedidos de informações mais detalhadas. “Se vocês não acreditam em nós, vamos interromper as comunicações ”, etc. Brune diz que as perguntas dos cientistas são um suplício para Swejen Salter, como se tais questionamentos rompessem a trama de um sonho no qual ela mesma, parece, vê uma certa incoerência... Devo dizer que os luxemburgueses me forneceram o texto de uma carta, que me foi enviada por Swejen Salter, cujo texto surgiu no monitor de um computador. Um texto

muito amável, porém muito vago, e que demonstra a perplexidade na qual se encontra... Segundo Swejen, Philip José Farmer teria sido inspirado quando escrevia seu livro “Povo do Rio ”(1).

Há de fa to vários ou tros mundos, ou várias formas de abordar um único, quem sabe? No caso do planeta Marduk e de seus estranhos habitantes, parece um sonho que teria adquirido vida independente e que se desenvolveria por si mesmo... Os Harsch-Fischbach sabem a que ponto isto

(1) Tive a oportunidade de encontrar-me com este autor, graças à gentileza do editor Robert Laffont Ele já havia sido informado, através de uma carta em alemão, de que sua obra havia provocado fenômenos curiosos. Como todo bom americano, que conheço apenas seu dialeto, ele nada entendera... Dei-lhe, então, algumas explicações. Espantadíssimo, respondeu-me não ter sido inspirado por ninguém, pelo menos a seu conhecimento.

François Brune: Eis-nos, finalmente, perante um outro problema: o da verdadeira identidade de nossos interlocutores.

COM QUEM ESTAMOS REALMENTE TRATANDO?

Acho que ninguém tem qualquer dúvida a respeito da sinceridade dos experimentadores. Não seria esse o sentido da pergunta. O problema é saber se aqueles que se comunicam conosco são, de fato, quem dizem ser.

Uma posição simplista seria a de rejeitar tudo, em bloco, considerando que todas as vozes são criadas por impostores, por qualquer mn, por qualquer coisa, e que não têm, afinal de contas, qualquer importância. E que bastaria deixá-las de lado.

A complexidade do problema

Na realidade, o problema é bem mais complexo. Temos muitos motivos para pensar que recebemos realmente mensagens do verdadeiro Raudive, ou do verdadeiro Jürgenson. Seus rostos e suas vozes foram identificados por testemunhas que os conheceram enquanto estavam vivos. E também pela análise de suas vozes. Ora, eles parecem, por sua vez, garantir a autenticidade de outras comunicações e a identidade de outros correspondentes, sobretudo as do Técnico e as de Swejen Salter.

Quando (Santo) Tomás de Cantorbéry, morto em 1170, manifestou-se em Luxemburgo, ou em Rivenich, utilizou uma língua inglesa do século XII. Porém, parece-nos que ele exagerou um pouco, na medida em que tantos outros correspondentes do além demonstram a pouca importância

voltura em qualquer uma de nossas línguas.

E no entanto, quando o mesmo (Santo) Tomás fornece a meus amigos de Luxemburgo notícias de uma criança assassinada, recém-chegada ao além, afirmando que seus ferimentos da cabeça estão sendo tratados, e que ela já está recuperando seus belos cachos louros, tais informações, segundo os familiares, correspondem à realidade. E são fatos que meus amigos de Luxemburgo não tinham como conhecerei).

Devo insistir que cito este fato apenas como exemplo. O leitor deve ter dificuldade em imaginar a imensa documentação já reunida sobre este tema, e que foi publicada mais em pequenos boletins que em livros. A análise detalhada de todos os testemunhos revela que o problema é constante. Por um lado, parece evidente que nossos correspondentes do além nos acompanham de perto, que estão perfeitamente informados sobre nossos problemas, e, muitas vezes, parecendo saber deles mais que nós. Sinais de autenticidade. Por outro lado, infelizmente, é também evidente que nos apresentam banalidades decepcionantes, ou histórias rocambolescas, como se fossem mensagens importantes. Mesmo com uma extrema boa vontade, não podemos dar-lhes crédito. E então?

Sinceramente, não me sinto nem um pouco em condições de propor uma resposta suficientemente motivada. Da mesma forma que ocorre com a questão dos OVNI's e dos extraterrestres, não podemos “cair fora” argumentando apenas tratar-se de falsificações grosseiras, de espertinhos que manipulam as experiências para brincar conosco. Tais explicações poderiam servir apenas para alguns jornalistas apressados. E sempre mais fácil parecer sério quando se faz o papel de desmistificador que quando se reconhece a própria

(1) *INFOnews*, 02/1991, p. 13-18.

impotência para esclarecer um verdadeiro mistério.

Só posso pois, por enquanto, propor algumas reflexões.

Pistas de reflexão propostas

Deixarei um pouco de lado as vozes que ameaçam, insultam, gritam, soluçam ou imploram ajuda, pois não são vozes regulares. Não nos deixam longas mensagens filosóficas. Mas sempre é bom repetir que podem se tornar perigosas. Podem nos invadir, ressoando diretamente em nossas cabeças, a ponto dos aparelhos tornarem-se inúteis. Vários casos desta espécie já foram registrados. E preciso saber parar, ao menor sinal estranho, principalmente porque os psiquiatras encontram-se totalmente desarmados frente a este tipo de fenômeno.

E preciso, igualmente, reconhecer a existência - em alguns casos - de vozes do além que podem mentir para divertirem-se, ou para nos prejudicar, ou para divertirem-se em nos prejudicar. Mas este não é o problema, na grande maioria das vezes. Representa apenas uma dificuldade, a título individual, para alguns pesquisadores.

As longas mensagens

O que me interessa aqui são as mensagens longas, de conteúdo genérico, dirigidas ao conjunto da humanidade, que fornecem verdadeiros ensinamentos, como ocorre com grande quantidade de textos recebidos em diferentes locais, por escrita automática ou intuitiva, e que, muitas vezes, preenchem vários volumes.

Faço questão de destacar, inicialmente, que em todos os documentos do gênero que pude analisar jamais observei qualquer coisa que pudesse revelar malignidade por parte de nossos correspondentes do além. É difícil, pois, para

mim, ver neles qualquer tipo de força malévolas que busque a nossa perdição.

Mas, para tomarmos um exemplo, quando uma voz paranormal manifesta-se dizendo ser (Santo) Thomas Becket, arcebispo de Cantorbery, reconheço haver várias possibilidades:

1. Pode ser, de fato, ele. Mas nada pode prová-lo.

2. Pode ser qualquer um morto que admirasse muito este santo, e que, identificando-se psicologicamente com ele, tenha acabado por pensar ser ele próprio.

3. Pode ser um morto que sabe não ser, e jamais ter sido, (Santo) Thomas Becket, mas que, para dar mais peso a suas mensagens, tenta fazer-se passar por ele. Ele veria no fato apenas uma falsificação inocente, pois estaria agindo apenas para o nosso bem.

Os mesmos mecanismos podem ter sido utilizados em casos de entidades como o Técnico, ou como Swejen Salter. Os experimentadores alemães inclusive constataram, no que se refere a esta última, que seu nome correspondia perfeitamente ao anagrama de *Raetsel Wesen*, que poderia ser traduzido por: “ser-enigma”.

Pode ocorrer também, da mesma forma, que o Técnico, que Swejen Salter, Richard Burton e tantos outros (como George Cukor, Thomas Edison, Konrad Lorenz, Paracelso... e outros mais) vivam ou acreditem viver neste mundo que nos descrevem. Pode ser que alguns deles sejam verdadeiramente quem dizem ser. Mas pode ser que outros, dentre eles, tenham assumido a personalidade de outros mortos, enquanto que Santo Thomas Becket ou o verdadeiro Paracelso viveriam atualmente em outra parte.

Pode ser que seu único erro seja pensar que o mundo em que se encontram representa a única etapa possível e obrigatória para todos, quando muitas outras mensagens nos fazem crer que, desde o início, há uma grande diversidade

de mundos, segundo o grau de evolução atingido por cada um.

Pode ser que ... Pode ser que ...

Estes mundos são apenas o subúrbio do nosso mundo

A hipótese que me parece mais provável, portanto, ao menos provisoriamente, mas sob todas as reservas, é a de que, mesmo em casos de mensagens estranhas e decepçionantes, estaríamos tratando, na maior parte dos casos, com mortos de nosso mundo; algumas vezes, também de outros mundos, mais ou menos paralelos ou longínquos, porém nunca mais evoluídos que o nosso.

O que eu acredito ser também mais provável, e que já menciono desde quando comecei a interessar-me por todos estes fenômenos de TCI, é que nos comunicamos apenas com o subúrbio da Terra, com todos os primeiros níveis do além.

Esta possibilidade já nos era anunciada claramente em uma mensagem de além, aquela na qual mais tenho confiança, transmitida por Roland de Jouvenel. No dia 3 de novembro de 1949, ele ditou a sua mãe, via escrita automática:

“Conversas mediúnicas são contatos com espíritos ainda vizinhos da Terra. Elas são fenômenos de interpenetração de um plano em outro plano, mas esta zona está incomensuravelmente afastada do Reino. Com o passar do tempo, tais incursões de um plano em outro tornar-se-ão tão familiares quanto a aviação. Entretanto, o fato de os homens terem-se construído asas não os tornou anjos; o fato de alcançarem grandes altitudes não significa que se tenham aproximado de Deus. Vocês conseguem se comunicar com o invisível, mas este invisível está tão longe da Divindade quanto vocês estão de uma estrela.

“Estes reservatórios de espíritos vizinhos de seu universo atingiram um grau superior ao de vocês, mas estão apenas no primeiro degrau de escada que conduz ao sétimo céu. Chegará o dia em que, cientificamente, este mundo estará em relação com o mundo de vocês. Os estudos neste sentido não são, de forma alguma, uma profanação do Divino, pois os raios celestes não penetram mais nestas regiões que na de vocês...

“Chegará o dia em que vocês captarão as vibrações deste plano, assim como conseguiram captar a eletricidade, e elas lhes serão perceptíveis.

“Mas Deus nem sempre está lá. Estas regiões são tão vastas e povoadas por seres variados quanto a Terra. Nelas pode-se encontrar o bem e o mal, pois nelas tudo vive. Na Terra, também, não há apenas coisas boas... O sono hipnótico não vai além desses planos.

“A experiência mística ou espiritual é outra coisa(1).”

Quem diz isto já se encontra em um nível muito superior.

No que me diz respeito, continuo na mesma posição. Não concluo que nenhuma mensagem recebida nos traz qualquer conhecimentos sobre o além. Ao contrário, elas confirmam plenamente o que Roland de Jouvenel, por intermédio de sua mãe, já nos havia dito. As primeiras etapas do além são um mundo complexo, e uma de suas facetas nos vem confirmada pelas mensagens recebidas. Mas há muitas outras. O erro, e o perigo, seria acreditar que todas as mensagens são transmitidas por seres muito evoluídos, como algumas destas entidades pretendem fazer crer para que aceitemos mais facilmente suas próprias convicções. As mesmas dificuldades são encontradas na imensa quantidade de mensagens que nos chegam através dos médiums.

(1) Marcello de Jouvenel, *Au seuil du Royaiune*, F. Lanore et F. Sorlot, 1981, p. 87-88.

através da escrita automática ou da tábua ouija. O problema não está na existência do fenômeno em si, mas, no conteúdo das mensagens.

Há, com efeito, muitas outras mensagens. Sobre o mistério de Deus, os místicos, sem terem atingido o além, já nos revelaram muito mais coisas, e de melhor conteúdo. Mas acontece que, nesses casos, a experiência espiritual vivida é “outra coisa”. Basta comparar os textos. Os discursos do Técnico a respeito de Deus, apesar de todos os seus esforços, não se “sustentam” quando comparados aos dos místicos. São como discursos de filósofos, de teósofos, de teólogos. Não sentimos neles a experiência de Deus. Mas a sentimos nos textos de Roland de Jouvenel. E isto não se consegue imitar!

Mas esse breve relato sobre os problemas levantados por tais mensagens longas não deve nos impedir de reconhecer toda a importância dos textos menores, mais pessoais, muitas vezes ditados por circunstâncias específicas, onde percebemos claramente que estamos tratando com alguém que nos vê, que nos ouve, que acompanha nossos problemas existenciais, e que, por vezes, chega a intervir em nossa vida material com o intuito de ajudar-nos. Não creio que nestes casos, de longe os mais numerosos, a hipótese das “egrégoras”, que muito interessa a meu amigo Rémy Chauvin, possa ser suficiente. Examinemos alguns casos.

Casos em que uma verdadeira comunicação
com os mortos
parece ser a hipótese mais provável

CASO N- 1

Há alguns anos, um casal amigo meu vivia nos Estados Unidos, no subúrbio de Nova Iorque. Já os conhecia há vários anos, e havia tido a oportunidade de falar-lhes a respeito dos diferentes fenômenos que estava estudando; em particular, evidentemente, da Transcomunicação instrumental. Durante uma de minhas estadas em sua maravilhosa casinha em Connecticut, contaram-me o que havia acontecido com uma outra família francesa que também morava há algum tempo na mesma região. As duas jovens esposas eram ligadas por laços de amizade, pois haviam se conhecido ainda na França, durante seus estudos na Faculdade de Direito, muito antes de virem, uma após a outra, viver na América.

Nessa segunda família, que eu não conhecia, havia três crianças. A do meio, uma garotinha de seis anos e meio, havia sido atropelada por um ônibus escolar, ao chegar à escola, poucos meses antes de minha chegada aos Estados Unidos. Eu já conhecia a Sra. Simonet que, naquela época, ainda não era tão solicitada como hoje.

Propus, então, a meus amigos que tentássemos ajudar

aquela família que passava por tão dura provação. Pedi-lhes que nada dissessem aos pais enlutados, pois, conforme sabem todos os experimentadores, nada podemos prometer nessa área. Como as duas mulheres eram amigas de longa data, pensei que seria fácil obter uma fotografia da garotinha. Pedi que me dessem também seu nome e sobrenome, bem como os de seus pais. Eu sabia, por experiência própria, que a Sra. Simonet gostava de ter algumas indicações elementares dessa natureza antes de tentar estabelecer seus contatos.

Tao logo recebi os dados necessários, enviei-os a Monique Simonet, dizendo-lhe que ela daria, mais uma vez, um maravilhoso presente a pessoas que estavam sofrendo muito, caso conseguisse obter a voz da menina.

Algumas semanas mais tarde, recebi a fita cassete!

A voz da menina podia ser ouvida várias vezes. Dava seu nome (Laetitia), nomes de seus pais, dizia estar feliz... Era possível ouvir bem, mesmo com um rudimentar gravador. Devo dizer também que a Sra. Simonet avisava que alguns trechos seriam de difícil audição. Ah! os comentários de Monique Simonet! Muitas pessoas hoje os conhecem! Sempre cheios de gentileza, cheios de amor, na tentativa de preparar o espírito dos iniciantes: ela orienta sobre o momento em que surge a voz pela primeira vez, ensina a se fazer a distinção entre a voz e os ruídos de fundo, comenta sobre o ritmo e a entonação. No caso em questão, ela prevenia: “A fala seguinte está no limite do audível. Não sei se vocês conseguiriam ouvi-la. Mas, vou tentar passá-la, mesmo assim, para a fita de vocês.”

Devo dizer, também, que me senti um tanto decepcionado: nas referidas passagens, eu não conseguia ouvir absolutamente nada.

Na minha viagem seguinte aos Estados Unidos, levei comigo a fita cassete. Não era perfeita, mas era melhor

que nada.

Mas não quis apresentá-la aos pais da menina sem, antes, submetê-la à apreciação de meus amigos. Eles poderiam julgar, melhor que eu, se a fita lhes daria mais alegria que sofrimento. Um resultado fraco, insatisfatório, pode causar um efeito inverso ao esperado.

E, então, tive uma boa surpresa. A aparelhagem, de som de meus amigos era superior à minha. E, já na primeira audição, todos os trechos que Monique Simonet havia qualificado de “no limite do audível”, podiam ser ouvidos e compreendidos sem problema. Decidimos, assim, naquela mesma noite, sem qualquer hesitação, entregar a fita aos pais da garotinha.

Mas, como fazê-lo? Eles não estavam esperando aquilo! Entregá-la, assim, sem qualquer preparação, poderia gerar um ceticismo completo, talvez mesmo chocá-los. E este não era o objetivo de nosso trabalho. Finalmente, meus amigos convidaram o casal para jantar, na varanda de que tanto gostávamos. Estava combinado que meus amigos me apresentariam a eles, e que, durante a refeição, como quem não quer nada, eles fariam com que eu expusesse as pesquisas que estava realizando. Eles fariam, inclusive, as objeções mais habituais (para as quais já conheciam as respostas), para que eu pudesse, pouco a pouco, preparar o casal para o choque, para o fantástico encontro com o inverossímil, com o impossível, com a loucura completa.

Jamais esquecerei aquele jantar! Eles jamais saberão como foi difícil para mim! Eu tentava, com todas as minhas forças, ser o mais claro possível, o mais convincente, com o ar mais inocente. E, ao mesmo tempo, dizia a mim mesmo: “Não é possível, eles já entenderam onde queremos chegar, está tudo muito evidente, estamos insistindo no mesmo assunto, muito abertamente, por muito tempo.”

Ao final da refeição, no momento das despedidas, no

último momento, meus amigos entregaram-lhes a fita, explicando, em duas palavras, do que se tratava: “Agora podem ir. E escutem esta fita tranqüilamente, na intimidade de sua casa.”

Durante dois longos dias esperamos por uma reação. Nada, nem um telefonema! Começávamos a ficar preocupados. Como haviam recebido o fato? Qual teria sido o efeito provocado?

No terceiro dia, um telefonema!

Quanta alegria! Naturalmente, a alegria no sofrimento. Ouvir aquela vozinha, tentando reconhecer seu timbre, ou, pelo menos, as entonações, as palavras familiares, era reavivar a dor: mas, mesmo assim, o contato havia sido restabelecido, e era fantástico!

Um ponto, sobretudo, havia gerado o convencimento do pai: à parte qualquer emoção, parecia-lhe, de fato, não haver qualquer outra explicação possível para o caso, a não ser admitir uma autêntica comunicação com o além.

Isto, devido a um trecho da gravação sobre o qual ainda não falei. E verdade que, fora a importância afetiva que atribuo a esta fita, pois vivi pessoalmente as circunstâncias em que foi gravada, esta passagem representa o interesse maior para nosso estudo.

Em um dado momento da gravação, Monique Simonet explica que perguntou a Laetitia: “Há alguém perto de você?” Infelizmente, comenta a Sra. Simonet, a resposta da menininha é muito fraca para poder ser ouvida na cópia da gravação. Mas ela tem a certeza de ter ouvido: “Sim, um tio...” Em seguida, há um nome, em voz bem fraca. A Sra. Simonet ouviu bem o som “i”! Um nome com “i”, diz ela, como se fosse Denis, ou Emile. Ouço apenas o “i”.

Este tio era inglês, explica-nos o pai. Chamava-se Dick. Havia conhecido Laetitia no Natal de 1986, em Paris, e havia se afeiçoado muito a ela. E falecera pouco tempo antes da

menina, que sequer fôra informada de sua morte. Os pais achavam que ela um dia ficaria sabendo.

Meus amigos jamais tinham ouvido falar desse tio.

Eu nada sabia a seu respeito, pois sequer conhecia a família.

A Sra. Simonet também ignorava sua existência.

Os pais de Laetitia, por sua vez, sequer sabiam que, em algum lugar, alguém tentaria entrar em contato com sua filha.

CASO N^o 2

Eis uma outra história que extraio de um livro de Paola Giovetti(1). Mas devo acrescentar que me encontrei pessoalmente, várias vezes, com a Sra. Laura Paradiso, a mãe com quem aconteceu esta história. Ela própria confirmou-me seu teor, esclarecendo alguns pontos importantes.

Seu filho, Corrado, aparentemente havia conseguido livrar-se da terrível armadilha das drogas. Havia recuperado sua saúde e sua alegria de viver. Infelizmente, como sabemos, quem conheceu um desses paraísos artificiais permanece vulnerável para sempre. Um (belo) dia, um amigo convidou-o à sua casa, para escutarem música. Mas as coisas evoluíram de outra forma: Corrado não conseguiu resistir à tentação, e morreu de *overdose*.

Laura, sem sabê-lo, já estava preparada, há muito tempo, para a missão que deveria ser sua um dia. Ela lia, há muito, todos os artigos de parapsicologia que encontrava em jornais ou em revistas. “Sentia que poderiam vir a ser úteis”, diz ela.

Logo após a morte de seu filho, começou a procurar

(1) Paola Giovetti, *Messages d'espérance*, Robert Laffont, p. 158-168.

nesta direção, e não tardou a encontrar um livro de Agnese Moneta, outra mãe enlutada que, antes dela, havia conseguido estabelecer contato com seu filho, no além.

As duas mães comunicaram-se por telefone, e um primeiro encontro ocorreu em Roma, em fevereiro de 1986. Naquela cidade, Laura manteve contato com um grupo de pais que também haviam perdido seus filhos, o que, de certa forma, já proporcionou-lhe certo consolo. Um pai, médium, “viu” seu filho e descreveu-o de modo convincente. Uma mãe recebeu, para Laura, uma mensagem por meio de escrita automática. Até que foi possível gravar, em sua presença, a voz do rapaz.

Mais tarde, seguindo os conselhos de Agnese Moneta, conseguiu fazer, ela mesma, algumas outras gravações, porém de má qualidade.

Em junho de 1986, participou de um enorme congresso sobre Transcomunicação, em Milão. A noite, em seu quarto de hotel, tentou entrar em contato com seu filho, utilizando seu pequeno gravador. Falou-lhe ternamente, em dialeto siciliano, com palavras usadas em sua infância. Eis que, de repente, chegou a tão esperada resposta: “Dado (para Corrado) com você, e alguém o confirma.” As palavras eram bem formadas, perfeitamente claras, sem problema de interpretação, embora de sentido pouco evidente. Laura não conseguia entender de que confirmação se tratava. Mas sabia quem era este “alguém”. Em italiano, a expressão basta, às vezes, para designar o Cristo. Da mesma forma que, em um outro contexto, em francês sabemos que a expressão “quem você sabe” remete ao Cristo. Aliás, um dia, ela receberia esta frase: “*Mammuzza* (minha mãezinha), prepare-se, você viverá comigo a vida do céu, pois seu filho a ama tanto quanto alguém.” Mas o que significaria aquela mencionada confirmação?

A resposta só viria alguns dias depois. Durante o referido

congresso, em Roma, Laura havia conhecido pessoas de Livorno que a acompanharam até Massa, onde ela parou antes de prosseguir até sua casa. Elas sugeriram a Laura que, aproveitando a parada, procurasse uma família que conhecia bem e que havia passado pelo mesmo problema. Os pais haviam perdido um filho jovem há pouco mais de um ano, e estavam em contato com ele, por meio do gravador.

Laura logo telefonou-lhes. Mas, ao pronunciar seu nome, percebeu um longo silêncio do outro lado do fio. Começava já a pensar que estava incomodando a família, quando recebeu a explicação: naquela mesma manhã, aquela mulher que não conhecia havia recebido em suas gravações algumas palavras até então incompreensíveis: “Dado, à Laura...” Tudo ficava mais claro, para grande emoção das duas mulheres.

CASO N² 3

O caso seguinte diz respeito a Jean-Paul Sermonte, poeta, contista, autor de diversos livros nos quais aborda talentos outros, como o de Georges Brassens, o de Gilles Vigneault, etc...

Jean-Paul vivia com Pascale, apaixonada pela dança, pela música, pela literatura, que vibrava com qualquer projeto de viagem (segundo palavras de Jean-Paul). Entretanto, quando discutiram pela primeira vez a questão da morte, ela declarou “com uma tranqüilidade espantosa que “não dava qualquer valor à vida.” Eu gostaria, disse ela, de ir embora o mais cedo possível, de desfazer-me na luz ou no nada, e, sobretudo, de não mais pensar...”. Esta citação foi extraída do último livro de Jean-Paul Sennonte, *Lafiancée des cieux*, e o episódio foi-me várias vezes confirmado pelo próprio

autor.

Na noite de 11 de abril de 1990, Jean-Paul teve um pesadelo. Gritou e debateu-se. Pascale acordou. “Calma, você teve um sonho ruim, falou coisas incompreensíveis...” Mas, Jean-Paul anotou em seu livro: “Eu estou gelado de medo. E horrível, horrível, pois eu sonhei que a morte estava ao pé de minha cama. Não costumo ter pesadelos. Fico apavorado. Aquela visão assustadora não me deixou dormir novamente antes da madrugada.”

Na manhã seguinte, 12 de abril, Pascale voltou para casa após o trabalho, e encontrou Jean-Paul no escritório... “De repente, Pascale aproxima-se por trás de mim, e aperta-me forte em seus braços. Quase sufocando-me. Quando solta-me, sinto nela um ar estranho. Fico preocupado. “Tudo bem?” Ela sorri como que desculpando-se. “Não estou me sentindo bem”, murmura antes de cair”. Os olhos de Pascale acabavam de se abrir para o outro mundo.

Monique Simonet, acionada, tentaria, logo depois, uma primeira comunicação através de seu pequeno gravador. Retomo aqui a narrativa de Jean-Paul:

“Estamos em 24 de abril de 1990, ou seja, 12 dias após sua partida. Não é muito cedo? Monique promete fazer o possível.

“A noite, rezo em voz alta:

“Pascale, se você estiver me ouvindo, vá à casa de Monique, tente se fazer ouvir. Sei que é muito difícil para vocês materializar a voz, recriar palavras... mas peça ajuda, tente, mesmo poucas palavras.”

“Inquietação legítima. Eu acho que as vozes chegam do além, mas como saber se é Pascale quem vai falar, se é tão raro reconhecer as vozes? E se for outra entidade?

“Decido criar um código. Uma senha.

“Pascale adorava gatos. Eu a chamava, então, de “minha gatinha”. Sempre. Peço novamente:

“Pascale, na mensagem para Monique, fale de gato, faça uma alusão a gato, e eu saberei que é você.”

“Naturalmente, não digo nada a Monique a respeito da senha. Falo alguma coisa apenas a Carole. Para ter uma testemunha.

“Espero.

“A fita cassete chega alguns dias depois. Tranco-me em meu escritório, desligo o telefone, e escuto:

MONIQUE PARA PASCALE: “Vamos tentar, Pascale, com a permissão de Deus, e com a ajuda de todos os guias. Vamos tentar, Pascale? Você está me ouvindo?”

PASCALE: Sim.

MONIQUE: Meu Deus, está muito fraco!... Você pode falar alguma coisa para Jean-Paul?

MONIQUE PARA JEAN-PAUL: Ela acaba de dizer “Jean-Paul”. Ela disse claramente “Jean-Paul”, e acho que, antes, disse “estou aqui”.

MONIQUE PARA PASCALE: Obrigada, Pascale, ouvimos bem “Jean-Paul”. Tente dizer-lhe outra coisa. Diga-lhe alguma coisa e eu mandarei a fita para ele amanhã de manhã.

MONIQUE PARA JEAN-PAUL: Não vou interromper. Há uma voz que diz “Miau”. Talvez não seja Pascale. Deve ser alguém brincando. Como você sabe, eles não estão sozinhos. Não me surpreenderia se fosse alguém da família. Mas pode ser também uma brincadeira entre vocês dois. Prefiro não apagar da fita.”

Naturalmente há outras palavras gravadas na mesma fita, que não menciono aqui. Mas uma, em especial, bastou para mudar a cabeça de Jean-Paul. Passo-lhe novamente a palavra.

“Escuto várias vezes. Sobretudo uma passagem. Uma palavra: “Miau”. E pensar que Monique quase a apagou, pensando ser uma brincadeira. Decididamente, Pascale atendeu, a seu modo, ao pedido que lhe fiz. Não há outra

explicação. Monique desconhecia totalmente, repito, a senha que eu havia criado.

"Como não ter a certeza de que ela está perto de mim, de que me ouve, de que existe, como nos ensinam hoje os grandes físicos (além dos espiritualistas), uma outra dimensão onde nosso espírito sobrevive ao tempo e à morte?"

Devo ainda acrescentar para o leitor que possuo uma cópia deste trecho da fita cassete, e que o tal "miau" está mesmo gravado, bem alto e bem pronunciado. A história é ainda mais interessante porque a "combinação" feita entre Jean-Paul e Pascale não ocorreu quando ela ainda estava viva. A idéia da senha só passou pela cabeça de Jean-Paul após a morte de Pascale. Portanto, foi do além que Pascale captou o pensamento de Jean-Paul. Então, como ele próprio diz, ela deve estar de certa forma perto dele, e deve ouvir o que ele diz.

CASO N^o 4

Eis uma outra história para a qual uma explicação que recorra ao fenômeno de telepatia entre vivos nos parece bem improvável. Ela é extraída, em grande parte, do livro de Monique Simonet: *A Vécoute de l'invisible*(1).

Prefiro transcrever na íntegra a passagem principal, pois contém detalhes que nos podem ajudar a levar mais longe nossa reflexão. Com a devida autorização dos pais, apresento o verdadeiro nome da moça morta.

"4 de junho de 1981, Reims.

"Quase uma hora da manhã. Não dunno. Penso naquela maravilhosa moça, Christine, de quem recentemente recebi uma fotografia... Longos cabelos negros emoldurando um

(1) F. Larone e F. Sorlot, 1988, p.

rosto de sonho... Seria ela muito bela, ou muito pura, para permanecer na terra?... Ela se “foi embora” para esse outro mundo, como, aliás, parecia pressentir, levada por uma embolia, sem que nada o fizesse supor com antecedência. Sua mãe escreveu-me contando seu sofrimento, sua confusão...

“Nessa noite, seu rosto me persegue; e, como não tenho sono, talvez possa tentar chegar até ela...”

“Preparo-me rapidamente. Escuto com atenção. Logo chega até mim uma voz masculina, que reconheço com prazer: a de meu pai. “Christine está aqui”, diz-me ele.

“Agradeço-lhe, e espero. Pouco depois, ouço um coro de vozes masculinas que entoam docemente: “Christine” !...

“Tudo lindo, mas eu gostaria de ouvi-la pessoalmente. E pergunto: “Christine, você pode falar comigo?” Finalmente uma voz clara, de bom timbre, evidentemente de uma moça, responde-me:

“Desculpe... Estou cansada esta noite.”

“A resposta parece-me, na hora, surpreendente. Por já ter lido várias vezes, em várias obras espiritualistas, eu sabia que, no mundo do Além, é preciso haver descanso e recarga de energias. Acredito, então, que Christine deve estar em um destes momentos de falta de energia que se assemelharia ao nosso cansaço terrestre. Mas ela está ali, presente, fazendo o esforço de responder-me, com extrema gentileza. Rezo um pouco, e peço aos amigos invisíveis - que haviam chamado por ela um pouco antes - que a ajudem. De repente, penso em Sutin (jovem tailandês adotado por uma família francesa, morto em um acidente, e com o qual a Sra. Simonet havia obtido comunicação uns dias antes)(1) e pergunto:

“Sutin! Você está aí? Você pode ajudar?... Sutin!...”

(1) Ver em seu livro, p.

“Na hora, não ouvi nada. Entretanto, alguns segundos depois, uma voz masculina me disse, de modo muito amável:

“Sim!... Eu estava dormindo...” Será que ele estava de fato dormindo? Ou seria uma espécie de relaxamento do espírito? Não sei, mas continuo a escutar: “Eu estava dormindo.” Agradeço-lhe por ter atendido a meu chamado. Depois dirijo-me a Christine: “Christine, será que você pode me dar ao menos uma pequena mensagem para sua mãe?...” “...Mamãe, eu te adorava... mamãe, a história dos três telegramas!” É a mesma voz de moça que pronuncia as duas frases. Não compreendo o sentido das últimas palavras. Continuo a ouvir, mas é inútil. Silêncio. Como já é tarde, muito tarde - ou melhor, muito cedo - acho preferível descansar (eu também!...). A Sra. A., mãe de Christine, talvez possa compreender: a “história dos três telegramas” talvez corresponda a um fato passado...”

Mas a história não acaba aí. O mais importante aconteceria nove dias mais tarde, com a resposta da mãe. Aqui está o essencial:

“Esse “desculpe” era comum em sua linguagem terrestre. Ela era uma menina muito doce e tímida... A história dos três telegramas é autêntica: é absolutamente maravilhoso... Trata-se de uma história inacreditável que aconteceu em minha casa.” Naturalmente, a Sra. Simonet nada sabia a respeito da “história” dos telegramas. A mãe de Christine concluía assim:

“Não há possibilidade de dúvidas. Apesar da infelicidade que toma conta de mim, fico tranqüila quanto a Christine. A fita cassete trouxe esperança para minha dor. Para mim, agora tudo está claro. Christine está nos ajudando, do além...”

Recusar que tenha ocorrido verdadeiramente uma comunicação com o além, neste caso específico, para enxergar

apenas uma projeção do subconsciente, seria atribuir a este último raízes que atingiriam um nível de realidade além do tempo e do espaço. Ou seja, seria admitir, de qualquer forma, que o subconsciente é capaz de se comunicar com um certo além, e um além capaz de comunicar informações personalizadas. A diferença em relação a uma autêntica comunicação com os mortos estaria, então, reduzida a bem pouca coisa.

CASO N²5

Eis ainda um exemplo que extraio da obra de Monique Simonet: *A Vécoute de l'invisible*(1). Limitar-me-ei, eventualmente, a acrescentar, entre parênteses, alguns detalhes que me foram confiados oralmente pela autora.

“Hoje à noite (final de maio de 1979), enquanto leio uma obra espiritualista - pois procuro instruir-me a respeito - deixo o aparelho (trata-se de uma simples gravador) captar o ambiente sonoro de meu apartamento. Tudo está silencioso, no meio da noite. Pode-se ouvir apenas o leve rumor das páginas que viro. Após uns vinte minutos, aproximadamente, muito interessada em minha leitura, nem penso mais na possibilidade de uma presença invisível, ou de uma manifestação, e até esqueço que estou gravando. Quando volto a pensar no assunto, sinto-me cansada. Estou prestes a ir para a cama, sem ouvir a fita. Mas lembro-me que amanhã terei pouco tempo livre. E começo a ouvi-la... Desta vez não há “boa noite”, ou “bom sono”, ou “bom descanso”... gentilezas com as quais já estou habituada. Mas há uma frase mais longa, que não compreendo, pelo simples fato de não ser dita em francês. Volto a fita várias vezes, e anoto o que

(1) F. Lanore e F. Sorlot, 1988, p. 25-

ouço: “*Esti moch te via ben’, esti...*”

“A voz é um tanto feminina, grave, e, sobretudo, muito audível (isto é verdade, pois recebi uma cópia da fita. As palavras representam um problema, é evidente, mas o reconhecimento dos sons não deixa dúvida: correspondem exatamente à transcrição feita pela Sra. Simonet. Não há dúvida). Dá para perceber que a língua é derivada do latim. Vou correndo procurar meu velho dicionário latim-francês, e traduzo da melhor forma que posso. Talvez signifique: “Em breve você estará no bom caminho, com certeza”. “*Esti*” é o verbo ser, no futuro. “*Via*”, o caminho. “*Ben*”, bem, bom. E “*moch*” me faz pensar em “*mox*”, cuja tradução é “breve”. Quanto ao segundo “*esti*”, reforçaria o primeiro, indicaria a certeza. Naturalmente não se trata de um latim puro, mas eu entendo. Tentarei informar-me mais exatamente para a seqüência. (De fato, até hoje o mistério perdura. Acreditamos, em determinado momento, que fosse romeno, mas creio que devemos abrir mão desta hipótese. Mas não há dúvida de que seja uma língua latina.).

“De qualquer forma, a mensagem me parece importante. Quem estará apostando em mim? Não sei. De qualquer modo, não se trata de alguém que eu tenha conhecido. Além disto, qual o sentido das palavras? Dizem respeito a minhas gravações? É possível, pois pretendo comprar um gravador mais aperfeiçoado. Mas pode tratar-se, também, de minha evolução pessoal. Eu quero melhorar. Talvez adquira, proximamente, uma melhor compreensão de todas as coisas... O que quer que seja, trata-se de uma mensagem de esperança, de encorajamento, e de amizade. Fico muito grata a esta entidade desconhecida que a trouxe para mim.”

Sabemos que, por vezes, um gravador pode captar ondas de rádio. Tal fenômeno teria ocorrido exatamente, e unicamente, naquela noite, em uma língua desconhecida? Ou será melhor admitir que a Sra. Simonet tenha ouvido estas

mesmas palavras, um dia qualquer, na Praça do Mercado, em Reims, que as tenha memorizado sem se dar conta, e que naquela noite as tenha projetado em seu gravador, sem querer, enquanto pensava em outra coisa? Um simples fenômeno de “psicocinese”? Se levamos em conta que as vozes gravadas são, hoje, da ordem de centenas de milhares, tais hipóteses bem complicadas parecem, afinal, as menos prováveis.

CASO N^o 6

Trata-se, agora, de um caso que conheço bem. O interesse que desperta em nossa pesquisa vem, mais uma vez, do fato de a resposta estar fora de qualquer expectativa.

Pascal, filho do Doutor R..., faleceu tragicamente aos trinta anos, no início de junho de 1988, em condições heróicas. Os pais tiveram, desde então, o privilégio de receber, primeiro indiretamente, depois diretamente, numerosas mensagens do filho, através do gravador.

O que nos interessa foi gravado em 11 de fevereiro de 1992. Naquele dia, sua mãe acabava de tentar um contato, recorrendo à ajuda de um suporte. Ao perceber que era uma música cantada em francês, parou a gravação para pedir desculpas ao filho, dizendo-lhe que usaria alguma outra coisa em alemão. Eis o texto:

Sra. R.: “Você poderia se identificar, meu filho? Isto nos faria muito bem, tanto a seu pai quanto a mim.”

(Música cantada por Alain Suchon : junto a mim... eu te amo nas canções... como te amo...”).

Sra. R.: “Vou pegar novamente sons em língua estrangeira, vozes em alemão, você bem que poderia se identificar, nos dizer alguma coisa, Pascal, o som que eu coloquei não era bom. Agora é a sua vez, meu querido.”

Voz gravada, como numa recepção imediata:

“Deixa, estava tão bom!”

Eu tenho a cópia da gravação, e posso garantir que a voz é clara, bem formada, e que as palavras pronunciadas não deixam margem a dúvidas.

Poder-se-ia imaginar, na hipótese animista, que tenha sido a própria Sra. R., de repente, a achar que as palavras da canção eram belas, e que seu subconsciente tenha projetado as palavras na fita magnética. Mas a voz é claramente masculina e jovem. Seria necessário um subconsciente bem astuto e rápido para reagir tão ligeiro, e com astúcias psicológicas tão sutis.

Pascal teria apenas desejado dizer a sua mãe que seria capaz de utilizar o primeiro suporte? É possível. Talvez tenha desejado dizer a ela que aquelas palavras de amor correspondiam aos sentimentos que o uniam a ela além da morte? Parece-me o mais provável.

CASO N² 7

Eis um caso não espontâneo, mas que faz parte das diversas tentativas de montagem realizadas pelo mundo para buscar um esclarecimento a respeito de todos estes fenômenos de vozes gravadas. Trata-se de um grupo italiano formado em Grosseto, em tomo de Marcello Bacci, comerciante de aparelhos eletrodomésticos. O grupo é informal, com alguns membros um pouco mais fiéis, e está sempre pronto a acolher visitantes passageiros que buscam consolo ou conselhos técnicos.

Aqui está a narrativa da experiência, relatada pelo próprio Marcello Bacci(1):

(1) Em sua obra intitulada *Il mistero delle voci dali 'aldilà*, Edizioni Mediterranee, 1987, p. 62.

“17 de setembro de 1976. Presentes: Bacci, Luciano Capitani, Sergio Pannocchia e Paolo Lecci.

“Às 21:40h, decidimos tentar um novo tipo de experiência. Saímos da sala de gravação, deixando, porém, um gravador estéreo ligado, com dois microfones incorporados (deve-se destacar que, antes de sair, não fizemos qualquer pedido para que as vozes se manifestassem).

“Afastamo-nos um pouco, caminhando sem destino pelas redondezas. Depois de quinze minutos, retornamos ao laboratório.

“Ao escutarmos a fita, ouvimos: “Mas, onde estão eles? Na janela? Achtung(1)”. Em seguida, ouvimos nossos próprios passos que se aproximam, e vozes que dizem: “Ei-los, parece que estão próximos. De acordo.””

Em 21 de outubro de 1979, três anos depois, nova tentativa do mesmo gênero, com uma pequena variação.

“Presentes: Bacci... (os nomes pouco importam para nós), 21:45h.

“Refazemos a experiência, desta vez acrescentando o rádio. Após colocar os aparelhos em funcionamento, saímos do laboratório. Seis ou sete minutos se passam até que Capitani decide aproximar-se da porta do laboratório. Ele dá algumas batidas no vidro. Todos juntos, afastamo-nos uma segunda vez. Retomamos após alguns minutos e entramos na sala de experimentação para escutar o que foi gravado naquele espaço de tempo.

“Repentinamente, ouvimos as primeiras vozes que passam de forma clara pelo alto-falante do rádio: “Com Bacci. Eles estão chegando. Muito bem. Eles estão com Bacci. Que estão fazendo?”

“No sexto minuto de gravação, ouve-se com clareza as batidas dadas no vidro por Capitani. E logo uma voz que diz,

(1) N.T. Em alemão no original:

na fita: “O advogado (Capitani) está chegando. Ele está respondendo.”

“Ao final da gravação, no momento em que nos aproximamos para entrar no laboratório, a voz diz: “Quem se vê? Voltar aqui. Vieram com você. Nos quer.””

(Tentei repetir aqui os desacertos de sintaxe, tão característicos em tais comunicações. Desacertos tão marcantes que, por vezes, o sentido das mensagens permanece incompreensível).

CASO N² 8

O professor Sinesio Damell, em Barcelona, imaginou um outro sistema bastante complicado. Pediu a outros pesquisadores, de diferentes centros da Espanha, que preparassem fitas cassete contendo cada uma sete perguntas, bem curtas, com um tempo para respostas de aproximadamente dois minutos após cada questão. Cada cassete teria, portanto, quinze minutos. Cada centro manteria, cuidadosamente, a lista das perguntas formuladas, sem comunicá-las ao professor Damell. Cada centro recebeu um número de código: por exemplo, o número 1 para o centro de Madri; o 2, para Valência; o 3, para Valladolid, etc.

No total, vinte e três fitas foram gravadas. Os estojos foram colocados em uma caixa de papelão. Uma pessoa, alheia às experiências, misturou todas as fitas. Cada fita foi utilizada apenas uma vez.

Em seguida, o professor Damell fez uma montagem engenhosa, comportando três gravadores que eram acionados ao mesmo tempo, segundo um sistema aleatório: nunca antes da meia-noite, nunca após as cinco horas da manhã. Um dos gravadores recebia uma das fitas gravadas por um dos centros. Os dois outros recebiam fitas virgens.

Quando o mecanismo era acionado, os dois gravadores dotados de fitas virgens gravavam, necessariamente, as perguntas feitas pelo terceiro. Mas, às vezes, então, após a gravação destas perguntas, no espaço de silêncio de dois minutos que se seguia, surgiam respostas, e respostas coerentes com a pergunta formulada. O professor Damell não sabia a que horas o mecanismo seria acionado. Ele não conhecia as perguntas que estavam gravadas. Tudo o que sabia era o número da fita em uso, e, portanto, qual o centro que as preparara. Os autores das perguntas não sabiam nem o dia nem a hora em que sua fita seria utilizada.

As primeiras tentativas foram sem sucesso. Para acelerar um pouco o processo, o professor passou a trabalhar cada noite com duas fitas, sempre pelo mesmo sistema aleatório, mas com um intervalo de duas horas entre cada uma. Infelizmente, logo faltou-lhe material. E ele precisou correr atrás de seus amigos, de colaboradores e de antigos alunos, para conseguir novas fitas com novas perguntas. Foram utilizadas, assim, cinquenta e cinco fitas pré-gravadas.

Com efeito, os resultados obtidos são quantitativamente muito decepcionantes. Mas, tendo em vista o rigor das condições, sua importância é assaz considerável. Considerando apenas as vozes bem claras, duas respostas foram conseguidas. Uma primeira vez, à pergunta “Você pode me ver?”, uma voz responde: “Se você estiver dormindo”. Na segunda vez, à pergunta “A alma existe?”, tem-se a resposta: “E você, o que acha?”. Esta segunda voz correspondia exatamente ao timbre de uma mulher, e jovem. A primeira voz não era bastante característica para que se pudesse fazer alguma dedução.

Claro que foi pouco resultado para tanto esforço. Mas não nos esqueçamos das condições em que foram conseguidas. Para provar que a hipótese “animista” não era a única possível, ou seja, para provar que ao menos algumas

vozes recebidas não poderiam ser explicadas pela projeção de um subconsciente, o professor Damell aumentou consideravelmente a dificuldade. Pois, mesmo na hipótese de uma autêntica comunicação com os mortos, atualmente vivos em outra dimensão, ninguém pode negar que o fato de chamá-los, de se pensar intensamente neles, de enviar-lhes pensamento de amor, não ajude consideravelmente a atrair sua atenção para perto de nós e de nossos aparelhos. Na experiência montada pelo professor Damell, não há, ao contrário, qualquer chamamento, qualquer pensamento. E nem aqueles que gravaram as perguntas poderiam se dirigir a um morto em especial. Que tenha havido algumas respostas (mesmo se, na maioria das vezes, tenham sido apenas murmúrios confusos, como o próprio professor Damell admite) já é algo de extraordinário. Há, afinal de contas, pelo menos duas respostas perfeitamente claras e coerentes com a pergunta 1).

CASO N° 9

Um outro caso muito interessante, em função da complexidade do fenômeno, ocorreu em Grosseto. Era noite, 25 de setembro de 1978, e os visitantes de passagem eram um casal de franceses, Sr. e Sra. Angeli. O Sr. Daniel Angeli tinha uma innã que morava em Grosseto, o que explicava sua inclusão no círculo de transcomunicação de Marcello Bacci. O Sr. Angeli esperava obter contato com seu irmão, que havia sido fuzilado pelos alemães, em Nancy, durante o período da Ocupação nazista. A comunicação foi obtida, naquela noite, através de um alto-falante de rádio. O chamado foi feito, como de hábito, e eis o texto das vozes,

(1) Sinesio Damell, *El mistero de Iapsicofonia*, op. cit., p. 115-120.

no estilo telegráfico comum a essas mensagens:

“Até logo, muito obrigado (em francês; o resto, em italiano). Mas aqui embaixo não o vimos. Nós o procuramos. O que quer Bacci? Aqui não, ele não está aqui, ele está morto. Como os mortos, como nós, nós o conhecíamos. Esta noite, gostaria de dizer-lhes em seguida... Ajuda!... alemães... eles estão tentando fugir... rápido, é melhor ter (neste momento, ouve-se um coro que canta; depois, um barulho claro de metralhadora). Que Daniel? pergunta ele. A Igreja (em francês), rápido (em alemão).”

E preciso notar, inicialmente, como fez o Sr. Bacci em seu comentário, que “as vozes” perceberam perfeitamente a presença dos visitantes franceses. No tocante ao resto, cito aqui as palavras do próprio Sr. Angeli:

“Eu estava informado sobre as pesquisas que os senhores vêm realizando, pois minha innã me falava a respeito, de vez em quando. Mas eu nunca havia assistido a uma experiência do gênero. Se não a houvesse visto e ouvido pessoalmente, acho que jamais acreditaria. Tudo parece totalmente inacreditável, e garanto que se trata de um acontecimento que me toca de perto. As circunstâncias são semelhantes àquelas vividas naquele distante ano de 1942. Imaginem que o canto que se ouve na gravação é aquele dos *partisans*, que cantávamos há trinta e cinco anos. E eis que hoje ele ressurgiu, nesta casa, junto à voz de meu irmão. E tem mais: é de fato o ruído característico de uma metralhadora em ação. Sem contar o medo contido na voz que grita “Ajuda!... alemães ...”

“Hoje, aqui, perto de vocês, assisti a um acontecimento que voltou a se manifestar em toda sua intensidade dramática(1)”.

(1) Marcello Bacci *Il mistero delle voci d'aldilà*, op. cit. ,p. 70-71.

E preciso, de qualquer forma, acrescentar algumas palavras à guisa de comentário. É bem verdade que as “vozes” levaram em conta a presença de franceses naquela reunião. Parece mesmo que se dirigem diretamente aos interessados, em função das circunstâncias. São vozes pronunciadas atualmente, e não simples ressurgências do passado, ondas remanescentes. O mesmo ocorre, certamente, com as palavras ditas em italiano, pois, para a maioria, quando do acontecimento, elas foram pronunciadas com certeza em francês, mesmo se o irmão assassinado fosse de origem italiana. Dificilmente, em Nancy, ele teria gritado em italiano: “Ajuda!... alemães...”

Mais uma vez não se trata de ondas remanescentes captadas por Marcello Bacci. Temos, portanto, ao menos em parte, uma reconstituição da cena com tradução, mais que uma “redifusão” do próprio acontecimento. A “sonorização” poderia, ao contrário, pelo menos em princípio, ter sido retomada do passado. O mesmo ocorreria com o canto dos *partisans* que Daniel Angeli reconheceu imediatamente, e que certamente não foi cantado no além para aquela circunstância, em sua versão italiana.

Devo dizer, ainda, que não ouvi essa gravação. Mas ouvi várias outras, realizadas por Marcello Bacci, e os coros que são ouvidos são de grande beleza, formados geralmente por grande número de vozes, das mais graves às mais agudas. Ou seja: atribuir o fato a uma projeção apenas do subconsciente dos experimentadores seria também atribuir-lhes grande honra.

E, além das vozes, há instrumentos musicais de todo tipo, e que surgem, algumas vezes, a pedido: órgão, carrilhão, sinos, címbalos, trompete, etc.

Vamos a mais um caso que nos chega da Itália, do grupo de Grosseto, e que apresenta um caráter bem complexo. Vou apresentar o relato, um pouco resumido, publicado por Marcello Bacci(1).

“24 de setembro de 1980. Presente: Bacci, Luciano Capitani, Sergio Giomi, Sra. Vincenza Toscano, e Sr. Carlo Statzu acompanhado de sua amiga, Sra. Simona.

“Tentativa feita pelo alto-falante do rádio.

“A Sra. Toscano veio a nosso laboratório para tentar entrar em “contato” com seu filho Luigi, morto em um acidente de avião em Punta Raisi, em 5 de maio. Seu corpo não foi encontrado.

“Eis as “vozes” obtidas (com a habitual dificuldade de interpretação):

““Nós estamos indo, estamos indo, vocês estão vendo? Ouça onde foi que eu morri. Depois esperar alguns minutos? Avião Punta Raisi, Luigi recebido. Palermo, está ouvindo Luigi? Luigi se lembra (neste momento ouve-se o barulho característico produzido por um avião em vôo) como ele tinha dito” (ouve-se um coro).”

E agora, aqui está o comentário de Marcello Bacci: “Que podemos tirar desta experiência? Em primeiro lugar, a importante personalização feita pelas “vozes”, como o nome de Luigi, e com os nomes de lugares como Palermo e Punta Raisi - onde ocorreu o acidente. Mas, sobretudo, o barulho do avião em vôo é bastante revelador, misturado a um fundo de “vozes” que parecem relacionadas a uma ligação entre o avião e a torre de controle. Se acrescentamos a isso a presença de uma voz feminina, clara, que se expressa em várias línguas, e que

(1) // *mistero delle voci dairaldilà*, op. cit., p. 86-87.

parece ser a aeromoça dando ordens aos passageiros do avião, o quadro formado nos parece bastante convincente.

“Por este motivo, esta experiência, examinada em todos os seus aspectos, deu-nos a impressão de ter sido puxada acusticamente, em um deslizamento temporal que permitiu às “vozes” nos fazer reviver o trágico episódio.”

Marcello Bacci chega, pois, no caso dessa gravação, à hipótese que eu já havia levantado no caso do irmão fuzilado pelos alemães. Tudo aconteceu como se tivéssemos uma redifusão da trilha sonora correspondente ao acidente. As palavras recebidas não correspondem, entretanto, ao mesmo momento: elas não são pronunciadas no exato momento do acidente. São, aliás, muito fragmentadas, não correspondem de forma alguma às nossas regras de sintaxe. Por isto são de difícil interpretação.

CASO N² 11

O Dr. Dieter Kämpgen é médico e químico. Desde 1976 dirige um consultório de “métodos terapêuticos biológicos”, em Eschwege: significa que, além da medicina tradicional, recorre a medicinas paralelas, e, em particular, à homeopatia. Mas desde 1985 vem recorrendo ainda ao que poderíamos chamar de medicina “transcoiunicacional”, ou seja, em casos mais complicados não hesita em questionar nossos amigos do além, registrando as respostas em um gravador.

Eis alguns casos rapidamente evocados a partir do livro da Sra. Hildegard Schãfer(1):

(1) Hildegard Schãfer, *Théorie el pratique de la transcommunication*, op. cit, p. 197-209.

“Uma garotinha de três anos e meio sofria, há dois anos, de uma leve forma de neurodermatose. Mas as feridas contínuas perturbavam muito a criança. Em suas coxas e costas havia cascas que davam à pele um aspecto seco, quebradiço e inchado. Os preparados homeopáticos de costume não representaram qualquer melhora. O Dr. Kämpgen tentou, então, realizar uma gravação. Na fita, ouviu: “Apenas *Phos*”. Essa voz, detalhe interessante, só podia ser ouvida com a fita sendo passada de trás para a frente. Já na absorção de um preparado de *Phosphorus LM VI*, as feridas desapareceram. Após uma semana, a pele voltou a seu normal, e as últimas cascas começavam a desaparecer.”

Nesse primeiro relato, já fica claro que o Dr. Kämpgen sequer pensava no remédio que lhe foi proposto, e que daria certo no tratamento. A mesma situação se encontra em grande número de casos assinalados na obra citada, e é perfeitamente normal, pois o médico só se dirige ao além em casos desesperadores. Mas o exemplo citado interessa-me particularmente por um outro detalhe: a forma como a voz se fazia ouvir, com a fita sendo tocada a partir do fim! Mais uma vez, na hipótese de uma simples projeção do subconsciente do médico, seria necessário admitir que, naquele dia, seu subconsciente estava especialmente esperto! E sabemos que tais casos não são assim tão raros. Os experimentadores, munidos de material profissional, já puderam observar outros casos semelhantes. E eu ouvi, no Congresso Internacional de Bâle, em 1989, vários exemplos dessas vozes, e que eram de excelente qualidade.

Na realidade, cada uma das consultas através de gravador tentadas pelo Dr. Kämpgen apresenta uma variação. No caso de uma jovem que, desde seu nascimento, também sofria de dermatose, o referido médico obteve uma voz feminina que lhe disse, cantando: “Dê *iodum!*”. Em outro ponto da mesma fita, outra voz confinna: “Prescreva iodo!”. Também esse

tratamento foi um sucesso.

Em outro caso, mais complicado, o doente sofria de sinusite crônica e, ao mesmo tempo, de deficiências neurológicas, com câibras musculares, decorrentes de um acidente de carro. O tratamento proposto pelo Dr. Kampgen não conseguia ter eficiência. O doente, então, dirigiu-se a outros médicos. Alguns anos mais tarde, um telefonema da irmã do paciente informou o médico que o rapaz estava praticamente desenganado. Um vírus estava atacando lentamente sua medula espinhal. O Dr. Kampgen consultou seus ajudantes invisíveis. Uma voz declarou-lhe, então, de forma bastante audível: “Pense no cézio”. O médico ficou um tanto surpreso, pois não se tratava da indicação de um medicamento, mas de um oligoelemento. Entretanto, em mais esse caso, a indicação revelou-se preciosa.

Pode-se observar que as vozes se manifestam de maneiras diversas, segundo as ocasiões. O timbre pode mudar. Algumas são masculinas; outras, femininas. Algumas cantam; outras, falam. Outras chegam a gritar. E dificilmente corresponderiam à hipótese de uma projeção por psicocinese proveniente do próprio médico.

No último caso citado, a prescrição recebida pareceu-lhe totalmente espantosa. Seria difícil imaginar que o doutor conhecesse, na realidade, a eficácia do cézio, e que simplesmente a tivesse esquecido. Invocar aqui um fenômeno de criptomnésia adicionado a uma projeção inconsciente parece-me extremamente complicado.

Creio ainda importante, dentro de nosso assunto, destacar que o Dr. Kämpfer não confia cegamente nas indicações que recebe do além. Transcrevo aqui o resumo de suas observações, segundo a obra da Sra. Schäfer: “Do ponto de vista do diagnóstico, os pareceres corretos e incorretos equilibram-se nas gravações. As mensagens incorretas dizem mais respeito, em geral, ao câncer e a outras doenças

graves ou incuráveis. Sabemos que a transcomunicação nos coloca frente tanto a espíritos positivos quanto negativos (que ainda erram em uma esfera inferior). Por este motivo, o Dr. Kämpger aconselha que, em todos os casos, se busque apoio em métodos de diagnóstico comprovados pela medicina oficial e pela terapêutica natural.”

Supor, nestes casos, que as mensagens recebidas venham do subconsciente seria admitir que o médico realiza um diálogo consigo mesmo, através de um gravador, procurando, às vezes, afastar-se de si mesmo, ou testar-se para ver se consegue desfazer a própria armadilha. A hipótese em si não é impossível, mas já estaria no campo da doença mental.

Parece que estamos tratando, em todos os casos, com uma outra inteligência que não a do experimentador. Mas a hipótese de espíritos negativos não deve ser afastada. Pode haver interferência de espíritos realmente maus, ou de espíritos cheios de boa vontade, porém sem competência real, que se deixam levar simplesmente pelo desejo de ajudar: assim como acontece, em certos países, onde algumas pessoas preferem fazer-nos seguir por um mau caminho a deixar-nos sem resposta.

CASO N^o 12

O caso seguinte é deveras excepcional, o que explica, evidentemente, seu interesse. Trata-se, ao que me parece, da voz de um morto, ou, mais provavelmente, de uma morta, mas o que ela diz não se dirige a nós que vivemos na terra. É uma mulher que vive no além e que se comunica com outros mortos. Há pelo menos dois outros, pois ela se dirige a eles no plural. Além disso, ela utiliza um tratamento informal, o que parece habitual entre os mortos. Em francês essa

nuancenão seria percebida(1), mas o texto é comunicado em alemão. O fato se passa na Alemanha, no grupo de Darmstadt, e representa um dos exemplos gravados em fita cassete que o referido grupo vendia ao público, no processo de iniciação à transcomunicação.

Antes da frase do além, há, como sempre ocorre nessas fitas de iniciação, uma apresentação das circunstâncias. Reproduzo-as aqui pois têm sua importância.

Uma tarde, um experimentador estava fazendo gravações, utilizando um *psicofone* (ou seja, uma mistura de vozes em línguas estrangeiras pré-gravadas) como “suporte”, quando foi interrompido pela campainha da porta. Era seu amigo Roland. A fita continuou rodando por algum tempo, até que o gravador foi desligado. Quando, mais tarde, o experimentador lembrou-se de escutá-la, havia na fita uma voz de mulher que dizia (em alemão, naturalmente): “01he(m?), aqui está Roland sentado, aqui.”

Observem a repetição do advérbio “aqui”, que talvez corresponda à estranha sintaxe utilizada nas mensagens do além, mas que também pode ser explicada por uma simples insistência junto a interlocutores que talvez tivessem dificuldade em nos enxergar.

Porém, o mais interessante, evidentemente, é que essa voz perfeitamente clara não teria qualquer sentido caso estivesse se dirigindo a uma das pessoas eventualmente presentes na sala.

Parece que ela se dirige a outros mortos. Ou talvez, ter-se-ia captado uma conversa entre pessoas falecidas. Oh! uma conversa, talvez seja dizer muito. Afinal, temos

(1) N.T. Em francês, o tratamento de segunda pessoa do plural, “vous” é empregado em situações diversas entre si: singular formal (o senhor, a senhora), plural formal (os senhores, as senhoras) e plural informal (vocês).

apenas uma frase. Mas são as palavras de um “morto” que se dirige a outros “mortos”!

Na mesma fita, aliás, imediatamente depois e nas mesmas circunstâncias, segundo palavras do comentarista, há a voz de um garoto que, naquele dia, queria se manifestar. Vendo, também ele, que o amigo Roland iria interromper a gravação, contenta-se em dizer, com uma límpida voz infantil, muito clara: “Guten Tag; auf Wiedersehen(1)”. Desta vez, portanto, um texto que parece dirigido a nós, vivos deste nosso mundo.

Nos dois casos acima a hipótese de uma projeção do subconsciente faria supor a existência de um subconsciente verdadeiramente delirante. Não vejo qual seria o interesse do experimentador em projetar na fita magnética a simples constatação da presença de Roland. E sobretudo não vejo como ele poderia dirigir-se assim a interlocutores que sequer pode ver. Seria preciso supor, ainda, que seu subconsciente percebe a presença de outros mortos, e que é ele próprio, na realidade, que se dirige a essas pessoas mortas.

A hipótese admitiria, pois, a presença real desses mortos e um diálogo real, entre vivo e mortos, no sentido inverso àquele esperado.

Mas, de qualquer fonna, tal hipótese não permitiria explicar a voz do garoto que se manifesta logo a seguir. Seria muita complicação para nada.

CASO N² 13

Aqui está uma outra história, um pouco mais complexa, onde me parece, no entanto, não haver outra explicação a não ser admitir uma autêntica comunicação com o além.

(1) N.T. Em alemão no original: Bom dia; até

Tomo como fonte o professor S. Damelle, utilizando, por vezes, suas próprias palavras.

Um dia, um de seus antigos alunos foi procurá-lo pedindo-lhe que o ajudasse em sua revisão da matéria de ciências. Na época, o aluno era suplente de ensino, e pretendia prestar um concurso para tomar-se titular da cadeira. As provas seriam realizadas alguns meses mais tarde e ele previa o pior, tendo em vista o reduzido número de vagas disponíveis para milhares de candidatos. Dentre os quase sessenta pontos a serem revisados, os dois escolheram alguns de física e de química.

Pouco tempo antes das provas, o estudante insistiu para que o professor Darnell consultasse seus amigos invisíveis, perguntando sobre suas chances de aprovação. Apesar de sua extrema resistência a esse tipo de procedimento, perante a insistência de seu aluno, o professor terminou concordando. Um dia, após sua aula em San Cugat dei Vallés, os dois instalaram-se perto do monastério, e o estudante em questão fez as seguintes perguntas: “Eu tenho chances de conseguir uma vaga? Devo prestar o concurso?”

A resposta não tardou. Já na segunda tentativa, surgiu a voz de uma mulher que respondeu, sussurrando: “Sim, claro, preste o concurso.”

“Minha surpresa foi enorme, conta o professor S. Darnell. Como era possível uma resposta afirmativa, se o estudante não havia estudado? Eu pensei que estávamos sendo vítimas de uma grande brincadeira, e confesso que fiquei um tanto aborrecido. Como já expliquei, ele era professor substituto no centro em que eu trabalhava, gostava do que fazia e estava convencido de que seria possível continuar ali. Ilusão difícil de ser concretizada, pois todos os professores daquele estabelecimento eram titulares, jovens, e sem qualquer intenção de solicitar transferência. Para agradá-lo, deixei que fizesse uma outra pergunta. E ele

perguntou:

““Eu vou conseguir ficar no mesmo estabelecimento, trabalhar no centro onde estou agora?”

“Se eu já havia ficado espantado quando da primeira resposta, a segunda, então, espantou-me ainda mais. A voz respondeu:

““Sim... claro.”

“Era o cúmulo. Eu estava muito chateado, pensando no desastre que iria acontecer, e já previa qual seria a reação posterior do rapaz...”

“Dos sessenta pontos que poderiam cair nas provas, havia dois que ele conhecia bem, e três outros que sabia parcialmente. Quando foram anunciados os números do três pontos sorteados, senti minhas pernas tremerem... dois deles eram exatamente aqueles que ele dominava, e o terceiro era precisamente um daqueles que havia estudado parcialmente. Resultado: ele se saiu brilhantemente na primeira prova.”

Nas provas posteriores aconteceu o seguinte: em uma, ele conseguiu colar; em outra, “eles o inspiraram” (utilizando as suas próprias palavras). E assim, finalmente, ele obteve o que desejava.

Mas a história não acaba aqui. Algum tempo depois, o mesmo rapaz apareceu, todo feliz, na casa do professor S.Damell. Um de seus colegas de trabalho, por motivos familiares, havia solicitado transferência para Saragoça, e o diretor do centro lhe havia proposto sua vaga. Ele queria, então, pedir ao professor que organizasse uma outra gravação para que pudesse agradecer aos amigos invisíveis que o haviam ajudado. Mordido pela curiosidade, o professor aceitou seu pedido, e os dois foram novamente a San Cugat, onde haviam feito as primeiras gravações. O rapaz, visivelmente emocionado, se desfez em agradecimentos. E, então, uma voz, perfeitamente clara e límpida, respondeu:

“Fui eu que fiz tudo(1).”

Uma interferência parece praticamente impossível. Ninguém poderia saber que o professor e seu aluno tentariam obter uma gravação naquele dia, naquela hora, e naquele lugar.

Não pode ser, também, uma projeção do subconsciente do professor. Sua surpresa, e até sua desaprovação, são evidentes. Poder-se-ia pensar mais em uma projeção por parte do próprio estudante. Mas isso não explicaria a dupla e fantástica “sorte” que teve: primeiro, no concurso; e depois, com o pedido de transferência de seu colega.

Por outro lado, poderíamos atribuir sua “sorte”, ocorrida no momento do sorteio dos pontos, a um mero acaso “que às vezes faz as coisas certas”, segundo diz o povo. Mas sabemos que naquele concurso havia milhares de candidatos, todos - sem dúvida - com seus motivos para acreditar em uma aprovação, todos - de um modo ou de outro - com necessidade de serem aprovados; muitos haviam estudado mais que o candidato em questão. O professor deixou-nos isso bem claro. Nessas condições, seria razoável admitir que o destino tenha sido influenciado por uma boa alma do além, beneficiando esse aluno preguiçoso, cujo único mérito era aquele de acreditar na possibilidade dessas comunicações e de se interessar por elas?

Entretanto, aceitar a hipótese inversa, reconhecer que o além não teve qualquer participação nesse caso, impede-nos de admitir a existência das vozes gravadas e a sua coincidência com os acontecimentos que vieram a se produzir.

Talvez, então, seja necessário lembrar que, para nossos amigos do além, o tempo não é mais o mesmo. Vivendo fora de nosso tempo, eles poderiam muito bem conhecer os

(1) Citado e resumido segundo a obra de Sinesio Damell, *El mistero de la psicofonia*, op. cit., p. 166-169.

pontos que seriam sorteados. Talvez tenham sido eles a inspirar o professor Damell e seu aluno quando escolheram os pontos a serem revisados, não precisando intervir, depois, no momento do sorteio das perguntas.

Então tudo parece se explicar logicamente.

CASO N^o 14

Mais um caso no qual o fenômeno de pré-cognição, por parte de nossos amigos invisíveis, surge como um argumento importante em favor do reconhecimento de uma autêntica transcomunicação com eles. Extraio mais esta história do livro do professor Damell.

Como a primavera se aproximava, o professor decidiu ir passar alguns dias em uma pequena cidade dos Pireneus, que havia conhecido em sua infância, e da qual guardava uma excelente lembrança. Sua intenção era realizar ali uma longa série de gravações e, sobretudo, um novo teste.

A cidadezinha já tivera 190 habitantes, mas agora restavam apenas uns vinte. É preciso dizer também que estava situada a 1.160 metros de altitude, e que a estrada de acesso, que passava pela floresta, era bastante precária.

Cinco dias antes de pegar a estrada, o professor comprou um novo gravador, e, para certificar-se de que funcionava bem, fazia pequenas experiências: simplesmente contava um... dois... três...

Foi então que, de forma totalmente inesperada, entre duas frases de experiência, ele ouviu a voz que surgia sempre em suas gravações, e na qual havia adquirido plena confiança. Essa voz dizia-lhe, em seu estilo denso, um pouco telegráfico, característico da maioria das vozes: *No debes ir* (“você não deve ir”). Perante essa advertência, o

professor tentou saber alguma coisa mais. Somente após perguntar pela quinta vez, obteve a resposta: “Em Estac”. Estac era o nome da cidadezinha para a qual ele pretendia ir.

O professor sentiu-se utn tanto decepcionado. Ele desejava muito voltar lá. E procurou, durante os dias que se seguiram, conseguir informações complementares. Mas só recebia a mesma afirmação: *No debes ir*. Se fosse uma daquelas vozes ocasionais, explica o professor, ele não a teria levado em conta, pois sabe o quanto elas costumam mentir. Mas era aquela voz habitual, que ele reconhecia tão bem, que o acompanhava há anos.

Nos dias seguintes, o tempo mudou. E ele teve um bom pretexto para desistir de sua viagem. Aproximadamente no dia que corresponderia ao de seu retomo, foi visitar um amigo em Planas de Vallvidrera. Passou a tarde em sua casa, e, ao cair da noite, decidiu voltar para sua casa. Foi então que, numa ladeira, pisou levemente no freio do carro, de forma instintiva, sem que houvesse qualquer necessidade, pois a rua estava vazia. Mas o pedal afundou completamente, sem que a velocidade do carro diminuísse. Ele então, nervosamente, tentou frear. Em vão. Ele só conseguiu parar o carro ao jogá-lo, pouco a pouco, contra a beira da calçada. A fricção com o meio-fio reduziu progressivamente a velocidade e permitiu que o carro parasse antes do cmzamento. Foi então que ele se lembrou: *No debes ir*(1).

Em um caso assim, pode-se argumentar que o professor Damell sabia, em seu subconsciente, que seus freios não eram mais confiáveis. Entretanto, quando fazia suas experiências rotineiras em seu novo gravador, com certeza não pensava diretamente em sua viagem. Seria preciso que seu

(1) Sinesio Damell, *Elmistero de Iapsicofonia*, op. cit., p. 169-170.

subconsciente tivesse aproveitado a oportunidade para expressar sua angústia, recusando-se, no entanto, a precisar sua causa. A narrativa mostra também a que ponto o professor ficou contrariado. Ele diz, inclusive, que jamais teria levado em conta aquele conselho se não tivesse reconhecido aquela voz familiar que o acompanhava, há anos, por todo lado. Nada permite também saber quando, exatamente, os freios se desgastaram. Aparentemente não foi na ladeira, mas antes. Sem que ele tivesse percebido.

CASO N^o 15

A história seguinte aconteceu com Adolf Homes, em Rivenich, em 13 de outubro de 1992. Cito-a seguindo suas próprias palavras:

“Enquanto eu lavava a louça, na cozinha, escutando rádio, ouvi claramente, em meio ao programa musical, vindo do alto-falante, as seguintes palavras: “Homes, gravar”. As mesmas palavras foram repetidas três vezes. Deixei, então, a louça de lado e fui buscar meu gravador e o microfone. Instalei-os em uma poltrona, em frente ao aparelho de rádio que estava colocado no peitoril da janela. Não havia mais música, só palavras. Eu estava calado. De repente, ouvi as seguintes palavras: “Aqui *Doc* Mueller”. Eu não sabia como deveria reagir, e isso explica as perguntas improvisadas que formulei. Eu também não sabia com quem estava lidando. Houve, então, um diálogo de 4 minutos e 25 segundos(1)...”

O diálogo, em si, é de menor importância para o que nos diz respeito aqui. Em compensação, é interessante saber

(1) *Transkommunikation*, vo 1. II, n^o 1, 1992,

que o fenômeno se repetiu, ainda espontaneamente, em 15 e 21 de outubro do mesmo ano, sempre com a intervenção do mesmo G.J. Mueller; e que, em 4 de novembro, Homes recebeu um telefonema de Raudive, morto em 1974, com o objetivo, em parte, de confirmar a autenticidade das mensagens transmitidas, via rádio, por G. Mueller(1).

Posso dizer que Adolf Homes jamais havia ouvido falar de G.J. Mueller quando recebeu sua primeira mensagem por rádio. O professor Senkowski contou-me que, no início, Homes sequer sabia escrever corretamente o nome de seu interlocutor do além, pois havia entendido “Miller”. Foi Senkowski, mais bem informado a respeito do histórico da transcomunicação, que compreendeu de quem se tratava, sem risco de erro possível, pois já na quarta frase o tal Mueller pedia a Homes que cumprimentasse Meek e Senkowski em seu nome.

No tocante ao telefonema recebido de Raudive, que durou 5 minutos e 22 segundos, é preciso dizer que sua voz paranormal é hoje bem conhecida, e facilmente reconhecível. Sua voz é, aliás, a primeira voz do além que eu ouvi, em Luxemburgo, como já contei anteriormente(2). Homes, que mantém relações constantes com meus amigos de Luxemburgo, certamente já conhecia sua voz.

Mas o interesse dessas comunicações surgirá ainda mais claramente no caso seguinte.

(1) *Transkommunikation*, vol. II, n^o 1, 1992, p. 37-39.

(2) François Brune, *Os mortos nos falam*, op. cit, p. 32-35.

CASO N² 16

Em 19 de junho de 1991, pela manhã, aconteceram, quase que simultaneamente, duas comunicações paranormais, quase idênticas, em Rivenich e em Luxemburgo. Ambas provinham de Hans Bender, fundador e, por muito tempo, diretor do Instituto de parapsicologia de Friburgo, na Alemanha. Foi ele quem, muito cedo, havia sido chamado por Friedrich Jürgenson para realizar pesquisas técnicas e científicas sobre as diversas origens possíveis das vozes paranormais que ele recebia. Hans Bender, após numerosos anos de pesquisa, terminou reconhecendo, de forma bastante prudente, “a origem paranormal altamente provável” dessas vozes. E preciso que se diga ao leitor que o professor Hans Bender passou para o além em 7 de maio de 1991. Transcrevo aqui a narrativa, quase que integralmente:

“Na véspera, durante uma conversação telefônica normal, Homes recebera o seguinte aviso: “Contato amanhã de manhã”. Na manhã seguinte, portanto, por volta das 9 horas, ele já havia posto seus aparelhos habituais em funcionamento; dois receptores de rádio, um televisor e um gravador. Depois, por motivos profissionais, ele e sua esposa saíram de casa. Quando voltaram, por volta das 10:30h, encontraram todos os aparelhos desligados. Na fita cassete estava gravado um texto de 10 minutos e 5 segundos. Graças à sua pronúncia lenta, sílaba por sílaba, a compreensão é muito fácil. O timbre, diferente daquele das vozes recebidas até então por Homes, assemelha-se, um pouco, com o modo de falar do professor Bender quando estava na terra.

No mesmo dia, por volta de 10:30h, o casal Harsch-Fischbach recebia, em Luxemburgo, um texto em seu computador. A apresentação e a conclusão eram feitas por Elise Caroline Homes, a mãe falecida de Adolf Homes. A

parte central do texto vinha de Hans Bender. E, em sua essência, era idêntica à gravação recebida em Rivenich(1).

Vale ainda assinalar que os dois textos comportam, no seu final, alguns nomes de pessoas que devem ser saudadas. O último nome a aparecer é o de Steiner. Ora, sabemos que em Viena, na Áustria, após sua última conferência, em 29 de maio de 1984, o professor Bender, durante uma conversa particular, prometera ao Sr. Steiner dar-lhe notícias suas, através de uma terceira pessoa, após sua morte. Promessa aparentemente cumprida.

CASO N-17

O grande precursor de todas essas pesquisas, Friedrich Jürgenson, morreu em 15 de outubro de 1987. Exatamente na hora de seu enterro, sua imagem surgia na tela de televisão de um casal amigo seu. Eis alguns trechos da narrativa feita por Claude Thorlin a respeito:

“Na manhã do enterro de Jüi[^]enson, em Hõor, seu último local de residência, minha mulher ouviu uma voz interior não identificada que lhe dizia: “Canal quatro”.

Ela me contou essa história na hora do café da manhã. Eu não entendi o seu significado, pois só recebíamos três estações de rádio e duas de televisão. Mas minha mulher sentia, de forma não identificável, que essa indicação estava relacionada com o enterro de Jürgenson...

“Eu peguei, então, minha câmera *Polaroid*, um filme preto e branco, e liguei meu televisor no canal quatro. Esperamos cerca de quinze minutos. Nada aconteceu.

(1) Cf. *Transkommunikation*, vol. 1, n^o 3, 1991, p. 22-24, onde pode ser encontrado o texto recebido em Ri venich com as variantes em relação àquele recebido em Luxemburgo.

Estávamos decididos a abandonar qualquer esperança.

Aparentemente, era absurdo permanecer sentado frente a um televisor fora do ar. De repente a tela escureceu, e pensei

que fosse problema com o tubo de imagem. Mas então surgiu um ponto luminoso no canto esquerdo da tela. Imediatamente apontei minha câmera naquela direção. Durante aproximadamente seis ou sete segundos a presença luminosa espalhou-se pela tela até desaparecer. Foi nesse momento que acionei a câmera. Logo depois voltou o chamuscado na tela, bem como o ruído normal. Olhei o relógio: eram exatamente 13 horas e 22 minutos. Quando foi revelado, o filme mostrou o rosto de Friedrich Jürgenson(1).”

Um detalhe dá um interesse suplementar a essa história já, por si só, bastante fantástica. O rosto de Jiirgenson que apareceu tem os olhos fechados, aparentemente semelhante ao que poderia ter em seu leito de morte, porém igualmente semelhante ao que poderiam ter aqueles misteriosos “cascos” astrais.

CASO N^o 18

Também é importante assinalar que, há algum tempo, as mensagens recebidas em um local são, com freqüência, confirmadas em outro. E algumas vezes por meios diversos. Eis um exemplo um pouco extenso, mas bem característico, da complexidade de tais fenômenos, e que bem mostra que não se pode refutar tudo, em bloco, mesmo se o estilo e o conteúdo pareçam desconcertantes. Encontraremos aqui

(1) Hildegard Schafer, *Théorie et pratique de la transcommunication*, op. cit., p. 310-312.

uma curiosa mistura: entidades vindas de outros mundos (Swejen Salter), entidades que jamais encarnaram (o Técnico),

e outras que parecem ser mortos que já viveram em nosso mundo há muito tempo atrás (o Imperador romano Cláudio).

Em 12/02/1993, Adolf Homes, pesquisador de Rivenich, próximo a Trèves, visita o grupo de Jochen Fomoff, em Darmstadt.

Em 14/02/1993, Adolf Homes coloca, em seu computador, perguntas preparadas pelo grupo de Darmstadt.

Em 15/02/1993, as respostas do além chegam no computador de Homes, em Rivenich:

“Comunicação do grupo “Central(1)” para a estação de Rivenich.

“Caro amigo Fomoff,

Todos os contatos com outras dimensões se baseiam em equilíbrios de leis cósmicas naturais. Por favor, não busque muito o sucesso. Ele chega quando tudo concorda. Nós não o abandonamos. A materialização das comunicações feitas com vocês, por imagem e som, foi programada por nós para a estação de Darmstadt. O momento de sua chegada depende do psiquismo das entidades, que deve encontrar sua forma de vibração, como diria o colega Senkowski. A entidade Cláudio encontra-se em nossa realidade(2). Temos pouca influência sobre os processos físicos de vocês. Somos seres semelhantes a vocês. Esperamos que nos compreendam. Tenham confiança. Cada sucesso vem, finalmente, da convicção. Tudo pode tudo. Saudamos a todos,

(1) Do além.

(2) Trata-se de uma entidade do além que se comunica com todo um grupo de pesquisadores em TCI, e que diz ser Cláudio, o falecido Imperador romano.

(3) Senkowski.

Saudações da entidade Cláudio para o Senhor S.(3). Tudo vai bem.

“Central”, em 15/02/1993,

Fim”

Em 25/02/1993, ABX JUNO(1) intervém de forma totalmente inesperada, através do alto-falante de um rádio, na casa de Homes, em Rivenich:

“Aqui fala ABX JUNO!

“Vocês não poderão reconhecer minha voz, tal como a conheciam. Isto se deve à diversidade das formas existentes entre vocês. Transmito uma comunicação para o grupo de Fornoff que confirma todas as informações fornecidas pela entidade Cláudio.

“Não se impressionem com o barulho que estão ouvindo: somos nós que o produzimos.

“A alma Cláudio dispõe de um tal poder que não pode, em nenhum caso, expressar-se através de um médium. Tenham confiança. Obrigado por todos os esforços anteriores. Saúdem, por favor, o Sr. Fornoff, a Sra. Schäfer, a Sra. Hãrtling, bem como todos os amigos de seu grupo.”

Em 02/03/1993, esse contato com ABX JUNO foi confirmado pelo computador de Luxemburgo(2) (citação parcial):

“Cara Maggy, caro Jules,

... Margret também envia-lhes suas saudações. Ela tem um pequeno grupo de pesquisadores, formado por pessoas que têm mais ou menos a mesma disposição de espírito.

Doutor Cláudio, em contato com a entidade Cláudio, em 15/02/1993.

(1) Entidade de origem misteriosa. Ver citações anteriores.

(2) Na casa de Maggy Harsch-Fischbach.

(3) Trata-se da mãe de Adolf Homes, morta há muito tempo. Ele recebeu uma excelente imagem sua pelo televisor, e diversas mensagens, sobretudo por telefone.

Caroline Homes(3). A seu respeito, devo anunciar que ela tomou conhecimento dos seguintes fatos: um contato de ABX JUNO na casa de Adolf Homes confirmado, bem como a afirmação quanto à total exatidão das mensagens de Cláudio, recebidas pelo Senhor S.(1).”

Em 04/05/1993, ABX JUNO, Doc Mueller(2) e a mãe de Homes enviaram uma mensagem a Adolf Homes, através de seu computador:

“Comunicação de ABX JUNO, Doc Mueller e Homes mãe.

“Caros amigos de Darmstadt!

“Nós conhecemos a concentração de vocês. Por que vocês lamentam a evolução natural da entidade FS? Tudo que é físico serve ao espiritual. O que Swejen Salter disse é exato, e foi repetido diversas vezes para a estação R.

“Nós dizemos o que corresponde à nossa consciência, não à do Todo-Poderoso. Por favor, tenham paciência. O verdadeiro obstáculo é a diferença de programação das consciências. Poucos dentre vocês podem se adaptar a nosso modo de pensar.

“No final físico do indivíduo, sua consciência programada se transfere. Esperamos que tenham compreendido.

“Tentamos contatar muitas estações em seu planeta. Os contatos com Peter Hårting são uma experiência vitoriosa. Mas eles param com a morte física.

“Vamos, se possível, estabelecer a frequência com vocês.

“Saudamos a todos com amor.

“Juno, Doc Mueller, E.C. Homes.

(1) Senkowski.

(2) Doc Mueller, como vimos, é um físico que, do além, comunicou-se por muito tempo com Bill O'Neil, da equipe de George Meek, nos Estados Unidos.

“ Fim de contato.”

Em 20/05/1993, um dia apenas (!) após a passagem de nosso amigo “Marc(1)” para o além, chegava pelo computador de Luxemburgo uma intervenção de Cláudio que compreendia uma mensagem do Técnico:

“Esta manhã (Marc) foi levado à estação “*Cozeit* (2)” onde vai regenerar-se. Nada lhe falta. Tenham paciência até que ele se manifeste.

“Cláudio cuida dele.”

Eu acrescento ainda o comentário de Jochen Fornoff:

“Acho que, a partir destas comunicações, podemos constatar:

- que, no além, são procuradas e utilizadas sempre novas vias para nos transmitir mensagens, e para nos estimular a persistir nesse grande “jogo de paciência”.

- que as entidades do além estão manifestamente em relação entre si, e que se informam mutuamente sobre o conteúdo das mensagens que conseguem nos transmitir.

- que essas mensagens se confirmam mutuamente através dos aparelhos (computador, etc.), o que poderia significar um passo importante na direção de uma prova de autenticidade(3).”

Permito-me, agora, acrescentar meu próprio comentário. Gostaria, inicialmente, de repetir que conheço pessoalmente todos esses pesquisadores, e que estou convencido da total honestidade de cada um. Para julgar o fenômeno, ou pelo menos para tentar emitir uma opinião a respeito, é preciso saber que esse tipo de comunicações cruzadas não é um fato excepcional. Já ocorreu várias vezes, e tende, ao que parece, a se multiplicar. Por fim, é preciso sublinhar que

(1) Do grupo de Darmstadt.

(2) Outro centro de TCI no além.

(3) Der INFO, n^o 33, junho 1993, p.

não estamos tratando com sonhadores enclausurados em um mundo à parte. Se há, talvez, uma parte de sonho em cada um, isso não os impede de entrar em contato com nosso mundo; de acompanhar a passagem de nossos mortos; e de servir, às vezes, de intermediário, em um primeiro momento, entre nossos mortos e nós, até que eles estejam em condições de se comunicar conosco diretamente. Tudo isto foi visto nessas últimas mensagens apresentadas, e tudo isso nos é confirmado por várias outras vias, e por outros pesquisadores.

Suplemento:
alguns casos antigos
que parecem probatórios
AS LEIS DOS TELEFONEMAS DO
OUTRO MUNDO, SEGUNDO ROGO

1. Parece-me que pelo menos alguns telefonemas vêm de longe, e que são, normalmente, encaminhados pelas redes telefônicas de longa distância. Com efeito, em certos casos pelo menos, todos os aparelhos telefônicos de uma mesma casa tocam ao mesmo tempo. Quando o chamado vem de longe, o aparelho central lança uma corrente alternativa especial de 50-60 ciclos por segundo. Se a força PK agisse apenas no interior de sua casa, ela precisaria fazer oscilar as duas pequenas campainhas do interior do aparelho, e exatamente na mesma frequência característica. De outra forma, a campainha teria um som diferente que talvez não fosse notado. Se não foi observado no início, ao menos nos casos mais recentes foi constatado esse toque anormal.

2. Um ponto singular diz respeito à utilização de operadores de longa distância nesse tipo de chamada.

3. Ao final de uma comunicação, quando seu interlocutor desliga, você ouve um “clique ” particular, e depois o som da linha que se restabelece. Alguns testemunhos mencionam esse “clique outros, não. No caso em que ele é

ouvido, parece que o efeito não se limita ao interior da casa, mas que passa pelos circuitos “normais” (!)

4. Mas, recentemente, Rogo menciona chamados precedidos de uma campanha anormal, o que sugere um efeito local, ao contrário do que se pensou anteriormente.

Bender relata um caso bastante recente (numa segunda-feira, em 1978) no qual um jovem e sua mulher ouviram uma campanha anormal, a ponto de se perguntarem se o telefone estava tocando ou não. O rapaz atendeu e ouviu claramente a voz de seu pai, morto quatro anos antes. “Eu estou aqui... aqui papai... Como vai mamãe, como vai mamãe?”

E a ligação, que sua esposa havia acompanhado integralmente, foi interrompida de forma brusca.

5. Nos casos antigos, quando o telefone automático ainda não existia, acontecia de a telefonista dizer não ter transferido qualquer ligação. Um caso muito antigo, o caso Lupino, data de 1929. A senhorita Lupino recebeu um telefonema de um amigo a quem chamava habitualmente de “Uncle Andy”. Uma chamada muito fraca, que se reforçou pouco a pouco. A mensagem, repetida duas vezes, foi a seguinte: “Onde está Stanley? (o pai de Miss Lupino). Preciso falar com ele. É muito importante...”

E a ligação foi cortada. Só depois a moça ficaria sabendo que Andy se havia enforcado três dias antes. Quando indagada a respeito da ligação, a telefonista declarou não ter transferido qualquer telefonema durante aquela hora...

Em outro caso, um homem, em um hotel, recebeu um telefonema de sua tia, que lhe disse algumas palavras antes da ligação ser interrompida. Ele reclamou com a telefonista, e esta declarou não ter transferido nenhuma ligação depois das cinco horas. A tia liavia morrido às 5:30h, exatamente na hora do telefonema. Ora, normalmente um telefonema passa forçosamente pela telefonista do hotel. Somos levados, então, a concluir ter havido um efeito local

no telefone do quarto.

A HISTÓRIA DE ELSIE PENDLETON

Elsie Pendleton era uma atriz de Paços Verde, na Califórnia. Sua mãe, Mimi, morava muito distante e Elsie tinha o hábito de telefonar-lhe com frequência. Após sofrer um ataque que a deixou inválida, Mimi foi morar no mesmo prédio de sua filha. E a Sra. Pendleton habituou-se, então, a telefonar-lhe todas as manhãs para saber como havia passado a noite. Com a morte de Mimi, Elsie passou a ter problemas com seu filho Scott, de dezessete anos: no passado, o rapaz só obedecia à avó; após sua morte, muito abalado, tornou-se intratável. Nem mesmo sua irmã Connie conseguia lidar com ele. Assim, Connie e seu marido decidiram mandar Scott para junto de seu pai, no Havaí. E então, eis o que conta a Sra. Pendleton: “Foi numa noite, em 1977. Eu estava dormindo. O telefone estava perto de mim, pois meu marido, que estava navegando, tinha o costume de me telefonar de cada porto por onde passava, a qualquer hora do dia ou da noite. De repente o telefone tocou e eu despertei. Imediatamente reconheci a voz de minha mãe que dizia:

- Elsie, não consigo encontrar Connie...

Naquele exato momento, a Sra. Pendleton não se deu conta de que sua mãe estava morta... e simplesmente perguntou:

- Mimi, mas por que você está me telefonando a essa hora da noite?

- Não consigo encontrar Connie. Estou tentando há três ou quatro dias. Não consigo encontrar Connie...

- O que está acontecendo ? perguntou Elsie.

- É o Scott... Eu tenho que falar com Connie. Diga ao Scott: não! Escreva para não esquecer quando você se en-

contrar com Connie. Diga ao Scott: não... ”

E a ligação foi interrompida. O mais surpreendente é que a Sra. Pendleton voltou a dormir. Mas ao despertar, pela manhã, viu escrito em um bloco de anotações, junto ao telefone: “Diga ao Scott: não ”, com a letra de sua mãe, que era canhota... quando ela própria era destra.

O CASO DE PATRÍCIA ADAMS

(ROGO E BAYLESS, 1979)

Patricia Adams pediu a Rogo que não mencionasse seu verdadeiro nome (trata-se de uma conhecida atriz de televisão) antes de revelar-lhe um segredo de família. Quando ela tinha oito anos, a filha de uma amiga de sua mãe, que estudava interna, vinha regularmente visitar a mãe no primeiro dia do ano. No terceiro ano, a moça morreu em um acidente automobilístico. Aproximadamente dois anos depois, Patricia estava na casa dessa amiga de sua mãe, no Dia de Ação de Graças, outra época em que a moça costumava, quando viva, fazer outra visita. O telefone tocou e, como os adultos estavam fora, Patricia atendeu à ligação. A telefonista disse-lhe que havia uma chamada de longa distância, e mencionou o nome da filha da amiga de sua mãe. A menina ficou surpresa, mas foi chamar a mãe da morta. Esta pegou o fone, empalideceu e desmaiou... Pois ouvira sua filha morta dizer: “Mamãe, preciso de vinte dólares para voltar para casa. ” Essa era uma brincadeira que a moça costumava fazer sempre que queria visitar a mãe, que sempre acabava lhe mandando os vinte dólares. A telefonista afirmou, depois, não ter transmitido aquela ligação.

O CASO D' ALESSIO:

UM TELEFONEMA A UM MORTO

(ROGO E BAYLESS)

(Relatado pelo D r. Schwarz, psiquiatra em NovaJersei, 1975). A Sra. d 'Alessio conta o que lhe aconteceu há muitos anos (data não mencionada). Ela teve um sonho horrível onde viu Lana, uma amiga de infância, banhada em sangue. Quando acordou, telefonou-lhe pensando que algo lhe pudesse ter acontecido. A partir daquele momento, seu marido foi testemunha do que ocorreu.

Lana respondeu que estivera doente e que fora hospitalizada, mas que havia tido alta provisória. Deveria retornar ao hospital. Quando a Sra. d'Alessio disse que iria visitá-la durante sua internação, Lana disse que não o fizesse, e que lhe telefonaria depois. Vários dias mais tarde, como não recebia notícias de Lana, a Sra. d'Alessio ligou para ela. Nenhuma resposta... Um vizinho consultado disse-lhe, surpreso, que Lana havia morrido, mas não sabia quando. O marido de Lana, mais tarde, declarou que sua esposa havia morrido seis meses antes do telefonema recebido pela Sra. d'Alessio.

Um prestidigitador, Sr. Dunninger, que tentava desmascarar os charlatões pretensamente parapsicólogos, atestou ao D r. Schwarz a total honestidade da Sra. d'A lessio.

Um caso bem particular: o cronovisor

Eu citei, entre as hipóteses a serem encaradas, aquela das ondas remanescentes. Sei muito bem que um grande número de cientistas continuam a considerar totalmente absurda essa história de ondas, não detectáveis por nossos instrumentos, que veiculariam indefinidamente os sons e as imagens do passado.

Entretanto conhecemos, há muito tempo, casos indiscutíveis de clarividência que deixam supor, de qualquer forma, a existência de tais ondas. Um aspecto particularmente desconcertante desse fenômeno assume hoje, à luz da ciência contemporânea, um novo valor.

A maioria dessas visões à distância parecem, com efeito, desafiar não apenas as leis do espaço, mas também aquelas do tempo. Assim, por exemplo, quando Gérard Croiset, o conhecido médium de Utrecht, conseguia localizar uma pessoa desaparecida, morta ou viva, ele dava, ao mesmo tempo, indicações precisas sobre as circunstâncias e o momento em que seria reencontrada.

Dessa forma, ele se submeteu, centenas de vezes e em condições rigorosas de observação, ao famoso teste da “cadeira vazia”: ele descrevia a pessoa que se sentaria em uma determinada cadeira, apenas indicada na planta de uma sala, quando nem mesmo os organizadores do teste sabiam

pessoa que se sentaria naquele assento pré-indicado.

Ainda recentemente tais estudos foram retomados nos Estados Unidos, na Universidade de Princeton, por Robert G. Jahn e por sua colaboradora Brenda J. Dunne. Os resultados publicados por eles são impressionantes, e comportam essa mesma característica de transcendência em relação ao tempo e ao espaço. Parece, inclusive, que as visões pré-cognitivas sejam um pouco mais freqüentes que aquelas retro-cognitivas.

Mas nada disso parece causar espanto a Olivier Costa de Beauregard, autor do prefácio da versão francesa do livro de Jahn. Segundo ele, tratar-se-ia apenas de uma das manifestações da não-separabilidade quântica e da invariação Lorentz-e-Liiders: “um quadro conceitual pronto para a percepção pré-cognitiva à distância(1).”

Parece que, no nível quântico da realidade, o tempo e o espaço não contam. Portanto, começamos a compreender por que a existência dessas ondas remanescentes e suas curiosas propriedades não seriam assim tão absurdas.

Isso basta para que eu ouse falar de uma descoberta ainda mais impressionante que todas as outras já citadas aqui. Trata-se, desta vez, de uma verdadeira máquina do tempo. Que não nos transporta fisicamente, como se vê em alguns filmes de ficção científica, o que seria bom demais! Trata-se apenas da captação dos sons e das imagens do passado: de qualquer passado, do mais longínquo ao mais recente.

Sei que pode parecer inacreditável. E que, acrescentando estas páginas ao livro, corro o risco de provocar uma catástrofe. Ou seja, os leitores, que bem ou mal me puderam acompanhar até aqui, pensarão que estou indo

(1) Brenda J. Dunne e Robert G. Jahn, *4 uxfrontières clu paranormal*,

já falei. Mas eu já tratei desse assunto em um livro precedente(1). Mas ainda não disse tudo, não forneci muitos detalhes. A citação anterior serviu-me para testar um pouco as reações. Como essa história estava diluída em meio a uma grande quantidade de outros fenômenos, todos fantásticos e pouco conhecidos, acabou não sendo tão observada. Apenas alguns leitores, e justamente os cientistas, falaram-me a respeito. Haviam ficado espantados. Mas nem tanto! Afinal, hoje já se fala mais freqüentemente de tais fenômenos. Em alguns anos a situação evoluiu um pouco. Os programas de televisão, discutindo o assunto, multiplicam-se em todos os países. E estou em condições de confirmá-lo. Os artigos de revistas, também. Às vezes em tom cético, mas o assunto está sendo tratado. Cada redator, cada programador, sente-se mais ou menos obrigado a abordar esse tema.

Porém, o que me levou a falar um pouco mais a esse respeito foi o fato de ter visto que nosso último prêmio Nobel de física, Georges Charpak, não hesitou em contar que realizava pesquisas que, no fundo, são bastante próximas a essas das quais tratamos. Com raios laser, ele tenta captar - em potes da Antiguidade grega - ecos de sons do passado. O que me contavam, há já quase trinta anos, não era pois tão absurdo assim. Mas é preciso que eu conte as circunstâncias nas quais tive conhecimento desses assuntos.

Eu acabava de obter minha Licenciatura em Santa Escritura, no Instituto Bíblico, em Roma. Entretanto, mais que pela exegese dos Livros Sagrados, eu me interessava há muito tempo pela tradição dos cristãos do Oriente. Eu já tivera, em Roma, a oportunidade de poder estudar um bom número de mosaicos bizantinos, e aproveitara as férias escolares para conhecer aqueles existentes em Ravena. Faltava-

(1) *Os mortos nos falam,*

me visitar um lugar de forte influência bizantina: Veneza. Ao concluir meus estudos, ao voltar para a França, decidi fazer um desvio em meu roteiro e passar pela cidade dos Doges. De carona, como sempre, pois não dispunha de recursos financeiros para ir de trem. Mas não me arrependeria do esforço feito.

Ao visitar a célebre abadia beneditina de San Giorgio Maggiore, encontrei, como por acaso, um estranho monge: o padre Pellegrino Emetti. Ele esperava seu *vaporetto*, no pequeno cais que existe bem em frente ao monastério. Eu também estava esperando. Não me lembro mais, com exatidão, como começamos a conversar. Com certeza algum comentário altamente filosófico sobre as irregularidades do clima, ou das embarcações... Mas o fato é que ele acabou perguntando, mais por gentileza que por verdadeiro interesse, de onde eu vinha, e qual o motivo de minha presença em Veneza.

O padre Emetti havia estudado tantas línguas estrangeiras quanto eu. Começamos logo a falar de teologia e da Sagrada Escritura. Não demorou muito e eu já lhe confiava minha irritação a respeito dessas novas interpretações das Escrituras, que consistem em ver ali apenas um conjunto de símbolos, sem grande relação com os fatos reais. E mesmo no que diz respeito à vida de Cristo.

Ele me disse, então, algumas palavras a respeito de um aparelho misterioso que poderia silenciar todos aqueles belos discursos. E acrescentou: “Veja, o senhor terá que ensinar, em breve, em um grande seminário. Então, caso tenha tempo, vá me visitar no monastério amanhã à tarde. Falaremos a respeito de tudo isso com mais calma.”

No dia seguinte, peguei novamente o *vaporetto* rumo à pequena ilha de San Giorgio, bastante intrigado com o que me esperava. Se eu soubesse!...

Aqui está, mais ou menos, o resultado daquele longo

encontro:

Tudo começara, como já mencionamos anteriormente, com o extraordinário incidente ocorrido no laboratório de física experimental da Universidade Católica de Milão, envolvendo os padres Gemelli e Ernetti que filtravam os cantos gregorianos para eliminação dos harmônicos. O padre Ernetti, que também é um cientista, diplomado tanto em física nuclear quanto em línguas antigas, imaginava o que deveria acontecer com esses sons, uma vez eliminados em seu trabalho. Desapareceriam verdadeiramente? Seriam reduzidos a nada, ou simplesmente seriam eliminados da gravação? Como sábio, era-lhe evidente que esses sons deveriam continuar a subsistir em algum lugar. Mas se isto acontecia com aqueles sons, deveria ter acontecido também com todos os sons do passado. E caímos, então, na hipótese formulada por Georges Charpak.

Padre Ernetti discutiu com outros físicos, e criou, pouco a pouco, em torno de si uma equipe de cientistas que, em segredo, se lançaram nesta aventura fantástica: localizar os sinais do passado. Nascia o *cronovisor*.

- Quem descobriu o *cronovisor*?

- Ah! nós éramos muitos. Fermi e um de seus discípulos, um prêmio Nobel japonês, um cientista português, e Wemer von Braun, que se interessa muito pelo assunto.

- Mas como os senhores descobriram uma coisa tão surpreendente?

- Praticamente por acaso: uma simples idéia, assim como o ovo de Colombo. Bastava que alguém pensasse no problema.

- Mas então alguém, um dia, poderá também chegar a essa descoberta?

- Não! Seria praticamente impossível. Seria preciso um golpe de sorte imenso.

- Antes, talvez sim, pois havia poucos físicos de alto

nível envolvidos no assunto. Mas hoje, não me parece assim tão certo. Os físicos estão trabalhando muito, atualmente, na questão do espaço e do tempo. Mas os senhores podem olhar no tempo, para onde querem?

- Perfeitamente, para qualquer lugar, para qualquer época.

- E o que já conseguiram ver?

- Começamos tentando captar um discurso de Mussolini. Para nós a dificuldade estava apenas na escolha. Não nos faltavam documentos que pudessem atestar a autenticidade das imagens e dos sons recebidos. Depois, voltando no tempo, procuramos captar a imagem de Napoleão. Seu rosto nos era bastante conhecido, e temos muitos documentos que nos poderiam ajudar em uma comprovação. Acredito, se entendi bem seu discurso, que tratava da proclamação da República italiana.

Voltando ainda mais no tempo, sempre do conhecido para o desconhecido, captamos várias cenas da Antigüidade romana: uma cena do mercado de frutas e legumes de Trajano; um discurso de Cícero, um dos mais famosos, a primeira “Catilinária” (*“Quousque tandem, CatUina...”*). Nesse ponto notamos uma pequena diferença de pronúncia em relação àquela ensinada hoje nas escolas. Parece-me que não pronunciavam “ae” separando as duas vogais, mas como se fossem um “â ” alongado. Mas o gesto, a entonação, que arroubo. Era magnífico!

Por fim, captamos um pequeno sainete, espécie de curta tragédia antiga, quase que totalmente perdida, de autoria de um dos primeiros poetas de língua latina: era *Thyeste*, de Quintus Ennius. Tínhamos conhecimento apenas de 25 citações, feitas por três autores antigos: Probius, Nonius e Cícero. Ela foi representada em Roma, em 169 A.C.

- E os senhores puderam reconstituir o texto?

- Nós vimos e ouvimos tudo: o texto, os coros, a música.

Aliás, eu publiquei o texto integral dessa tragédia. Trata-se de uma época apaixonante, na qual o latim, sob a influência do grego, desvencilha-se das formas dialetais e populares para poder se impor, aos poucos, como uma grande língua literária(1).

- Tudo isto é absolutamente fantástico, inacreditável e maravilhoso. Mas, diga-me, Padre, quando o senhor me disse de vir aqui encontrá-lo, acho que não era só para isso. O senhor também me falou da vida do Cristo. Os senhores puderam chegar, de fato, até a vida do Cristo?

- Sim, claro...

- E então?

Houve um pequeno silêncio. Hesitação? Ou um breve recolhimento antes de começar? E o padre Ernetti retomou a palavra:

- Em primeiro lugar, tentamos captar as imagens da Paixão. Inicialmente, enfrentamos uma dificuldade: por mais monstruosa que seja esta espécie de suplício, a crucificação era freqüente naquela época. Havia muitos homens crucificados. Nem a coroa de espinhos podia nos ajudar, pois, contrariamente ao que se pensa em geral, a coroa de espinhos também não era excepcional. Então, tentamos ir um pouco mais longe, e chegamos à Última Ceia. A partir daquele momento, não o abandonamos mais. Era o ano 36 de nossa era, e as cenas foram captadas de 12 a 14 de janeiro de 1956.

Vimos tudo: a Agonia no Jardim das Oliveiras, a traição de Judas, o processo, o Calvário.

(1) Ver, sobretudo as referências ao estudo deste texto pelo professor Marasca, em *Oggi*, n^y 45, de 8/11/1973, p. 80-85; *La domenica dei Corriere*, n- 18, de 2/5/1972, p. 26-29; *Civiltà delle macchine*, revista bimestral de cultura contemporânea, n² 1, janeiro-fevereiro de 1966, p. 63-70; e *Oggi*, n^Q 44, de 29/10/1986.

Jesus já estava desfigurado quando foi levado até Pilatos. Nós vimos a subida ao Calvário, o “Caminho da cruz”. Mas a piedade medieval a deformou um pouco, acrescentando alguns episódios ao acontecimento. O Cristo jamais caiu. Aliás, ele não carregava toda a cruz: ela lhe seria muito pesada. Ele só carregava a trave horizontal, amarrada a seus ombros. Seus pés estavam atados aos de outros dois condenados que foram crucificados a seu lado. Ele estava muito desfigurado, repete o padre Emetti. A flagelação havia-lhe arrancado pedaços da carne. Podia-se ver até os ossos. Mas como, segundo a lei romana, o condenado devia chegar vivo ao local de sua execução, os soldados requisitaram Simão, o Cireneu. Também vimos essa cena, como é narrada no Evangelho. Mas, também nesse episódio, a piedade gerou algumas interpretações. Antigamente, liamos textos lindos que faziam com que desejássemos estar no lugar de Simão. Sentíamos, interiormente, vontade de, como ele, ajudar Cristo a carregar sua cruz. Mas vimos, naquela ocasião, que Simão não demonstrou qualquer disposição para aquela tarefa. Ele foi obrigado a cumpri-la.

- O episódio de Verônica, enxugando o rosto do Cristo, foi visto pelos senhores?

- Não. Aliás, como o senhor sabe, essa passagem não está nos Evangelhos.

E o padre Emetti prosseguiu:

- Chegando ao Calvário, Cristo olhou para todos aqueles que o cercavam e que o insultavam. E repetiu-se a mesma cena ocorrida no Jardim das Oliveiras. Todos caíram ao chão: judeus, gregos e romanos. Apenas Maria, João e as duas outras Marias permaneceram de pé.

Ao pé da cruz, nem Maria, sua mãe, nem São João choraram. Apenas choraram as duas outras Marias. Aí também o *Stahat Mater* não está correto. Maria não estava *lacrimosa*.

Algumas palavras ditas não estão mencionadas nos Evangelhos. Por exemplo, em determinado momento Cristo disse: “Essa é a vossa hora ” Quando estava na cruz, também disse: “Agora que sou exaltado, atrairei todos para mim.” As sete Palavras de Cristo na cruz, relatadas pelos Evange-lhos, são exatas. Cada vez que falava, olhava em torno de si, e todos se calavam. Seu rosto era de dor, mas sempre nobre, hierático. Por vezes o texto dos Evangelhos foi-nos mostrado de forma um pouco mais completa; em outros momentos, a atitude de Cristo tornava mais claro seu sentido. Quando ele disse “tenho sede”, por exemplo, os judeus não compreenderam bem. Ele falava de sede espiritual, pois essas palavras foram ditas logo depois de “atrairei todos para mim”. Ele falava da sede que sentia de nossas almas. Da mesma forma, quando ele disse ao bom ladrão: “Hoje, comigo, tu estarás no paraíso”, compreendi que esse paraíso era ele próprio. Após as célebres palavras: “Mãe, aqui está teu filho”, e “Filho, aqui está tua mãe”, ele acrescentou, dirigindo-se a São João: “ E os outros, onde estão os outros? Por que me abandonaram?”

Eu não acho, acrescentou o padre Emetti, que o Cristo tenha morrido por asfixia, como pensam muitos médicos. Nós vimos que ele se manteve ereto, até o último momento.

Então foi minha vez de ficar calado por alguns instantes...

Depois, voltou minha curiosidade:

- E a Ressurreição, os senhores também a viram?

- Sim! E difícil descrevê-la. Era como uma silhueta, uma forma através de uma fina lâmina de alabastro iluminado, ou como um cristal... Vimos, pouco a pouco, toda a vida do Cristo, as aparições após sua Ressurreição...

- Era como um filme?

- Não, de forma alguma. Era em três dimensões, como hologramas com movimento e som. Mas sem cor. Talvez

hoje conseguíssemos refazer tudo com as suas cores.

- Resta algum sinal de tudo isso?

- Sim, nós filmamos tudo, perdendo o relevo, evidentemente, mas era o único meio de mantermos um testemunho. Isto nos permitiu, em seguida, falar com o Papa, que era Pio XII. Estavam presentes, ainda, o Presidente da República, o Ministro da Instrução Pública, os membros da Academia Pontifícia...

- E o que foi feito desse aparelho?

- Está desmontado, em lugar seguro.

- Mas, por qual motivo foi escondida uma tal descoberta, capaz de alterar o mundo, de reanimar a fé que, por todos os lados, perde sua força?

- Esse aparelho pode captar todo o passado de cada um, integralmente, sem exceção. Nada mais pode ser mantido em segredo. Não há mais segredo de Estado, nem segredo industrial, nem vida privada. Um dia captamos a preparação de um assalto. Pudemos prevenir a polícia, que interveio em tempo. E uma “alteração”, como o senhor mesmo disse. Mas é tão imensa que amedronta alguns. É a porta aberta para a mais aterradora ditadura que o mundo jamais conheceu. Terminamos concordando em desmontar o *cronovisor*.

- Mas, talvez, sem revelar tudo, poder-se-ia utilizá-lo para descobrir certos elementos da história da humanidade que, depois, poderiam ser efetivamente encontrados através de escavações. Ter-se-ia, assim, pelo menos uma prova da existência desse aparelho.

- Nós já o fizemos, no que se refere aos famosos manuscritos conhecidos como “do Mar Morto”. Sabemos que foi um pastor que, procurando uma cabra desgarrada, entrou em uma gruta e encontrou os primeiros textos. Mas foi o *cronovisor* que nos permitiu indicar as outras grutas de Qumran, onde poderiam ser encontrados outros manuscritos. Os americanos vieram até aqui. Eu recebi o Embaixador

americano na Itália. Assinamos um protocolo através do qual eles se comprometiam a publicar esses textos, indicando qual havia sido sua fonte. Mas nada aconteceu. Silêncio completo!

- O senhor poderia dar alguma idéia da estrutura dessa máquina que vê o passado?

- Isto não o levará a nada, mas posso dar-lhe um pouco de prazer sem correr grande risco. Ela era formada de três elementos. O primeiro bloco compreendia uma enorme quantidade de antenas para captar todas as ondas possíveis e imagináveis. Essas antenas eram feitas de ligas de todos os metais. O segundo bloco era um seletor que trabalhava na velocidade da luz. Podíamos sintonizá-lo, em uma espécie de circuito fechado, no local, na data e na pessoa de nossa escolha. Mediante isto, o aparelho, em seguida, acompanhava-a em todos os seus movimentos. Por fim, a terceira parte era simplesmente formada por um aparelho de captação de imagens, capaz de gravar imagens e sons obtidos.

- E os senhores pensaram em utilizar as fantásticas possibilidades dessa descoberta para explorar o universo, sintonizando o aparelho com mundos distantes ou com um passado longínquo, ou, quem sabe, com as duas coisas? Uma espécie de projeto SETI, menos custoso e, provavelmente, mais eficaz?

O rosto do padre Ernetti iluminou-se. Parecia visivelmente interessado por essa perspectiva. Confessou-me não haver pensado antes nessa possibilidade; mas que, com algumas pequenas modificações na aparelhagem, deveria ser possível fazê-lo.

Saí do monastério assombrado, transtornado. Teria eu sonhado? Ou o sonho teria sido do padre Ernetti? Voltei a encontrá-lo várias vezes. Tudo o que foi dito aqui foi-me repetido por ele, às vezes com mais detalhes, com algumas precisões dadas em resposta às minhas perguntas.

E então? Trata-se de um homem de fé que não mentiria. Discutimos muitos outros temas estritamente religiosos. Ele é, verdadeiramente, um homem de Deus, se isto existir.

Ele é também um homem de ciência, e não estava sozinho. Ele não inventou, seguramente, toda essa história. Ele não é um mitômano. Aliás, é bom que se diga que essa descoberta corresponde às famosas crônicas akáshicas da tradição oriental. E ao que certos médiuns particularmente dotados podem perceber, através da “psicometria”, tocando objetos. São indícios de que a idéia não é absurda.

Sei que, de alguns anos para cá, o padre Ernetti tornou-se bem reticente quando se fala do *cronovisor*. Não que o tenha renegado, mas reconhece que a humanidade não está suficientemente evoluída para suportar tal acontecimento. Entretanto, revelar ao menos parcialmente uma parte de toda essa história, sobretudo no tocante à vida de Cristo, serviria para eliminar radicalmente algumas interpretações reducionistas. Seria calar a boca de muitos charlatões que dizem ter visto a verdadeira vida de Cristo, em suas viagens astrais, ou ter recebido revelações através da escrita automática: fenômenos nos quais acredito, mas onde se pode provocar ilusões ou onde podemos nos iludir.

Quando Cristo vivia nessa terra, o laser não existia. Essas imagens e esses sons, então, fixaram-se por outro meio. Mas, se ele o quisesse impedir, te-lo-ia feito. Portanto ele permitiu que esses sinais de sua vida e de sua paixão pudessem, um dia, ser recebidos. Acho que é o momento

Terceira parte

A TCI NO CONJUNTO
DOS FENÔMENOS PARANORMAIS

Introdução

MINHA EXPERIÊNCIA PESSOAL NA TCI

Para o homem de ciência, é indispensável não crer cegamente naquilo que lhe dizem, mas obter, tanto quanto possível, sua experiência pessoal. É por este motivo que levo a sério a parapsicologia: há muitos anos, como já disse, fiz um estágio de três meses junto a Rhine, na Duke University; e retomei suas experiências quando voltei á França. Elas deram resultado positivo, o que me convenceu em definitivo (após três anos de trabalho). Creio poder afirmar que ninguém realizou, na França, tal esforço de verificação... e, no entanto, numerosos são aqueles que se metem a falar, a torto e a direito, das experiências de Rhine...

Ora, interessando-me pela transcomunicação, peguei um gravador com redução de velocidade e liguei-o a um microfone com um fio de dois metros (segundo as técnicas que me tinham sido aconselhadas). Na fita cassete, gravei um ruído de fundo (o ruído de um rádio sintonizado entre duas estações), pois assim as vozes do além, segundo diziam, se reproduziriam mais facilmente. E duas vezes por dia, em horários fixos, durante três meses, tentei chamar meu amigo Aimé Michel, que havia falecido recentemente. Havíamos prometido, um ao outro, que aquele que primeiro passasse através das Portas Sombrias tentaria entrar em contato com

o outro... A tentativa durou dois meses e meio, sem sucesso considerável: eu não ouvia absolutamente nada. Até uma noite, dia 29 de dezembro de 1992, às 18 horas e 30 minutos. Eu havia gravado, como de hábito: “Estou chamando Aimé Michel. Aqui é Rémy Chauvin. Michel, responda-me E estava ouvindo o que poderia aparecer gravado através do microfone colocado a dois metros do local onde eu estava, Ouvi, então, com perfeita clareza, uma resposta estranha: “Eu me chamo eu mesmo... Rémy, responda-me. ” Não era a voz de Michel, e não sei o que significa “Eu me chamo eu mesmo ”... Nada mais consegui durante o mês seguinte, nem de Michel nem de outros mortos a quem chamava. E desisti.

O microfone é, sem dúvida, interessante. Porém, a pessoa que escuta é mais importante ainda. Talvez seja necessário ser “um pouco médium ”. E eu não era.

A HIPÓTESE “SUPER ESP(1)”

O problema de fundo: uma discussão essencial

E difícil estar totalmente seguro de que seja um morto que nos fala de outro mundo... ou de que seja um vivo, mesmo muito distante.

Eu compararia a recepção das mensagens àquela de um aparelho de rádio cujo mostrador estivesse apagado: nós não saberíamos de onde fala o orador... Há, mesmo assim, dirão alguns, um meio de se saber se nos falam do além:

(1) Essa Hipótese ~*super extrasetisoryperception*” ou ~ *super ESP*” foi elaborada pelos americanos que quase sempre pretendem explicar a transcomunição como sendo resultado de fenômenos psi provenientes de cérebros vivos.

quando a mensagem se refere a fatos que o receptor é o único a conhecer. Isto seria possível: quando um cônjuge fala do além, o cônjuge vivo estaria perfeitamente em condições de reconhecer se ele está fazendo referência a fatos precisos da intimidade do casal, a uma conversa particular, por exemplo, que tiveram em determinada ocasião. Nesse caso, a explicação de telepatia com um vivo torna-se mais difícil. Seria preciso admitir que uma pessoa ausente captasse, do cérebro do cônjuge vivo, algumas lembranças e as retransmitisse, em seguida, através de escrita automática ou através de um gravador. Utilizemos uma analogia: os cérebros vivos assemelhar-se-iam a emissores de rádio que transmitiriam, permanentemente, idéias e sentimentos. Mas seriam, também, receptores que poderiam retransmitir uma informação para a sua fonte de alimentação... Vejamos o que seria isso, de acordo com o pouco que sabemos a respeito, conduzindo a analogia um pouco mais adiante.

a. Os cérebros são comparáveis a emissores que transmitem permanentemente? É possível, como provam as experiências dos “fantasmas de vivos”.

b. Seriam eles também receptores que gravariam tudo aquilo que é emitido por outros cérebros? É igualmente possível, e mesmo provável, por duas razões, dentre elas a telepatia - sobre a qual conhecemos fatos comprovados, mas que, é verdade, estão relacionados a circunstâncias emocionais particularmente fortes. Essa recepção também ocorreria em períodos de tranqüilidade? Sim, mais uma vez, se nos lembrarmos dos casos dos fantasmas de vivos.

c. A hipótese “telepatia indireta”, em alguns casos, implicaria em que um cérebro vivo pudesse gravar, e depois retransmitir? Não creio que seja impossível: a origem das mensagens do outro mundo é constatada quando elas se referem a fatos que apenas o defunto conhecia, e ninguém mais.

d. Mas resta ainda uma hipótese, chamada de psicometria. Algumas pessoas podem, com efeito, ler em um objeto todas as circunstâncias relacionadas às pessoas que o possuíram e aos acontecimentos aos quais esteve indiretamente envolvido, como se aquele objeto fosse uma fita cassete com a memória de tudo que ocorreu à sua volta. Ora, nós conhecemos numerosos casos de prospecção em mapas, nos quais um vidente descreve um objeto localizado em lugar que lhe é desconhecido, às vezes com uma precisão impressionante. Seria a psicometria à distância.

Os contatos pessoais

por oposição ao contato com as coisas?

Seja em transcomunicação, seja em experiência paramortal, os contatos implicam, geralmente, na percepção de certos personagens, como “o ser de luz”, que se comunicam, pela palavra ou pelo pensamento, de forma clara e prolongada. Você pode fazer-lhes perguntas, e eles respondem. Isso sempre foi conhecido pela humanidade. E para isso, usavam-se técnicas sem dúvida inspiradas no xamanismo; ou outras, vizinhas das atuais: os assírios já conheciam as mesas giratórias, e os gregos serviam-se de um instrumento que se assemelhava à tábua ouija. Na época moderna esquecemos, ou desprezamos, essas velhas técnicas, e desenvolvemos outras, mais ou menos balbuciantes. Elas, sem dúvida, dão resultados. Mas nem as viagens para fora do corpo, nem a adivinhação à distância proporcionam o contato com pessoas. Além disso, essas adivinhações não têm, nem de longe, a precisão de uma transcomunicação (a telepatia pode ser considerada como uma faculdade breve e espontânea, que se desfaz tão logo surge. E deve ser classificada à parte).

Nós conseguimos, pois, isolar uma característica par-

ticular da transcomunicação: o contato pessoal, com comunicação real, semelhante à palavra, ou tão eficiente quanto ela, que só ocorreria com os mortos (ou tidos como tal?) Daremos mais esse passo? Acho que deveríamos fazê-lo: afinal, nada de semelhante acontece com os vivos... E sem dúvida difícil, considerando as inibições metafísicas de muitos... Mas a observação e a experimentação encorajam-nos a permanecermos fiéis aos caminhos das ciências...

Os poderes do “espírito ”

Admitamos que, em certos casos, nada haja além do psiquismo das pessoas vivas escrevendo longas mensagens em nossos computadores... Isto nos leva, obrigatoriamente, a conclusões bastante inquietantes... Se for psicocinese, esse termo tão inocente, que até hoje só designava fenômenos bem minúsculos, assume repentinamente um significado assustador... Para ser franco, observaríamos, então, o total domínio do espírito (uma péssima palavra) sobre a matéria (palavra que não quer dizer muita coisa). A função Psi utilizaria as engrenagens secretas do computador, ou ainda, não lhes daria a menor importância, e a mensagem chegaria ali de qualquer forma. Onde termina o poder Psi ? Ele ergue o corpo humano, transporta objetos, mesmo pesados (casos dos poltergeists), ignora as distâncias, passa por cima de mecanismos... Tanto que, se não forem os mortos que nos falam, estamos frente a um fenômeno inquietante. Nossos cérebros são muito mais que cérebros. Parecem dispor, então, de um poder todo-poderoso que, até agora, só estaria sendo exercido sobre nosso organismo. A vontade, segundo acreditávamos, atuava apenas sobre os mecanismos de nosso corpo. E eis que uma espécie de vontade passaria a agir sobre o universo, transcendendo os obstáculos materiais.

Mas, trata-se de uma vontade humana?

A pergunta foi formulada, há não muito tempo, por John Beloff, um dos pilares da parapsicologia. Ele também constatou o poder total da faculdade Psi: somos levados a postular uma energia supra-humana, totalmente consciente ou semi-consciente (e por vezes louca, como nos poltergeists) que parece estar ligada, em alguns casos, ao cérebro humano, tornando-o capaz de proezas desconcertantes. Mens agitat molem, como dizia Virgílio, o espírito conduz a matéria...

Qual seria, então, esse sobrespírito, de contornos tão vagos, de ações tão poderosas e tão desconcertantes ? Trata-se de um velho fantasma, mágico e antigo. Os magos e os feiticeiros sempre acreditaram poder entrar em relação com ele através de técnicas apropriadas.

Já é hora de darmos mais um passo: pois esse sobrespírito hipotético parece ser detectado com frequência, na biologia e no caso dos OVNI's, por exemplo.

1. OS CANAIS

História dos channels

Vamos começar evitando um termo bárbaro, e voltemos imediatamente à nossa língua: um channel é um “canal”, mais exatamente com o outro mundo, o dos mortos, ou dos espíritos. A humanidade sempre acreditou que havia indivíduos, especialmente dotados, capazes de realizar essa operação. Seria inútil relembrar aqui toda a história dos xamãs, profetas ou adivinhos que se sucederam ao longo dos séculos. Limitar-me-ei a assinalar algumas de suas particularidades mais constantes.

Com freqüência o xamã, ou o adivinho, intoxica-se, por vezes com drogas muito perigosas, como o extrato de amanita(1), que suporta não sabemos como. Uma dessas drogas tornou-se famosa, o peyotl(2), consumido pelos feiticeiros índios. Trata-se de um cacto insignificante, semelhante a um cascalho. São muitas as conjeturas feitas sobre as razões que levaram os índios a consumi-la, pois seu valor alimentar é nulo. Mas o mesmo ocorre com muitas outras drogas utilizadas pelos primitivos, e das quais o Ocidente extraiu medicamentos eficazes. A Píteas de Delfos também consumia louro e hera, duas plantas das quais se deve desconfiar, e respirava vapores tóxicos emanados do solo.

Tornar-se um canal exige uma preparação. Há, no Livro dos Reis, uma curta e curiosa passagem onde o autor sagrado fala das “ escolas de profetas ” de Israel. Mas não acrescenta nenhum detalhe a respeito. Ora, atualmente, na América são vendidos livros, de valor bastante duvidoso, onde se pode aprender a ser um “canal”, o que pode, inclusive, ser financeiramente compensador (americanos danados!). Acrescentemos que alguns combinam o aprendizado, se é que se pode falar de aprendizado, com o uso de diversas drogas, fazendo-nos retornar à aurora da humanidade(3).

Os canais não são, afinal, tão autenticamente americanos quanto a Coca-Cola e a goma de mascar... Nossos colegas do outro lado do Atlântico são especialistas em redescobrir, periodicamente, o que a velha Europa já sabe

(1) N.T.: Espécie de cogumelo muito venenoso devido à presença do alcalóide muscarina.

(2) N.T.: Ou peitode, o mesmo que mescal.

(3) Uma imensidão de obras fala dos canais (mais ou menos obstruídos!) que tanto agradam aos americanos. Eu recomendaria, a esse respeito, o pequeno livro de Hastings, muito claro e metódico.

há muito tempo. O que eles apelidaram de canal e' simplesmente o nosso bom e velho médium, sobre os quais tanto se falou no início do século. Em breve será preciso reescrever a história da antiga "metapsíquica", que estava longe de ser tão simplória quanto queriam nos fazer crer seus detratores. Muito pelo contrário, as experiências (em particular sobre os médiuns "com efeitos físicos", que produzi- am deslocamento de objetos: a psicocinese de hoje) eram habilmente concebidas e, com freqüência, muito bem controladas. E os fenômenos eram infinitamente mais claros que aqueles obtidos por Rhine, trinta anos mais tarde.

Mas quero falar aqui dos médiuns que se dizem em comunicação com os espíritos e que dizem escrever, ditadas por eles, milhares de páginas de "revelação. Nós com- pararemos essas últimas com aquelas dos canais. E isso surpreenderá muitos de nossos contemporâneos. A metapsíquica desapareceu rapidamente, minada pelas acusações de fraudes cometidas por médiuns, fraudes de- nunciadas, na maioria das vezes, pelos próprios metap- síquicos. Mas as causas desse desaparecimento quase total, que duraria mais de meio século, não são claras para mim. Os maiores nomes da ciência e da filosofia, como Bergson e Charles Richet, participavam dos trabalhos do Instituto metapsíquico. Resultados sólidos estavam sendo consegui- dos... mas acredito que a jovem metapsíquica era ainda muito frágil para resistir aos ataques do cientificismo então triunfante. E certo que a imagem do Universo apresentada pelos médiuns não tinha muito em comum com a imagem fornecida pela Ciência do início do século XIX. As muralhas da fortaleza não eram sólidas, e por isto vieram abaixo.

Os canais tal como são vistos pelos americanos

E preciso compreender, antes de mais nada, a enorme

extensão do fenômeno. Uma obra muito conhecida, ditada por um certo Seth, entidade do Outro Mundo, foi publicada em milhões de exemplares. A Course of Miracles foi publicado em várias centenas de milhares de exemplares (há quem fale em 700 mil). E há outros livros de canais, menos célebres, que ultrapassam a casa dos 500 mil exemplares.

Os canais na arte

Os exemplos mais interessantes do fenômeno dos canais pertencem à arte e à literatura, além do famoso exemplo de Ramanujan, na área da matemática, sobre o qual trataremos mais tarde. Eles são raros, mas importantes, pois nas ciências em geral a contribuição dos canais é muito limitada, se é que existe. Trata-se de um fenômeno bem evidente e pouco explicável, sobretudo porque certos canais desencarnados são, ou dizem ter sido, cientistas. Somos levados a pensar que, no outro mundo, se esquecem-se de quase tudo que sabiam antes.

O caso de Patience Worth, ou melhor, da Sra. Pearl Curran

Trata-se de um dos casos mais espetaculares, mas não é um caso isolado. Devo lembrar que o famoso poeta e artista William Blake garante que várias de suas obras foram-lhe quase que totalmente ditadas pelo além; como, por exemplo, seu longo poema “Jerusalém ” que, segundo ele, foi-lhe transmitido sem que fizesse o menor esforço, inclusive contra sua vontade. Yeats afirma a mesma coisa no que se refere a sua obra mística: A vision.

Mas o caso mais recente, e o mais bem estudado, é o da Sra. Pearl Curran que estava brincando com a tábua ouija quando um “espírito ” manifestou-se por intermédio da prancheta. Dizia ser Patience Worth, uma mulher do

século XVII. Um pouco mais tarde, a Sra. Curran não precisou mais da tábua, e sentiu que as palavras se formavam por si só em sua mente. A fecundidade de Patience Worth é extraordinária. Sob seu comando, a Sra Curran escreveu um romance épico, The Sorry Tale, de 350.000 palavras, e outras obras um pouco menores. Porém, a mais curiosa é, talvez, um idílio medieval, Telka, escrito quase que inteiramente em antigo anglo-saxão, quando até mesmo a antiga Bíblia do rei James só contém 77% de seu texto nessa língua. Algumas palavras arcaicas da obra só foram identificadas mais tarde por alguns especialistas. O ditado foi-lhe feito rapidamente, e várias obras eram transmitidas em uma mesma noite. Observemos, entretanto, que, embora algumas obras sejam remarcáveis, outras são bem descuidadas. A cultura da Sra. Curran não estava à altura de tal produção literária, e ela desconhecia totalmente o idioma anglo-saxão.

O caso de Ramanujan

Trata-se de um muito famoso matemático hindu que sempre afirmou que a maioria de seus trabalhos no campo da matemática eram-lhe inspirados pela deusa Nomagiri... Mas devemos notar que algumas de suas fórmulas eram incorretas...

Os canais músicos

Além da “Sonata do diabo”, de Tartini, que lhe teria sido ditada pelo diabo, durante um sonho, o caso mais famoso é o de Rosemary Brown que, em 1960, viu o vulto de Franz Liszt junto a seu piano. Ele próprio ditou-lhe diversas composições, bem como Beethoven, Chopin, Schumann, etc. A qualidade musical dessas peças era muito boa, e, de

qualquer forma, ultrapassava largamente a modesta cultura da Sra. Brown. Um caso mais recente é de Andrews (1989), músico americano, que recebe, diz ele, sua inspiração dos Elohim, ou de São Germano (!?).

Os canais artistas

Um caso a ser mencionado é o de Gasparetto que, nos dias atuais, pinta, com velocidade, obras no estilo de Degas, Picasso, Van Gogh, Toulouse-Lautrec, Monet, Manet, e outros, em cinco minutos, por vezes no escuro, se lhe for pedido, com o papel de cabeça para baixo, se necessário, com as duas mãos ao mesmo tempo, ou com os pés! Gasparetto diz que são os próprios mestres que se servem de suas mãos. Segundo os críticos, seus desenhos não possuem exatamente o mesmo valor dos autênticos. Mas conhecemos a incrível subjetividade dos críticos de arte, e sabemos quantas vezes já se enganaram.. Ingênuo como sou, acho que suas pinturas e desenhos reproduzem muito bem as obras originais. Devemos acrescentar que Gasparetto não é o único: já houve outros médiuns que também pintavam na penumbra, em velocidade, e, muitas vezes, com as duas mãos (Schepherd, 1984).

Os canais jardineiros

Hastings cita a famosa comunidade de Findhorn, no norte da Escócia, onde o meio ambiente é particularmente frio e ingrato. Em 1960, o casal Caddy e uma de suas amigas, levados pelo que chamam de devas, ou espíritos da natureza, instalaram-se em Findliorn, e começaram a desempenhar atividades que desconheciam até então, mas que os “espíritos das plantas” lhes ensinavam... Assim, chegaram a transformar aquela terra ingrata em um ver-

dadeiro paraíso, onde sobretudo os legumes atingiam tamanhos extraordinários. Segundo contam, eles falavam com as plantas e as compreendiam. De qualquer forma, o sucesso alcançado por eles é difícil de ser explicado, inclusive pelos agrônomos. Sobretudo porque nenhum deles teria a audácia de se instalar em um lugar daqueles (Popenoe, 1984).

Possível intervenção dos fenômenos Psi

Não sei se devemos catalogar o famoso curandeiro Edgar Cayce (1877-1943) como sendo um canal, pois ele afirmou que buscava sua ciência no subconsciente de seus contemporâneos (fato muito curioso, pois tal declaração é raríssima vinda de um curandeiro: eles preferem se dizer intérpretes de um espírito superior). Em todo caso, Cayce, homem de cultura modesta, sem qualquer formação médica, agia em pacientes que jamais havia visto e que podiam estar muito longe dele. Entrava em uma espécie de transe, descrevia a doença, e prescrevia a medicação: alguns remédios pertenciam à farmacopéia de sua época; outros, em fase de experimentação, ainda não haviam sido colocados no mercado pelos laboratórios. Um ponto ainda mais curioso, embora tudo seja extraordinário nesse homem singular, é que ele não precisava entrar em transe para saber o que as pessoas presentes estavam pensando, ou para anunciar acontecimentos que se produziriam. Isso fazia com que o relacionamento com ele fosse difícil... Ele dava conselhos sobre outros assuntos além daqueles ligados à saúde. Certa feita, aconselhou um amigo a sacar seu dinheiro do banco: pouco tempo antes de ocorrer o grande craque financeiro de 1929. Também previu sua própria morte. Quanto a seus tratamentos, embora nenhum acompanhamento metódico tenha sido assegurado a seus pacien-

tes, obteve um bom número de curas, por vezes constatadas por um médico.

No caso de Patience Worth, parece que em alguns casos ela tenha lido no espírito das pessoas presentes. Por exemplo, um de seus biógrafos, Prince, relata que uma vez teve a idéia de pedir-lhe que compusesse um poema sobre uma experiência traumatizante que ele vivera em sua juventude. Não lhe disse, naturalmente, qual havia sido a experiência. E Patience logo declamou o seguinte poema, pela boca da Sra. Curran:

O Deus, as areias! a vasta desolação das areias, e nem uma palmeira

O Deus, o calor! o calor que fere e faz murchar!

O furor e a força do sol brilhante, e nem um gole!

Ó Deus, as areias! as areias imensas, imensas, e a noite, a noite que cai!

Mesmo traduzido, esse curto poema é interessante. Prince ficou muito espantado, pois sua experiência estava relacionada com o deserto. E sobretudo porque, tempos depois do ocorrido, havia escrito um poema utilizando as mesmas metáforas.

Testes ESP com os canais

Eileen Garrett, médium muito conhecida, e Jane Roberts, cujo guia chamava-se Seth, submeteram-se a testes clássicos de percepção extra-sensorial. No tocante a Roberts, os resultados não foram muito claros. O Dr. Estabrook, que aplicou os testes, jamais forneceu os resultados obtidos... e não sabemos muito bem o motivo. Mas há informações melhores no que se refere a Garrett: os testes ocorreram no laboratório de Rhine, em dupla forma: clarividência (nem a pessoa nem o experimentador vê as cartas) e telepatia (onde o experimentador vê as cartas).

Curiosamente, os resultados atingiram o limite superior no tocante à clarividência, tanto para Garrett quanto para seu guia, Uvani. Mas ficaram muito abaixo da média nos testes de telepatia. Até mesmo Uvani concluiu não dispor de faculdades extra-sensoriais, e que precisava utilizar o cérebro da Sra. Garrett.

As predições dos canais

Já houve numerosas predições (um pouco demais, talvez) e as mais catastróficas não se realizaram (ver mais adiante). Outras só contêm banalidades, e os canais as colocam na boca do próprio Cristo : mas nada surge que não esteja contido nos Evangelhos. Quanto ao resto, trata-se, na maior parte do tempo, de guerras e catástrofes... mas para saber que isso poderá acontecer não precisamos dos canais. Cayce foi mais preciso, pois predisse alterações de ordem geológica, tais como as mudanças nos continentes entre 1958 e 1998. Muitos canais juram que tudo isso acontecerá devido à maldade dos homens, e que poderia ser evitado, em certa medida, se eles se tornassem melhores. Tudo misturado a exortações morais insípidas e desencorajadoras.

Um certo número de profecias fracassou visivelmente. Até mesmo Cayce enganou-se, pois disse que em 1968, ou 1969, a terra de Atlântida ressurgiria próximo às Bahamas(1). Numerosas outras profecias anunciaram o fim do mundo, que não aconteceu, sem que causassem o desânimo de seus adeptos. Hastings observa que, até hoje, não podemos citar qualquer profecia feita por canais que tenha se concretizado.

(1) Devemos observar, entretanto, que foi descoberta uma velha plataforma imersa, visivelmente lajeada. Para o Comandante Cousteau, trata-se claramente de um trabalho humano.

Um canal maior: Jane Roberts e Seth

Jane Roberts (1929-1984) era uma escritora americana que, um dia, decidiu escrever um livro sobre a percepção extra-sensorial. E, naturalmente, como tantas outras pessoas, começou a divertir-se com a tábua ouija. Rapidamente uma entidade de nome Seth manifestou-se por meio da prancheta. Logo em seguida Jane ficou espantada ao ouvir-se pronunciar, em voz alta, palavras que não vinham de si mesma. Não demorou muito para entrar em transe, e Seth expressou-se longamente por meio de sua boca.

Quem é Seth? Ou melhor, quem diz ser? Isto não está claro. Tratar-se-ia, segundo suas próprias palavras, de uma entidade coletiva, ou, talvez, da futura Jane Roberts (em uma próxima encarnação). De qualquer forma ele é falador, pois ditou suas palavras durante vinte anos, e elas estão reunidas em vários e espessos volumes, publicados em milhões de exemplares. Seth talvez seja a mais divulgada e a mais lida de todas as entidades.

Mas Seth não foi o único. Jane serviu de canal igualmente para Cézanne e para William James. Mas, pelo menos no que se refere a este último, o estilo e as idéias não se assemelham aos do “verdadeiro” autor.

A “[filosofia]” de Seth

Não pude deixar de usar este título entre aspas, pois li “O Livro de Seth”, grande sucesso de livraria na América. E preciso que as pessoas estejam muito infelizes para ali encontrar conforto!

Em linhas gerais, trata-se de um caldeirão onde se misturam cristianismo, budismo, dados sobre a reencarnação (naturalmente), freudismo, e não sei o que mais. A

originalidade não me parece ser a sua qualidade dominante...

Portanto, nosso eu seria uma parte de um eu mais amplo, fora do espaço e do tempo. A reencarnação obriga esse eu múltiplo a viver numerosas experiências ao mesmo tempo, em diversos locais. Dispomos de vários sentidos internos dos quais não nos servimos habitualmente, mas que podemos desenvolver: a percepção do passado, do presente, e do futuro, por exemplo. Estão todos atrofiados, mas podemos pô-los em marcha se seguirmos os diversos métodos que foram ensinados nos cursos ministrados por Jane Roberts e seu marido Robert Butts. Devemos observar apenas que Jung (1968) fala de um ego mais amplo, relacionado com o plano dos Arquétipos (ver mais adiante).

Um estranho personagem : o famoso psicólogo Carl Jung

Confesso ter dedicado pouco tempo em minha vida ao estudo de Jung, que me parecia um tanto hermético e muito afastado de minhas preocupações. Até o dia em que me deparei com sua autobiografia, escrita por Aniella Jajfé, e que foi para mim uma verdadeira iluminação.

Descobri um homem sensível, generoso, enormemente ligado à busca da verdade, difícil de ser encontrada, como ele bem sabia: não há ninguém mais modesto que o grande Jung...

Mas outras particularidades, sobre as quais ele fala com grande coragem, são mais raras: Jung era o que chamamos, na parapsicologia, um grande sujeito, ou seja, era dotado de possibilidades para normais... Vou mencioná-las aqui, pretendendo chegar ao ponto que mais nos interessa: o daimon de Jung (quero dizer, suas entidades).

Foi durante seu período de estudante: Jung estudava tranqüilamente junto a sua mãe, que tricotava sentada à

cabeceira da mesa da sala de jantar. Era uma mesa de nogueira, muito pesada e velha, de pelo menos setenta anos. Jung estava cheio de incertezas no que se referia aos seus estudos à sua carreira, e se sentia angustiado... De repente, ele ouviu um estalo, e a mesa rachou-se de uma extremidade à outra! O fato era inexplicável: a madeira estava seca e não havia qualquer umidade anormal que pudesse atuar sobre ela daquela forma... Algumas semanas mais tarde, ao voltar de viagem, Jung encontrou sua família muito agitada. Tinham ouvido um barulho muito forte em um armário que, entretanto, não mostrava qualquer rachadura. Ao abri-lo, Jung encontrou uma grande faca de pão com sua lâmina quebrada em vários pedaços. O cuteleiro consultado não encontrou qualquer explicação possível, a não ser a de que alguém a tivesse quebrado a marteladas...

Ainda naquela época, os pensamentos de Jung estavam confusos no que se referia à presença da par anormalidade em sua vida. Fenômenos estranhos aconteciam em sua casa: uma de suas irmãs tinha visto uma sombra branca que caminhava pelos corredores; outra, tivera todas as cobertas arrancadas de sua cama, durante a noite; a campainha da porta tocava, quando não havia ninguém nas proximidades...

Jung não se iludia a respeito, pois tinha total conhecimento daquilo que, à época, se chamava metapsíquica, ou seja, a parapsicologia. Sabia que, provavelmente, ele próprio estava na origem daqueles fenômenos absurdos, que denominamos poltergeist e que se caracterizam por acidentes totalmente inexplicados, sem objetivo aparente. Ele relacionava tudo isso, como é comum acontecer, à presença de uma pessoa conturbada interiormente, ou seja, a si mesmo. Vejamos o que ele disse a respeito:

“Eu sonhei com um ser voador, em meio a um céu azul, um velho com chifres de carneiro e asas de martim-pes-

ador... Como não compreendesse a imagem do sonho, pintei-a para figurá-la com maior exatidão. Quando estava realizando essa tarefa, encontrei no jardim, próximo à margem do lago, um martim-pescador morto há dois ou três dias, sem ferimentos aparentes. Fiquei estarecido, pois essa ave é muito rara em Zurique, e eu jamais havia encontrado uma delas morta...

Chamei de Filemon a figura de meu sonho, e descobri um fato crucial: havia em minha psique coisas que não eram produzidas por mim, mas que se produziam por si mesmas, dotadas de vida própria... Filemon representava uma força que não era eu... Conversávamos e ele me dizia coisas nas quais eu jamais havia pensado...

Filemon era para mim uma figura misteriosa. Em alguns momentos parecia totalmente real, como se estivesse vivo. Passeava com ele pelo jardim e o considerava uma espécie de guru, no sentido dado pelos hindus a essa palavra... Mais tarde surgiu um outro personagem, a quem chamei de Ka (nome do duplo, no Egito)... Ele vinha de uma fenda da terra, e também reproduzi-o em uma pintura. Parecia um ermitão, com a base de pedra e a parte superior de bronze... A expressão de Ka era um tanto mefistofélica... Tinha, em uma das mãos, algo parecido com um pagode colorido, ou um relicário, e na outra, um estilete com o qual parecia entalhar algo no relicário. Ele me disse: “eu sou aquele que enterra os deuses no ouro e nas pedras preciosas.”

Para Jung, Filemon era um espírito aéreo, enquanto Ka vinha da terra, assemelhando-se a um espírito da natureza. Mais tarde, Jung integrou esses dois personagens à alquimia, que estudou com afinco, e que comporta em sua linguagem uma imensidão de personagens simbólicos.

Jung não nos diz o que aprendeu com Filemon, mas como vimos depois, ao tratar dos canais, parece que teve

com ele um grande ganho. Quanto à alquimia, até onde sei, ele a considerava puramente simbólica... Ora, eu sei, por experiência própria, que as manipulações materiais são essenciais na alquimia.

A Sra. Blavatsky, Alice Bailey e o Tibetano

Devo mencionar aqui uma personalidade extraordinária, Helena Petrovna Blavatsky, que esteve na base do vasto movimento teosófico do século passado. Foi um movimento muito influente, e dele faziam parte: Yeats, George Russell e Rudolf Steiner... A idéia geral consiste em uma pretensa síntese de todas as religiões do mundo no que cada uma tem de superior. Além disso, acreditavam fundamentalmente na existência de mestres secretos, vivos ou mortos, que se comunicavam com os vivos. Abaixo deles estariam os iniciados; mais abaixo, os adeptos. Toda essa teoria foi exposta em 1888 pela Sra. Blavatsky, em seu livro "A doutrina secreta". A mais importante representante do movimento na América foi Alice Bailey, cujo nome de solteira era La Trobe Bateman, nascida em 1890, de família cristã fundamentalista. Morreu em 1949.

Aos quinze anos, Alice viu entrar em seu quarto um estranho personagem, com um turbante, que lhe disse ter ela uma missão a cumprir, caso desejasse, no plano espiritual. Anos depois, ela o reconheceu em um retrato que viu em uma Loja Teosófica: era Djwahl Kool, mestre de uma Fraternidade oculta. Ela voltou a encontrá-lo mais tarde, e aceitou trabalhar para ele. Foi então que ele lhe ditou, por telepatia, vinte volumosos livros. E ela escreveu mais outros seis, de sua própria autoria!

Alice Bailey teve uma vida muito ativa, ocupada em disseminar os ensinamentos dos mestres. Várias organizações difundiam suas obras: uma delas, por exemplo, envia

ainda meditações baseadas nos escritos do Tibetano (Djwahl Kool) a mais de dez mil pessoas!

Quais são, pois, os ensinamentos do Tibetano?

Acho que poderíamos resumir os ensinamentos transmitidos por Alice Bailey em apenas uma palavra: hierarquia. Ela desenvolve bastante as idéias de Blavatsky. Haveria, acima e abaixo da Terra, uma assembléia de espíritos humanos desencarnados e de entidades não humanas que cuida do planeta. Os mais elevados são os Chohans e os Kumaras, que quase eqüivaleriam aos Anjos e Arcanjos. Na cúpula, encontra-se o espírito do sistema solar, dividido em três hipóstases chamadas Lógoi; elas emitem sete raios, sobre os quais voltaremos a tratar. A evolução da Terra está sob seu controle. Elas querem que o espírito humano conclua sua caminhada em direção ao amor e à fraternidade, o que o levaria a entrar em comunicação com o divino, etc.

Os sete raios e o eneagrama

Enquanto os teósofos extraem da tradição oriental os conceitos de chacras, de kundalini, etc., a idéia dos sete raios e do eneagrama parece ser da autoria da própria Bailey. Haveria sete raios ou emanções que influenciam toda a realidade. Eles podem ser vistos igualmente como atributos da divindade. São eles: a vontade-poder, o amor-sabedoria, a inteligência-atividade, o conhecimento concreto, a devoção, o cerimonial e a magia. E correspondem, também, a diferentes tipos de personalidade.

Um sistema bem semelhante foi desenvolvido por Oscar Ichazo, que fundou o Instituto A rica, muito conhecido na América. Ele diz que o sistema do eneagrama foi-lhe ditado pelo anjo Metatron. O eneagrama é um símbolo sufista,

uma espécie de diagrama de nove direções que também correspondem a diferentes tipos de personalidade...

Helen Schucman e A Course in Miracles

Trata-se de uma curiosa história, a de Helen Schucman, nascida em 1909, de família judia não praticante. Ela completou o curso de Psicologia na Universidade de Columbia. Em outubro de 1965, aconteceu-lhe uma estranha aventura que veio a consagrá-la como canal. Ela já tinha tido algumas visões, mas naquele dia uma voz interior lhe disse: “Eis um curso sobre os milagres: tome nota, por favor. ” Embora desconfiada no início, ela acabou escrevendo tanto que reuniu um manuscrito de mil e quinhentas páginas! Pouco tempo depois, encontrou colaboradores que, entusiasmados com o manuscrito, criaram uma associação para sua divulgação: já foram vendidos até hoje 700.000 exemplares. Helen morreu em 1981, ainda não totalmente convencida daquilo que havia escrito. “Sei que é verdade, dizia ela, mas não consigo acreditar. ”

O curso tem duas originalidades: inicialmente, trata-se de uma obra mística, na qual aparecem Jesus, o Espírito Santo, etc., onde a metafísica é interpretada em termos de psicologia, o que é uma novidade. Parte-se da idéia de que toda a infelicidade do homem decorre de seu distanciamento de Deus, ou do fato de crer em tal afastamento. E analisa-se, em termos psicológicos, as decorrências ou as conseqüências dessa separação, bem como os meios para remediá-la. A segunda originalidade está no fato de ser escrito por uma judia atéia. Contrariamente a um certo número de documentos, onde parece difícil imaginar que a própria pessoa os tenha redigido (devido às suas limitações de conhecimento e de cultura), a grande cultura de Helen Schucman a faria capaz de escrever aquela imensa obra.

Mas eu destacaria, ainda e sempre, que, apesar da excelente redação e do método das aulas do Curso, nada existe ali que não possa ser encontrado nas grandes religiões ou nos manuais de espiritualidade cristã.

As vozes dos canais

Se olharmos de perto o fenômeno das vozes internas dos canais, encontramos certos aspectos inesperados. Inicialmente, o fenômeno é bem mais amplo do que se imagina: estima-se em 15 %⁽¹⁾ a quantidade de pessoas que já tiveram tal experiência. Mas na psicopatologia isso é geralmente reconhecido como o indício de uma dissociação da personalidade, que pode ter graves conseqüências. Ora, se existe um fato a respeito do qual devemos concordar é o de que os canais não são loucos. Ao contrário, com freqüência são pessoas bem ativas, por vezes destacáveis homens e mulheres de negócios, equilibradas e voluntárias (suas teorias podem ser, por vezes, extravagantes, mas isso é outra história).

Os procedimentos de acesso utilizados

São numerosos. O primeiro seria a ouija, pequena prancheta instável, pontuda em uma de suas extremidades, que vai indicar letras em um quadro existente para esse fim. Coloca-se a mão na prancheta, que se desloca em direção às letras do alfabeto. O método é trabalhoso, pois as letras são indicadas uma a uma.

Utiliza-se muito mais a escrita automática, onde apenas se coloca a mão direita, munida de um lápis, sobre uma folha de papel. Mais ou menos rapidamente, a mão, como que independente do corpo, começa a escrever, às vezes rapida-

(1) Na América, essa porcentagem corresponderia a vários milhões.

mente, páginas e mais páginas. O ponto curioso, como bem observa Muhl, é que os escritos estão, normalmente, bem acima da competência daquele que escreve. A escrita automática leva facilmente a um estado de hipnose... Vários psicólogos, dentre os quais Hilgard, admitem que certas produções por escrita automática não podem ser atribuídas ao próprio sujeito, mas parecem vir do seu exterior.

O ditado interno tornou-se o mais popular e o mais desenvolvido dos meios utilizados pelos canais. Trata-se de uma espécie de voz interna que dita, às vezes com extrema velocidade, obras extensas, como poesias e textos místicos. Vários poetas já tiveram esta experiência, como Rilke em “As Elegias de Duino”, ou em “Sonetos a Orfeu”. Como acabo de dizer, o ditado é extremamente rápido, sem hesitação, sem retrocessos. Nenhum retoque é necessário, embora o conteúdo seja às vezes complexo do ponto de vista filosófico. Como, por exemplo, no Curso sobre os Milagres, de Bailey.

Citemos ainda as vozes internas, que não fazem ditados, mas dão conselhos sobre condutas de vida. E, por fim, os transes, freqüentes na Antiguidade, e ainda presentes em nossos dias, que dão resultados um tanto inferiores. Muitas vezes há repetições desinteressantes, invocações, expressões em dialetos estrangeiros, muitas vezes cheias de erros quando os dialetos são conhecidos, etc.

O desenvolvimento dos canais

Atualmente vemos florescer numerosos cursos e seminários que ensinam a seus clientes como tormrem-se canais... Não estou seguro de que isto lhes faça muito bem.. A humanidade sempre viveu tentativas de ligação com o Outro Mundo: esta era a função dos xamãs em especial, cuja formação era longa e perigosa. O que se propõe hoje é menos perigoso, mas as técnicas de meditação, e sobretudo aquelas

de auto-hipnose, não devem ser recomendadas a qualquer um.. Chandley (1986) fornece-nos, sem dúvida, uma idéia bastante completa do que se pratica nesses tipos de curso.

E preciso, inicialmente, que o postulante reconheça a existência de uma realidade não física, embora o materialismo ambiente não o tenha preparado para tal (mas é verdade que observamos, em nossos dias, um imenso apelo nesse sentido). Muitas vezes o aspirante já viveu uma experiência paranormal na infância, situação de que possui alguma predisposição. Ele deverá desenvolvê-la por meio de práticas, tais como a meditação e a hipnose, se possível aplicando-as em um adepto mais avançado que o aconselha (muito perigoso) a visualizar uma porta fechada através da qual está a entidade. Após um certo tempo, quando está psicologicamente pronto, a porta se abre, e a entidade(l) aparece.

(1) Digo que é muito perigoso porque não sabemos o que vai aparecer atrás da porta. Como ter certeza de que não temos no subconsciente imagens reprimidas muito desagradáveis, ou trágicas, que vão adquirir a consistência de monstros ou de fantasmas? Isso é sabido pelos monges tibetanos. Como ter certeza, nesse caso, de que poderemos fechar novamente a porta? Na fase seguinte, que podemos chamar de aprofundamento, o candidato experimenta diversos sintomas físicos: vê luzes, ouve sons, sente dores inexplicáveis, etc. O quarto estágio corresponde ao início do reconhecimento da entidade, que só será bem conhecida na quinta fase, como diferente da personalidade do *sujeito*. Na sexta fase, desenvolve-se uma confiança entre o *sujeito* e a entidade não física. Mas na sétima fase o *sujeito* não se separa mais dela, com o qual forma um todo. Em certos casos, a entidade só pode manifestar-se na idade adulta.

Mas as coisas não acontecem assim tão facilmente. Muitos pensam que as entidades são oniscientes, ou que são perfeitas. E isso não é verdade. Algumas delas têm todos os defeitos dos homens, e estão longe da onisciência. Mais grave ainda é que se contradizem, sobretudo no plano metafísico.

Os companheiros imaginários

Vimos que Jung tinha dois companheiros imaginários, Filemon e Ka, com os quais podia dialogar. Ele acreditava que sua origem se encontrava fora do espírito consciente ou inconsciente, em um ego exterior ou maior...

Companheiros imaginários desse gênero são bastante freqüentes junto a escritores. Um homem de negócios americano, como era de se esperar, criou para si um areópago completo, formado por conselheiros internos, dentre os quais Lincoln, Emerson, e vários outros, que não apenas acorriam a seu apelo, aconselhando-o em seus negócios (!), mas que também dialogavam entre si de maneira bastante entusiasmada. Tanto que ele acabou assustado e pôs fim àquelas assembléias que o incomodavam. Um caso bem conhecido é o de Alice Walkers, autora de “A Cor Púrpura”, que sentiu que seus personagens tentavam lhe falar. Eles acabaram conseguindo, isoladamente ou em grupo. E chegavam a engajar uma conversação entre si... Pareciam-lhe autônomos, na medida em que chegavam inesperadamente, e nunca se podia prever o que diriam... Ouso citar um exemplo pessoal, pois experimento um fenômeno bastante surpreendente quando escrevo uma obra de ficção científica: sinto-me totalmente incapaz de escrever o que quer que seja, a caneta cai de minha mão, se não escrevo na primeira pessoa. Mas se me coloco pessoalmente nas situações mais impossíveis, sinto como se as estivesse vivendo verdadeiramente, e basta-me, então, escrever o que estou vendo...

Os judeus conhecem bem o fenômeno da voz interior, o inaggid, que às vezes dá ao rabino sábios conselhos para a interpretação da Tora.

O que se deve pensar do fenômeno das vozes interiores?

Todos os manuais de psiquiatria falam a respeito: certos autores admitem, entretanto, que a “alucinação auditiva ” (não pode ser outra coisa!) pode ser compatível com um bom funcionamento do psiquismo, pois ela está de certa forma confinada, ou enquistada, em um recanto da personalidade: o paciente, então, pode não lhe dar importância, ou reduzir totalmente essa anomalia.

Mas, se observarmos o fenômeno sem prevenção, somos forçados a constatar, inicialmente, sua frequência: aproximadamente 15 % das pessoas consultadas em uma pesquisa confessaram já ter vivenciado esse fenômeno, sem que demonstrassem qualquer sintoma patológico. Por outro lado, o fenômeno das vozes parece ser freqüente em personagens históricos. Todos já ouviram falar das vozes ouvidas por Joana d’Arc, que jamais foi considerada louca. Podemos acrescentar aí praticamente todos os místicos: Luther, Santa Teresa, etc. Alschuler (1990) cita cento e cinquenta personagens históricos que viveram o fenômeno das vozes interiores, com casos singulares como o de Adolf Hitler, que foi salvo da morte por uma voz que o mandou sair de uma trincheira instantes antes da mesma ser totalmente destruída por uma bomba (a voz era do diabo, seguramente!). E Churchill também foi avisado para que mudasse de lugar em um carro, pouco antes da explosão de uma bomba no lado em que ele estava sentado antes. Heery interrogou trinta pessoas que não apresentavam qualquer sintoma patológico (além daquele de ouvir vozes!). Em uma categoria classifica-se uma série de opiniões que procedem, muito provavelmente, de certos lados obscuros ou ocultos da personalidade: por exemplo, a voz aconselha a romper uma ligação, quando a pessoa ainda não está decidida a fazê-lo. Mas há uma outra categoria, na qual os consel-

hos parecem vir de um plano mais elevado: como diz van Dusen (1974), essas vozes parecem saber mais que a pessoa, e se preocupam com sua qualidade de vida. Nesses casos os interessados reconhecem ter tirado um grande proveito dos conselhos recebidos. Os autores que estudaram o problema parecem admitir que, na maioria dos casos, esse tipo de voz é benéfica e não provoca qualquer desordem psíquica posterior.

O problema central

É o da paupérrima qualidade de 99% das mensagens. Ou melhor, é preciso que se distinga três tipos dentre elas:

1. As mensagens curtas, geralmente ouvidas no gravador, que se limitam, com freqüência, a dar notícias de pessoas desaparecidas. Não têm qualquer pretensão literária. Mas são, muitas vezes, emocionantes e de grande exatidão: na minha opinião, colocam com seriedade a questão da sobrevivida (e constituem o tema essencial das transcomunicações).

2. Outras mensagens possuem um teor místico de nível bem elevado, por vezes dignos dos grandes autores místicos (Cartas de Pierre, Mensagens de Rolandde Jouvenel, etc.). E com muita freqüência, ou quase sempre, a pessoa que as recebe possui um nível intelectual ou cultural muito inferior ao nível das mensagens. Outro problema...

3. Enfim, a categoria que eu denominaria “canais típicos”, que podem preencher mil e trezentas páginas, como no caso de Helen Schucman. A qualidade da mensagem é diversa, porém mais de sua metade é medíocre. Duvido que tenham nos ensinado alguma coisa (dentre as exceções, eu classificaria o curioso caso dos jardins de Findhorn). O mesmo acontece particularmente quando os comunicadores dizem se chamar Lincoln, Tesla, Swedenborg ou Einstein:

nestes casos, são de uma pobreza incrível... Creio que a conclusão é clara: esses espíritos, se é que são espíritos, são mentirosos e enganadores, o que a Igreja do Ocidente já sabe há séculos, e que o Oriente não ignora... Podemos dizer que nesse campo as informações de valor (especialmente as de caráter científico) são excepcionais... Ou será que o além não quer nos ensinar a respeito de temas científicos ou filosóficos que desconhecemos, ou a respeito de temas que ultrapassam o nível médio nos ouvintes? Daí a concluir que as mensagens provêm, na realidade, do intelecto dos assistentes... é só um passo. Mas eu não o daria assim tão rapidamente.

Devemos, entretanto, reconhecer - como Hastings - que a maior parte das mensagens não são ruins, ou seja, não são nocivas para o homem (exceto para os maníacos por escrita automática, como já vimos).

Quem são as entidades?

Freqüentemente recorro, resumindo-a, à excelente discussão de Hastings. Consideremos, inicialmente, a origem alegada por elas próprias, que, na minha opinião, representam o cúmulo da extravagância. Reproduzo aqui a enumeração, assaz maliciosa, dada por Hastings.

Deuses ou deidades: Javé, Cristo, Zoroastro, Apoio, Ishtar, Adonis, Zeus.

Anjos: Miguel, Gabriel, Rafael, Metatron, Uriel.

Místicos: Santa Catarina, Santa Margarida, o Espírito da Mishnah, Padmasambhava, o Espírito Santo, São João.

Energias: Logos, a Criatividade(?), a Luz sem Limites, o Amor, as Plêiades.

Extraterrestres: os irmãos do espaço, os guardiões, Ashtar, Haton, Ra, Semjase, Ramonsara.

Mestres desencarnados: *Seth, Ecton, Bartolomeu, Emmanuel, Asa Branca, Rector, Zen Tao, Gildas, Orin, Da Ben, Etherion.*

Natureza: *devas, espíritos das plantas, Pan, os del-fins.*

E, por fim, naturalmente, os mortos.

Evidentemente, em presença desse amontoado de nomes, a primeira conclusão que nos vem à mente é a de que se trata de uma fraude, tão grande quando ingênua. Nesse caso, ela deve ser, muitas vezes, inconsciente ou involuntária. Pois, se podemos naturalmente identificar fraudes, por exemplo no movimento espiritualista do século passado, seria hem mais difícil generalizá-las, inclusive nos tempos atuais. Irving Litvag, que escreveu uma vida detalhada da Sra. Curran, teria afirmado a Hastings que ninguém jamais suspeitara de sua sinceridade. Ela acreditava, verdadeiramente, ser inspirada por Patience Worth.

Podemos então acusar os canais de loucura? Embora as mensagens sejam por vezes (nem sempre) medíocres, sua coerência interna e sua engenhosidade não podem ser negadas. Os canais mais conhecidos, como a Sra. Schucman, por exemplo, e muitos outros, não apresentam qualquer sinal de transtorno mental. Seu comportamento na vida diária é completamente normal, e as mensagens que transmitem não provocam neles qualquer angústia. Podemos taxar Jung de louco por causa das entidades Filemon eKa?

Devemos nos resignar: estamos frente a um fenômeno freqüente, ao qual a qualificação de patológico dificilmente pode ser aplicada.

Mas, o que pensar da sua origem “externa”?

A resposta é difícil. Hastings fala de certas pesquisas

não publicadas, nas quais as ondas cerebrais da pessoa normal e as de seu canal teriam sido identificadas como diferentes... Da mesma forma, o caráter, o comportamento e a linguagem dos canais são, muitas vezes, tão diferentes quanto possível daqueles da pessoa que os abriga.

Mas o mesmo ocorre nos casos de dissociação da personalidade tão conhecidos dos psiquiatras, salvo que essa última se desenvolve em virtude de um traumatismo: o que não é encontrado, ou apenas raramente, nos canais. Alguns, como Braude (1988), compararam a síndrome das personalidades múltiplas ao que se observa nos canais, não descartando a possibilidade de uma origem “externa Mas Braude é tão obscuro que se torna muito difícil compreender sua argumentação!

Creio, pessoalmente, que o principal argumento em favor de uma influência externa seria a posse de capacidades muito claramente diferentes daquelas do sujeito. Evidentemente, como Hastings bem observa, pode-se sempre argumentar que se trata de uma aptidão inconsciente que se desenvolve à revelia do sujeito. Mas isso é muito problemático quando se trata, por exemplo, de aptidões musicais que não poderiam ser adquiridas sem esforços prolongados. Onde, pois, e quando, o subconsciente teria podido exercitar-se?

Nessa ótica, é interessante discutir de forma mais aprofundada os casos da Sra. Curran e de Rose mary Brown (ver passagens anteriores).

O caso da Sra. Curran foi especialmente estudado. Ela incorporava, pois, Patience Brown, uma poetisa que lhe inspirava belos poemas, mas em um obscuro e antigo dialeto anglo-saxão. O mínimo que se pode dizer é que o resultado era extremamente hábil, de uma habilidade que não se adquire facilmente. E a cultura da Sra. Curran era

limitada. Prince (1927), inspecionando sua biblioteca, não encontrou nada além de literatura para senhoras, de nível bem modesto. Pensou-se que ela poderia ter buscado sua inspiração em filmes como Os Dez Mandamentos, de Cecil B. De Mille (1923), e O Rei dos Reis (1927). Mas Patience Worth já ditava suas obras em 1915! Indagada a respeito de sua educação e sobre a forma que utilizava para compor seus poemas, essa “pessoa”, que habitualmente demonstrava ter uma língua bem comprida, respondeu maliciosamente: “Por acaso a aranha pensa na teia que tece?”

Rosemary Brown. Sou forçado a ser breve nesse ponto, tendo em vista minha incompetência musical. Repito, então, sem compreender grande coisa, o que Hastings diz a respeito. Sabemos que a Sra. Brown compunha músicas nos moldes dos grandes mestres: Liszt, Chopin, Schumann, e outros, mediante ditados que lhe eram feitos pelos próprios compositores. Liszt ter-lhe-ia aparecido várias vezes. Ian Parrott (1978), professor de música da Universidade do País de Gales, acredita que tais composições venham, de fato, daqueles mestres, sobretudo a obra Grubelei, que seria de Liszt. Trata-se de composição tão complicada que a própria Sra. Brown não a conseguia executar. Aliás, suas qualidades como intérprete eram limitadas, e ela só podia tocar as composições mais simples que lhe eram ditadas. Possuía, entretanto, uma formação musical, embora não freqüentasse concertos e pouco ouvisse programas radiofônicos do gênero.

Foi observado, no entanto, que as peças recebidas possuíam alguns defeitos: mas a própria Sra. Brown admitia ter dificuldade em acompanhar as notas ditadas em grande velocidade. Entretanto, e apesar de todas as falhas, a maior parte do que lhe foi transmitido foi julgado favoravelmente pelos especialistas.

O caso de Gasparetto. *Esse jovem pintor executa, a toda velocidade, obras que são atribuídas a mestres da pintura, como Degas, Manet, Monet, etc., mesmo no escuro, ou utilizando as duas mãos, às vezes em apenas cinco minutos. A interpretação desse caso é mais difícil, pois há exemplos de pintores que pintam com extrema rapidez, até usando a mão esquerda quando são destros. Stanley Krippner (1980) fala de uma técnica de ensino de pintura sob hipnose; e Ostrander e Schneider (1970), autores que não primam pela segurança de sua documentação, relatam que Raikov desenvolveu, na Rússia, uma técnica de ensino hipnótico de pintura: pintores medíocres, que julgavam ter o nível de um Rafael, melhoraram a ponto de poderem assinar o nome do mestre em suas obras! O que seria muito divertido, se fosse verdade...*

A origem estaria no interior da pessoa?

Essa pergunta jáfoi feita antes. Em muitos casos a resposta seria: é bem provável(1).

Mas caímos sempre na mesma objeção: devemos atribuir ao subconsciente poderes inacreditáveis para poder explicar casos como o de Patience Worth ? Tais capacidades existem ?

Algumas experiências nos levariam a responder afirmativamente. Hudson (1970) relata o caso de um hipnotizador que sugeriu a seu sujeito que o mesmo estava possuído pelo espírito de Sócrates. E a pessoa começou a dissertar sobre filosofia, e com tal profundidade, que os assistentes acreditavam que se tratava, de fato, do espírito de Sócrates.

(1) Mas não nos esqueçamos que alguns aparecem sozinhos, nas telas de televisão e nos monitores de computadores. Eis o problema!

Sobretudo porque algumas afirmações desse último contrariavam as convicções do primeiro.

Chegamos à conclusão de que haveria, no espírito do homem, muito mais conhecimentos do que ele imagina: e que a coisa do mundo que ele menos conhece, justamente, é seu próprio espírito.

Não podemos esquecer o enorme papel desempenhado por fenômenos bem semelhantes nas diversas religiões. Os exemplos seriam incontáveis. Limitando-nos a São Paulo, lembremo-nos das alusões explícitas de suas Epístolas àqueles que falam “em línguas”, e à necessidade de triar e de disciplinar o fenômeno. Sem dúvida os cristãos tinham percebido que, por vezes, os canais são sábios; mas que podem também divagar. É o mesmo que constatamos hoje. Mas, no que se refere à sua verdadeira natureza, não estamos muito avançados em relação ao tempo de São Paulo.

À guisa de conclusão

Eis o que propõe Hastings:

1. Há uma zona não física que encerra seres desencarnados (ou qualquer que sejam seus nomes) e, talvez, qualidades abstratas (?).

2. Os homens podem contatá-los mentalmente, por diversos processos, e esses seres podem entrar em contato com os homens.

3. Essas entidades possuem, ou podem adotar, personalidades dotadas de sentimentos, de pensamentos, de emoções, etc.

*4. Muitas delas revelam talentos artísticos, literários, matemáticos (e, mais raramente, científicos, eu acrescentaria) que manifestam no canal sem que haja uma prática
prévia.*

5. As entidades podem ter acesso a informações não

limitadas no tempo e no espaço.

6. Elas podem ser enganadoras.

Tal é a forma otimista pela qual Hastings vê as coisas. Eu não seria tão decidido ao reconhecer as benfeitorias e o valor dos canais.

A. Uma grande parte do material transmitido é, com efeito, totalmente desprovida de novidade, embora seja, com freqüência, bem apresentada e interessante.

B. Há uma categoria de mensagens que estão bem acima das demais: as mensagens místicas de um lado, e as artísticas, de outro.

C. Uma outra categoria deve ser classificada bem abaixo da média: são as mensagens propriamente científicas (excetuando as matemáticas do canal de Ramanujan, e outras). A maioria tem um caráter completamente banal.

2. A VIAGEM FORA DO CORPO.

HISTÓRICO

Digamos, inicialmente, que a crença na “saída do corpo ” é imemorial: os xamãs sempre acreditaram poder praticá-la. E os filósofos gregos também a conheciam. O caso entrou, se assim posso dizer, para os tempos modernos em 1919, quando Hereward Carrington discutiu o trabalho escrito a esse respeito por um francês. A obra caiu nas mãos de Muldoon, rapaz doentio que declarou a Carrington ter feito viagens fora do corpo desde sua infância, e que ainda as fazia quando assim o desejava. Ele e Carrington começaram a catalogar casos análogos, percebendo que eram bem numerosos, tanto naquela época quanto na Antigüidade. Mais tarde, Beard abriu um amplo espaço para esse tema em seu famoso livro “ Phantasms of the Living, ” uma das principais obras da parapsicologia-

gia. Porém um estudo ainda mais preciso foi realizado por Crookall, por volta de 1960. Após ter analisado mais de mil observações, Crookall distinguiu várias fases, observadas por quase todos os sujeitos: inicialmente, uma fase de confusão (black out) no começo da saída do corpo. Na segunda fase, o “duplo ” balança acima do corpo. Por fim, a volta ao corpo, o que é, em geral, bastante penoso, provocando a mesma fase de confusão inicial. Ele também distingue dois tipos de viagem: as primeiras são aquelas que ocorrem no momento de um grave acidente, de um choque, de uma asfixia, de uma anestesia. A segunda categoria reúne os casos mais habituais que não decorrem de um traumatismo, mas que ocorrem em geral quando o sujeito está prestes a dormir. Na segunda categoria o viajante observa coisas bem mais vivas e coloridas que os da primeira. Crookall descobriu ainda que os sujeitos, “psíquicos ” bem conhecidos dos parapsicólogos, não têm, quando da viagem, visões tão incríveis quanto as pessoas comuns.

São fenômenos muito próximos das experiências para mortais (ver adiante), mas que ocorrem na vida corrente e que, como aquelas, são bem mais freqüentes do que se pensa. Trata-se de um estado especial no qual, ainda como no caso das experiências paramortais, o sujeito acredita sair de seu corpo, vendo-se por vezes dormir, imóvel, em sua cama. Podemos compará-lo a sonhos de um tipo especial (se é, entretanto, que a palavra “sonho ” convém! Mas voltaremos ao assunto).

O fenômeno ocorre freqüentemente em crianças, que acabam esquecendo a experiência, ou que não ousam falar a respeito com ninguém. Lembro-me de meu assombro quando um menino, com o qual tenho estreita relação, contou-me que saía de seu corpo quase todas as noites quando tinha dez anos.

- Sim, disse-me ele, passeava no parque, ou ia ainda

mais longe. Podia passar através das paredes, sem qualquer problema: se olhava para trás, achava que elas não tinham espessura (?). Ia onde queria, bastava querer. Podia andar debaixo d'água. Havia outras pessoas em volta de mim, mas não as via claramente, pareciam chamas... Podia tocar um objeto, mas não podia erguê-lo, pois não tinha força (?). Quando me olhava no espelho, não me via, mas apenas um vapor. Não sentia nada, não ouvia nada, mas podia falar e ouvir minha voz. Havia perigos, mas tinha um guia que me dava armas. Era muito divertido. Gostaria de fazer tudo novamente (já estava com treze anos). Já pedi ao meu guia, mas ele não quer...

Essa criança evidentemente não havia lido os textos de parapsicologia (os que eu possuía eram poucos, escritos em inglês ou em alemão, línguas que o menino não dominava).

Ora, essa narrativa é quase típica. Ou seja, pode ser encontrada quase que uniformemente na abundante literatura consagrada às viagens fora do corpo.

Relações com o sonho

Mas a viagem poderia ser um sonho um tanto especial ? A esse respeito há uma posição radical que admite que um grande número de sonhos, ou todos, participam, em maior ou menor grau, das viagens fora do corpo. Em particular, a sensação de queda brutal que muitas vezes experimentamos enquanto dormimos, e que, aliás, nos desperta instantaneamente, corresponderia a uma viagem fora do corpo interrompida, e a uma volta brutal para o corpo material... Trata-se de uma afirmação gratuita. Podemos apenas citar, em sua defesa, a sensação - geralmente desagradável - que os "viajantes " sentem ao retornar ao corpo.

Mais interessante são as técnicas, em grande parte

inspirados nos iogues, que consistem em entrar no sonho, em tornar o sonhador consciente de que está sonhando (e de que pode intervir em seu próprio sonho). Nesse momento, garantem os iogues e todos aqueles que já realizaram essas viagens, penetra-se no universo do sonho, e esse torna-se “mais real que o sonho ou seja, pode-se modificá-lo; ir, através dele, ao local que se deseja. E, em determinado momento, a viagem acontece por transições insensíveis.

Para se alcançar esse estado singular, inúmeras técnicas foram desenvolvidas. Em linhas gerais, é preciso que se repita, inúmeras vezes, antes de dormir, que se permanecerá consciente durante o sonho. E parece que o sucesso coroa muitas vezes a obstinação...

O famoso sujeito americano Ingo Swann (que saía de seu corpo quando queria) diz que se alguém quer que ele vá reconhecer um objeto a uma certa distância, deve tomar algumas precauções! O objeto a ser descrito deve estar relativamente iluminado, evitando-se luzes violentas, como os spots. Algumas cores, como o preto, o azul, o vermelho, o branco, e o verde são facilmente percebidas; o alaranjado, o rosa e o azul claro, dificilmente. Os objetos em três dimensões são vistos com dificuldade. Ao contrário, os objetos planos são facilmente descritos, desde que sejam figuras cheias e não simples contornos. O sujeito vê mal os objetos que refletem a luz. As letras e os números são vistos como desenhos, e não podem ser reconhecidos. Mas há dias em que o sujeito nada consegue fazer corretamente.

Todas essas observações feitas por Ingo Swann, sujeito célebre na parapsicologia, e homem de excelente cultura científica, são do maior interesse. Ele próprio as interpretava admitindo que eram particularidades bem afastadas da percepção extra-sensorial (muito mais vaga), e, portanto, um fenômeno diferente. Observação importante,

pois veremos que a principal dificuldade no que se refere aos dados colhidos por ocasião de uma viagem fora do corpo é a de distingui-la da simples percepção extra-sensorial ou do sonho... Os biólogos que estudaram a descrição dos objetos “vistos ” por Swann, e que o submeteram a diversos testes enquanto ele se encontrava naquele estado, consideram que a visão fora do corpo se aproxima bastante da visão normal.

Ingo Swann continuou suas experiências durante seis meses, o que proporcionou o surgimento incontestável de processos de aprendizado.

A viagem e a percepção extra-sensorial

Mas um outro problema é bem mais delicado: para que, dirão os críticos, nos envolvemos com uma noção tão estranha quanto a da viagem, se os conceitos correntes da parapsicologia já nos bastam ? Nós conhecemos a clarividência, que também atua à distância, e por vezes a grandes distâncias: o sujeito acredita provavelmente sair fora de seu corpo, quando, na verdade, trata-se apenas de um caso relativamente banal de clarividência.

Poderíamos responder que a experiência da clarividência é habitualmente confusa, muito mais do que aquela descrita pelos que realizam as viagens. Mas Osis elaborou uma experiência que pode distinguir os dois fenômenos: uma das experiências mais engenhosas da parapsicologia, mas que nunca foi bem compreendida. Ele introduziu dois discos em uma caixa fechada. O primeiro era dividido em segmentos de várias cores. O segundo, transparente, colocado na frente do primeiro, continha vários desenhos. Dessa forma, girando-se o segundo na frente do primeiro, podia-se, através de um buraco feito na face anterior da caixa, ver um determinado desenho com um fundo de cor

variada. Mas isso só podia ser visto através do buraco da caixa. A clarividência, nesse caso, só proporciona, habitualmente, percepções pouco distintas, mas não se perturba com obstáculos, tais como as paredes de uma caixa! Explicou-se, então, a Ingo Swann, o maior dos sujeitos, que realizava viagens a seu bel prazer, o que ele deveria fazer: olhar pelo buraco e descrever o que estava vendo... E ele assim o fez, com uma precisão surpreendente... E ainda acrescentou alguns detalhes bem instrutivos: quando, por exemplo, um outro sujeito, o Dr. Tanous, queixou-se de nada perceber durante a viagem, quando, normalmente, as realizava sem qualquer problema. Feita uma verificação, percebeu-se que a lâmpada que iluminava o interior da caixa estava queimada. O que teria impedido a visão normal, mas não a clarividência, esse fosse o caso do Dr. Tanous...

Tart e Morris encontraram alguns argumentos em favor da especificidade das viagens fora do corpo: por exemplo, quando são gravados os movimentos oculares espontâneos de Swann. Eles ficam bem lentos quando a viagem está sendo realizada. Já no caso do sonho os movimentos são bem rápidos.

O eletroencefalograma revela um estado hipnótico de transe profundo.

As ondas teta

Paliner, em 1978, relata que tentou realizar encefalogramas em sujeitos que começavam uma viagem fora do corpo. Para sua surpresa, infalivelmente aparecem ondas teta quando a viagem vai acontecer... Ora, essas ondas são muito raras, e se manifestam quando uma pessoa sofre profunda modificação de sua consciência, por exemplo na meditação ou nos exercícios de ioga. Rogo observa,

engenhosamente, que o surgimento das ondas teta poderia servir para desenvolver um processo de bio-feedback, facilitando assim o treinamento para viagens fora do corpo... (mas outros autores duvidam da correlação entre ondas teta e a viagem).

Há provas da saída do corpo ?

Essa é, evidentemente, a principal questão. A telepatia exclui, por sua própria natureza, as provas materiais: basta que as informações fornecidas sejam exatas. Mas, para a saída do corpo, seria preciso algo mais: provas “materiais ” da presença do sujeito fora de seu corpo, no local onde diz ter ido.

Vários casos bem antigos são citados, onde o “fantasma ” do viajante foi visível, não apenas para o sujeito a quem ele se dirigia, mas também para uma terceira pessoa que se encontrava no local.. Uma experiência interessante, mas que poderia ter sido levada mais adiante, foi realizada por Morris e seus colaboradores: eles colocaram uns gatinhos, que pertenciam ao experimentador, em um local onde seus movimentos e seus comportamentos podiam ser vistos. Depois, seu dono (o “grande sujeito ” Blue Harary), em um prédio vizinho, “saiu de seu corpo ” e tentou chegar perto de seus gatos: o comportamento dos mesmos foi claramente modificado.

A fantástica experiência do Dr. John Hartwell

Aconteceu durante as experiências realizadas com os gatinhos de Harary... Buscava-se saber se um dos gatos se aproximaria do “duplo ” de seu dono. Para isso, esvaziou-se totalmente uma sala e ali foi colocado o animal. Ficara combinado que Harary “entraria ” por um determinado

ponto. A experiência foi monitorada à distância por um circuito interno de televisão. O Dr. Hartwell, que a acompanhava, nada viu de preciso em relação ao gato, mas teve, em compensação, a maior surpresa de sua vida ao ver surgir na tela da televisão a imagem de Blue Harary (o fato me foi confirmado em 1992 por meu colega, D r. Broughton).

*Recentemente tomamos conhecimento de experiências chinesas onde a *força vital ", o k 7 exterioriza-se, vai a vários quilômetros, independentemente do corpo, e manifesta sua presença ao influir em diversos aparelhos de medição (tipo galvanômetro)... mas foi-me impossível obter informações mais circunstanciadas a respeito.*

Saídas do corpo e xamanismo

Osxamãs são, de certa forma, os "feiticeiros " dos siberianos (ou, pelo menos, a palavra que os designa vem daquelas regiões). Mas o termo foi estendido a todos os povos onde o "feiticeiro " desempenhava, e muitas vezes ainda desempenha, uma função muito importante. Sempre achei que as experiências chamadas de viagens fora do corpo, ou experiências próximas da morte, me faziam lembrar minhas leituras passadas sobre história das religiões... Voltei a mergulhar, então, em trabalhos tão importantes quanto o de Mircea Eliade, sobretudo "O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase". Fiquei estupefato com as analogias descobertas ali, e que eu , de certa forma, havia esquecido...

Pergunto-me, inclusive, se a cada fase da viagem fora do corpo, ou próxima da morte, não podemos correlacionar, às vezes com detalhes, o que os xamãs já diziam aos etnólogos cem anos - ou mais - antes que se falasse de fenômenos análogos no Ocidente.

A experiência da luz. Está associada, em geral, à

ascensão, à subida rumo a espaços superiores onde residem os deuses. Não encontrei nos estados transcópicos (prefiro designar assim, ao menos provisoriamente, as viagens fora do corpo, 110 momento da morte ou em outras circunstâncias) qualquer menção a uma ascensão. Em compensação, abundam as “aspirações ” por uma espécie de túnel, por onde ocorre um deslocamento em grande velocidade. Porém, o que mais impressiona os viajantes é a Luz, que assume às vezes, mas nem sempre, a aparência de um “ser de luz ”■ Ora, foi uma visão dessa Luz que determinou a carreira do xamã Iglulik dos esquimós. O que diferencia os xamãs daqueles que praticam a viagem transcóptica, ou da maioria deles, é o fato de que o xamã busca essa luz, e que só a alcança, freqüentemente, após terríveis provações. Segundo Rasmussen, o .xamã Aua, quando de sua iluminação, sentiu em seu corpo e em seu cérebro uma luz celeste que emanava de todo o seu ser (diferentemente do que ocorre nas viagens atuais: a luz não emana do próprio corpo, mas esse mergulha nela). Nas Upanichades, a “ luz interior” é aprópriaessência do atmã, o Eu Universal. Mas é o Bardo Thodol, livro dos mortos tibetano, que se revela, de longe, o mais explícito. Ele descreve claramente “a luz que banha a alma do morto durante a agonia e imediatamente após a morte Da firmeza com a qual a luz imaculada é escolhida, depende o destino post mortem dos humanos: “libertação ou reencarnação ”(Eliade).

Não se deve, entretanto, comparar levemente a experiência da luz nas experiências próximas da morte, com a luz do xamãs... Como observa Eliade, dispomos de detalhes bem precisos (se assim podemos falar!) sobre a luz ou a iluminação recebida pelo quaquaneq esquimó após terríveis provações e infinitas meditações. Rasmussen conta que se trata de “uma luz misteriosa que o xamã sente

repentinamente em seu corpo e no interior de sua cabeça... um inexplicável farol, um feixe de luz que o torna capaz de enxergar no escuro, mesmo com olhos fechados... tanto no sentido próprio quanto no figurado, pois ele consegue, mesmo com olhos fechados, ver em meio às trevas, perceber coisas e acontecimentos futuros, que outros humanos não podem captar. Ele pode, da mesma forma, conhecer tanto o futuro quanto os segredos dos outros. E como se a casa na qual se encontra estivesse flutuando de repente: ele vê, bem longe de si, através de montanhas, como se a terra fosse uma grande planície, como se seus olhos atingissem os confins da terra. Nada mais lhe fica escondido.”

Percebemos aqui a necessidade da longa preparação e das faculdades particulares desenvolvidas pelo xamã. Há uma diferença no que se refere à capacidade dos que viajam fora do corpo: estes jamais disseram, ao que eu saiba, ter visto o futuro. É verdade, em compensação, que eles podem se deslocar, segundo dizem, na velocidade do pensamento, e para qualquer lugar, o que equivaleria, em certo sentido, a uma onisciência equiparável à dos quaumaneq...

A experiência da morte (real ou simbólica). Radin fala de um médico Winnebago (da América do Norte) que “sentiu ser morto(?)” e subir ao céu, onde encontrou o Ser supremo. Sofreu diversas provações: precisou matar um urso considerado invulnerável, e fazê-lo reviver, soprando-o. Ao final, voltou à terra para nascer de novo.

Ver seu próprio corpo. Algumas vezes o xamã vê seu corpo estendido, abandonado. Um profeta, Slocum, de Puget Sound, “morreu ” e viu sua alma abandonar seu corpo. “Vi uma luz incandescente, uma enorme luz... Olhei e vi que meu corpo não tinha mais alma... estava morto... minha alma abandonou o corpo e ergueu-se em direção ao julgamento de Deus ” (Mooney).

Deslocar-se à vontade. Segundo Rohde, que estudou o

Arismapeia, poema de Aristéa de Proconesa, o poeta entrava em êxtase pois Apoio lhe tomava a alma e o fazia surgir, simultaneamente, em locais muito distantes. O mesmo ocorria com Hermótimos de Clazômenas que podia abandonar seu corpo durante anos, viajando para lugares bem afastados. Citemos, enfim, a célebre história de Er de Panfília, fúho de Armênios, que foi morto no campo de batalha (Platão, em “ A República ”). Er volta à vida quando seu corpo já está na fogueira, e vê, sem compreender, os guerreiros que se apossam das armas de um soldado morto. Olhando melhor, nota que o cadáver é ele mesmo, e tenta dissuadi-los. Mas percebe que os guerreiros não o escutam. Recebe, então, a revelação das leis que governam o cosmos, enxerga do alto toda a terra, e entra em um vale onde encontra uma grande multidão: são os mortos, seus camaradas. Finalmente, por graça da deusa Artemis, de quem sempre fôra devoto, retorna a seu corpo.

Não se trata de resumir aqui a obra erudita de Eliade, mas, como ele mesmo diz, a característica do xamanismo não é o contato com os espíritos ou com os animais míticos, mas a saída do corpo, o êxtase no sentido etimológico. A esse respeito, os exemplos são inúmeros. E evidente que a narrativa das viagens fora do corpo faz parte da camada cultural à qual o xamã pertence: visão de monstros e de animais míticos, por exemplo. Mas as principais características que destaquei acima são constantes.

Há, entretanto, uma diferença: o xamã quer tornar-se xamã. E para isso submete-se a uma iniciação por vezes longa e cruel, que nada tem em comum com os “cursos de saída do corpo ” ministrados pelos livros especializados americanos, de uma qualidade em geral duvidosa. A diferença é evidente: por exemplo, os índios tomam o peiote, mas após uma série de cerimônias e jejuns. Dessa forma o produto parece não lhes fazer qualquer mal. O

mesmo não acontece com os europeus que consomem a mescalina, extraída do peiote, sem tomarem as devidas precauções... E se elas tiverem por objetivo apenas disciplinar o espírito em presença da droga?

Pensar e perceber fora do corpo

Como ver, ouvir e sentir alguma coisa quando, por hipótese, não se tem mais corpo ? O problema é o mesmo quando se fala das viagens fora do corpo e da “vida desencarnada ”, ou ainda, simplesmente, da clarividência. Quanto à sobrevida, é curioso observar que as diferentes religiões, especialmente a judaico-cristã, conceberam a vida após a morte, ou a ressurreição, com a presença de um corpo. Sem dúvida esse corpo é compreendido como diferente do nosso, terrestre (seria o “corpo glorioso ” do qual falam certos teólogos). Mas trata-se, de qualquer forma, de um corpo. O próprio Cristo, após sua ressurreição, possuía um corpo. Dotado de propriedades desconhecidas, sem dúvida, pois podia passar através de portas fechadas: mas era um corpo. Um corpo que fez com que ele pudesse beber e comer. O outro mundo nunca é concebido como sendo povoado de luminosidades vagas e mutáveis: lá, todos têm um corpo, inclusive os Anjos.

O que contradiz as informações dadas pelos que viajam fora do corpo. Nunca lhes foi suficientemente perguntado se havia um outro corpo perto daquele que haviam abandonado. Quando, por acaso, essa questão foi colocada, a resposta foi sempre ambígua. E os viajantes mostraram-se surpresos. Eles sentem, com certeza, que têm um corpo, mas muitos (nem todos) surpreendem-se ao passar frente a um espelho e não verem suas imagens refletidas. Mas isso não os perturba... Er de Panfília sente-se tão semelhante aos vivos que se aproxima dos soldados que retiram as armas

de seu cadáver e fica espantado quando os mesmos não lhe dão atenção. Numerosos são os relatos de mortos que não sabem estarem mortos, que se aproximam de pessoas conhecidas, e que se sentem desesperados por não serem percebidos. Eles devem, pois, saber que possuem um corpo. Mas se a questão lhes é colocada de outra forma, ou seja: “você viu o seu corpo?”, acho que todos se sentem embaraçados ao responder... Pois nos sonhos não vemos nosso corpo, ou seja, não o olhamos. Contentamo-nos em “sentir” que ele existe, mas não pensamos a respeito.

Lembro, por fim, a célebre experiência do gatinho que foi usado como detector de viagens, pois ele deveria reagir ao ver o “duplo” de seu dono entrar na sala onde estava. O observador, instalado na parte exterior da sala, e que acompanhava a experiência através de uma câmera de televisão, viu, com estupor, “o duplo” de Harary entrar no cômodo. E Harary, na verdade, não havia saído de seu escritório. Mais surpreso ainda ficou o próprio Harary que até aquele momento não se havia perguntado se tinha ou não um corpo durante suas viagens!

Os órgãos dos sentidos fora do corpo

Vemos como é estranha essa questão do corpo dos viajantes: simplesmente, na maioria dos casos, ela não é colocada. Entretanto, ouvi um deles dizer que podia tocar nos objetos, sem entretanto conseguir deslocá-los. Nas longas mensagens recebidas em computador, ou de outras formas, o problema não se apresenta. Os habitantes dos outros mundos têm um corpo bem semelhante ao nosso, porém dotados de propriedades maravilhosas, como a de deslocarem-se rapidamente para onde querem (como isso acontece? Eles também não se perguntam isso).

Então, como a clarividência é possível, se ela permite,

mesmo a curta distância, versem recorrer aos olhos que não podem atravessar um envelope opaco? Em certas experiências chinesas que mencionei, mas sobre as quais não pude obter maiores detalhes, quando alguém vê ou age à distância, há, nas proximidades do objeto visado, fenômenos detectáveis por diversos instrumentos de medição: há, portanto, deslocamento de alguma coisa no nível visado. Essa observação não nos leva muito adiante, pois, evidentemente, não é o olho que se desloca.

O que dizem os clarividentes, por exemplo, nas experiências de Targ e Puthoff ? Nada de muito explícito... Se bem entendi, eles visualizam o alvo da melhor forma possível, ou, nos casos em que é desconhecido, libertam o espírito de qualquer outra preocupação, e captam a primeira imagem que se forma (muito importante, pois eu mesmo o constatei: as imagens seguintes são, obrigatoriamente, o fruto da imaginação). Nas antigas e numerosas experiências da velha metapsíquica, quando se pedia a um sujeito que explorasse o apartamento de uma pessoa desconhecida por ele (este tipo de experiência esteve muito em moda no século passado), ele “passeava ” pelo apartamento, ou citava as imagens que se formavam em sua mente: mas também nesses casos os viajantes não conseguem ser muito explícitos... Um vidente que conheço bem, e que trabalha com mapas para descobrir pessoas desaparecidas, utiliza um pêndulo para obter as necessárias indicações. Mas, pelo que sei, ele não tem a impressão de deslocar-se, ou de deslocar seu espírito...

A viagem e o sonho

Não se pode encontrar uma comparação mais justa que a de se relacionar as viagens aos sonhos... Todas as questões que acabo de debater não se colocam nos sonhos. Eles

ignoram solenemente o tempo e o espaço (sobretudo mais o espaço, parece-me, que o tempo). Por outro lado, um grande cientista, que realiza viagens fora do corpo quando assim o deseja e que pude interrogar a respeito das questões anteriormente mencionadas, forneceu-me a seguinte resposta:

- Não, eu não me desloco. Na realidade (assim como no sonho, no qual o corpo não se desloca) sei que o tempo e o espaço é que são abolidos para mim.

A percepção direta

Resta uma hipótese bem pouco satisfatória: em um universo vizinho ao nosso(l), onde o tempo e o espaço não existem ou não se manifestam mais, os órgãos dos sentidos, que são regulados em função do tempo e do espaço, não podem mais funcionar, e é inútil perguntar se eles “viajam com o viajante”. Mas essa entidade tão clara e tão misteriosa, à qual chamamos consciência, transcende ao espaço e ao tempo, como muitos filósofos já observaram: ela percebe diretamente as coisas. E que não se diga ser inimaginável: todos nós experimentamos a mesma coisa todos os dias durante o sonho, do qual nem nossos olhos nem nossos ouvidos participam(2).

Muitos autores já observaram as similitudes existentes entre o universo descrito pelos médiuns ou videntes e aquele

(1) Não esqueçamos que, em muitas doutrinas (hindus, por exemplo) o sonho não tem menos objetividade que o estado de vigília. Trata-se de um universo diferente (embora elas não se expressem assim).

(2) Poderíamos nos expressar de outra forma, admitindo que a consciência é “não local”, ou “não localizável”, como certas partículas elementares da física que só podemos “localizar” no momento em que são isoladas, ou seja, quando do processo de medição.

do sonho, de um sonho lógico e consistente. Essa comparação é, talvez, mais exata do que parece... Nesse estado, a consciência percebe o presente e o passado, o espaço e o tempo não a limitam, pois existe a pré-cognição...

A importância de tais fenômenos

Alegou-se, com frequência, que esses fenômenos provinham de resquícios de uma educação religiosa, pois alguns dizem ver o Cristo, ou o Ser de Luz, ou personagens santos, ou anjos... Para começar, isso não é assim tão comum; muitas vezes as visões, sem ir de encontro à religião do sujeito, não correspondem exatamente àquela por ele professada.

Em seguida, é preciso destacar a universalidade e a antigüidade de testemunhos análogos. Por intermédio dos xamãs atingimos o neolítico. Tanto que, seguindo vários autores, eu colocaria uma questão essencial:

Ao invés de serem fragmentos provenientes de crenças individuais... não teria a religião nascido de tais fenômenos? Ou seja, experiências mil vezes repetidas, enormemente impressionantes, que, na maioria das culturas, podiam ser desencadeadas à vontade? A origem das convicções religiosas, e em particular da crença na sobrevida, tão antiga e tão fortemente enraizada, não seria uma experiência, ao invés do resultado de uma reflexão filosófica (esta não teria surgido milênios depois ?)

Encontramos, dessa forma, uma maneira de tirarmos dos filósofos (que só convenceram aqueles que queriam ser convencidos) a exclusividade da discussão sobre os problemas da sobrevida, para colocá-la no terreno experimental que, há muito tempo, vem demonstrando sua eficácia.

Resta, evidentemente, determinar se essa experiência

interna e individual é crível, o que representa um outro problema. É necessário, pois, determinar primeiramente:

- mediante quais critérios pode-se reconhecer sua credibilidade;

- se, mais que a razão científica, não há pressupostos filosóficos não formulados que entram em jogo na escolha desses critérios;

- se é possível delimitar exatamente a capacidade daquilo que chamamos nosso espírito, ou nossa consciência...

Voltaremos ao assunto.

3. AS EXPERIÊNCIAS PARAMORTAIS

Mais ou menos na época em que surgia a transcomunicação instrumental, desenvolvia-se uma via de pesquisas totalmente diferente, mas cujas conseqüências têm uma enorme importância: o estudo preciso dos fenômenos que acompanham a morte aparente. Tal tipo de pesquisa teve dificuldade ao tentar impor-se, pois a maioria dos médicos não tem qualquer interesse em cuidar dos mortos, mas sim dos vivos. E o estágio intermediário, ou seja, o daquele que está morrendo, não os apaixona muito. Quando a esperança está perdida, eles se limitam a “facilitar as coisas”, muitas vezes com uma dose maciça - e definitiva - de calmantes...

Acho que as primeiras - e embaraçantes - perguntas a esse respeito foram colocadas por Elisabeth Kübler-Ross, mulher de incrível energia, que, contra ventos e marés, e antes mesmo de tornar-se médica, sustentou o revolucionário ponto de vista segundo o qual a morte não era o que todos pensavam, e que era preciso cuidar daqueles que morriam. Daí nasceu a magnífica iniciativa de “acompa-

nhamento dos moribundos ”, pela qual pessoas devotadas acompanham aqueles que estão partindo, nem que seja apenas segurando-lhes a mão... Epercebeu-se que a grande passagem não era sempre tão terrível, e que podia até ser abordada com muita calma.

Não é possível contar aqui a heróica epopéia de EKR (como era chamada na América...). Graças a um caráter inflexível, ela acabou ganhando a guerra: ou seja, os médicos admitiram que não se pode abandonar pura e simplesmente uma pessoa que está morrendo; mas que se pode, e que se deve, ao contrário, ajudá-las moralmente. Mas tudo isso já foi mencionado em incontáveis livros(1).

Até que um dia aconteceu algo de especial a EKR: ela conheceu uma moribunda, a Sra. Schwarz. E essa senhora disse-lhe que um dia, caindo em coma profundo, tinha “saído de seu corpo ”, vendo-se “como se estivesse no teto ”, cercada por enfermeiras e médicos que tentavam reanimá-la, sentindo, porém, uma sensação de desprendimento, de alegria profunda, sem qualquer dor. E que, em certo momento, percebeu que deveria voltar ao corpo, embora a contra-gosto. Então as dores voltaram no momento em que ela “recobrou a consciência ” - termo que lhe parecia terrivelmente desprovido de significado: afinal, a consciência não existira enquanto ela estivera fora de seu corpo, tão feliz?...

Elisabeth, a início, não acreditou no que estava ouvindo. Mas com uma incrível independência de espírito, aceitou “considerar o problema ”, ou seja, não admitir de antemão que fosse um caso de alucinação, e ir adiante... o que, sem dúvida, teria sido feito por qualquer outro médico.

(1) Recomendo, em particular, a obra de van Eersel, *Lasource noire*, que se le como se fôra um romance; e o livro de Sarah Mercier (CD), extraordinário (1992).

Quer dizer, sent compreender e sem explicar o que ocorria, ela admitiu a existência de um fenômeno talvez importante... para indagar, em seguida, se outros pacientes já não teriam sentido as mesmas sensações. Falando a respeito, descobriu, com surpresa, que o fenômeno não era assim tão raro, sendo mesmo bem freqüente.

E o destino, às vezes benfeitor, fez com que ela encontrasse o Dr. Raymond Moody, que trabalhava do outro lado dos Estados Unidos, e que havia escrito um livro sobre esses misteriosos estados. Resumirei rapidamente o que já foi abundantemente desenvolvido por Moody e vários outros.

Um enorme número de moribundos, ou sujeitos, que sofrem um grave acidente e não morrem, entram quase que imediatamente em um estado especial. Não sentem qualquer sofrimento, encontrando-se, ao contrário, livres como jamais o foram; vêem seu corpo do alto, ao que parece, sentindo dificuldade, ao início, de reconhecer o próprio corpo. Foi o que aconteceu a Er de Panfília, relata o divino Platão em “A República” (ver acima).

Encontramos aqui algumas características das experiências próximas da morte(1), dentre as quais a mais interessante é a alegria de se estar fora do corpo, além da tristeza de se ter que voltar a ele (alguns até acrescentam que sentem certo desgosto quando deslizam de volta a esse despojo frio e viscoso). Mas essa seria apenas uma parte do trajeto. Passo a palavra a um de meus melhores amigos que estivera muito doente e que, durante sua convalescença, encontrava-se em sua cama:

“Então, disse-me ele, senti que deixava meu corpo. Não sei bem se o vi do alto ou não, mas estava fora de meu

(1) Em inglês, *NDE*, *Near Death Experiences*. Mas como não gosto de me expressar em língua bárbara, prefiro denominá-las experiências paramortais.

corpo. Fui aspirado como por um túnel, por onde entrei a toda velocidade. No final do túnel havia uma espécie de sol. E de repente fui ao encontro da luz... Ah, que luz! Branca, dourada, incandescente. Mas ela não me incandescia. Dentro dela havia alguma coisa, ou alguém. E esse alguém era o Amor, um amor, enfim, não sei. Essa é a palavra que mais convém, mas que não basta para expressar o que eu compreendi. Quisera permanecer lá para sempre! Mas me fizeram compreender, docemente, que eu deveria voltar. E encontrei-me novamente em meu corpo. Foi muito triste não ter podido ficar na luz. Lembro-me como se fosse ontem... e a partir daí não tive mais medo de morrer. Ah! se isso for a morte... que venha a morte!”

Meu amigo é um escritor muito conhecido, o melhor e o mais inteligente homem que conheci. Não era muito propenso a levar-se a sério, mas possuía um lado místico bem pronunciado. Fora isso, sempre o considerei como a própria encarnação do bom senso, e destaco ainda seu gosto pela alegria e pela brincadeira, que ocultava em parte sua seriedade fundamental. Ele jamais havia falado comigo daquela forma. Anos depois, a lembrança do inexplicável episódio continuava viva em sua lembrança(1).

Narrativas semelhantes podem ser encontradas às centenas. Já mencionei a surpresa de Kübler-Ross e de Moody quando descobriram a frequência com que tais fenômenos ocorrem.. Mas os doentes não ousam falar a respeito. Esquemáticamente, eis como ocorrem as visões, com algumas variantes de pouca importância.

O episódio do túnel negro pelo qual se passa é geral, bem como a luz que se vê em sua extremidade. Notemos também a ausência de qualquer angústia, o que deve estar relacionado à interrupção brusca de qualquer dor. Há, em

(1) Trata-se de Aimé Michel, hoje falecido...

seguida, a chegada: ou a uma luz sublime, ou a um jardim esplendoroso, com mil flores (de coloração mais pálida que as daqui de baixo, mas banhadas de luz bem mais intensa). Depois, vem o encontro com o “Ser de luz”, personalizado ou não: no primeiro caso, é um homem, ou uma mulher, jovem, de beleza e doçura surpreendentes (mas sem asas!). Podem falar, ou não. Mas em todos os casos o doente experimenta uma felicidade ímpar. E quando compreende que deve retornar ao ponto de onde partiu, sente grande desprazer. Volta a passar pelo túnel, e reencontra seu corpo para dentro do qual, com desgosto, sente ser aspirado (“é frio”, “é viscoso”, e a dor volta).

E agora discutamos... Não desconheço as teorias que foram construídas em torno desse fenômeno. Já se disse, por exemplo, que seria o resultado da ação de endorfinas (espécie de substâncias anestésicas cerebrais) produzidas em larga escala, em caso de coma brutal (o que é possível, mas não se sabe absolutamente nada a respeito, a bem da verdade). Aliás, quem duvidaria que o coma profundo vem acompanhado de modificações fisiológicas consideráveis (ver mais adiante uma discussão mais aprofundada do aspecto fisiológico)'/

Entretanto, correndo o risco de escandalizar os fisiologistas, direi que o problema não está aí. Que o coma profundo age como uma droga, tudo bem! Mas conhecemos a consequência do êxtase de sujeitos que consumiram heroína, por exemplo: é terrível, a menos que possam encontrar rapidamente uma nova dose! Mas aqui as consequências são absolutamente diferentes, assinaladas por todos os pacientes: suas vidas mudam completamente; tornam-se mais altruístas; abandonam suas antigas personalidades que, muitas vezes, apresentavam aspectos desagradáveis. Tal mudança é observada por todos. E a lembrança dessa “visita ao paraíso” não é jamais esquecida. O receio da

morte desaparece e eles desejam voltar, o mais rapidamente possível, àquele lindo jardim, semelhante, talvez, àquele onde Eva morou com nosso pai Adão...

Pois bem! Atribuíamos tudo isso às endorfinas! Mas vocês não compreendem que, se a humanidade dispusesse à vontade de uma droga com efeitos comparáveis e prolongados, sem qualquer aspecto nocivo, todos a tomariam? Isso nada mais seria que o soma da obra de Huxley(1). Tal droga mudaria toda a humanidade, como previu o genial romancista, mas sem o embrutecimento final provocado pelo soma. Ao contrário, os que conseguem escapar da morte sempre lucram em termos de humanidade.

Acrescentemos um outro fenômeno, talvez ainda mais interessante, pois atestaria que os pacientes realmente vão para “fora de seus corpos quase todos os sujeitos relatam terem visto os médicos em torno de seus corpos; ou um dos internos, que havia esquecido de amarrar o cordão de seu sapato; ou uma enfermeira cantarolando mentalmente uma canção (os sujeitos dizem que, naquele estado, podiam ler

(1) Não estou dizendo, com isto, que o cérebro nada tem a ver com as viagens fora do corpo. E quando falo de cérebro, refiro-me, naturalmente, a seus mecanismos! Se eles não atuassem durante as viagens, o paciente estaria morto: a morte pode corresponder, com eleito, não à perda da própria consciência, mas à *impossibilidade de alguém comunicar-se com aquela do morto*. Voltaremos a esse importante ponto. *O soma* era a bebida sagrada da Índia védica. Parece que era composto de *amanita*, cogumelo mortal esmagado ou fervido no leite, e depois filtrado. O leite eliminaria suas toxinas, mas não seu efeito alucinógeno. Os Arias, vindos da Sibéria, herdaram-no sem dúvida do xamã eurasiático, que utilizam a *amanita pantera* como alucinógeno, após terem-na tratado da mesma forma que para o *soma* dos hindus. É curioso notar que na Alsácia, quando há dúvidas se um cogumelo é venenoso ou não, o mesmo é colocado no leite e fervido para que perca sua nocividade...

os pensamentos).

ANEXO

Em honra ao Soma (hino do Rig Veda)

Espalha-te bem, ó Soma, por Indra, que fuja a doença com seu demônio... Tu és a inteligência dos deuses... tu és a alma de Indra, o elixir supremo... Rugindo em tua tina, tu te deixas ungir de leite, tu corres através da peneira de lã... Elas correm juntas, as correntes do grande Soma... És clareado pela fórmula, ó dourado líquido... lá, onde está a luz inalterada, o mundo onde mora o Sol. Leva-me, ó branca, a esse mundo imperecível... lá, onde se pode andar à vontade; lá, onde estão os mundos luminosos, faça de mim um imortal...

A experiência paramortal. Dados clínicos.

Evidentemente, em casos de acidentes súbitos e rápidos, o sujeito não tem a oportunidade de perceber sinais premonitórios. Mas em casos de acidentes operatórios ou pré-operatórios, quando, por exemplo, a pressão arterial cai para perto de 2, pode ter início a experiência fora do corpo. Uma das primeiras sensações de que bem se lembra o sujeito é a de frio glacial, ao qual nada pode ser comparado, que invade seu corpo, partindo das extremidades inferiores. A viagem não acontece necessariamente após essa sensação: minha esposa, em virtude de intensa hemorragia, teve essa sensação de frio intenso, segundo me disse, mas sem perda da consciência e sem o surgimento de qualquer fenômeno paranormal.

Uma outra característica: a calma, o “deixar-se levar”, a ausência de qualquer sensação de medo (contrariamente

ao que se poderia supor)... mas a viagem, ainda aqui, pode não acontecer. Uma pessoa de minha família sofreu uma queda de pressão (chegando perto de 2), em virtude de um acidente suprarrenal. Ela não podia responder, mas ouvia muito bem o que dizíamos, inclusive as palavras do médico...

- Eu não sentia medo, estava muito calma, mesmo percebendo que talvez morreria, Mas sentia-me longe de tudo aquilo...

Deduzimos que a sensação de intenso frio, a queda de pressão, o desligamento, tudo surge como condições necessárias, mas não são suficientes para que a viagem aconteça,

A percepção do ambiente normal fora do corpo

O que nos é contado pelos sujeitos pode variar bastante, e pode até englobar episódios alucinatórios, servindo para os médicos afirmarem que “tudo” é alucinatório nesse campo. Mas, em grande número de casos, o viajante observa o que acontece a seu próprio corpo, estendido em uma mesa cirúrgica, sem nada sentir, como “se o olhasse do teto E o que relatam é muito preciso: leitura dos monitores; gestos dos cirurgiões; acidentes, como a queda de um instrumento, etc... Essas percepções são extremamente interessantes, pois são muito freqüentes. Elas assinalam o aparecimento de um estado altamente anormal. Os sujeitos não poderiam, de fato, em nenhuma hipótese, ver a mesa de cirurgia a partir de perspectivas tal como são descritas. Alguma coisa deve certamente ocorrer.

O universo do viajante. Ele é bem particular, mas, ao que me parece, bem coerente... Inicialmente, a saída do corpo ocorre quase sempre de forma bem suave. Ninguém jamais se encontrou fora de seu corpo de forma abrupta.

Porém, algumas vezes, sente como que uma aspiração violenta que o “extrai ” de seu corpo. A volta acontece, em geral, pela cabeça, com os pés para a frente, e provoca, quase sempre, uma viva sensação de repugnância - “é frio e viscoso ”- sobretudo porque a dor reaparece.

De que forma o sujeito exerce os sentidos que tem, ou que pensa ter conservado? Parece que todos os sujeitos mencionam a visão (há relatos de viajantes fora do corpo, cegos de nascença, que passam a ver normalmente). Mas o que vêem? seus próprios corpos? Isso parece ocorrer com poucos. Na maioria das vezes, eles se dão conta de que não têm corpo visível (ninguém perguntou a eles, pelo que sei, se tinham impressões cenestésicas: peso (a ausência de peso, a grande leveza, é freqüentemente mencionada), calor ou frio, prazer físico (sentem-se muito felizes, mas são incapazes de dizer se é um prazer físico ou mental, pois a maioria não se “sente em seu próprio corpo ”). Muito se surpreendem quando não se vêem no espelho, e percebem, então, o estado especial em que se encontram (mas, com efeito, não se dão conta muito claramente de que estão fora do corpo). Quanto ao que vêem no exterior, trata-se, geralmente, de uma paisagem encantadora, de uma luz resplandescente que, entretanto, não ofusca. Às¹ vezes, vêem um maravilhoso jardim de cores menos vivas que os da terra, mas onde gostariam de permanecer para sempre. A volta ao corpo, que corresponde à saída do jardim, é muito dolorosa para todos.

A audição pode estar presente ou ausente. Um sujeito declarou-me que podia ouvir sua própria voz, mas que os vivos não a ouviam apesar de todo seu esforço: o que provoca uma grande irritação (como se vê em Platão, a respeito de Er de Panfília). O tato está ausente, bem como o olfato. Os sujeitos sentem-se muito impressionados

quando percebem que suas mãos passam através dos objetos que desejam segurar (quanto a isso, há uma certa contradição: se a maioria não tem corpo, como podem sentir que têm mãos?). Mas, sobretudo, todos podem passar através de paredes e portas, que são como uma bruma estável que se deixa penetrar sem dificuldades. Evidentemente, tudo está muito próximo das experiências fora do corpo realizadas por um homem em bom estado de saúde.

A comunicação com o Todo. O viajante comunica-se de forma particular, mas não por meio da palavra, ao menos na maioria das vezes. Ele tem a impressão de ser o Todo, de partilhar de uma imensa soma de conhecimentos (da qual não se lembra mais quando de seu retorno ao corpo). Ele revive seu passado, e parece, pelo menos em certos casos, ter acesso a seu futuro. Mas passado, presente e futuro não têm sentido, pois o sujeito encontra-se em um eterno presente. Parece que certos viajantes tiveram conhecimento do futuro da Humanidade, mas falam a respeito com certa reticência: esse parece ser bem triste, segundo o pouco que mencionam. O que não nos surpreende muito. Infelizmente!

O tom religioso das mensagens. Ele não é muito acentuado, ou pelo menos não se trata de uma mensagem cristã muito evidente. O Cristo é, entretanto, mencionado. Mas o que mais aparece é o Ser de luz, de traços pouco distintos, se bem entendi, mas que emite uma luz extraordinária: todos se sentem em presença do próprio Amor, que ultrapassa qualquer amor terrestre.

A impressão global extraída pelas testemunhas. Ela é transtornadora, e jamais pode ser esquecida. O mundo presente parece-lhes irreal (mais ou menos como men-

cionam diversas religiões). As testemunhas não são em geral muito prolixas, mantendo as informações para si mesmas, sobretudo por saberem que muitos não acreditarão em suas palavras, e que serão rotuladas de loucas.

E que não se lhes diga que tudo não passou de um sonho: elas responderão, com espanto, que "não tem nada a ver..."

Mas há um outro meio, talvez, para diferenciar a viagem do sonho... É raro que o sonho tenha conseqüências duradouras. Lembramo-nos por muito tempo de certos sonhos, talvez premonitórios, ou particularmente assustadores; mas, no caso das viagens, freqüentemente é toda uma vida que se transforma. E por um bom motivo: o medo da morte desaparece... Ela não mais assusta os viajantes, ao contrário. Mas então, dirão vocês, só lhes resta o suicídio? De forma alguma, e até ao contrário. Não devemos ansiar pela morte, pois estamos no limiar de uma interdição absoluta. Eles dizem, estranhamente, que seria como "enganar uma amiga". A moralidade é levada a sério, não apenas no âmbito de uma determinada religião, mas no sentido da responsabilidade, do amor ao próximo, do devotamento. Além disso, diz Sarah Mercier, com freqüência surgem poderes paranormais, ou "aumento da sensibilidade normal... concentração, relaxamento, memória, desprendimento, mediunidade, premonição... telepatia... clariaudiência, sonhos especiais, contatos com o invisível

O quadro não é, entretanto, totalmente idílico. Sabemos que, quando do retorno, podem surgir dificuldades: alguns não conseguem se reintegrar, a ponto de recusarem qualquer ação terrestre. A saudade do paraíso perdido pode se tornar patológica, principalmente porque a pessoa se sente fortemente incompreendida pelas demais. Esse comportamento pode, embora muito raramente, gerar amargor nos relacionamentos sociais, animosidade, introspecção. Mas,

felizmente, tais casos são raros.

Fiquei muito impressionado com a reflexão de meu amigo que teve uma experiência fora do corpo. Sua vida foi mudada, como costuma acontecer, e ele me disse:

- Se isso é a morte, que venha a morte!

Dois testemunhos precisos sobre a visão extracorpórea ocorrida durante as viagens

Cito, segundo Sarah Mercier, dois testemunhos muito interessantes que demonstram a possibilidade, durante a viagem, de se “ver o que não se poderia ver normalmente”.

O primeiro testemunho é o de um certo M.R.R., vítima de três infartos, e que viveu no hospital momentos particularmente difíceis:

“Eu esperei por muito tempo que me fossem aplicadas as injeções pré-operatórias. Só despertei na sala de reanimação. Durante dois dias, não conseguia abrir os olhos, não via absolutamente nada. Após algum tempo, lembrei-me do que havia ocorrido enquanto estivera no bloco operatório. Eu dera uma saída instantânea de meu corpo: estivera na antecâmara da morte... e sentira-me bem, feliz, sem necessidade de respirar, sem peso, sem desejos.

Naquela ocasião, perguntei a mim mesmo onde estaria meu corpo. E vi que eu estava junto ao teto, enxergando uma dezena de nucas. Lá estava meu corpo, coberto por lençóis, parcialmente escondido pelas nucas. Minha atenção foi atraída para um indivíduo que estava sentado em uma cadeira: ele parecia entediado, ali na frente de uma máquina horizontal, e controlava os monitores. Eu via um “braço”, com uma roldana na extremidade, que girava. Do corpo, estendido sobre a mesa de operação, partia um tubo que se ligava àquela máquina. Um outro tubo saía dela. Eu pensei comigo mesmo: “Veja só, parece uma máquina in-

dustrial de descascar batatas... ” Depois voltei ao meu túnel antecâmara. Nele havia duas saídas: a primeira, para o mundo material; a segunda, em um nível inferior, dava acesso a uma outra dimensão, a uma outra coisa, a um local de onde ninguém jamais voltou... Eu falei a respeito do que vira a uma enfermeira com a qual havia simpatizado. Mas ela negou tudo, dizendo que todas as máquinas são verticais... Em um programa de televisão, transmitido pelo canal Antenne 2, eu vi: em uma sala de cirurgia havia uma máquina de fato vertical. Porém, dois ou três anos depois, a emissora de televisão local de Lyon apresentou uma primeira cirurgia de coração-pulmão. E o que eu vi? Uma máquina igual á que eu vira em minha viagem, a “descascadora de batatas ”, a horizontal! Procurei informar-me a respeito: naquela época havia apenas um bloco operatório equipado com aquele aparelho, e, naturalmente, a enfermeira não podia conhecê-lo. ”

O segundo testemunho é ainda mais singular (sempre segundo Sarah Mercier):

Maria sofreu uma grave crise cardíaca ao visitar uns amigos em Seattle... Vítima de uma parada cardíaca, foi rapidamente reanimada. Uma empregada do hospital, Kimberly Clark, ouviu-a contar que havia flutuado junto ao teto, e que havia visto a equipe médica operá-la. Clark, que já ouvira falar das experiências fora do corpo, mas que não acreditava muito na sua veracidade, escutou-a atentamente... Para sua surpresa, Maria contou não ter permanecido apenas na sala de cirurgia, mas também ter passeado pelo hospital. E que tinha visto, no terceiro andar da ala norte do prédio, no parapeito de uma janela, um pé de tênis! Ela o descreveu com detalhes, mencionando até que o dedo mínimo havia feito um furo na lateral do calçado, acrescentando, ainda, que a ponta de um dos cadarços estava presa sob a sola. Kimberly foi até lá, e encontrou o

tênis, exatamente no local indicado, tal como Maria o descrevera!

O Dr. Sabom, cardiologista, resumiu em um livro, Souvenirs de la mort, em 1982, uma série de casos nos quais os doentes, em suas viagens, viram coisas que não poderiam perceber, materialmente, no momento de suas operações...

As hipóteses farmacológicas

Há numerosas hipóteses que explicam as viagens como sendo resultado de intoxicações complexas, supondo, por exemplo, que o cérebro fique sem oxigênio, etc. Perguntamos, inicialmente, se diferentes drogas não poderiam dar resultados análogos, sobretudo aquelas encontradas nos anestésicos. Mas verificamos, imediatamente, que isso não explicaria grande coisa, pois muitas viagens acontecem sem que haja intervenção médico-cirúrgica. Entretanto, a quetamina é conhecida por proporcionar sensações de saída do corpo análogas às das NDE, provocando até o encontro com seres superiores. O LSD propicia visões bem semelhantes.

A epilepsia oferece uma série de sintomas bem próximos daqueles sentidos durante as viagens, com alucinações visuais ou auditivas, fortes geradoras de ansiedades, ao contrário do que ocorre quando das viagens.

O que acontece com a hipótese segundo a qual a privação de oxigênio estaria na base das “alucinações” da viagem? Várias saídas do corpo ocorrem sem que haja perturbações provenientes da falta de oxigênio: além do mais, essa falta, quando ocorre em sujeitos voluntários, provoca convulsões, mau funcionamento da consciência, e uma parada da respiração. Enfim, entre os alpinistas pode-se observar, com freqüência, dificuldades de concentração e de raciocínio, com perturbações da memória.

Sabom relata as experiências de Meduna, que fez com que vários sujeitos respirassem uma mistura (mortal, em curto prazo) de trinta por cento de gás carbônico com oxigênio. Foram, então, observadas alucinações que podem ter certa relação com aquelas da viagem, mas de assustador teor, com perturbações neurológicas graves, ausentes nos casos de saída do corpo. Se certas alucinações aproximam-se daquelas tidas em caso de saída do corpo, nesse último caso não se observa, forçosamente, um aumento do gás carbônico no sangue. Sabom mediu as taxas de CO₂ e de oxigênio do sangue de um doente durante sua parada cardíaca, quando o mesmo realizava uma saída do corpo. O paciente, sentindo-se junto ao teto da sala, “viu-o ” quando fazia uma punção da artéria femoral (o que não se pode inventar, pois quando se imagina uma retirada de sangue... imagina-se a mesma sendo feita na dobra do cotovelo!). A análise feita mostrou um aumento da taxa de oxigênio e uma redução da taxa de gás carbônico (o que é compreensível, já que o doente estava recebendo oxigênio com massagem cardíaca e respiração artificial). Um estudo comparativo das taxas de gás carbônico em circunstâncias idênticas, realizado em doentes que fizeram, ou não, saídas do corpo, revelou as mesmas taxas nos dois grupos (Jourdan, in Sarah Mercier).

A hipótese dos neuromediadores

Sabemos que os neurônios não se tocam, mas que se comunicam por substâncias chamadas neuromediadores, como a serotonina. Ora, o LSD age sobre esses neuromediadores e, em particular, sobre a serotonina. Certas zonas do lobo temporal do cérebro, quando estimuladas eletricamente por Penfield, provocam alucinações singulares que se assemelham às saídas do corpo: inclusive a sensação de

desincorporação, com audição de músicas celestes, etc. Supomos, então, que durante períodos de estresse violento, as perturbações da serotonina poderiam influenciar o lobo temporal e provocar as alucinações estudadas por Penfield. Outros autores supõem que outras substâncias cerebrais, que induzem a uma insensibilidade à dor (característica das viagens), poderiam igualmente ser mencionadas; mas nesse caso a anestesia deveria ser duradoura, quando, na verdade, ela deixa de surtir efeito após pouco tempo, no momento em que o doente retorna a seu corpo e volta a sentir dor.

Não posso ir mais adiante na discussão de Jourdan sobre a influência dos neuromediadores, muito interessante, mas de elevado nível técnico. Gostaria, agora, de abordar uma objeção de peso, feita a essas teorias neurofisiológicas, talvez um tanto simplistas.

Pois alguns podem sair do corpo quando querem

Se por um lado é muito difícil realizar, por exemplo, um eletroencefalograma nos estados de estresse agudo que acompanham os estados próximos da morte, podemos facilmente fazê-lo em outros estados bem semelhantes: trata-se das experiências que os americanos chamam de OBE (ver acima out of the body experiments), nas quais o sujeito não se encontra em estado de estresse, mas adormecido, ou em estado de sono parcial. Alguns conseguem atingir esse estado por vontade própria. De acordo com Palmer, surge uma modificação característica do encefalograma nos OBE: o aumento das ondas teta. Mas Twemlow e Gabbard acham, ao contrário, que não há correlação entre os OBE e um encefalograma preciso.

Como observa Jourdan, todos aqueles que tentaram encontrar uma base fisiológica (ou patológica) nas viagens

desistem sem darem-se conta de algumas das características essenciais desse estado: a perfeita clareza da consciência, a agilidade do raciocínio, a memorização muito precisa, e, por fim, os fenômenos paranormais onde o sujeito adquire informações que não pode adquirir normalmente.

Por outro lado, continua Jourdan, não se chegou a correlacionar claramente as viagens com um estado particular do cérebro: assim, elas “têm a aparência de uma experiência independente do estado funcional do cérebro”. É uma conclusão que me parece esperta, tendo em vista o estágio grosseiro de nossos meios de investigação. Mas o desenvolvimento desses mesmos meios ainda é recente: já se teria aplicado, por exemplo, a câmera positrônica no estudo dos O BE? Acho que não, ou talvez o tenham feito muito recentemente... Uma outra observação de Jourdan parece-me ainda mais interessante: ele comenta que o cérebro tem enorme necessidade de oxigênio, em relação ao resto do corpo; e que também precisa de muita glicose. A privação desses agentes durante apenas três minutos gera estragos irremediáveis. Ora, nas viagens, o cérebro parece funcionar melhor do que de hábito. Não haveria, pergunta Jourdan, uma zona cerebral bem menos sensível a situações críticas que as demais? Nossos aperfeiçoados meios de exploração cerebral deveriam fazer com que a descobríssemos, se ela existe.

Jung e as experiências próximas da morte

O famoso psicólogo Jung, homem de gênio estranho, sofreu um ataque cardíaco quando tinha sessenta e nove anos... Ele imediatamente teve visões de excepcional beleza, e uma enfermeira observou que seu corpo emitia uma claridade difusa, uma espécie de aura... que ela já havia notado antes em pessoas que estavam morrendo. Ele teve consciên-

cia de que estava deixando seu corpo: viu a Terra de muito alto, com seus continentes e seus oceanos, assim como Er de Panfília viu “a coisa mais maravilhosa e mágica jamais experimentada Ele encontrou-se, depois, às portas de um templo, semelhante àqueles que havia visto no Ceilão. Tudo que era terrestre em si desapareceu, e tudo que lhe restou foi a sensação do Ser, “uma sensação de extrema ausência e, ao mesmo tempo, de grande saciedade... eu existia, no sentido objetivo. Eu fui aquilo que eu havia sido, tudo que eu havia vivido...” Depois, veio a certeza de que se encontrava em um inundo ao qual realmente pertencia, e que sua vida passada nada mais era que um fragmento de um contexto mais amplo, que desconhecia totalmente em sua encarnação terrestre habitual.

Essa experiência deixou Jung de certa forma “submerso” em um estado de beatitude, com a convicção e com a sensação de haver participado do tipo mais elevado de união com Deus. Ele teve a certeza de que a morte era o maior sacramento na estrada que conduz à liberdade eterna (Fontana).

APÊNDICE

*Uma crítica recente à “teoria neuronal”
a respeito das experiências paramortais*

Uma interessante crítica à teoria segundo a qual as experiências paramortais seriam devidas a simples alterações do cérebro acaba de surgir no Psi Researcher, órgão anexo ao célebre JSPR (Journal of the Society for Psychical Research).

E preciso saber que uma tendência bem conhecida, representada no caso que tratamos por Susan Blackmore,

vê no cérebro apenas conexões neuronais. A consciência (cuja existência não podemos, afinal, negar!) não teria qualquer poder explicativo nas experiências paramortais. Notemos, logo de início, que caímos na impossibilidade de explicar a própria gênese da ciência do cérebro: pois a que ela é devida, se não ao desejo de saber que tem o experimentador? e de onde vem o desejo, se não da consciência? Voltaremos a esse ponto. Meus uma outra tendência, a “dualista”, oposta à tendência “monista” sobre a qual acabamos de falar, considera que a consciência depende, é certo, do cérebro, pelo menos para se manifestar ao exterior. Mas que ela o transcende de diversas maneiras.

Portanto, os monistas pensam que a síndrome paramortal é devida simplesmente à morte do cérebro, ocorrida por privação de oxigênio, o que acarreta diversas conseqüências. A teoria apóia-se nos seguintes argumentos:

1. A experiência do túnel negro no qual o moribundo penetra, e ao final do qual ele vê a luz, seria uma conseqüência direta da anoxia, ou seja, da falta de oxigênio.

2. Quando o cérebro não está à beira da morte, e quando não há anoxia, a experiência do túnel pode ser atribuída à liberação de endorfinas (substâncias vizinhas da morfina, mas segregadas pelo cérebro para amenizar a dor. Elas são responsáveis, em particular, pela sensação especial experimentada pelos atletas ao final de uma corrida: uma nítida sensação de bem-estar). Essas substâncias poderiam ser, ao mesmo tempo, responsáveis pela “revista geral da vida” que acontece em alguns casos com a rapidez de um raio. Seria, talvez, um efeito das endorfinas no lobo temporal do cérebro. Pode-se citar, a esse respeito, a série de experiências de Penfield que, estimulando eletricamente o lobo temporal, provocava nos sujeitos reminiscências de extraordinária precisão, mesmo que fossem muito antigas.

3. As experiências paramortais parecem reais para o

sujeito, pois faltam-lhe, repentinamente, a imagem do corpo e os afluxos sensoriais que nos permitem construir nossa realidade. O cérebro descobre a forma para fabricar uma outra realidade, a partir da memória e da imaginação. Por falta de contexto, elas parecem totalmente reais.

A psicóloga Fontana apresenta alguns elementos contra essa argumentação. Inicialmente, a experiência do túnel, citada sempre por ser das mais marcantes, está longe de ocorrer com todos os sujeitos. Ela só é observada em trinta por cento deles. Por outro lado, ela pode acontecer tanto no início da situação paramortal quanto no fim, quando o sujeito vai voltar a seu corpo. Se a experiência for devida à anoxia, como pode ser desencadeada apenas no final, quando o cérebro está voltando a seu funcionamento normal, quando o sujeito está recobrando a consciência? Além do mais, o sujeito não se contenta em relatar a experiência do túnel: ele também diz ter estado em um local maravilhoso onde gostaria de ter permanecido. Como conciliar esse dado com o estado de um cérebro que está morrendo? A narrativa costuma ser longa, detalhada e coerente: e espantosa para um cérebro doente. Sem dizer que nada se ajusta à hipótese de células nervosas sendo descarregadas, ao acaso, em um cérebro às portas da morte: isso deveria desencadear, sim, crises epiléticas (que não ocorrem).

Por outro lado, são citadas numerosas experiências paramortais ocorridas quando a vida não está ameaçada (mas o sujeito crê que vai morrer). Não haveria anoxia nesses casos... Quanto aos atletas em final de corrida, admitindo-se que eles apresentem uma descarga de endorfina: nem por isso têm experiências paramortais.

Se Blackmore cita os estímulos provocados por Penfield no lobo temporal, dando origem a reminiscências singulares, devemos observar que, em mil estimulações desse tipo, Penfield só observou reminiscências em 40 casos.

E que, mesmo assim, nem sempre se verificou que eram verdadeiras reminiscências...

Um outro fenômeno bem singular, e inexplicável por enquanto, é a visão, por parte do doente, de seu próprio corpo rodeado por cirurgiões, e a percepção clara dos detalhes da operação. Esses casos são bem atestados e bastante numerosos. O mais célebre é o de Maria, que já comentamos. Blackmore não tem outra saída - ao explicar o fenômeno - a não ser argumentar a respeito da falta de um relatório do acontecimento, feito por outras testemunhas (esquecendo, quero insistir bem neste ponto, os numerosos casos nos quais o doente que deixa seu corpo vê os médicos, como se os tivesse olhando do alto, do teto da sala)... Seria necessária muita endorfina, ou sei lá que outra droga, para explicar essas estranhas percepções.

E é nesse ponto que eu gostaria de concluir. E certamente importante tentar explicar um fenômeno psicológico, interessando-se por suas eventuais bases fisiológicas: não se trata de um direito, mas de um dever. E preciso também ter coragem de reconhecer que fracassamos nessa tarefa, talvez provisoriamente, e não querer enfiar à força esses fenômenos no leito de Procusto da fisiologia, onde certamente não há lugar para eles...

Ao final dessa discussão profunda e interessante, Blackmore revela o âmago de seu pensamento: ele é monista. Alguns podem imaginar que a consciência é importante, e que os mecanismos cerebrais não explicam o pensamento que pensa em si próprio. Outros não podem fazê-lo, diz Blackmore, e "eu sou um deles"... Só resta aprofundar as razões dessa negação. Não se pode ou não se quer admitir um fato que parece tão evidente aos olhos de outros? Não é o papel da consciência que se deve esclarecer, mas a razão pela qual certas pessoas negam tão ardorosamente que ela tenha um papel...São posicionamentos metafísicos apri-

orísticos transformados em verdades científicas... Isso me faz lembrar das palavras de Whitehead a respeito da noção de objetivo ou de desígnio no mundo: “O pesquisador que persegue o objetivo de demonstrar que a natureza não tem objetivo parece-me já ser um interessante objeto de estudo.”

FRANÇOIS BRUNE: Não é certo, ao que me parece, que o cérebro desempenhe um grande papel quando de tais experiências paramortais, pelo simples fato, na minha opinião, de o *sujeito* em questão estar verdadeiramente morto: de morte provisória, mas morto.

Naturalmente, em si, diferentes terminologias são igualmente legítimas. Podemos considerar (é a opinião que hoje domina) que a idéia de irreversibilidade, de definitivo, faz parte intrínseca da noção de morte. Nesse caso, evidentemente, não pode haver morte provisória. Mas acho que é o nosso próprio conceito de morte, exatamente, que o estudo recente dessas experiências paramortais nos leva a rever. Acredito que a consciência que percebe um pé de tênis em um parapeito de janela não está de fato, fisicamente, no cérebro. O elo com o corpo ainda não está desfeito. E por esse motivo, no caso em questão, a morte é apenas provisória. Sabemos por Robert Monroe que, quando de tais viagens fora do corpo, uma posição desconfortável desse mesmo corpo, ou uma vontade de urinar, podem por vezes representar um chamamento imperioso para que o viajante volte a seu lugar de origem. Há ainda, portanto, um elo entre os dois. Mas a consciência que vê o tênis no peitoril de uma janela já escapa dos limites de seu invólucro carnal, e encontra-se em um outro espaço. É difícil imaginar que, para exercitar-se nessas novas condições, ela deva ainda recorrer ao cérebro.

Quando da morte definitiva, quando há rompimento

desse elo, essa consciência deverá continuar, ainda que o cérebro carnal esteja completamente destruído. O mecanismo da sobrevivência, se admitimos sua existência, implica necessariamente nessa possibilidade. E como esse processo de separação ocorrida entre consciência e corpo constitui, na minha opinião, o essencial do que vem a ser a morte, considero que o termo “morte provisória” seja bastante adequado.

Parece, aliás, que a TCI já começa a nos dar alguma confirmação de que a morte definitiva é o prolongamento dessa morte provisória.

Certa feita, Hans Otto König recolheu um indício bem forte nesse sentido. Foi quando uma amiga sua estava em fase terminal por sofrer de câncer. Com sua autorização, ele instalou-se em seu quarto de hospital, munido de seus aparelhos. Os dois combinaram que, se pudesse, ela tentaria falar-lhe através do gravador tão logo deixasse seu corpo. E, efetivamente, quando ela pareceu dar seu último suspiro, sua voz foi captada na fita magnética, dizendo, em resumo: pronto, estou me erguendo acima de meu corpo e agora vou embora.

Sarah Wilson Estep relata uma outra experiência semelhante. Uma noite, quando tentava fazer uma gravação, perguntou se havia amigos do além dispostos a atender seu chamado. Uma voz identificou-se com clareza: “Eu sou Paul White”. Então ela convidou-o a dizer alguma coisa, recebendo essas curiosas palavras: “Que luz imensa! O que aconteceu?” Palavras que foram quase imediatamente seguidas da repetição: “imensa, imensa”. Pelo seu tom de voz, Paul parecia de tal forma surpreso e desorientado que Sarah começou a desconfiar que ele estava realizando a grande passagem. Um pouco mais tarde, ainda na mesma noite, Sarah tentou contatar Paul novamente, perguntando-lhe como estava indo: “E a mesma coisa”, respondeu ele. Na

manhã seguinte, mesma pergunta e mesma resposta: “Continua sempre igual.” Na contagem de Sarah, dez horas já tinham se passado entre as duas respostas, mas para Paul parecia que o tempo estava suspenso. Entretanto, seu tom de voz continuava a expressar espanto, e Sarah percebeu que ele começava a se sentir um tanto perdido. Ela tentou, então, explicar-lhe que deveria ir ao encontro daquela luz, e que lá encontraria alguém para ajudá-lo. Na noite do segundo dia ela buscou um novo contato. A voz de Paul, dessa vez, não se dirigia mais a ela: “Olhe como tudo ficou branco!”. “Sim”, respondeu uma outra voz. Dois dias mais tarde, nova tentativa de contato. Uma voz respondeu: “Dois lugares estão em vista.” Seria uma escolha a ser feita para o início de sua nova vida?, observa Sarah(1).

Também na França um fato ocorrido parece corresponder a essa passagem para o além, mas as mensagens chegaram, para nossa surpresa, de forma diferente. O nome do morto era Sébastien. Alguns meses após sua morte, alguns amigos que formam um pequeno grupo de TCI em Béziers receberam, simultaneamente, imagens em tela de televisão e vozes por meio do alto-falante de um conjunto de som. As vozes eram, portanto, ouvidas diretamente, sem que fosse preciso rebobinar uma fita, como acontece quando se utiliza um gravador. Na tela, apareceram inicialmente alguns *flashes* de intensa luminosidade; depois, uma grande luz tendo, em primeiro plano, um rosto humano em sentido horizontal, como se alguém estivesse deitado frente à luz. Mas apenas se via o rosto, que ocupava toda a largura da tela. Ao mesmo tempo, em “linha direta”:

Uma voz: “No túnel”.

A mesma voz: “Papai, venha me ajudar, papai, tenha

(1) Sarah Wilson Estep, op. cit., p. 18-20. Na mesma obra encontramos outras narrativas bem semelhantes.

piedade!”

Uma outra voz: “É ele, minha criança.”

Uma outra voz: “Você precisa se acostumar...”

Primeira voz: “É alto.”

Mesma voz: “E agora eu vou partir.”

Uma voz: “O que você quer?”

O conjunto é impressionante; e sobretudo a ligação entre as vozes e as imagens recebidas. Naturalmente, nada disso pode ser apresentado como prova. Mas pareceu-me interessante mencionar o fato. Imagens e texto completo podem ser encontrados em *Parasciences*, n^o 14, p. 32-34. Infelizmente, um pequeno erro de publicação impede que se compreenda que o texto foi recebido ao mesmo tempo que as imagens.

4. OS FENÔMENOS FÍSICOS DO MISTICISMO

Ninguém, salvo naturalmente os especialistas, lê a enorme coleção dos Acta Sanctorum, consagrada aos fatos e gestos dos personagens canonizados pela igreja católica. Entretanto, essa leitura é muito instrutiva, em diversos aspectos, e causa vários questionamentos.

Sabe-se que quando uma pessoa morre, após ter dado sinais de virtudes heróicas, aqueles que a conheceram dão início, em Roma, a um processo de beatificação, ou de canonização... E poderíamos rir da presunção dos homens que pretendem indicar a Deus aqueles a quem ele deve honrar de forma especial em seu santo Paraíso... Mas esse não é o problema. É extraordinário o enorme cuidado em se pesquisar os sinais de santidade, que não incluem apenas as virtudes, mas também os milagres. Um processo pode durar anos... As peças são discutidas uma a uma pelo Defensor Fidei a quem o povo chama de “advogado do

diabo A Igreja não só não está correndo atrás de milagres, como também desconfia enormemente deles: poderíamos dizer que ela não gosta deles. Ela confere às virtudes importância muito maior, e não posso censurá-la por isso. Não podemos deixar de assinalar que os milagres estão presentes em todas as religiões, especialmente entre os iogues indianos: e nem mesmo a religião brâmane aprecia muito os siddhis, ou seja, os poderes mágicos, porque representam um obstáculo na via da realização espiritual. E proibido, pois, mostrar os siddhis. Quem faz isso prova, de forma clara, que não é um arhat, um asceta completo...

Não sou um especialista em doutrinas hindus, mas conheço bem a fé cristã: e perguntei-me de onde vinha a desconfiança da Igreja para com os milagres, ou para com os fatos paranormais. Pois o milagre viria de Deus, enquanto a causa de certos fatos paranormais misteriosos é problemática.

E terminei compreendendo, ao ler a famosa obra de Thurston (além do igualmente importante, porém bem mais recente, tratado de Boufflet sobre os fenômenos físicos do misticismo)(1).

Com efeito, da rica e por vezes muito erudita literatura consagrada aos inumeráveis fenômenos extraordinários que marcam vinte séculos de cristianismo, podemos extrair conclusões muito estranhas e inesperadas:

(1)0 que acabo de di/er sobre a Igreja e sobre os milagres poderá surpreender algumas pessoas. Não quero me referir, evidentemente, à atitude exageradamente “miraculosa” de certos cristãos, e até do baixo clero, atitude que tende a ser substituída nos dias atuais pelo seu inverso, igualmente pouco razoável. Refiro-me, sim, à cúpula da hierarquia, especialmente durante os processos de canonização: é muito difícil que se aceite um testemunho qualquer. Veremos um exemplo mais adiante, quando tratarmos de Madre Yvonne Aitnée de Malestroit

1. Inicialmente: já aconteceu de tudo, principalmente o impossível. O que pareceria absurdo, se não fosse atestado por centenas de testemunhos (e, às vezes, por declarações lavradas em cartório!). Não são casos baseados em velhas histórias, mas narrativas de testemunhas oculares. Doentes que sobrevivem sem comer e sem beber durante dezenas de anos (Marthe Robin), e não na Idade Média, mas nos nossos dias (nesse caso específico, a doente sofria simplesmente de uma paralisia do mecanismo de deglutição). Levitações prolongadas. Bilocações múltiplas e devidamente comprovadas. Insensibilidade ao fogo, ou seja, carnes expostas ao fogo e que não se queimam... Cadáveres que não se decompõem, mesmo após muitos anos. O famoso odor de santidade, como um odor de violeta muito forte, que impregna todos os objetos que são tocados pelo santo corpo(X).

Darei, mais adiante, alguns exemplos detalhados, extraídos basicamente da obra de Bouflet.

2. Se não é razoavelmente possível negar em bloco esses extraordinários fenômenos, também não se deve negar os de uma outra espécie, de outro teor, todos atestados. Os adjetivos “bizarro”, por vezes “ridículo”, ou “desprovido de sentido” bem se adequariam a esses últimos. Mas eles surgem por vezes misturados aos primeiros, e parece-me difícil admitir que provenham todos da mesma fonte. Por exemplo, a Igreja criou uma série de dificuldades para Bernadette Soubirous quando essa disse ter visto a Virgem em Lourdes. O padre Peyramale foi severamente criticado pelo tratamento reservado a Bernadette. Mas poucos sabem que, antes da visão de Bernadette, outras já tinham ocorrido

(1) A esse respeito já há, talvez, o embrião de uma explicação: os tecidos gordurosos dos ascetas, muito reduzidos, não se decompõem segundo o processo habitual, e dariam origem sobretudo a um composto muito aromático, o Beta-ionona, de forte odor de violeta.

nas redondezas (sobretudo quando pastores viram um velhinho, de longas barbas, balançando-se em um galho e dizendo: “eu sou o bom deus”). Depois de dez ou quinze fatos dessa natureza, podemos desculpar um padre que vivia em meio aos Pireneus por ele ter perdido seu sangue-frio. Parece que esses fenômenos estranhos muitas vezes acompanham visões de natureza bem diversa. Não posso deixar de pensar que as visões solares de Fátima (que acredito serem perfeitamente reais, vistas por numerosas testemunhas, e que muito se assemelham às visões de OVNI) não correspondem à imagem que temos da majestade divina...

3. Essa opinião não agradará, talvez, meu amigo François Brune. Assim, dar-lhe-ei um argumento suplementar: os santos têm vergonha de tudo isso. Eles dissimulam, sem nenhuma exceção, o que lhes acontece, e proibem as poucas testemunhas de falarem a respeito. Santa Teresa de Avila achava que suas levitações eram uma “fraqueza do corpo ”: pedia a Deus que a livrasse delas; e a suas filhas, as religiosas, que nada comentassem a respeito. Relembro aqui a opinião dos logues, segundo os quais os siddhis, os poderes, são apenas obstáculos na via da realização: tudo isso tem outra origem, no corpo ou em outra coisa, nunca em fonte divina.

Antes de levar adiante a discussão, gostaria de citar dois casos, um antigo e outro recente, escolhidos dentre os mais extraordinários.

São José de Cupertino

Foi em 1630 que José, então com vinte e sete anos, teve sua primeira levitação, durante as Vésperas. Ela foi seguida de centenas de outras, que jogavam o pobre monge em estado de grande confusão. Voltando à terra, quer espontaneamente, quer por ordem de seus superiores, ele trati-

cava-se em sua cela para ali chorar... O “escândalo ” tornou-se público: ele sempre dava um grito terrível, para depois ser arrancado do solo e lançado, às vezes, para fora da igreja, flutuando por sobre as cabeças da assistência. Muitos testemunharam o fato. Pessoas acorriam de toda a Europa para assistir ao espetáculo, bem freqüente, é bom que se diga. Até mesmo o famoso Huygens esteve uma vez em meio ao público. E tantos outros... “Em 1645, o embaixador da Espanha junto à corte papal, o grande Almirante de Castilha... veio saudar José em sua cela. Após ter sido recebido por ele, retornou à igreja e disse à esposa: vi um novo São Francisco... Sua esposa quis ter o mesmo privilégio. O padre guardião deu ordem a José para que ele fosse à igreja conversar com Sua Excelência. Ao que José respondeu: “Eu obedecerei, mas não sei se poderei falar-lhe. ” E de fato, no momento em que entrou na igreja, seu olhar pousou em uma imagem de Maria Imaculada que estava no altar: no mesmo instante ele subiu urna dezena de pés acima da cabeça das pessoas que estavam próximas à Santa. Após ter-lhe rendido homenagem por alguns momentos, deu seu grito habitual, voou para trás e retornou diretamente à sua cela, deixando o Almirante, sua esposa, e sua brilhante comitiva mudos de espanto. (Thurston)

O interessante, nesse caso, são os depoimentos prestados por numerosas testemunhas oculares, sob juramento, pouco tempo após a morte do santo, ocorrida em 1663. O Defensor Fidei da causa foi o Cardeal Prosper Lambertini, que mais tarde tornou-se papa, e que havia estudado pessoalmente o caso em todos os seus detalhes. Foi ele, conseqüentemente, que enviou três vezes, a todas as testemunhas, as severas “admonitiones”, exigindo que narrassem apenas suas lembranças, sem exagerá-las, sem acrescentar ou suprimir detalhes... Ah! ia esquecendo de mencionar os aborrecimentos que as levitações causaram

a José: ele foi proibido de mostrar-se em público por alguns anos, ficando exilado em um pequeno convento de Osimo (onde, aliás, as levitações continuaram a ocorrer).

Yvonne Aimée de Malestroit

Trata-se, desta feita, de fatos recentes (1941). Eis uma incrível lista de testemunhas oculares, segundo Laurentin e Bouflet: “Yvonne Aimée estava em sua cama e parecia sofrer muito. Ela entreabriu sua blusa, perto do coração: e eu vi um pequeno pedaço de caule que saía de um ferimento que tinha próximo ao coração. Então nossa Mãe puxou um pouco aquela haste para arrancar, literalmente, um grande cravo, lindo, vermelho-sangue. Extraíu-o de seu coração, e depositou sobre o criado-mudo, dizendo: “Ah! agora está melhor, ele estava me sufocando...” (depoimento de Irmã Maria da Cruz, 1956).

Mas tal narrativa foi redigida quinze anos após os fatos terem acontecido. Eis uma outra, feita na época do acontecimento pelo padre Labutte, em 8 de julho de 1941: “Mãe Yvonne Aimée estava em sua cama. Estava sem ar... Seu coração batia forte... Um cravo vermelho saiu-lhe do coração. Tenho a impressão de ter ouvido o barulho de sua carne que se abria... Depois, quando o cravo saiu, a ferida de seu coração se fechou, sem cicatriz...”

Outros detalhes, ainda segundo o depoimento de Irmã Maria da Cruz (1958):

“Em 9 de julho de 1941, eu vi uma flor sair da cicatriz que tinha em seu flanco. Saía a partir do caule. Era um cravo vermelho. O que eu vi estava ensangüentado. Soube por Mãe Marie Anne que houve outras flores, que saíam de seu flanco ou de sua boca, com hastes que mediam de quinze a vinte centímetros.”

Esses fenômenos abracadabrantes ocorreram bem an-

tes de 1941, como declarou uma testemunha ocular, Yvonne Augris, em 29 de março de 1926, na Segunda-feira Santa: “Seu coração doía-lhe muito. Nós olhamos, pois muitas vezes seu coração ficava ferido: ao abrir sua blusa, percebemos, no meio de uma ferida, uma esplêndida rosa que exalava seu perfume.”

Bouflet assinala outros exemplos de flores ou pétalas que brotaram do corpo de outros místicos.

Uma discussão (que se faz necessária!)

Eu já ouvira falar, naturalmente, de Yvonne Aimée de Malestroit, contemporânea de minha juventude. Mas, embora sabendo que havia apresentado fenômenos extraordinários durante sua vida, ignorava os detalhes... Eles me foram revelados recentemente enquanto reunia documentos que me seriam úteis ao escrever esse livro. Fiquei transtornado. E, no entanto, a leitura da obra de Thurston, feita alguns anos antes, já me havia preparado um pouco a melhor entender tais fatos.

Vi-me obrigado a questionar minhas próprias opiniões sobre os fenômenos místicos. Até então eu considerava que, sendo o poder de Deus infinito, ele poderia beneficiar os místicos atribuindo-lhes graças excepcionais e desconcertantes. Mas é exatamente aí que mora a dificuldade. E ela é dupla: para o cientista, a princípio, e para o crente, em seguida. É evidentemente impossível, para um cientista, acreditar que uma rosa ou um cravo possa sair de um coração: esse último pararia tão logo lhe fosse introduzido um corpo estranho volumoso. A partir daí podemos levantar várias hipóteses.

A primeira é, evidentemente, a da alucinação. O que me permite relatar, uma vez mais, duas aventuras significativas (a segunda tendo acontecido a mim mesmo).

A primeira foi-me contada por um almirante com o qual eu almoçava (devo dizer que não é meu hábito privar sempre de tão ilustres companhias):

“Eu era um jovem oficial, disse-me ele, comandante de um pequeno navio ancorado em Porto Said, aguardando ordens que não chegavam. Fazia muito calor, não tínhamos nada para fazer, e eu tinha dificuldades em manter o moral de meus marinheiros que se entediavam profundamente. Um dia, um deles chamou-me:

Venha ver, comandante, tem um cara fazendo coisas incríveis no cais.

“Com efeito, uma espécie defaquir imundo, de cócoras no cais, perto de um rolo de cordas, tocava uma pequena flauta: e a corda se espichava, ondulante como uma serpente... Uma idéia! Corri até minha cabine, onde tinha uma câmara carregada, como que por acaso, e voltei para filmar a cena. Após revelar o filme, o que vi?

A corda enrolada no seu lugar, e todos olhando para o vazio, ora! ”

E expliquei-lhe que aquele era um truque muito conhecido no Oriente. Existe até um termo árabe para designar essa famosa “ilusão dos olhos ”... Em resumo, aquele homem conhecia o método para fazer com que as pessoas mergulhassem em uma hipnose instantânea, apenas fazendo soar sua flauta...

Uma outra vez, eu mesmo estava em Djmaâ el Fna observando um velho que fervia um líquido em uma pequena fogueira. As pessoas em torno pareciam esperar...Ele ergueu-se com a chaleira de água fervente e olhou as pessoas dispostas em círculo: ao ver um enorme homem negro que ria como um idiota, aproximou-se dele e jogou-lhe no rosto o conteúdo fervente da chaleira. Mas o negro continuou a rir tranqüilamente. Entretanto eu ouvira, ou penso ter ouvido, a água que fervia na chaleira; e vira, ou penso ter

visto, a água fervente escorrer pelo rosto daquele homem...

As conclusões a que podemos chegar são graves: há casos nos quais a hipnose, ou um processo análogo, pode ser induzida instantaneamente em um grupo escolhido ao acaso... O que explicaria, talvez, uma série de narrativas maravilhosas que encontramos na história de todos os povos. Naturalmente o fato em si é conhecido no Ocidente, e a hipnose já foi estudada há muito tempo(1). Porém jamais se estudou a hipnose de um grupo inteiro. A esse respeito nada sabemos. Eu pensei que Madre de Malestroit, sem saber e sem querer, podia hipnotizar as pessoas que a circundavam. Por outro lado, há nos anais da metapsíquica múltiplos casos nos quais flores (e sobretudo rosas) se materializam em presença de assistentes, mas nada comparável às cenas relatadas na biografia de Madre de Malestroit. De qualquer forma, do ponto de vista científico, como os fenômenos descritos são fisiologicamente impossíveis, sou forçado a aceitar as materializações (de que temos exemplos) como sendo ligadas a fenômenos de hipnose.

Mas aí surge a segunda dificuldade - desta vez para os crentes (e aqui começo a caminhar sobre ovos, e já antevejo os teólogos franzirem as sobrancelhas). Esses prodígios são absurdos, mas os milagres de Cristo, relatados nos Evangelhos, nada têm de estranho! Curar doentes é uma obra piedosa, ao contrário! Deus poderia trabalhar com o absurdo? Alguns poderão me responder que Deus não liga para nossas categorizações... Mas sim, justamente! a fé católica professada por Madre de Malestroit admite que os milagres são desejados por Deus com o objetivo de confortar a fé e edificar-nos no poder divino. E eu nada vejo de edificante nos fenômenos acima citados, bons para afastar

(1) Porém pouco estudada devido à proibição estúpida dos psicanalistas que desacreditaram esse tipo de fenômeno.

da fé qualquer espírito razoável. Acho que voltamos novamente à teoria dos “siddhis”, dos poderes conscientes ou inconscientes que o iogue não deve mostrar. Mas esses fatos são revestidos de um espantoso ar de coisa estranha (e não somente no que se refere a Madre de Malestroit), um ar estranho sobre o qual voltaremos a tratar...

FRANÇOIS BRUNE: Eu gostaria de acrescentar apenas algumas breves observações a respeito do que acaba de ser dito por meu amigo Chauvin. Inicialmente, gostaria de lembrar que quando José de Cupertino ia acabar em cima de uma árvore, após os seus vôos, precisava ser retirado com a ajuda de uma escada. E isso está longe de ser uma alucinação. Quanto às flores

que saíam das chagas de Madre Yvonne Aimée: elas não desapareciam em seguida, como por encanto. Elas puderam ser guardadas por muito tempo. Teria havido, pois, materialização. Em recente programa de televisão, Hélène Renard contou ter visto, pessoalmente, um caso semelhante na Venezuela. Ela disse que mandou examinar uma das flores em um laboratório, na França, onde foi constatado que se tratava de uma flor completamente nonnal, sem qualquer caráter extraordinário. E totalmente verdade que esses fenômenos não constituem a essência da santidade, e que podem ser encontrados em pessoas pouco ou nada religiosas. O cristianismo, através de suas diversas Igrejas, mostra-se ainda mais reticente a respeito desses prodígios que as demais religiões orientais. Entretanto, os católicos e os ortodoxos sempre viram neles um possível sinal de santidade. A Igreja católica chega a exigir expressamente alguns milagres em cada etapa dos processos de beatificação e de canonização. Por serem secundários, não significa

que esses sinais sejam desprovidos de qualquer importância. Cristo deu-nos alguns deles, muito mais numerosos do que nos é relatado nos Evangelhos (segundo está escrito nos próprios

Por fim, diria que a atitude em relação a esses prodígios está

ligada a uma questão de sensibilidade. Parece-me que as flores que saem das chagas de certos místicos estigmatizados são uma espécie de doce homenagem prestada por Deus aos sofrimentos que aceitaram carregar com Ele. Ou, mais exatamente, n'Ele. O mesmo se poderia dizer das flores brancas que surgiram em volta

de Madre Yvonne Aimée (quando esta se viu de volta a seu escritório, após escapar “milagrosamente da Gestapo” que já a estava torturando).

Penso também que um bom número desses prodígios ou milagres seja um sinal de que já existe, em algum lugar, outras leis que não aquelas que regem o nosso mundo atual. Eles seriam um “tira-gosto” do que haveria no Reino, onde a matéria

encontra-se inteiramente submetida ao espírito. E, pela via do humor, alguns sinais não poderiam deixar entrever um pouco da verdadeira alegria, da total gratuidade?

Mas é verdade que nem sempre é fácil fazer a distinção entre o que vem de Deus e o que vem dos “espíritos farsantes”. A árvore será julgada por seus frutos. Essa continua sendo a regra de ouro.

5. PARAPSICOLOGIA E METAPSÍQUICA

E se a velha metapsíquica não tivesse morrido ?

Houve um tempo em que ela provocava o interesse geral. Quando sábios e filósofos não ficavam ruborizados ao realizar experiências às vezes muito bem elaboradas, sobretudo com a ajuda dos médiuns, ou seja, de sujeitos especialmente dotados, ou supostamente considerados como tal. De onde vem pois essa descrédito brutal que

Houve, naturalmente, fraudes praticadas pelos médiuns: a maioria deles, ou todos, bastante desequilibrados, esforçavam-se para agradar à assistência. Sobretudo porque as experiências eram realizadas em público, em presença de pessoas sem dúvida distintas, porém muito numerosas. O que constituía a pior das condições, pois criava-se uma espécie de teatro onde o médium queria obter sucesso a qualquer preço, inclusive recorrendo a truques (por vezes ingênuos e desajeitados) que um bom número de metapsíquicos conseguia facilmente detectar...

Isso fez com que muitos resultados assim obtidos ficassem sujeitos a reservas sérias e decisivas. Não podemos esquecer ainda que, como já disse, a maioria das fraudes foram descobertas por pessoas muito honestas, ou seja, pelos próprios metapsíquicos...

Mas não teria havido outro tipo de pesquisa, realizada secretamente em laboratórios, na presença apenas de cientistas de competência incontestável? Óbvio que sim! Elas foram numerosas, e bem planejadas, com relatórios imediatamente redigidos (o que é de capital importância). Dingwall, que foi muito crítico (e, por vezes, hiper-crítico, a despeito do bom senso), escreveu a respeito das experiências mais antigas, do século XIX, quatro volumes de discussões extremamente instrutivas. E delas extrai conclusões surpreendentes para os jovens parapsicólogos de hoje.

Em resumo, os médiuns, sob hipnose ou no estado normal, podem, no mínimo, ler o pensamento de outrem - mesmo que a outra pessoa esteja ausente. Ultrapassar o espaço e o tempo para trás, e às vezes para a frente (pré-cognição). Nenhum obstáculo material os impede de perceber o que desejam (clarividência), quer sejam mensagens, pensamentos (telepatia), ou a natureza de certos corpos químicos. Por outro lado, o estado hipnótico permite a cura de numerosas doenças.

Devo contentar-me em escolher alguns exemplos par-

ticularmente significativos extraídos do enorme tratado de Dingwall, ao qual se referem algumas indicações bibliográficas que serão encontradas no texto.

Os médiuns lêem o pensamento e (ou) se deslocam através do espaço e do tempo. O que interessou particularmente nossos avós foi a clarividência ambulatória (traveling clairvoyance), onde se pedia ao médium que se deslocasse “pelo pensamento” a uma longa distância, até uma região desconhecida por ele, e que visitasse uma casa totalmente desconhecida (em geral, a casa de uma pessoa da assistência). Nessas experiências, devo dizer, não ocorre forçosamente uma “viagem fora do corpo” (como hoje se diz), mas, talvez, simplesmente uma leitura de pensamento. E, mesmo nesse último caso, o fenômeno continua sendo muito espantoso e totalmente inexplicável, mesmo considerando o estágio atual de nossos conhecimentos.

A história de Lord Frederick

Essa pessoa pediu a Alexis Didier, um dos médiuns mais famosos de todos os tempos, que adivinhasse o que ele havia feito no dia anterior com um de seus amigos ali presente. Alexis respondeu que tinham ido à rua Lazare (sem dúvida a rua Saint-Lazare), que haviam tomado o trem até Versailles, ali pegando um carro para ir até Saint-Cyr. Que tinham visitado a Escola Militar. Que, ao retornarem, tinham entrado em uma confeitaria, onde seu amigo havia comido três doces; e ele, alguma coisa diferente (é verdade, disse o Lord, eu comi um pedacinho de pão). Que os dois amigos tinham tomado novamente o trem para Paris na estação “Rive Gaúche”, embora no trajeto Paris-Versailles tivessem saltado na estação Rive Droite (para as pessoas que não conhecem Versailles, ali existem três estações: Rive Droite, Versailles-Chantiers e Rive Gaúche).

Uma particularidade: nessa incrível experiência, Didier segurava a mão de Lorde Frederick, o que poderia caracterizar um exemplo de leitura pelos músculos (ínfimas contrações dos músculos das mãos que podem ser sentidas por um médium bem treinado). Nossos pais conheciam bem esse fenômeno, e chegaram a escrever um tratado mencionado por Dingwall. Trata-se de uma prática corrente adotada pelos mágicos que adivinham, dessa forma, onde está escondido um determinado objeto, simplesmente segurando a mão da pessoa que o escondeu. Mas:

a) A lexis Didier obtinha os mesmos bons resultados sem segurar a mão de quem o estava inquirindo;

b) o famoso prestidigitador Robert Houdin foi consultado a esse mesmo respeito e declarou-se incapaz de superar o desempenho de Didier(1).

(1) Nossos antepassados, antes de nós pensaram na prestidigitação, que conheciam bem, para interpretar esses fenômenos. Houdin chegou a jurar que desmascararia um outro médium... e não conseguiu fazê-lo! Cito isso para responder aos racionalistas de hoje que oferecem somas consideráveis de dinheiro àquele que lhes demonstrar um fenômeno paranormal, acrescentando que qualquer prestidigitador é capaz de fazer o mesmo. A primeira assertiva é verdadeira: um prestidigitador pode fazer melhor que os parapsicólogos *se deixarmos que organize a experiência, e sobretudo se puder aproximar-se do material utilizado nos testes*. Mas ele nada consegue se não preparar por conta própria as condições nas quais terá lugar a experiência. Em segundo lugar, aceitar fazer uma demonstração em público, perante uma platéia excitada e *pessoas deliberadamente hostis*, é uma verdadeira loucura. Qualquer parapsicólogo sabe que os testes não dão certo em semelhantes condições... A hostilidade ambiente é sentida pelos *sujeitos* e paraliza-os. É o efeito *antipsi*, bastante conhecido pelos experimentadores mais sérios.

A história do coronel Gurwood

No ano de 1842, Alexis Didier entrou em contato com esse coronel, em Paris, dizendo-lhe que sentia por ele grande simpatia visto que o mesmo havia salvo um antigo, trinta anos antes, durante uma batalha em um local selvagem e desértico. Naquela oportunidade, Gurwood fôra ferido ao impedir que os ingleses matassem um oficial francês; e, segundo Alexis, o francês entregara-lhe sua espada, em agradecimento. “O senhor ainda possui aquela espada. Inclusive, em 1827, mandou trocar sua bainha... ” Gurwood, estupefato (pois os dados mencionados eram exatos!), quis saber o que havia acontecido ao referido oficial. Alexis não soube responder, mas disse que poderia ter notícias escrevendo para o coronel do 42^s regimento, em Valenciennes. Uma vez consultado, esse coronel disse ter sabido do mencionado incidente, mas que desconhecia o nome do oficial envolvido. Alexis aconselhou Gurwood a procurar nos arquivos da guerra da Itália, de janeiro-fevereiro de 1812. Gurwood pesquisou e teve sua atenção atraída por um nome: “coronel Bonfilh, 34- regimento Ao consultar o Ministério da Guerra, obteve a confirmação da existência, em Villereal, de um comandante Bonfilh, já na reserva. Tratava-se do oficial que estavam procurando. E ele próprio, ao visitar o oficial que havia salvo sua vida, confirmou vários detalhes suplementares que Didier havia fornecido a Gurwood. Esse fato é muito importante, pois eram fatos que nem Gurwood nem Didier Alexis poderiam conhecer. Sobretudo em relação ao coronel do 42^e regimento, de Valenciennes, regimento este ao qual Bonfilh não pertencia: Gurwood não poderia saber de nada disso. Seria preciso que o espírito “de Didier percorresse o espaço ”, localizasse Bonfilh, e lhe fizesse narrar sua história.

A história de Prévost e de seu ladrao

O senhor Prévost, alto funcionário do Mont-de-Piété(1), percebeu ter sido roubada uma elevada soma da Administração, desconfiando que o crime poderia ter sido cometido por um funcionário, de nome Dubois que havia abandonado o emprego de forma demasiado súbita. E confessou suas preocupações ao amigo Marcillet, que lhe prometeu falar com Didier. Esse último, antes mesmo de Marcillet tocar no assunto, comentou que gostaria de falar-lhe a respeito de um roubo de 20.000 francos praticado por um tal de Dubois, e que estaria prejudicando um amigo seu. Segundo Didier, naquele momento Dubois estaria hospedado no Hotel des Princes, em Bruxelas. A informação estava correta, mas atrasada: Dubois já havia deixado o hotel. Didier acabou localizando-o em Spa, onde estaria apostando alto e perdendo. Prévost teve muita dificuldade em localizá-lo, e ao chegar lá... Dubois já havia partido. “Ele agora está em Aix-la-Chapelle, dizia Didier, onde continua a jogar e a perder... mas vai voltar a Spa. ” A polícia esperou por ele nessa última localidade, conseguindo apanhá-lo, segundo a previsão de Didier. O caso é incrível, como observa Dingwall, pois leva-nos a construir hipóteses fantásticas: ninguém tinha conhecimento dos dados buscados por Prévost. Seria preciso, mais uma vez, que o espírito de Didier “agarrasse ” Dubois, não mais o abandonando, sem o conhecimento desse último, naturalmente! Seria preciso, de uma forma ou de outra, que Didier “saísse de seu corpo ”... mas já vimos que se pode conceber uma hipótese segundo a qual essa “saída ” não é necessária, pois o “espírito ” não é localizável no sentido clássico.

(1) N.T. Caixa de penhor existente na França.

A pré-cognicao

Um jovem que estava em meio ao público pediu a Didier sua opinião a respeito de uma carta que acabara de receber do governo militar instalado em Londres. O fato se passou em Paris... Didier respondeu: “ Você deve fazer uma prova em Londres, em uma grande fábrica de tijolos, antes de ser incorporado. Mas, não vá. Seria perda de tempo.

“- Então, vou ser reprovado no exame?

“-Não. Você será admitido... mais tarde. Por enquanto, não vá. ”

Naturalmente o rapaz não deu crédito àquela estranha advertência. Foi para a Inglaterra, chegou a Sandhurst, e percebeu que, devido a um erro, seu nome não constava das listas de candidatos. Ele queixou-se ao War Office que convocou-o mais tarde, quando foi aprovado... Nesse caso, o espírito de Didier venceu não apenas a distância, mas o tempo...

Essas três histórias (há muitas outras) são instrutivas e mais importantes que a vidência ambulatória: quando Didier passeia “em espírito ” por uma casa desconhecida, sobre a qual só lhe forneceram o endereço, e descreve-a em detalhes, talvez esteja apenas lendo no espírito de quem faz a pergunta. Mas nos casos que mencionei, percebemos que o fenômeno é evidentemente mais complicado. Mas o inquietante, neste caso, é a clareza da “paravisão ”, se é que posso falar assim. O menor detalhe é percebido: às vezes, até mesmo um detalhe já esquecido pelos próprios donos, que negam obstinadamente sua existência. Após uma conferência, verifica-se que o vidente tinha razão.

Encontrar objetos perdidos

São variantes do mesmo fenômeno. Didier era, nesse aspecto, de uma eficiência espantosa. Mas podemos indagar: ele estaria em contato com o objeto, sobre o qual o proprietário havia deixado suas impressões (psicomетria) ou apenas sondaria o espírito do proprietário do objeto? Entretanto, quando perdemos um relógio, nosso espírito nada registra... do contrário, seria possível encontrá-lo! É diferente do que ocorre quando colocamos um objeto em um local não habitual: não nos lembramos, posteriormente, mas nossa memória registrou alguma coisa... A psicomетria é um fenômeno muito interessante, que já interessava a nossos pais, e que foi utilizada em certas pesquisas arqueológicas com ajuda de um médium. Essa seria mais uma direção importante deixada de lado pelos parapsicólogos modernos. Segundo ela, os objetos, como películas sensíveis, gravam tudo que se passa a sua volta. E um médium pode “lê-los”, como se ouvisse uma fita cassete: em alguns casos, quando se trata de objeto metálico, parece ser possível apagar totalmente a “marca mnemônica” (impressa no objeto) levando-se o mesmo ao fogo na ausência do médium.

Morin (1895), em uma obra muito bem documentada, enumera assim os poderes dos “sonâmbulos” (médiuns espontâneos ou sujeitos postos em estado de hipnose).

- 1. Discernimento das doenças e de seus remédios.*
- 2. Visão através de corpos opacos, e sem auxílio dos olhos (o emprego de sinais fechados em envelopes opacos foi descoberto muito antes de Rhine).*
- 3. Discernimento de objetos distantes, não apenas de suas propriedades visuais, mas também táteis, sonoras e olfativas.*
- 4. Conhecimento do pensamento dos outros, sem re-*

curso a sinais externos.

5. *Visão do passado.*

6. *Visão do futuro.*

A respeito do conhecimento das línguas sabidamente não estudadas pelo sujeito, vários casos estranhos são citados (in Dingwall): um médico, chamado Quinby, dispunha de um bom sujeito a quem hipnotizava, e que lhe fornecia detalhes sobre a patologia de seus pacientes... em latim, língua totalmente desconhecida pelo sujeito quando em seu estado normal. Da mesma forma, um médico russo, Feldman, constatou em 1887 que um de seus sujeitos, sob hipnose, répetia sem erro várias passagens da Ilíada, quando, na verdade, ignorava totalmente o grego antigo: um teste, em estado normal, mostra - evidentemente - que uma repetição do texto, ou até várias, não são suficientes para que haja memorização de uma longa seqüência de sílabas incompreensíveis...Talfato pode ser relacionado às reuniões de cristãos ditos "carismáticos ", quando alguns deles começam a falar "em línguas", de acordo com a expressão do apóstolo Paulo, ou seja, a proferir frases em línguas que desconhecem inteiramente. Laurentin cita vários exemplos interessantes do fenômeno.

Ação sobre os animais, plantas e objetos inanimados

Da enumeração feita por Morin não constam certas experiências pouco desenvolvidas: segundo elas, sujeitos "em transe " poderiam agir sobre os animais (por exemplo, acalmando um cachorro perigoso, e até fazendo-o dormir), sobre as plantas (acelerar ou frear o crescimento dos vegetais) e mesmo sobre o tempo (possibilidade de interromper a chuva, dispersando as nuvens; ou, ao contrário, fazendo chover). Lembramos que essa possibilidade de agir sobre o tempo é reivindicada pelos lamas do Tibete.

Os efeitos físicos

Mas estaríamos muito mais interessados pelos efeitos físicos gerados pelos médiuns, sobretudo se estivesse provado que eles podem agir sobre mecanismos - como ocorre com as transcomunicações modernas.

Não encontramos muita coisa nos arquivos da metapsíquica quanto à ação sobre os mecanismos; mas, ao contrário, ficamos submersos em narrativas de ações sobre a matéria física ou biológica, diversas vezes observadas em diferentes médiuns famosos por suas proezas: Eusapia Palladino, os médiuns de Crookes, Rudi Schneider, Dunglas Home, etc.

A literatura a respeito é vasta: pois os efeitos físicos apaixonaram nossos pais... Houve milhares de experiências bem controladas. Mas devemos parar por aqui, pois os céticos logo mencionam as fraudes, que foram mesmo constatadas com certa freqüência. Portanto, apressam-se em concluir, não se pode atribuir qualquer importância ao que se diz a respeito!

Trata-se de uma conclusão muito precipitada! O maior fraudador do mundo pode possuir também certas capacidades paranormais: o que não seria contraditório. Em muitos casos onde havia a participação de experimentadores qualificados, e quando os sujeitos emitiam "ectoplasmas", por exemplo, todos os cuidados necessários eram tomados: os sujeitos eram despídos e colocavam roupas novas, depois de terem sido minuciosamente examinados em todas as suas cavidades, inclusive nas mais íntimas, como no caso de Eusapia Palladino. Eusapia, é verdade, aplicava seus truques sempre que podia, e todos sabiam disso. Mas o que dizer quando ela emitia ectoplasmas abundantes e incolores pela boca, mesmo tendo ingerido um vomitório antes? ou tendo bebido café ou

xarope de groselha ?

Os ectoplasmas emitidos por Eusapia, e por tantos outros, foram muito analisados e fotografados. Eram como uma fumaça consistente que escapava pela boca ou pelo nariz do médium, ou até por seu umbigo. Aos poucos a fumaça tornava-se mais densa e assumia a aparência de um rosto humano. Ou assumia a forma de mãos que tocavam o público: algumas pessoas da assistência seguravam essas mãos em suas próprias mãos, e constatavam que eram quentes; mas derretiam -se quase que instantaneamente e desapareciam.

As' levitações também eram comuns, mesmo as de pesadas mesas que se elevavam a mais de um metro, e que não retornavam ao lugar sequer quando pessoas da platéia tentavam puxá-las para baixo. Também elas foram muito fotografadas (inclusive com uso do infravermelho, por Batcheldor, há cerca de doze anos). A esse respeito, lembramos que Batcheldor havia preparado a mesa de experiência com uma série de armadilhas eletrônicas destinadas a desmascarar qualquer farsante que tentasse erguê-la de forma ativa.

Por outro lado, quando a mesa levitava, o peso de Eusapia aumentava na mesma proporção do peso da mesa. E ao final da experiência, que a deixava exausta, ela estava vários quilos mais magra... Um fenômeno curioso costuma, inclusive, ser citado: durante uma das sessões, talvez devido a violentos esforços, ela teve um indiscutível orgasmo...

Confissões falaciosas

Durante um incidente célebre, Marthe Béraud, a médium de Charles Richet, pressionada por um advogado, não resistiu e declarou que em um canto da sala de experiências, escondido por uma cortina, havia um buraco, uma

espécie de armadilha, pelo qual passava uma menina... responsável pelas aparições observadas pelo infeliz Richet. O escândalo foi enorme. Richet protestou, argumentando que não havia armadilha, o que era verdade. Mas ele pensou que as pessoas acreditariam nele...uma ingenuidade sua!

Todos acham muito mais divertido aceitar a existência da armadilha, e rir de um grande homem ...

As fraudes dos cétricos

Enfim, para sermos justos, devemos frisar que se certos médiuns são incontestavelmente psicopatas, certos cétricos não ficam muito longe disso... Houdini, o famoso prestidigitador, jurou desmascarar Margery (o médium Mina Crandon) ao trancá-lo em uma caixa, deixando de fora apenas sua cabeça e suas mãos. Mas continuaram a acontecer fenômenos estranhos, que ele jamais conseguiu admitir. Houdini teria até mesmo colocado uma série de instrumentos dentro da caixa, com o objetivo de acusar Mina de fraude. Mas o que podemos esperar de um prestidigitador, ou de qualquer outra pessoa, radicalmente contrário à existência de certos fenômenos (que considera impossíveis), e que declara - como Helmholtz - que “mesmo que todos os membros da Royal Society o afirmem, mesmo que todos os seus próprios órgãos dos sentidos o constatem, ele não acreditará jamais na transmissão de pensamento fora das vias sensoriais conhecidas ” ? Isso beira a neurose. Dingwall, experimentador honesto, viu, ou disse ter visto, o ectoplasma sair da região abdominal de Margery; entusiasmado, escreveu-lhe felicitando-a: mas retratou-se meses mais tarde com pretextos pouco convincentes. É verdade que, naquele meio tempo, o famoso professor Mac Dougall, radicalmente contra este tipo de brincadeiras, dissera-lhe, por carta, que “se concordasse com semelhantes loucuras,

ele não daria seu aval. E que, sem seu aval, ninguém acreditaria em Dingwall ”...que era, sem dúvida, um homem corajoso, mas não um herói (como muitos de nós..^.Podemos citar ainda Podmore, pois bem representa uma determinada categoria de céticos: obstinava-se em suscitar numerosas objeções aos fenômenos. Se lhe fosse dada uma comprovação, punha em dúvida a honestidade da experimentação.

A própria Eusapia Palladino admitia que podia forjar as demonstrações quando estava em transe, e recomendava aos observadores que tomassem as precauções convenientes. Ela foi examinada por Carrington que conhecia bem os truques dos falsos médiuns, e que já tinha escrito um livro sobre o assunto; e por Baggally, prestidigitador famoso que havia examinado todos os médiuns ingleses sem encontrar um único válido; e por Feilding, um cético declarado. Não podendo compreender como Eusapia agia, eles acabaram concluindo terem sido alvo de alucinação provocada por ela (eu não descartaria essa hipótese, em alguns casos particulares que desafiam totalmente a razão).

Continuando no caso Eusapia, as “explicações ” dadas a respeito de alguns de seus desempenhos são surpreendentes quando analisadas em detalhes. É como se analisássemos um processo: precisamos ouvir a acusação e a defesa. E em matérias tão controversas, muitas vezes deixou-se de ouvir a defesa. Assim, Münsterberg declarou ter compreendido como Eusapia agia: como suas mãos estavam sendo controladas, ela liberava um pé sob a cadeira, colocava-o por baixo da cortina que ficava por trás dela, e tocava a nuca dos experimentadores com seus dedos do pé. O complicado, observa Krebs, é que - para aceitar essa explicação - deveríamos supor que Eusapia podia executar uma rotação de 135 graus com sua perna, mantendo os

quadrís imóveis. Além de conseguir alongar-se, alcançando mais do dobro de seu comprimento. Evidentemente, esta engenhosa hipótese descreve tão unicamente um dos ectoplasmas ou pseudópodes que os médiuns de efeitos físicos produzem tão generosamente.

O mecanismo desses fenômenos

Outros experimentadores encararam diferentemente a questão: tentaram analisar o mecanismo do movimento das mesas, como o famoso físico Crookes que idealizou diversos aparelhos de admirável engenhosidade destinados a detectar eventuais fraudes.

Price quis medir a aptidão paranormal de Stella Craigshaw (Stella C.). Para tanto, idealizou o “telecinetoscópio”: um sino hermético que continha uma alavanca semelhante àquela dos telegrafistas. Uma campainha tocava quando se pressionava o aparelho. Mas a alavanca encontrava-se dentro de uma bexiga cheia de ar. De forma que, para acioná-la, era necessário “entrar” no sino e furar a bexiga... Uma proeza impossível de ser realizada, mas que não representou qualquer problema para Stella C.

Já foi dito, também, que a insistência dos médiuns em trabalhar apenas em ambientes pouco iluminados favoreceria a fraude. Mas, no caso das experiências de Batchelor, realizadas na obscuridade, a mesa era monitorada por sensores eletrônicos; e quando havia total escuridão, os participantes eram filmados com uso do infravermelho. E tudo acontecia como de hábito, inclusive as levitações. Também não podemos esquecer que os mais famosos médiuns, como Dunglas Home e outros, atuavam em plena luz, sempre que solicitados, não cobravam, e insistiam para que todas as precauções fossem tomadas...

Terminamos citando Uri Geller, médium moderno capaz

de gerar efeitos físicos. Muita coisa foi escrita a seu respeito: trata-se de uma inacreditável combinação de um rapaz encantador, com médium e prestidigitador, muitas vezes acusado de fraude. Mas o que alguns esquecem de dizer é que ele parecia ser capaz de transferir para outras pessoas o seu poder de torcer chaves, por exemplo, sem sequer tocá-las. Foi o que aconteceu a Scott Rogo, e que o lançou na maior perplexidade... Eu poderia continuar falando sobre fraudes e sua prevenção, realizada pelos metapsíquicos: mas penso ser tarefa inútil visto que tantos livros já foram escritos a respeito.

Gostaria de chamar a atenção para outras manifestações ainda mais enigmáticas, se isso for possível!

Outros efeitos físicos mal estudados

O primeiro seria o da incombustibilidade. Home parecia ser insensível às queimaduras ao segurar pedaços de carvão ardentes, ou ao colocar seu rosto no fogo da lareira sem qualquer prejuízo físico. Porém, o mais surpreendente era o fato de transferir a incombustibilidade a outros objetos, tais como um lenço (que não se incendiava em contato com brasas); ou o fato de transferir a outras pessoas sua própria insensibilidade ao fogo, fazendo com que elas pudessem segurar pedaços de carvão em brasa.

O segundo efeito, dos mais estranhos, é o da queda de temperatura, por vezes acompanhada de um vento gelado, que ocorre com certos médiuns quando dos “grandes fenômenos” (como a levitação). Os experimentadores tiveram o cuidado de colocar termômetros em torno deles, e registraram (inacreditável!) quedas brutais de, por vezes, mais de quinze graus! Como se a energia utilizada fosse retirada do meio ambiente, o que poderia, com efeito, provocar uma queda de temperatura.

Por fim, um odor muito pronunciado de ozônio foi notado pelos observadores alemães e poloneses durante suas experiências.

Todos esses fatos, que puderam ser interpretados até aqui, não nos forneceriam uma base para uma teoria física da função psi ?

Uma energia modulada ?

Somos forçados a constatar uma enorme diferença em relação aos fenômenos de transcomunicação instrumental: a energia que basta para acionar um computador ou um gravador é bem menor que aquela que quebra uma mesa em mil pedaços: mas é uma energia modulada, que parece saber o que deseja, não encontrada nos médiuns que geram efeitos físicos (salvo, talvez, quando os instrumentos de música, como um violino ou um acordeão começam a tocar sozinhos).

É impossível não observar essa diferença. Tentaremos ver, mais tarde, o que pode ser extraído daí...

Conclusão

Apesar de todos os truques (que foram menos numerosos do que se costuma dizer, devido à desconfiança existente), uma conclusão se impõe: a enormidade dos efeitos metapsíquicos em relação à pequenez dos casos de psicocinese parapsicológica. Isso foi observado por muitos autores, sem que se encontrasse uma explicação clara para o caso. A não ser que as condições experimentais não sejam as mesmas para os metapsíquicos e para os parapsicólogos. No primeiro caso, sempre várias pessoas participam das sessões (o que os americanos chamam de "pK de grupo"); no segundo, existe apenas a atmosfera fria e

impessoal do laboratório e a pesquisa de alguns efeitos, que não interessam de forma alguma aos sujeitos (ao contrário, a multiplicidade dos testes acaba por entediá-los profundamente). O que me leva a concluir que a fraqueza dos efeitos existentes no segundo caso é derivada da falta de tato no gerenciamento das experiências. Afinal, a função psi parece ser ligada a um grupo e ao interesse que o sujeito sente na execução de sua tarefa.

Mas isso não nos explica como tais resultados foram obtidos por metapsíquicos, e de onde vinham as energias empregadas: uma enorme mesa rachada em dois perante os olhos de Jung; uma outra, não apenas rachada, mas com as pernas reduzidas a pedacinhos do tamanho de um fósforo, no caso de Stella C. Até hoje não temos sequer a sombra de uma teoria verdadeiramente sólida para explicar tais fenômenos.

Fenômenos não classificáveis e espantosos

Como “conjurar Philippe Trata-se de uma das experiências mais curiosas e mais perturbadoras da para psicologia. Em 1973, um grupo de homens e de mulheres de Toronto decidiu realizar a experiência mais audaciosa da parapsicologia (seria interessante saber por qual caminho mental chegaram a conceber tal possibilidade). Eles tentaram criar um personagem inteiramente fictício, Philippe, atribuindo-lhe uma personalidade, um casamento sem amor com uma mulher frígida, Dorothée, o que não a impedia de flertar com uma certa Margot. Cada membro do grupo caprichou no desenvolvimento do caráter, dos defeitos, das qualidades e dos hábitos de Philippe: tudo com os menores detalhes, como se ele fosse um personagem de carne e osso... E depois interrogaram-no pelo sistema da mesa giratória... E a mesa respondeu às perguntas (uma pancada para “sim duas pancadas para “não ”) de uma

forma que coincidia com o caráter fictício de Philippe, sempre com muitos detalhes. Eles haviam, entretanto, tomado algumas precauções de forma a que ninguém pudesse mover a mesa voluntariamente: cada participante deveria indicar imediatamente qualquer movimento, mesmo involuntário, que ele próprio ou seu “vizinho ” provocasse. Eles relataram que a impressão de realidade era um tanto alucinante: Philippe parecia viver e reagir como uma pessoa viva, inclusive a brincadeiras. Por exemplo: uma cadeira vazia foi-lhe reservada no círculo formado em torno da mesa; de vez em quando, distribuía-se bombons aos assistentes, e um era posto junto à cadeira vazia, “para Philippe ”. Um dos assistentes fingiu pegar o que havia sido dado a Philippe: imediatamente a mesa inclinou-se fortemente para aquele lado, sem que o bombom escorregasse... Ao final da sessão, a mesa foi inclinada manualmente, e o bombom colocado sobre ela deslizou perfeitamente... Esse é apenas um exemplo das atividades de Philippe. Mas elas foram bem mais longe: mantendo a mesa de três pernas equilibrada em apenas uma, durante boa parte da sessão; o esforço de um assistente para recolocá-la em sua posição normal, provocando uma resistência elástica bastante curiosa, sem que houvesse coisa alguma sob a mesa (uma perna interposta, por exemplo). O grupo obteve, enfim, por intermédio de Philippe, levitações totais... Os assistentes tinham dificuldade em acreditar que Philippe não existia, a não ser na imaginação de cada um. Mas eles não lhe tinham conferido uma espécie de existência ? Foi, sem dúvida, uma experiência fascinante e que merece ser retomada(1).

Seria forçar muito os fatos se concluíssemos admitindo

(1) A experiência, aliás, foi retomada por um dos meus amigos - Sr. Renaudin - que, com várias pessoas, criou um personagem coletivo (“Procule”).

*possibilidades criadoras do pensamento humano, que fabricaria *formas pensadas ” capazes de escapar do poder de seu próprio criador ? Pois essa é, de qualquer forma, uma possibilidade correntemente aceita pelos lamas tibetanos, que dizem poder criar indivíduos que mais ou menos se separam de seus criadores e que podem, às vezes, ser percebidos por outras pessoas. E que, muitas vezes, devem ser eliminados pois tornam-se perigosos. Aqui reencontramos um episódio bastante citado pelos canais: um industrial americano, através de técnicas de concentração mental, criou para si mesmo um conselho imaginário formado por personagens ilustres (Júlio César, Lincoln, etc...) que o orientavam em seus negócios (!). Mas ele percebeu que aqueles conselheiros discutiam entre si, não lhe davam a palavra, e toniavam-se agressivos. Finalmente começou a sentir-se pouco à vontade com eles (principalmente porque surgiam sem terem sido convidados) e acabou eliminando-os.*

Outras pessoas refizeram a experiência do parceiro imaginário, e constataram que o fantasma assim criado podia responder até mesmo a perguntas cujas respostas eram desconhecidas pelos membros do grupo. Evocamos assim, inevitavelmente, um “inconsciente coletivo ” do grupo, que teria acesso a fontes de informação: talvez a famosa “biblioteca akáshica ”, tão querida pelos ocultistas; ou pelo menos a um banco de dados difuso, que pode ser consultado a bel prazer desde que utilizada a técnica apropriada. Como já disse, o inconsciente coletivo existe, talvez, de uma forma bem diversa daquela imaginada por Jung...

Mas o que foi obtido experimentalmente também pode ocorrer espontaneamente...

1- caso. O problema complica-se de forma estranha por haver, também, telefonemas fantasmas dados por vivos, embora esses últimos não o saibam. O caso a seguir foi

*América, com nítidas tendências para o lado do paranor-
tnal.*

“Meu amigo, Dr. Benton, e eu estávamos conversando em meu apartamento, em Moorhead, no Minnesota. O telefone tocou e eu atendi. Uma voz, que reconheci imediatamente como sendo a de Mary, uma amiga de minha mulher Penny, perguntou se Penny poderia cuidar de seu bebê, como fazia com frequência, pois ela precisava sair. Respondi-lhe que Penny estava na cidade, em casa de seus pais, e que só voltaria na manhã seguinte. Mary desligou, não sem antes demonstrar seu desapontamento. Na manhã seguinte minha mulher telefonou para Mary, desculpando-se por não lhe ter podido ajudar. Mary ficou espantadíssima, e garantiu não lhe ter telefonado, embora houvesse pensado muito nisso durante toda a tarde. ” E aqui temos um testemunho: o Dr. Benton, que ouviu o telefone tocar e Clark dizer a seu interlocutor que sua esposa não estava em casa.

Um telefonema premonitório. Um caso particularmente estranho é narrado por Melvin Belli, advogado americano muito conhecido. Ele escreveu para o jornal Enquirer que, em julho de 1960, recebeu um telefonema de uma casa funerária de Oakland informando-o da morte de um grande amigo seu, Suey N., e convidando-o a participar da cerimônia fúnebre na manhã seguinte. Belli compareceu no dia marcado e surpreendeu a administração do estabelecimento... que jamais ouvira falar do Sr. Suey N., e ainda menos de seus funerais. Ele telefonou, então, para esse mencionado amigo e encontrou-o perfeitamente vivo. Porém , oito dias mais tarde ele veio a falecer, sendo efetivamente transportado para a referida casa funerária.

Os fantasmas de vivos

2- caso. Vou agora voltar no tempo e falar de uma

experiência vivida por Soai, em 1925. Ele trabalhava com Blanche Cooper, médium londrina então famosa. Através da médium, ele pode entrar em contato com um amigo já falecido, Gordon Davis. Falaram da velha amizade que os ligara, e, segundo Soai, a voz da médium se aproximava muito à do morto... Mas ele depois ficou sabendo, com o espanto que podemos imaginar, que Gordon Davis estava bem vivo em Londres. Outros exemplos desse mesmo tipo podem ser encontrados, como a história narrada na obra "Phantasms of the living por meio de um médium, o experimentador fica sabendo que "alguém " viveu em determinada época, em determinado endereço, com certo nome... Naturalmente são feitas as devidas verificações, e descobre-se o sujeito em questão, bem vivo, e espantado ao saber que seu cérebro - sem que o soubesse - influenciou o médium, como no caso de Gordon Davis... Mas um cérebro vivo também pode influenciar uma tela de televisão, como no caso de Blue Harary (e seu gato). O que me leva a crer que as imagens surgidas na televisão, em transcomunicação, nem sempre são de pessoas mortas...

3^o caso. Um outro caso ocorreu em um pequeno círculo de Dublin, onde um certo Peter Rooney manifestou-se dizendo que havia cometido suicídio jogando-se sob um trem. Como deu seu endereço, o grupo foi até lá... e encontrou-o vivo! Na sessão seguinte, Rooney declarou "não ser

(1) Mas aconselhou-os a utilizar uma manobra que raramente vi ser empregada pelas pessoas que utilizam a tábua ouija: trabalhar com uma venda nos olhos, ou com uma tela entre os olhos e a mesa. A tábua ouija continuou a dar resultados inteligíveis, mesmo quando as letras eram misturadas em intervalos regulares (os assistentes não poderiam, pois, saber qual era a disposição das letras, mesmo que inconscientemente). Pessoalmente, jamais pude observar sucesso no uso da tábua ouija quando as letras não são vistas.

da conta ” das pessoas do círculo saber quem ele realmente era(1).

6. OUTROS FATOS COM ALTO COEFICIENTE DE ESTRANHEZA: OS OVNI_s

À primeira vista, não se distinguem claramente os pontos comuns entre a transcomunicação e os OVNI_s, objetos voadores não identificados, ou discos voadores segundo o dizer do povo... Entretanto, várias características os aproximam de forma bastante estranha(1)-

Nos dois casos, trata-se de problemas que envolvem uma tecnologia avançada (computadores, gravadores, OVNI_s): uns colocam-se repentinamente em funcionamento, por si mesmos, enquanto outros parecem ser obra de uma tecnologia avançada que não compreendemos...

Nos dois casos há mensagens ambíguas, às vezes a ponto de não serem compreendidas, geralmente insignificantes, por vezes absurdas. Em nenhum caso (não conheço todas as mensagens, mas conheço-as o bastante para cometer esta ousada afirmação), pôde-se encontrar qualquer indicação científica ou técnica digna de interesse. Em compensação, descobrimos avalanchas de exortações piedosas do gênero: “nós somos os irmãos do espaço, estamos aqui para ajudá-los, etc. ”

Os “contatados ”, que dizem ter sido seqüestrados por um disco voador e terem mantido contato com seus ocupantes, sustentam, em seguida, discursos de extrema indigência. Do ponto de vista técnico, se admitirmos que os

(1) Vou recorrer aqui às excelentes obras de meu amigo Jacques Vallée a respeito dos OVNI_s. A última delas, chamada *Révélations*, foi lançada pela editora Robert Laffont (1992).

“pequenos seres cinza ”, os anões que moram no disco, desejam manter contato com esses humanos, devemos também reconhecer que as indicações técnicas que fornecem são absurdas ou incompreensíveis. Muitas vezes realizam operações, tais como enfiar uma longa agulha no umbigo das mulheres para fazer, dizem, “extrações ” desprovidas de qualquer sentido do ponto de vista biológico. Em resumo, são discursos e técnicas de uma debilidade espantosa.

Eis-nos novamente perante o mesmo problema já encontrado nas páginas anteriores: qual o motivo desses absurdos ?

Naturalmente muitos leitores ficai ão espantados com meu espanto. “Como é possível? ”, exclamarão com certeza, “o senhor sabe que tudo não passa de alucinações ocorridas em pobres cérebros, e que os OVNI não passam de conversa fiada!”

Infelizmente para esses últimos, o acontecimento profundamente enigmático que leva o divertido nome de disco voador não é conversa fiada: ao contrário, trata-se de um fenômeno bem comum... As estatísticas de Vallée, e de tantos outros, falam de milhares de observações bem documentadas. E se considerarmos os numerosos observadores que não ousam falar do assunto, chegaríamos a dezenas de milhares, espalhados por todas as partes do mundo. Quanto aos famosos “contatados ”, é verdade que eles relatam absurdos! Mas, em muitos casos, são efetivamente descobertas marcas no solo, exatamente no local onde dizem ter encontrado a nave espacial. Essas marcas consistem geralmente em alguns buracos bastante profundos, revelando que um objeto pesado, de várias toneladas, com dois ou três pés bem finos, pousou naquele lugar. Em outros casos, várias testemunhas emocionadas (é claro!), dizem ter assistido á aterrisagem do OVNI, confirmando as palavras do “depoente ”.

A conclusão mais elementar (sigo estritamente as conclusões de Vallée) é, pois, a de que alguma coisa aconteceu.

- Mas o que aconteceu, exatamente? é muito difícil dizer;

- do fato resultou um choque mental muito violento para a testemunha, que levará semanas ou meses para se restabelecer;

- quanto ao que lhe teria sido dito... é uma outra história, quase ininterpretável;

- podemos admitir que são falsas lembranças injetadas sob hipnose, por exemplo;

- ou que se trata de verdadeiras mensagens, mas em grande parte falaciosas, passadas à testemunha, sem que se saiba o motivo.

O problema é exatamente o mesmo quando lidamos com certas mensagens longas recebidas por transcomunicação.

Qual o motivo de tais mensagens?

Vallée elabora, quanto a isso, uma interessante hipótese. Inicialmente, ele não afirma que não sejam mensagens vindas de outro planeta; o fenômeno é provavelmente polimórfico, e não se deve ser muito categórico. Mas a hipótese parece-lhe inútil em muitos casos. O enorme hiato entre a refinada tecnologia que parece ser utilizada pelos pilotos dos OVNI's e a pobreza das explicações que nos fornecem fazem pensar que seriam robôs sumariamente programados para responder a qualquer pergunta... Mas a multiplicidade de aterrissagens (repito que são milhares de casos) exclui formalmente a idéia de que uma civilização extraterrestre, forçosamente muito desenvolvida, tenha necessidade de tantas aterrissagens para poder estudar nosso planeta; e, sobretudo, que enviem (através de robôs ou de outras formas) tantas mensagens que nada significam...

Então Vallée pensa que se trata, segundo seus

próprios termos, de um “sistema de controle ”: ou seja, de uma inteligência extraterrestre, ou mesmo terrestre, que tenta nos influenciar globalmente, a alterar nossas idéias a respeito do mundo e do universo, a nos desestabilizar de alguma forma... O que pode parecer uma hipótese exorbitante...

Mas, examinemos um pouco as mudanças de mentalidade que ocorreram após trinta anos de OVNI: as pessoas, e especialmente os jovens, continuam a pensar da mesma forma, como em 1920, por exemplo ?

Em alguns pontos que dizem respeito à metafísica prática, ou seja, às crenças correntes sobre o sentido da vida, certamente a resposta é não... Surgiram, e isso é totalmente novo, dezenas de seitas que vivem das revelações ou das “ditas” revelações dos OVNI, ou dos médiuns, ou das mensagens coletadas do Além, por qualquer meio que seja(1).

Até que ponto as mensagens absurdas não serviriam para desviar a atenção do verdadeiro problema ? Ou seja, de uma Inteligência que manipula o espaço e o tempo, por meios inimagináveis, conturbando assim, mesmo sem desejá-lo expressamente, o funcionamento normal do encéfalo humano ? E quem sabe se tal Inteligência se dá conta do fato ? A alteração do espírito e as mensagens absurdas não seriam um sub-produto da comunicação ?

Eu me pergunto até que ponto não deveríamos estender essas conclusões, bem rudimentares, à transcomunicação em geral. Evidentemente aqueles que observam uma men-

(1) Alguns dirão que é exagero aproximar as histórias dos OVNI da transcomunicação. Mas, não! Pois, exatamente, as mensagens de ambos possuem o mesmo tom. Bastaria darmos um pequeno passo para admitirmos que é um mesmo agente que se exprime com todos os meios técnicos a sua disposição.

sagem que se forma em uma tela de televisão não se encontram fora de seu estado normal, pelo menos assim não parece! O fenômeno não tem, deforma alguma, o caráter estressante do OVNI, sobretudo quando esse último leva-o a bordo (embora o enorme medo sentido por todos os contatados nessa situação tenha algo de enigmático).

Eu seria levado a crer que, assim como o OVNI produz um campo de força em torno das testemunhas, provocando alucinações, algo ocorreria em torno do televisor: haveria um campo estranho que, ao mesmo tempo, coloca o computador ou o televisor em funcionamento, e desencadeia nas testemunhas o poder psicocinético de imprimir as mensagens... Hipóteses pela qual não me sinto particularmente orgulhoso, mas que explicaria o motivo pelo qual as mensagens não ultrapassam o nível mental das testemunhas... As mensagens seriam apenas a face visível do iceberg, um sub-produto da comunicação...

Temos, talvez, indícios de que essas suposições não são assim tão loucas quanto parece. No caso dos contatados, vemos freqüentemente, no período posterior ao Encontro, o desenvolvimento de capacidades psicocinéticas, de clarividência, em resumo, de dons paranormais....

Talvez seja essa a mensagem...

7. 0 BIZARRISMO NA BIOLOGIA

Esse périplo já está mais ou menos terminado. Os procedimentos por mim adotados podem ter parecido incertos, mas pode-se encontrar neles uma direção... Considerando os espantosos fenômenos da transcomunicação, creio ter compreendido que os mesmos só poderiam ser interpretados se fossem situados em um contexto mais amplo, ou seja, no contexto dos fenômenos ditos paranormais,

em geral.

Antes de chegar a tão importante conclusão de que os mortos nos falam, eu precisava passar em revista outras hipóteses: pois vasto é o domínio do sonho, profundo é o mar da ilusão, e muito longo é o caminho que conduz d verdade científica.

Através dos problemas da transcomunicação, senti a necessidade de voltar a percorrer terras antes exploradas. Os fenômenos de escrita automática, os prodígios da hipnose, a clarividência, a psicocinese, a psicometria e a pré-cognição muito nos ensinam sobre o espaço que circunda a transcomunicação...

Mas em meio a todos eles, repetidas vezes, vemos surgir o anjo do bizarrismo, que confunde as conclusões que poderiam ser tiradas da transcomunicação.

Ele se manifesta nos poltergeists, força por vezes enorme, totalmente incontrolada e, de certa forma, “des-cerebrada nos fenômenos relacionados aos OVNI, área onde a bizarria é mais evidente; nos fenômenos metapsíquicos onde uma força, talvez aquela mesma dos poltergeists, pode quebrar em pedacinhos uma pesada mesa; nas trans-comunicações, claro, onde a energia que aciona nossos instrumentos é sem dúvida mais policiada, pois transmite-nos mensagens compreensíveis; e, por fim, na natureza... onde cem dispositivos aberrantes, aparentemente inúteis e mesmo contraditórios, pululam literalmente, como eternos desafios que nossas teorias não conseguem desvendar.

De que, definitivamente, é capaz o homem, ou o espírito humano ? Veremos, ao final dessa perigosa viagem, onde algumas vezes quase deslizamos por terrenos movediços, qual a surpreendente hipótese que dela podemos extrair...

As hipóteses básicas. A programática.

Sou forçado a evocar rapidamente uma série de hipóteses sobre a evolução (já tratadas por mim anteriormente, em 1985 e 1990, de modo bem mais aprofundado). Em síntese, seria preciso falar aqui da teoria neodarwiniana e das críticas que lhe foram feitas, o que nos levaria muito longe. Mas basta-me dizer que as explicações da evolução por uma teoria “passe-partout”, a da seleção natural, encontra um número cada vez maior de céticos. Por seu caráter tautológico, inicialmente: a seleção deixa que o mais apto sobreviva. Mas o que seria o mais apto? Como não possuímos critérios independentes sobre a capacidade de sobreviver, que é global, somos forçados a admitir que o mais apto é o que sobrevive. Donde se conclui (por brincadeira, mas de modo profundo) que a teoria postula a sobrevivência dos sobreviventes. Como se vê através dessa fórmula sintética e irônica, o darwinismo jamais pôde desvencilhar-se da pecha da tautologia: pois não sabemos do que depende a sobrevivência; pois ela depende sempre não de um único fator, mas de um grande número de caracteres; pois ela não depende apenas dos genes, mas também das circunstâncias (bad genes or bad luck, como disse um autor inglês, maus genes ou falta de sorte?). A teoria não explica, sobretudo, a co-evolução, ou seja, os numerosos casos em que dois animais, muito diferentes entre si, ou uma planta e um inseto, são adaptadíssimos um ao outro, de modo claro, a ponto de não poderem viver independentemente.

Para escapar de tais dificuldades, perguntei-me, inicialmente, se existia vontade e inteligência na natureza. É claro que devemos responder afirmativamente, pois o homem faz parte da natureza e é dotado de inteligência e de vontade... Mas essas duas características são exclusivas do homem? Todos os naturalistas, e especialmente os etologistas, protestarão. Ora, independentemente do mistério dos instintos por vezes maravilhosos, encontramos, na fisiologia e na

biologia geral, mecanismos de fineza e complicação extremas, que bem parecem ser devidos à intervenção de uma inteligência e de uma vontade.

Devemos, então, falar de Deus? Por certo que não, pois, mesmo sendo justificada em última análise, trata-se de uma hipótese inútil na prática, visto que esgota a pesquisa.

Nosso trabalho consiste em demonstrar mecanismos, ou como diriam os filósofos, em analisar as causas segundas, sem nos ocuparmos da causa primeira. Nossas técnicas não são apropriadas para exercer essa última tarefa. Mas parece-nos, ao menos em uma primeira hipótese verossímil, que há na natureza alguma inteligência e alguma vontade... Mas como trabalha, então, a evolução, se adotamos - ao menos provisoriamente - essa maneira de encarar os fatos?

Parece-me que, para levar o raciocínio mais adiante, basta procurar ver como trabalha a nossa própria vontade... Antes de mais nada, ela é inconsciente dos mecanismos que põe em movimento. Ela é uma coisa que quer, e só. Nós queremos levantar o braço, e não sabemos como é preciso fazer, ou seja, quais mecanismos devem entrar em ação. O querer nos basta, e nosso braço se levanta. A vontade é também programadora: pois o próprio ato de querer põe em jogo complicados mecanismos, programas específicos. A vontade escolhe, tria, põe em ação diversos programas. Mas eles, em si mesmos, não interessam a ela: só o objetivo conta. O que não podemos fazer com nosso braço direito, faremos com o esquerdo; ou, em caso de necessidade, pondo os pés em ação, se os braços estiverem paralisados (alguns pintores paralíticos dos dois braços pintam com os pés... e muito bem).

Essas diversas características podem ser encontradas na natureza? Claro! Por exemplo, no ato de voar. É certo

que a natureza “quis ” o vôo em vários ramos animais: para os pássaros, insetos, morcegos, e até para certos peixes. E ela chegou a isso, em cada um dos casos, por mecanismos bem diversos (o que há de comum entre uma asa de um pássaro e a asa de um inseto?). Ela quis o maior desenvolvimento possível do cérebro em todos os ramos: nos macacos, evidentemente seguidos dos homens; mas, bem antes dos primatas, nos delfins, de enormes cérebros (tão grande, em relação ao tamanho do corpo, quanto o do homem); nos pássaros, cujos comportamentos são - pouco sabemos a respeito - tão complexos quanto os dos macacos superiores: mas como têm um crânio bem menor, a natureza miniaturizou as células cerebrais de modo a poder colocar um número maior em um espaço menor. Nos insetos, por fim, onde o espaço disponível é ainda mais reduzido, a natureza contorna a dificuldade ao criar insetos sociais que associam seus pequenos cérebros, adquirindo uma surpreendente eficiência (não esqueçamos que apenas dois tipos de seres vivos praticam a agricultura: os homens e as formigas-cogumelistas). A natureza quis o olho, enfim, em todas as famílias animais, do inseto ao polvo, passando pelos crustáceos, sem esquecer dos animais superiores(1).

Sustento, portanto, que são observados na natureza, para um espírito imparcial e sem prevenções, mecanismos que muito evocam nossa vontade e nossa inteligência.

Mas há coisas ainda mais surpreendentes nas interações entre animais ou entre animais e plantas. Citarei apenas alguns casos, escolhidos dentre os mais espantosos.

Inicialmente, as Abelhas paralisantes. Elas alimentam seus filhotes com outros insetos bem determinados (por

(1) E com que precisão! Vocês sabem que os olhos do polvo e os olhos dos vertebrados são surpreendentemente semelhantes em sua anatomia e em sua fisiologia?

exemplo, lagartas ou acrídeos) que elas não matam, mas que se limitam a paralisar pela injeção de uma dose de veneno exatamente no local onde se encontram os gânglios nervosos que governam as patas e as mandíbulas. Tudo isso é feito com extrema precisão, com uma variação de apenas meio milímetro... O problema é que não entendemos como o inseto pode aprender a localização desse ponto exato, visto que ele nasce muito tempo depois da morte de sua mãe. E não há qualquer zona particular externa que permita identificar o ponto em que está situado o gânglio.

As formigas-cogumelistas são vegetarianas, mas não podem digerir a celulose. Então elas armazenam, no formigueiro subterrâneo, dezenas de quilos de folhas trituradas, sobre as quais semeiam, em cultura pura, uma certa espécie de cogumelo. O cogumelo transforma a celulose das folhas em uma espécie de quitina que pode ser digerida pela formiga... Essa é a razão pela qual ela é comedora de cogume-los: e só há pouco tempo sabemos disso...

E eu poderia continuar indefinidamente{\}.

O mais impressionante é o capítulo das relações entre os insetos e as flores. Essas relações sutis são tecidas entre insetos cuja origem é anterior aos 100 milhões de anos e flores que surgiram há apenas 70 milhões de anos. Entretanto, as adaptações morfológicas são visíveis, como no caso do blastófago, pequeno himenóptero sem o qual a figueira não daria seus frutos... Ou no que diz respeito ao satirídeo fétido Phallus apudicus(2), tão fétido quanto indica seu nome: ele é coberto por uma película viscosa, preta e malcheirosa, que atrai as moscas, naturalmente. Eles lambem com avidez a secreção do cogumelo, engolindo,

(1) As pessoas interessadas podem consultar meu livro *La biologie de VEspirit*, Ed. du Rocher, 1990.

(2) N.T. Espécie de borboleta diurna.

assim, os esporos: mas esses esporos, justamente, só podem germinar se passarem através do intestino das moscas!

Portanto, tudo é apenas ordem e beleza. E podemos falar, como nossos pais, das maravilhas da natureza...Não! pois é exatamente nesse ponto que intervém o anjo do bizarrismo! Citarei apenas três casos, mas poderíamos encontrar numerosos outros (talvez não tão numerosos, devemos reconhecer, quanto os exemplos de maravilhosas adaptações).

Quando a orquídea “quer ” fabricar seus grãos, ela deve, como as demais plantas superiores, unir seu pólen aos óvulos na base do pistilo...Mas ela não consegue fazê-lo, pois o pólen, aglomerado em “polimos ” viscosos, situa-se muito longe do pistilo. Vocês acham que as abelhas, famosas polinizadoras, se encarregarão da tarefa, como fazem com as flores de pomares, por exemplo ? Pois a resposta é negativa! As abelhas só se dirigem às flores por causa do néctar que nelas podem recolher (ou apenas por causa do pólen, como no caso das flores da papoula; mas o pólen da orquídea não lhes interessa)... Eis, pois, o inacreditável mecanismo elaborado pela orquídea: ela fabrica uma substância odorante, a mesma que as fêmeas de uma vespa solitária, a Gorytes, utiliza para atrair seu macho. Além disso, desenha em suas corolas uma espécie de esquema que se assemelha bastante a um inseto e (por que não ?) a uma vespa. Mas o macho que se aproxima, atraído pelo odor, não olha com atenção: ele está em estado de carência sexual, pois as fêmeas só nascem um mês depois dele; além do mais, ele é muito míope, como todos os insetos. Assim, ele precipita-se sobre a flor na qual introduz suas partes genitais, agitando-se até o momento da ejaculação. Ao fazê-lo, fatalmente e sem desejar, terá destacado as massas polínicas, colando-as no pistilo, e garantindo a fecundação da flor. Que admirável adaptação, diremos ? Mais uma vez, não! ela

de nada serve! Pois, se não houver a Gorytes, a orquídea acabará murchando: e a parte da corola que concentra as massas polínicas se inclinará ate' tocar o pistilo. E a flor formará seus grãos.

Eis agora o mimetismo, ou seja, a propriedade que alguns insetos possuem (as borboletas, por exemplo) para imitar um outro inseto incomível. Sabemos que são incomíveis pois, se os reduzirmos a uma pasta e os colocarmos no bico de um pássaro, esse último os cospe fora e esfrega o bico na terra várias vezes, em sinal de desgosto. Algumas borboletas, perfeitamente comíveis, imitam os insetos incomíveis de forma tão perfeita que os entomologistas mais especializados acabam cometendo enganos. E assim disfarçadas, encontram-se protegidas contra seus predadores. Que admirável adaptação devida à seleção natural, dirão os falsos profetas! Não há qualquer evidência de que um dia uma mutação tenha aproximado as cores da borboleta comível daquelas da borboleta incomível, tornando-a, assim, um pouco mais protegida do ataque dos pássaros que suas congêneres. Após um milhão de anos, ou dois, sem dúvida outras mutações aproximaram-na ainda mais do modelo ideal, até a perfeita identidade que a protege integralmente... Infelizmente, as coisas não são assim tão simples. Nós conhecemos casos em que borboletas comíveis imitam perfeitamente outras borboletas, igualmente comíveis, o que nos faz rever toda a questão...

Citemos, enfim, o caso absurdo de um horrível verme, o dístomo, que representa a ordem dos trematódeos, transmissor de inúmeras doenças, cada uma mais grave que a outra. Uma determinada espécie vive nos órgãos do carneiro, e libera cerca de quinze milhões de ovos em seu intestino. Os ovos são expelidos com os excrementos e logo se rompem, dando origem a uma pequena larva, de grande mobilidade, que deve buscar seu hospedeiro - sem o qual não pode dar

continuidade a seu desenvolvimento. O hospedeiro é um caramujo específico, o “caramujo de dístomo”, no qual penetra e ultrapassa mais dois de seus estágios. Em certas espécies, o processo continua. É preciso que o caramujo seja comido por um peixe, no interior do qual a larva ultrapassa mais alguns estágios. Depois, se os excrementos do peixe, ou se o próprio peixe são lançados à margem do rio, acabam por se decompor, sujando o mato ribeirinho... e poderá ser comido por um carneiro. Nesse momento a larva terá concluído seu ciclo, e dará origem a um dístomo adulto... que porá seus quinze milhões de ovos. Ora, apenas uma dezena de larvas completam todo o ciclo até atingir a idade adulta. É evidente que tal modo de reprodução revolta o espírito: qualquer outro tipo, menos complicado, funcionaria bem melhor. É impossível acreditar que a seleção natural, que elimina - parece - os menos aptos, tenha deixado subsistir tal burrice... E, entretanto, ela está durando há milhões de anos, a despeito de sua radical inadaptação.

Conclusão

Por várias vezes fomos tocados pelas asas do Anjo do bizarrismo. Por que tais absurdos manifestos, ao lado, por exemplo, de admiráveis exemplos de sofisticação? Dir-se-ia que a energia fabricante da natureza diverte-se ao complicar as coisas, ao acaso e sem necessidade (!). Por exemplo, já barriga dos cupins co-existem, há mais de cem milhões de anos, dois tipos de infusórios que digerem a madeira: uns, muito complicados, os mais complicados de todos os infusórios, possuem até espécies de cílios espessos dos quais se servem como se fossem patas; outros, que vivem ao lado, nesse meio rigorosamente fechado, são, ao contrário, muito simples, desenvolvendo-se tão bem quanto os primeiros. A

energia fabricadora da natureza parece desprovida de utilidade, gratuita ou lúdica, como se queira. E não esqueçamos que os dispositivos absurdos e complicados funcionam tanto quanto os mais simples...

Conclusão geral

O estranho está por toda parte, tão logo arranhemos um pouco a superfície tranqüilizadora das coisas. O paranormal não seria nada mais que o normal, que não queremos ver pois incomoda terrivelmente?

Coloquei-me tais questões e várias outras durante essa busca inquietante, e talvez perigosa, em áreas que a Igreja outrora havia proibido, não sem motivo: pois ela teme, acima de tudo, o iluminismo que perturba o belo ordenamento dos “cânones” romanos.

Talvez ela tivesse razão, assim como os racionalistas que execram tais idéias... Sua raiva advém do temor inconsciente que os algema. Se tudo isso for verdade, a ciência treme... e, com ela, nosso universo familiar. Eis porque eles se refugiam na imprecisão amedrontada que, freqüentemente, chega a negar a evidência.

Eles estão errados, com certeza, mas ainda uma vez posso compreendê-los: estamos em um terreno perigoso onde está em jogo o próprio equilíbrio mental.

Entretanto, não creio que tal atitude de recusa seja a mais conveniente. Inicialmente, a que serve recusar os fatos? Mais cedo ou mais tarde eles acabarão prevalecendo: essa é a lição dada pela ciência, a mais bela conquista do espírito humano, à qual tenho sempre dado minha firme adesão. O átomo também é perigoso, mas pode servir a outras coisas que não ao extermínio do ser humano. Ele até pode pôr, a nossa disposição, pela fusão controlada e

sem perigo, uma energia inesgotável. Ele pode suprimir a miséria existente sobre a terra, se os homens assim o quiserem verdadeiramente. Todas as descobertas humanas, desde o machado de pedra talhada, têm seu lado obscuro (a guerra, por exemplo), e um lado benéfico. Nosso universo é assim e o homem funciona dessa forma.

Portanto, ter medo dos fatos não impede sua existência: um dia ou outro eles acabam aparecendo.

O FENÔMENO DE RESSURGIMENTO

Constatado em todas as épocas. O império romano decadente voltou-se para os mistérios orientais menos recomendáveis, e era interessante ser mago de alguma coisa na Roma dos últimos Césares. Aférula da Igreja suprimiu o fenômeno durante uma parte da Idade Média (ao menos aparentemente), mas a terrível caça às bruxas surgiu, repentinamente, quando começávamos a sair dos séculos obscuros. O cenário voltou a clarear quando do Renascimento das Luzes, do triunfo da ciência. Mas como explicar, então, a brutal eclosão dos fenômenos paranormais no século XIX e início do século XX? Todos, e os maiores nomes da ciência, passaram a observar os médiuns e a fazer com que mesas girasse m(1).

Novo eclipse por volta dos anos trinta. Em virtude de fraudes bem reais praticadas por médiuns, uma enérgica

(1) Confesso não me ter dado conta do fenômeno até ter analisado a Soma de Digwall (cerca de mil páginas) e a excelente obra de Brian Inglis sobre *Ciência e paraciência*.

Pergunto-me quantos materialistas deram-se ao trabalho de ler essas duas obras (e há várias outras) antes de concluir que nada continham que merecesse ser levado em conta.

campanha desenvolveu-se contra esses últimos e contra todos aqueles que os seguiram. A Universidade lançou seu veto absoluto sobre qualquer iniciativa nesse campo. Eu vivi essa época: um jovem cientista punha em risco sua carreira ao fazer a menor alusão generosa a tais fenômenos... E veio, após a Segunda Guerra Mundial, a curiosa moda dos discos voadores, sobre os quais os jornais falaram durante alguns anos. Não quero dizer com isso que os OVNIs são fenômenos do tipo espírita, devidos a entidades do além. Estou convencido, ao contrário, que houve visitas vindas do além-espaço, e que as mesmas continuam a ocorrer... Mas, superpostos a um fundo real, quantos contatados, menos ou mais alucinados, transmitiram-nos discursos absurdos que teriam sido feitos por “nossos irmãos do espaço” ? O silêncio voltou há cerca de quinze anos, após uma intensa campanha de zombaria orquestrada pela imprensa. A tal ponto que pilotos de linhas comerciais, segundo informações provenientes de fontes seguras, vêem OVNIs com bastante freqüência, mas pouco falam a respeito, com medo de provocar um riso generalizado. E eis que nos dias atuais, nos últimos anos do século XX, surge a transcomunicação que envolve milhares de pessoas na Europa e nos Estados Unidos da América. Nesse último país, jamais os médiuns (chamados de channels = canais) foram tão numerosos e jamais falaram com tanta autoridade. Eles compõem, como vimos, livros que são vendidos em centenas de milhares de exemplares; ou os “espíritos” se fazem ouvir por intermédio do gravador, do telefone, do computador e da tela de televisão. Muitas mensagens só interessam às pessoas a quem se dirigem. Ou então tornam-se didáticos, grandiloqüentes e proféticos (erradamente, mas às vezes também com razão).

Estamos em 1993, exatamente no epicentro do sismo... A reação ainda não aconteceu. Mas acontecerá, com certeza.

COMO EXPLICAR ESSES CICLOS?

Podemos pensar, naturalmente, na necessidade irremediável de transcendência que atua na humanidade desde sua origem, e à qual já me referi várias vezes... Mas isso não explica os movimentos de flutuosidade.

Vou expor uma hipótese provisória, na qual nem eu próprio acredito de fato: a hipótese das egrégoras, esse ser coletivo no qual acreditavam os magos (que estavam convencidos de poder provocá-las a seu bel prazer)... Trata-se de uma criação mítica ou poética, como se queira, mas que poderia ter sua utilidade. Quando as paixões estão intensamente excitadas, e durante muito tempo, elas acabam, de certa forma, hipostasiando-se - ou seja, acabam adquirindo vida independente. O novo ser assim formado estaria dotado de uma certa possibilidade de ação sobre a matéria, e disporia de alguma consciência, a menos que fossem totalmente loucos. Seriam, então, os poltergeists, pelo menos quando ligados a um local e não a uma pessoa. Se não forem alimentadas por novos aportes psíquicos, as egrégoras podem morrer; ou, no caso contrário, adquirir mais força.

Os indianos bem conhecem esse fenômeno, ao qual dão o nome de prana. Um deus pode nascer, e até morrer, afirmam, se for esquecido... Mas, ao contrário, se legiões de adoradores sucederem-se a seus pés, ele armazena prana, ou seja, a força vital por eles fornecida e que lhes pode ser devolvida sob a forma de milagres. Em linguagem moderna, os indianos acreditam, de um certo modo, em acumuladores psíquicos; o que poderia vir a se constituir em uma noção bem fecunda...e que levaria em conta os ciclos que acabo de evocar.

De qualquer forma, trata-se apenas, como disse, de uma hipótese. Vejamos se ela resistiria aos principais fatos.

A HIPÓTESE DO ACUMULADOR PSÍQUICO

Examinei um certo número de acontecimentos, classificados em categorias diferentes. Mas seriam eles assim tão diferentes ?

No caso dos poltergeists, creio que poderíamos encontrar emoções violentas consecutivas a crimes, por exemplo, que foram expressas ou reprimidas. No famoso caso da pesada mesa de madeira que se rachou em presença de Jung, temos o próprio Jung perante uma encruzilhada de sua vida, enfrentando uma verdadeira tempestade interior. Em tais circunstâncias, seria fácil levantar a hipótese da egrégora.

O mesmo ocorre com as antigas experiências de tipo metapsíquico. A célebre história da “conjuração de Philippe ” seria facilmente entendida como um caso de formação progressiva de uma egrégora do grupo. Principalmente se levarmos em conta que era isso que o grupo queria.

No que diz respeito á transcomunicação, creio que devemos, mais uma vez, distinguir mensagens curtas e mensagens longas. No primeiro caso, não me parece razoável adotar a hipótese da egrégora como resposta imediata: especialmente quando as indicações recebidas no gravador ou por telefone correspondem a fatos completamente ignorados por quem as recebe. Além disso, o experimentador encontra-se sozinho, livre de qualquer emoção violenta.

Mas nas mensagens longas, ao contrário, encontramos todas as condições necessárias à formação da egrégora. Fiquei impressionado ao constatar que o nível da mensagem transmitida pela entidade corresponde, geralmente e quase que exatamente, ao nível de informação do auditório. Se emanam desse mesmo auditório, podemos compreender por que apresentam tantas banalidades. Se as metisagens aparecem inscritas na tela de um computador, ou na tela de um televisor, seria preciso que a egrégora dispusesse de certa

habilidade técnica que lhe permitisse manipular instrumentos tão complicados. Teríamos nós alguns indícios da existência dessa tal habilidade ?

Sim, certamente. Nas antigas experiências metapsíquicas, nas quais ectoplasmas tocam vários instrumentos. E, sobretudo, no caso abracadabrante e incompreensível em que a egrégora arruma um meio para entrar em um sino hermético e apertar uma alavanca colocada no interior de um balão de ar comprimido, sem romper o balão. Poderíamos concluir, daí, que a egrégora manifesta as propriedades da vontade humana que ignora os obstáculos, preocupando-se apenas com o objetivo a ser atingido!

No caso dos OVNI's, a formação da egrégora, emanção de uma neurose coletiva, é bem verossímil (repito que não se trata de negar a existência real dos OVNI's: naves extraterrestres poderiam dar lugar, secundariamente, à formação de uma egrégora, o que não seria contraditório).

No que diz respeito à hagiografia, temos um caso mais delicado. As emoções místicas, de uma excepcional violência, o monoideísmo e a vontade inflexivelmente centrada em um único objetivo poderiam perfeitamente dar lugar à formação secundária de uma egrégora geradora de diversos absurdos, como sempre: rosas que saem do coração dos místicos não são mais surpreendentes que os poltergeists. Lembremo-nos de Santa Teresa de Avila, para a qual prodígios como a levitação eram apenas fraquezas do corpo ” que deveriam ser interrompidas mediante pedidos a Deus: apesar de seu caráter impressionante, seriam apenas fenômenos secundários...

AS PROPRIEDADES DA EGRÉGORA

Independente do que seja, tentemos determinar, agora,

quais seriam as propriedades de uma egrégora assim formada... Não é difícil: ela tem todas as propriedades da vontade humana, salvo que exercida fora do corpo. Quanto a sua origem, parece ser mais facilmente gerada por certas pessoas: médiuns, místicos, grandes sujeitos psi... Mas sua formação pode provir também de uma emoção, ou de uma vontade coletiva (e se falássemos dos estranhos fenômenos de massa nos quais, quando de uma violenta emoção, ela anula brutalmente os comportamentos individuais?). Seu modo de ação é múltiplo, dirigido a um objetivo, mas não se preocupa com os meios necessários a sua realização: como a vontade humana, mais uma vez. Sua vida em geral não é muito longa, no sentido em que pode desaparecer após pouco tempo (salvo em caso de casas assombradas que podem permanecer assim por muito tempo, como se a possessão estivesse ligada a certos objetos, o que nos remete à psicometria). Em certos casos, desaparecem momentaneamente se houver, por exemplo, elementos "anti-psi" em meio à assistência; ou quando a coletividade deixa de interessar-se por ela (prana). Por fim, podemos demonstrar sua existência com o auxílio de instrumentos? Certamente. Foram feitas experiências que atingiram resultados positivos, mas infelizmente não foram levadas adiante. Os mais antigos mostravam que, quando do deslocamento de objetos por psicocinese, um feixe infravermelho entre o médium e o objeto ficava interrompido. Os chineses, por outro lado, durante experiências de psicocinese a longa distância, dizem identificar, com a ajuda de diversos aparelhos como um eletroscópio, uma sensível perturbação do objeto que será afetado.

O que nos leva a constatar que a egrégora pode se deslocar a grandes distâncias (vários quilômetros, segundo as experiências de Jahn e Dunne sobre psicocinese). Ou será que o termo "deslocamento" não convém, já que é antro-

pomórfico ? Talvez devamos falar de ação à distância, sem mencionar um deslocamento no espaço, tal como o conhecemos na linguagem corrente ?

A energia desprendida pode ser considerável. Lembremo-nos da pesada mesa que se parte em dois pedaços sob o olhar estupefato de Jung. E das projeções de objetos em certos casos de poltergeists que chegaram a matar pessoas. Mas ela também pode ser finamente modulada, ou seja, acionar dispositivos eletrônicos elaborados, sem efeitos energéticos brutais. Recordo-me de minhas experiências de outrora, quando meus jovens sujeitos agiam sobre um contador Geiger, e davam a imagem de uma aceleração ou de uma redução da desintegração atômica(1).

Lembremo-nos igualmente das numerosas experiências realizadas bem mais tarde com o gerador aleatório de Schmidt: ele se compõe do gerador propriamente dito (por exemplo, um “ruído branco ” eletrônico, fonte de impulsão mais aleatória que se conhece); um dispositivo anexo “extraí impulsos ” que, segundo sua taxa, acendem, por exemplo, uma lâmpada à direita ou à esquerda. Os sujeitos devem provocar mais acendimentos de um determinado lado. Mas o teste pode ser variado, usando-se sempre o mesmo gerador. Os resultados obtidos por Jahn são perfeitamente constantes.

Talvez possamos ir ainda mais longe. Sabemos o que a egrégora pode fazer, e talvez também o que não consegue realizar. Ela não pode acionar máquinas muito complicadas, de maneira a formar mensagens. Sem dúvida as mensagens são transmitidas por escrita automática, mas nesse caso há uma implicação do sistema nervoso, dentro

(1) É assim, ao menos que interpreto essas experiências. Para mim é mais fácil supor que os sujeitos agiam sobre o aparelho que sobre a desintegração propriamente dita.

do corpo humano... No exterior do corpo, observamos algo totalmente novo: o funcionamento de máquinas, como o gravador ou o computador, de modo a transmitir longas mensagens coerentes. Tal fenômeno jamais acontecera pelo simples fato de que tais máquinas não existiam. Ora, nesse caso, as mensagens dizem vir dos mortos (sem exceção, ao que eu saiba).

Parece-me, portanto, que no atual estado de nossos conhecimentos, a hipótese segundo a qual as mensagens vêm dos mortos parece ser a mais adaptada a certos fenômenos.

AS LEIS DA NATUREZA E A EGRÉGORA

O que restaria, então, das leis da natureza ? A egrégora, sem dúvida, faz parte delas: desde que não haja ambigüidade quanto à palavra “natureza Não se trata daquela à qual estamos acostumados, parece, embora esse tipo de fenômeno jamais tenha sido ignorado pela humanidade, desde sua origem... Mas, poderíamos classificar esses fenômenos e dirigi-los tal como a ciência ensinou-nos a fazer? Colocaríamos, então, as egrégoras no tranqüilizador berço da ciência?...

A magia dizia fazê-lo, e às vezes o conseguia. Não tanto graças a um ritual freqüentemente absurdo, mas graças à própria personalidade do mago, com certeza um grande sujeito psi... Mas para controlar essa força desconhecida que emana, em grande parte, de nós mesmos, a dificuldade reside em seu caráter caprichoso. Trata-se de um cavalo selvagem, sem freios e cheio de ardor. No entanto, se vem de nós mesmos, deveríamos imaginar a forma de domesticá-la. Quem, na personalidade humana, se comporta como a egrégora caprichosa e louca?

O louco, exatamente, ou ainda uma criança pequena, ingênua e cruel, que não se submetem, nem um nem outro, às leis da razão. E quem os leva a se comportar melhor? O médico e o pedagogo. Ora, nós temos exemplos, na história e na lenda, de pessoas que podiam acabar com “encantamentos”, ou sobre as quais o mal não podia ser exercido. Não eram apenas os chamados magos, mas eram sobretudo os sábios e os santos, todos remarcáveis por sua santidade e pela força de seu caráter(1).

Ou seja, a vontade pode fazer surgir a egrégora, desde que seja forte o bastante... Ou, ainda, faz surgir a egrégora inversa: casos em que uma assembleia incrédula paralisa completamente o aparecimento de fenômenos psicocinéticos. Todos os parapsicólogos conseqüentes conhecem o efeito antipsi, e por isso evitam responder aos desafios públicos lançados pelos racionalistas: estariam destinados a um fracasso garantido.

Dessa forma, ao final de uma discussão por vezes inquietante, acabamos, talvez, imaginando uma defesa contra os assaltos da selvageria à qual apenas nosso inconsciente dá origem.

A EGRÉGORA BIOLÓGICA

Quero terminar apresentando uma sugestão que, reconheço, é muito audaciosa. Entendam-na, se quiserem, como uma espécie de devaneio, no qual me deleito enquanto aguardo coisa melhor...

Realizações dementes dos instintos e das estruturas,

(1) Ou ainda, curiosa tradição a influência de uma jovem virgem que afasta os demônios, ou algo do gênero. Quem sabe? As tradições costumam ter um fundo de verdade, desde que se saiba interpretá-las.

orquídeas, dístomos, borboletas miméticas, e tantas outras coisas que não tive tempo de citar...

Atribuí tudo isso, outrora, em desespero de causa, a uma espécie de demiurgo um tanto falacioso. Parecia-me impossível que um Deus criador houvesse dado origem a uma evolução que se diverte assim...

...E agora, parece-me que poderíamos ampliar essa hipótese da egrégora psíquica. Assim como o psiquismo do homem não parece se limitar a seu cérebro(1), o psiquismo espalhado pela natureza não se limitaria aos inumeráveis cérebros dos animais. Sem contar o mistério da alma difusa dos vegetais, sobre os quais nunca pensamos, salvo meu amigo Pelt que faz alusão a ela, em seus livros, de forma magnífica e misteriosa... A orquídea não imitou a vespa, nem a vespa copiou a orquídea: é certo que uma cópia assim tão sutil ultrapassaria enormemente as capacidades de uma e de outra. Mas a vis fabricatrix naturae tem, talvez, uma existência objetiva, saindo do âmbito metafórico.

Existiria um vasto oceano psicóide de onde emergem, aqui e ali, ora os cérebros humanos, ora a vespa e sua orquídea, ora as borboletas e suas mimeses. .

E se todos não fossem acidentes do mesmo oceano psicóide? Por isso, sem dúvida, parecem-nos evoluir em concerto...

Ivoy, fevereiro de 1993.

Creio, com efeito, que era indispensável inserir o fenômeno da TCI em um âmbito mais vasto. Esses meios eletrônicos constituem uma novidade, sem dúvida alguma, mas que faz parte de um certo ciclo, juntamente com todas

(1) Lembramos aqui a magnífica metáfora de Sir Jonh Eccles, segundo a qual o cérebro seria um órgão que estabeleceria a ligação do corpo com o espírito...

as mensagens recebidas do além, há anos, através dos meios mais clássicos. Os “TCIstas” já reconheceram, implicitamente, tal realidade; e por esse motivo, repetidas vezes, não dissociaram a transcomunicação instrumental daquela mental. Marcello Bacci utilizou, com freqüência, as duas vias de forma simultânea. George Meek recorreu á médiuns para ajustar processos eletrônicos que, no entanto, tinham como único objetivo... dispensar a ajuda dos médiuns. Um pequeno grupo de pesquisadores, como Emst Senkowski ou Ralph Determeyer, reuniu-se em tomo da Sra. Schãfer para recolher, com paixão, as mensagens recebidas, por intermédio de um médium, de um certo “Claudius” que se dizia ser, no além, o antigo imperador romano(1).

Parece-me também, e mais uma vez em perfeito acordo com meu amigo Rémy Chauvin, ser preciso distinguir bem claramente as mensagens estritamente pessoais, geralmente curtas, daquelas que têm pretensões filosóficas, científicas ou religiosas, geralmente longas, por vezes intermináveis.

As mensagens pessoais não representam, habitualmente, qualquer problema, salvo algumas exceções. Significam um conforto sem preço para aqueles que perderam um ente querido, mas, evidentemente, não se pode pensar em publicá-las todas. São necessariamente repetitivas e só interessam àqueles mais próximos.

As mensagens de conteúdo intelectual mais rico assemelham-se à enorme literatura recebida, há muito tempo, através dos médiuns e que continua a brotar em todos os países e em todas as línguas. A adoção do termo “channels”, ou “canais”, representa um meio de acentuar essa pretensão de se transmitir revelações vindas do além. O termo “médium” exprimia exatamente a mesma idéia, pois era

(1) Hildegard Schãfer, *Dialog mil Claudius, Impulse aus einer anderen Welt*, Drei Eichen Verlag, vol. 1,1992,478 páginas.

julgado como um intermediário entre o além e o nosso mundo. A renovação do vocabulário não renova grande coisa. Ora, embora a literatura de origem americana seja mais conhecida, posso afirmar que esse gênero de “revelações” também é abundante em italiano, em português, em espanhol, em alemão e em francês. Parece-me que em todos os lugares ela tem o mesmo valor, bem duvidoso, que gira quase sempre em torno dos mesmos temas, com infinitas variantes que não impedem, contudo, uma certa monotonia. O recebimento dessas comunicações do além estende-se, freqüentemente, ao longo de numerosos anos. Ela é muitas vezes acompanhada de sinais extraordinários que podem ser constatados por várias testemunhas, com toda objetividade, e que reforçam, evidentemente, a credibilidade das mensagens junto àqueles que as recebem.

Alguns textos longos destacam-se, no entanto, dessa enorme massa, e podem, então, atingir o nível daqueles dos grandes místicos. Mas esses são pouco numerosos, e já falei sobre eles em outro momento.

Eu seria mais reticente que meu amigo Rémy Chauvin ao ver egrégoras por trás de todos esses fatos. Não que eu exclua a priori tal possibilidade. Eu mesmo cheguei a mencioná-la. Mas parece-me mais verossímil admitir toda a população do além, provavelmente mais rica e mais variada do que podemos imaginar: os “cascos”, que seriam resíduos de personalidades bem definidas, que verdadeiramente viveram na terra; as egrégoras, emanção dos pensamentos e dos sentimentos de indivíduos e de comunidades inteiras; os mortos, situados provavelmente em mundos de infinita variedade, em função de sua evolução espiritual; entidades, vindas de mundos distantes ou paralelos; outras entidades, não encarnadas, correspondendo ao que as antigas traduções chamavam de anjos...

Creio que efetivamente, como nos afinam várias dessas

mensagens, jamais estamos sós. Alguns mortos, uma vez no além, parecem querer continuar vivendo por nosso intermédio, vindo atuar em nós como parasitas. Outros, mais evoluídos, consagram grande parte de sua atividade a nos ajudar com todos os meios à sua disposição. Vários deles dizem que precisam construir instrumentos que correspondam aos nossos para poder estabelecer uma comunicação. Eles parecem, aliás, exercer um certo controle sobre essas comunicações. Outros, ainda, afirmam que, quando uma descoberta é feita na terra, é porque já foi feita no mundo em que se encontram. É possível que, uma grande parte da evolução de nossas civilizações seja, na realidade, a obra conjunta de vivos desse nosso mundo e de vivos de um outro plano. Isso ocorreria, provavelmente, tanto com nossos progressos técnicos quanto com nossas criações artísticas ou literárias. E talvez, até com uma certa evolução moral de nossas sociedades.

Podemos ir mais adiante? Talvez também ocorra o mesmo com a evolução, em tomo de nós, do mundo animal e vegetal, com a evolução geológica de nosso planeta? Nesse ponto acredito estar bem próximo do pensamento de Rémy Chauvin. Talvez Deus não faça tudo diretamente, pessoalmente. Talvez ele deixe um bom espaço para a participação de todas as suas criaturas, um espaço para sua iniciativa? Talvez nossa humanidade e nosso planeta façam parte de um conjunto infinitamente mais vasto e solidário? A revolta dos anjos, diz-nos a Bíblia, foi anterior à criação do homem.

Compreende-se, então, facilmente que o teor das mensagens possa ser diferente segundo a fonte que as emite. Talvez Marduk exista em algum lugar; talvez haja naquele planeta uma entidade jamais encarnada, ou que acredite sinceramente jamais tê-lo sido; talvez haja ali alguém que acredite verdadeiramente ser Richard Burton, Paracelso ou

Santo Thomas Becket. Mas, além das mensagens recebidas em Luxemburgo, em Rivenich, e agora em Darmstadt (mensagens essas sempre ligadas ao mesmo grupo “Rio do tempo”), não temos qualquer outro testemunho da existência do planeta Marduk que tenha sido recebido por outro centro de TCI, nenhum testemunho recebido por escrita automática, durante algum transe, ou em viagem fora do corpo, em nenhum país. Entretanto os testemunhos não faltam, cada um mais confiável que o outro, freqüentemente acompanhados de uma grande quantidade de sinais, de mensagens pertinentes em correspondência com nosso mundo, que tendem a provar a autenticidade do contato. E aí?

Talvez toda essa história do planeta Marduk seja verdadeira, apesar das coincidências surpreendentes com o romance de Philip José Farmer. O principal erro, em todas essas mensagens, seria o de afirmar que todos os mortos de nosso planeta Terra vão parar ali, naquele belo mundo. Pois talvez os outros mundos também sejam verdadeiros: eles são descritos em várias mensagens recebidas por outros grupos e por outros meios, e que são, a cada vez, diferentes. Cada vez surgem novas descrições, novas histórias, novas explicações. Parece haver, verdadeiramente, muitas moradas no Reino do Pai. Talvez cada um possa construir para si o mundo que lhe convém, por uma espécie de projeção de pensamento, como nos é explicado por muitos mortos. Talvez, então, os mortos se agrupem por afinidade, e segundo o nível espiritual alcançado.

De qualquer forma, essa complexidade em nada destrói o formidável encontro do nosso mundo com o além. Parece certo que em um grande número de casos podemos estabelecer, por esse caminho, o contato com nossos mortos. Não deveríamos ficar tão surpresos, nem tão decepcionados, ao perceber que esse encontro não é assim muito simples. Os cientistas não param de tentar compreender um pouco me-

lhor esse mundo. Nada mais normal que descobrir que o além é complicado. Os mapas de nosso planeta, que hoje nos parece tão pequeno, comportava, até pouco tempo atrás, muitas zonas em branco.

Os contatos multiplicam-se, intensificam-se. Mas estamos apenas no início. Inumeráveis trilhas, talvez uma verdadeira selva, abrem-se à nossa frente. De qualquer modo, não podem mais ser ignorados. Será preciso, sem dúvida, ter muita prudência, adotar um certo distanciamento frente a cada experiência. Na minha opinião, é o que falta com frequência aos experimentadores, muito presos à aventura que estão vivendo. Qualquer prospecção de terras desconhecidas é uma aventura: maravilhosa e perigosa, onde sempre há o risco de nos perdermos.

Talvez um dia se descubra que um ou outro pesquisador no qual confiei, em tal circunstância, forçou um pouco seus resultados (como aconteceu muitas vezes com os médiuns, no século passado). Tudo é possível. Espero apenas que a reação não venha a ser a mesma, e que um tal acidente não seja o bastante para desacreditar todo o fenômeno. O número de pesquisadores já é bem importante, em numerosos países, há vários anos. Os trabalhos científicos, ainda insuficientes, já estão, mesmo assim, bem avançados para que se possa continuar negando a realidade do fenômeno, quaisquer que sejam as surpresas que ele possa nos reservar.

Estou verdadeiramente convencido de que, com a comunicação instrumental, dispomos de novos meios, fantásticos, que nos garantem nossa sobrevivência após a morte. Mas não podemos esquecer que aí só atingimos o subúrbio da terra. Como dizia Roland de Jouvenel, “esse invisível está tão longe da Divindade quanto vocês estão de uma estrela... A experiência mística ou espiritual é outra coisa.”

Ora, tal descoberta do além só tem sentido se soubermos ultrapassar a curiosidade intelectual para nos lançarmos em

uma outra aventura, ainda bem mais exigente: a aventura interior, que é a verdadeira aventura espiritual.

Entretanto, é preciso repetir, em um mundo no qual reina, em geral, um espantoso materialismo e um racionalismo muitas vezes sectário; em um mundo no qual, freqüentemente, o falso sobrenatural só é denunciado para melhor se desqualificar o verdadeiro, e não para defendê-lo, a transcomunicação instrumental nos traz uma formidável notícia:

O ALÉM é enfim encontrado!

Bibliografia sobre a transcomunicação

Revistas

Em francês:

Parasciences, 8, rue de la Mare, Agnières, 80290 Poix-de-Picardie.

Parasciences começou também a publicar, em números separados, a tradução integral de *INFOnews*, revista do Círculo de Transcomunicação de Luxemburgo.

Em alemão:

INFOnews, Résidence Marie-Curie 13-17,avenueLouis-Pasteur, 2311, Luxemburgo.

Transkotntnunikation, Emst Senkowski, Eichendorffstr. 19, D-6500 Mainz.

Die Parastimme, Hans Otto König, Hisdenburgstr. 274,D-Mönchengladbach 1.

Der INFO, Jochen Fornoff, Heidelberger Landstr. 204, D-6100 Darmstadt 13.

MTFD Informationsschrift des Transkommunikationsforschung, Michael Hoppe und Peter Klimke, Herderstr. 19, D-6000 Frankfurt a.M.

Em italiano:

Rassegna di studi psichici, Ricerca psichica e transcomunicazione, Mancini 3,63023 Fermo.

Livros

Em francês:

Brune F., *Les morts nous parlent*, Le Félin, 1993.

Giovetti P., *Messages d'espérance*, Robert Lafont, 1992.

Grandsire J.-M., *Contact, guide pratique de transcommunication*, n² fora de série da revista *Parasciences*, 260 páginas.

Kisacanin C., *Dialogues avec les morts*, Ed. du Rocher, 1993.

Ruther R., *L'Invisible au quotidien*, a ser publicado em 1994.

Schäfer H., *Théorie et pratique de la transcommunication, un pont entre notre monde et l'au-delà*, Robert Laffont, 1992.

Simonet **M.**, *A l'écoute de l invisible*, F. Lanore et F. Sorlot, 1988; *Images et messages de l 'au-delà*, Ed. du Rocher, 1991; *Porte ouverte sur Véternité*, Ed. du Rocher, 1993; *Réalité de l'au-delà*, Ed. du Rocher, 1994.

Em outras línguas:

Alvisi G., Le voci dei viventi di ieri, Sugar, Milão, 1976; // *libro della speranza*, Sugar, Milão, 1979.

- Bacci M., *II mistero delle voci dalValdilà*, Ed. Mediterranee, Roma, 1985.
- Bander P., *Voices frotn the Tapes*, Drake, Nova Iorque, 1973.
- Bättig V., *Tote reden*, Carussel Verlag, 1987; *KeinMenschisttot, wenn er stirbt*, Ewert Verlag, 1992.
- Brune, F., *Os mortos nos falam*, Edicel, Sobradinho, Brasília, Brasil, 1993 (tradução do francês).
- Capitani L. e Pagnotta S., *Terre tuttora inviolate*, Ed Mediterranee, 1990.
- Colaciuri V. e Foresti E., *Voei paranormali al registratore, Teoria generale e tecniche di applicazione*, Acitrezza Galateci, 1973.
- Damell S., *El mistero de la psicofonia*, Ed. Fausi, 1987.
- Estep S. W., *Voices of Eternity*, Ballantine Books, Nova Iorque, 1988.
- Fuller J.G., *The Ghostof29 Megacycles*; New American Library, 1986.
- Harlow S.R., *A Life after Death*, Doubleday, 1961.
- Holbe R., *Bilder aus dem Reich der Toten*, Knauer, 1987; *Botschaften aus einer anderen Dimension*, Knauer, 1988.
- Jürgenson F., *Sprechfunk mit Verstorbenen*, Hermenn Bauer, Fribourg-en-Brigau, 1967.
- Mangani G., *Le voci delValdilà, Atti deiII Convegno nazionale di logometafonia*, Udine, 1979.
- Nunes C., *Transeomunicação*, Edicel, Sobradinho, Brasília, Brasil.
- Papo A., *II mistero delVanfora parlante*, Ed. Mediterranee, 1992.
- Raudive K., *Unhörbares wird hörbar*, Otto Reichl Verlag, 1968; *Überleben wir den Tod?* mesmo editor, 1973; *Der Fali Weltensittich*, 1975.
- Rogo D.S., *Phone callsfrotn the Dead*, Prentice Hall, Englewood Cliffs, New Jersey, 1979.
- Scháfer H., *Stimmen aus einer anderen Welt*, Hermann Bauer, Fribourg-en-Brigau, 1983.
- Schmid L., *Wenn die Toten reden*, Rex Verlag, 1976.
- Seidl F., *Phänomen Tranzendentalstimmen*, Frech Verlag, 1971.
- Senkowski E., *Instrumentelle Transkommunikation*, R.G.Fischer, Frankfort, 1989.

Webster K., *The Vertical Plane*, Grafton Books, 1989.

As associações

G.R.V.P.P., 206, rue Guynemer, 39100 Dole.

“Infinitude”, Le Mesnil-des-Frétils, 27250 Les Bottereaux.
(Associação fundada por Monique Simonet; edita também um pequeno boletim).

“Association Alpha-Omega”, 141, rue Saint-Michel, 31400 Toulouse.

“Parasciences”, mesmo endereço da revista de mesmo nome.

OBSOutras associações são criadas e desaparecerá rapidamente.
A revista “Parasciences” mantém seus leitores informados a respeito.

Bibliografia sobre TCI
no conjunto
dos fenômenos paranormais

A bibliografia relativa a esses assuntos é imensa, e limitar-me-ei a citar algumas obras especialmente importantes, deixando de lado, infelizmente, várias outras. Muitos trabalhos, em particular sobre a hipnose, não podem ser encontrados por serem muito antigos; mas podem ser consultados através do tratado de Dingwall (quatro volumes, com mais de 300 páginas cada um), *Abnormal Hypnotic phenomena*, Churchill Ed., Londres, 1967-1968. Mas também essa obra é dificilmente encontrada: cito-a frequentemente, sobretudo porque o que chama de “fenômenos hipnóticos” engloba uma grande parte das pesquisas sobre a paranormalidade do final do século XIX e início do século XX.

No que se refere à parapsicologia em geral, a obra absolutamente essencial, que está inclusive sendo traduzida para o francês, é a de R.S. Broughton, *Parapsychology, the controversial science*, Ballantine Books, 1991.

Sobre os canais, antes de mais nada é preciso ler Hastings, *With the Tongues of Men and Angels* (Holt, Rinehart and Winston, 1991).

As experiências nas fronteiras da morte foram magnificamente tratadas por Sarah Mercier, *La Mort transfigurée*, Belfond 1992.

Com referência aos fenômenos do misticismo, o monumental tratado de J.-M. Boufflet, *Encyclopédie des phénomènes extraordinaires de la vie mystique*, Ed. Oeil, de Guilbert, 1990, é inigualável. Ele dá continuidade, felizmente, ao tratado de Thurston que consegui fosse editado no passado.

Quanto aos OVNI's, limitando a escolha a apenas uma das obras da imensa literatura que lhe é consagrada, deve-se ler J. Vallée, que escreveu vários livros a respeito, editados por Robert Laffont. O último, *Révélations*, foi publicado em 1991.

Citarei agora algumas referências que me parecem convir particularmente a meu tema:

Beloff J., *The Relentless Question*, Mc Farland, 1990.

Blackmore S. (entre outros vários ensaios), *J. Soc. Psych. Res.*, 1991,404-412.

Brown R., *En communication avec l'au-delà*, Ed. J'ai Lu, n^o A 293.

Cayce E., *There is a River*, Dell Publ., 1945.

Delavre V., *Paraphänomene und Geomagnetismus; Transkommunikation*, II, 4-9,1992.

Eersel P van, *La Source noire*, Grasset, 1986.

Eliade M *Le Chamanisme et les techniques archaïques de l'extase*, Payot, 1951.

Farmer P.J., *Le Fleuve de Taternité*, Robert Laffont, 1979.

Fontana D., *J. Soc. Psych. Res.*, 385-404, 1991.

Gessi S., *Voei e peisieri dali'aldilà*, Hermes Edizioni, 1989.

Gourvennec A., *Vers le soleil de Dieu*, Lanote/Sorlot, 1992.

Inglis B., (entre outras obras), *Trancem a Natural History of Altered States of Mind*, Grafton Books, London, 1989.

Jouvenel M. de, *Alt Seuildu Royaume*, Lanore/Sorlot, 1981.

Jung C.G., *O Homem d descoberta de sua alma*, Albin Michel, 1987.

- Klimo J., *Psychics, Prophets and Mystics*, Aquarian Press, 1987.
- Laurentin R., *Yvonne Aimée de Malestroit*, Oeil de/Guibert, 1990.
- Liverziani F., *La reneazione e i suoi fenomeni*, Ed. Mediterranee, 1988.
- Masi F., *La psicovisione in Valtra realtà*, d. Mediterranee, 1990.
- Meheust B., *Science-fiction et soucoupes volantes*, Mercure de France, 1978.
- Presi P., *Percezioni illusorie in psicovisione in erso la scienza dello spirito*, Ed. Mediterranee, 222-232, 1991.
- Renard H., *Des prodiges et des hotnmes*, Lebaud, 1989.
- Ritchie G., *Retour de l'au-delà*, Robert Laffont, 1986.
- Roberts J., *L'Univers de Seth*, Ed. J'ai Lu, 1990.
- Schäfer H.N., *Théorie et pratique de la transcommunication*, Robert Laffont, 1992.
- Schiebeler W., *Zeugnis für die jenseitige Welt*, Silberschnur Verlag, 1989.
- Sherman H., *The Dead are Alive*, Ballantine Books, 1987.
- Sotscheck J., *Parapsychologie und Grenzgebieteder Psychologie*, 201-208, 1979.
- Strieber W., *Communion*, Ed. J'ai Lu, 1988.
- Thurston H., *Les Phénomènes physiques du mysticisme*, Ed. du Rocher, 1986.

ÍNDICE

Prefácio da Edição Brasileira.....	7
Introdução Geral	11
As técnicas: seus inconvenientes, seus perigos	13
O lugar da TCI nas técnicas vizinhas ou análogas	14
O problema metafísico	14
A questão prévia	15
Plano da obra	20
Também pode acontecer com você	24
Se fosse verdade?.....	26
Meu primeiro encontro com o fenômeno.....	27
Excursão ao país da transcomunicação.....	33
A viagem a Mayence 33; Viagem a Rivenich e a Reims 38; Viagem a Reims 40; Uma observação essencial 40; A viagem ao Luxemburgo 42.	

Primeira parte

FENÔMENOS QUE DESAFIAM TODOS OS NOSSOS CONHECIMENTOS

Pequena história de uma grande descoberta.....	47
Incidente bizarro na Universidade de Milão	48
O grande pioneiro: Friedrich Jürgenson	49
Constantin Raudive	51
As outras hipóteses possíveis sobre a origem das vozes, textos e imagens paranormais	55
Hipótese n ¹ : A fraude.....	56
A extensão do fenômeno 56; Meus conhecimentos dos pesquisadores 57; O caso de Marcello Bacci 59; O caso Kõberle 61	
Hipótese n ² : A ilusão	64
O desejo que distorce a experiência 64; Precauções indispensáveis 66; Os perigos do suporte 67; Saber abrir mão das vozes muito fracas 68; Percepção mediúnica e verdadeira transcomunicação 70;	
Chamadas telefônicas do além 71; As imagens paranormais 72; Uma pesquisa superficial 73; O processo de Felice Masi 74; Imagens paranormais de excelente qualidade 77.	
Hipótese n ³ : As interferências	78
A hipótese do mistificador 80; A TCI posta à prova, gaiola de Faraday, etc 81; Casos de interferências completamente aberrantes 84.	
Murmúrios imperceptíveis 88; Experiências bem sucedidas de	

ção por psicocinese 89; Correspondentes privilegiados 90; A harmonização necessária ao estabelecimento do contato 92; Onde a hipótese "animista" e a hipótese "espiritualista" talvez coincidam 94; Imagens paranormais obtidas por projeção de pensamento 95; As diferenças em relação à TCI 97; TCI na ausência de qualquer operador 99.	
Hipótese n ^o 5: As ondas remanescentes	101
O conceito de "onda", empregado por falta de outro melhor 101;	
Os lugares assombrados 103; A imagem de Romy Schneider seria fruto de uma onda remanescente? 106; Ondas remanescentes de um quadro? 108; Ondas remanescentes de Konrad Lorenz, de Thomas Edson? 109.	
Hipótese n- 6: Os extraterrestres.....	110
O testemunho de S. W. Estep 111; O testemunho de Monique Simonet 112; Confirmação na Alemanha 113; A misteriosa personalidade de ABX-JUNO 114; Confirmação na Espanha 116; Objeções do professor Sinesio Darnell 116.	
Hipótese n ^o 7: Os "cascos", as "egrégoras", etc.....	117
Imagens paranormais adormecidas 119; Confirmações do além: Arnaud Gourvennec 121; Diálogos com um etrusco 122; As "egrégoras" confirmadas pelo além: Pierre Monnier 123; Egrégoras ao telefone 124.	

Segunda parte

A COMUNICAÇÃO COM OS MORTOS

Situação das pesquisas atuais	129
A transcomunicação é uma "prova" da sobrevivência?	129
A análise das vozes gravadas.....	132
Análise lingüística 132; Análise eletroacústica 134.	
A formação das vozes gravadas	136
A hipótese de ectoplasmas 138; Os aparelhos do além 139.	
Que valor atribuir a todas estas mensagens?	140
Dois tipos de mensagens 141; As mensagens problemáticas 142;	
A respeito do pecado original 142; A respeito dos extraterrestres 144; A respeito da língua falada no além 145; A descrição do planeta Marduk 145.	
Com quem estamos realmente tratando?	152
A complexidade do problema 152; Pistas de reflexão propostas 154; As longas mensagens 154; Estes mundos são apenas o subúrbio do nosso mundo 156.	
Casos em que uma verdadeira comunicação com os mortos parece ser a hipótese mais provável	159

Caso n- 1, 159; Caso n^{IJ} 2, 163; Caso n^{L)} 3, 165; Caso n^{(J} 4, 168; Caso n^ü 5, 171; Caso n^ü 6, 173; Caso n^{(J} 7, 174; Caso n^ü 8, 176; Caso n~ 9, 178; Caso n- 10, 181; Caso n^o 11, 182; Caso n- 12, 185; Caso n^{(J} 13, 87; Caso n^{IJ} 14, 191; Caso n^{(J} 15, 193; Caso n^{IJ} 16, 195; Caso n^{IJ} 17, 196; Caso n^ü 18, 197.

Suplemento: alguns casos antigos que parecem probatórios	203
As leis dos telefonemas do outro mundo, segundo Rogo	203
A história de Elsie Pendleton	205
O caso de Patricia Adams	206
O caso d'Alessio: um telefonema a um morto	207
Um caso bem particular: o cronovisor	209

Terceira parte

A TC1 NO CONJUNTO DOS FENÔMENOS PARANORMAIS

Introdução	223
Minha experiência pessoal na TCI	223
A hipótese "super ESP"	224
Problema de fundo: uma discussão essencial 224; Os contatos pessoais por oposição ao contato com as coisas 226; Os poderes do "espírito" 227; Mas, trata-se de uma vontade humana? 228.	
1. Os canais	228
História dos "channels" 228; Os canais tal como são vistos pelos americanos 230; Os canais na arte 231; O caso de Patience Worth, ou melhor, da Sra. Pearl Curran 231; O caso de Ramanujan 232; Os canais músicos 232; Os canais artistas 233; Os canais jardineiros 233; Possível intervenção dos fenômenos Psi 234; Testes ESP com os canais 235; As predições dos canais 236; Um canal maior: Jane Roberts e Seth 237; A "filosofia" de Seth 237; Um estranho personagem: o famoso psicólogo Carl Jung 238; A Sra. Blavatsky, Alice Bailey e o Tibetano 241; Quais são, pois, os ensinamentos do Tibetano? 242; Os sete raios e o eneagrama 242; Helen Schucman e "A Course in Miracles" 243; As vozes dos canais 244; Os procedimentos de acesso utilizados 244; O desenvolvimento dos canais 245; Os companheiros imaginários 247; O que se deve pensar do fenômeno das vozes interiores 248; O problema central 249; Quem são as entidades? 250; Mas, o que pensar da sua origem "externa"? 251; A origem estaria no interior da pessoa? 254; A guisa de conclusão 255.	

rial 260; As ondas teta 261; Há provas da saída do corpo? 262; A fantástica experiência do Dr. John Hartwell 262; Saídas do corpo e xamanismo 263; Pensar e perceber fora do corpo 267; Os órgãos dos sentidos fora do corpo 268; A viagem e o sonho 269; A percepção direta 270; A importância de tais fenômenos 271.	
1. As experiências paramortais	272
A experiência paramortal. Dados clínicos 278; A percepção do ambiente normal fora do corpo 279; Dois testemunhos precisos sobre a visão extracorpórea ocorrida durante as viagens 283; As hipóteses farmacológicas 285; A hipótese dos neuromediadores 286; Pois alguns podem sair do corpo quando querem 287; Jung e as experiências próximas da morte 288; Apêndice 289; Um crítica recente à "teoria neuronal" a respeito das experiências paramortais 289; Reflexões de François Brune 293	
2. Os fenômenos físicos do misticismo	296
São José de Cupertino 299; Yvonne Aimée de Malestroit 301; Uma discussão (que se faz necessária!) 302; Reflexões de François Brune 305.	
3. Parapsicologia e metapsíquica	306
E se a velha metapsíquica não tivesse morrido? 306; A história de Lord Frederick 308; A história do Coronel Gurwood 310; A história de Prévost e de seu ladrão 311; A pré-cognição 312; Encontrar objetos perdidos 313; Ação sobre os animais, plantas e objetos inanimados 314; Os efeitos físicos 315; Confissões falaciosas 316; As fraudes dos céticos 317; Os mecanismos des-	
4. Outros fatos com alto coeficiente de estranheza: os OVNIs	327
5. O bizarrismo na biologia	331
As hipóteses básicas. A programática 332; Conclusão 339.	
Conclusão geral	340
O fenômeno de ressurgimento	341
Como explicar esses ciclos.....	343
A hipótese do acumulador psíquico	344
As propriedades da egrégora	345
As leis da natureza e a egrégora	348
A egrégora biológica.....	349
Reflexões de François Brune	350
Bibliografia sobre a transcomunicação	357
Bibliografia sobre a TCI no conjunto dos fenômenos paranormais...	361

LINHA DIRETA DO ALÉM

Transcomunicação instrumental:
realidade ou utopia?

Rostos de mortos que surgem na tela da televisão. Vozes de desaparecidos que são gravadas em fita magnética após sua morte. Textos que se formam, como num toque de mágica, em monitores de computador...

A transcomunicação instrumental: mistificação ou realidade científica?

Com alma e consciência, um cientista, Rémy Chauvin, e um religioso, François Brune, ousam tratar desse fenômeno que provoca paixões e controvérsias.

François Brune apresenta o mais recente estágio da questão, as dúvidas que podem ser levantadas, e tudo aquilo que já pode ser considerado como certo.

Rémy Chauvin, por seu lado, aborda a origem das mensagens recebidas. Mortos? Alguma outra pessoa? Alguma outra coisa? Certas mensagens parecem vir do espaço e de longínquas estrelas: freqüentemente claras, mas de pouco interesse. Não fica excluída a origem humana, ou seja, a psicocinese, intervenção direta do cérebro das pessoas vivas em determinados instrumentos.

Em suma, o problema aí está. Não se pode esquecer que tais fenômenos podem gerar graves desvios mentais.

Repleto de extensa bibliografia, inquietante, apaixonante, esse livro apresenta a eterna pergunta, sempre viva: Há um outro mundo? Podemos entrar em contato com ele? *Os mortos nos falam?*

Rémy Chauvin, pesquisador, professor honorário da Sorbonne, especialista em Etologia, escreveu cerca de trinta obras dedicadas ao comportamento animal. Autor de vários livros na área da Parapsicologia.

François Brune, teólogo, é o autor do grande sucesso *Os Mortos nos Falam*.



LINHA DIRETA DO ALÉM

Transcomunicação instrumental: realidade ou utopia?

François Brune
Rémy Chauvin